

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

FERNANDA DE ARAUJO MANDETTA

**JOVENS: DA ONG PARA O TRABALHO?
ESCOLARIZAÇÃO, TRABALHO E TRAJETÓRIAS
DE JOVENS DE CLASSES POPULARES DE
CAMPINAS/SP**

2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M312j	Mandetta, Fernanda de Araújo. Jovens: da ONG para o trabalho ? Escolarização, trabalho e trajetórias de jovens das classes populares de Campinas/SP / Fernanda de Araújo Mandetta. – Campinas, SP: [s.n.], 2010. Orientador : Aparecida Neri de Souza Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Jovens. 2. Escolarização. 3. Mercado de trabalho. 4. Educação não-formal. 5. História oral. I. Souza, Aparecida Neri. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	10-045/BFE

Título em inglês: Youth: form the NGO to work? Schooling, work and trajectories of lower youth from Campinas/SP

Keywords: Youth; Schooling; Work market; Non-formal education; Oral history

Área de concentração: Educação, Sociedade Política e Cultura

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Aparecida Neri de Souza (Orientadora)

Profª. Drª. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Profª. Drª. Dirce Maria Falcone Garcia

Profª. Drª. Márcia Regina de Oliveira Andrade

Prof. Dr. Vicente Rodriguez

Data da defesa: 24/02/2010

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : fmandetta@yahoo.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

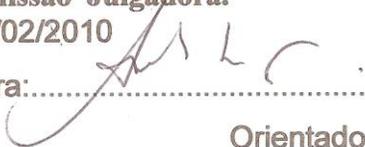
**Título Jovens: Da ONG para o trabalho? Escolarização, Trabalho e Trajetórias de
jovens das classes populares de Campinas**

Autor: Fernanda de Araújo Mandetta
Orientadora: Aparecida Neri de Souza

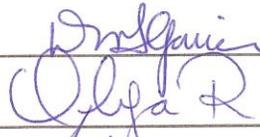
**Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Fernanda de Araújo
Mandetta e aprovada pela Comissão Julgadora.**

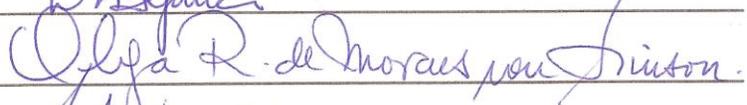
Data: 24/02/2010

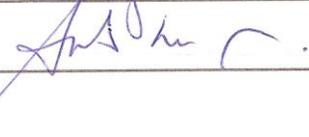
Assinatura:.....


Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







Ao meu avô Benedito de Araújo (in memoriam), que sempre valorizou o estudo e o conhecimento, mesmo com a pouca oportunidade de estudar. Aos meus pais, Marilse e Humberto.

Agradecimentos

Inicio meus agradecimentos pela prof^a Dr^a Aparecida Neri de Souza, pela orientação ao longo deste período, me fazendo repensar, a cada passo, nosso papel de educadoras.

À professora Dirce Falcone pela leitura atenta, respeitosa e pelas sugestões oferecidas na qualificação, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

À professora Olga Von Simson por toda aprendizagem adquirida durante os anos de estágio no Centro de Memória da UNICAMP, que foram responsáveis pela gestação deste trabalho e por fazer despertar em mim a paixão intelectual. Pela generosidade na partilha do conhecimento e por todo incentivo durante o processo do mestrado.

Ao grupo de pesquisa, especialmente nas figuras de José Humberto, Walkíria, Míriam, Ana Lúcia e Laís, pela força, carinho, pelas conversas, trocas de experiências e conhecimentos, pela leitura atenta do texto, com as sugestões sempre pertinentes.

À Márcia, coordenadora da ONG Cecoia, pela confiança no trabalho, sempre respondendo prontamente aos pedidos, abrindo as portas da instituição, fornecendo dados, me colocando em contato com os jovens e oferecendo o espaço para as entrevistas.

Um agradecimento mais que especial aos jovens entrevistados, sujeitos dessa empreitada, os quais partilharam com tanta confiança suas histórias de vida. A cada encontro que tínhamos minhas energias eram renovadas, me trazendo mais ânimo e vontade de continuar.

Às pessoas cujo trabalho parece estar atrás das cortinas, mas que sem elas não conseguiria finalizar esta dissertação. Andréia, amiga nova e já muito querida pelo abstract e pelas horas de descontração, que muito aliviaram a pressão dos dias próximos à defesa. E ao Joildo, da gráfica, que fez hora extra, varando a noite, para imprimir, com primor e cuidado, o texto final.

À Ana Carolina, pelo companheirismo, carinho e muita paciência no dia a dia. Sem o seu incentivo e força certamente esta jornada teria sido muito mais árdua. Sem falar nos conhecimentos de informática, fundamentais para a apresentação final do texto e pelo belíssimo folder.

Aos meus pais, por elegerem sempre o estudo como um valor, conseguindo passá-lo

ao longo de minha educação. Ao meu pai pela leitura e correção do texto. A minha mãe pelos diversos papéis incorporados: mãe na hora de incentivar e de dar colo e incentivo nos momentos de desânimo; intelectual na leitura atenta do texto e nas sugestões. E principalmente pela admiração que nutri a minha vida inteira por uma profissional apaixonada e que acredita na Educação.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é reconstruir a trajetória de jovens de camadas populares, analisando suas experiências de escolarização, educação não formal, inserção no mercado de trabalho, assim como as expectativas quanto ao futuro. Metodologicamente, a pesquisa trabalha com história oral registrando as múltiplas visões sobre o passado que permitem construir ou reconstruir os processos identitários de um grupo de jovens da periferia urbana do distrito de Sousas em Campinas, no Estado de São Paulo. Os jovens entrevistados foram selecionados dentre aqueles que tiveram participação no projeto Educação Não Formal, Memória e Cidadania: os Distritos de Campinas/SP e nas oficinas de educação não formal desenvolvidas, em 2005, pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e que continuam ligados à organização não governamental Centro Comunitário Irmãos André (Cecoia), localizado no distrito de Sousas (Campinas, Estado de São Paulo). Estes jovens, oriundos de grupos sociais de baixa renda, habitam espaços urbanos degradados, têm percursos escolares dispare, com inserção intermitente no mercado de trabalho, sonham em poder ter empregos estáveis e decentes, isto é, trabalho que seja portador de sentido, qualificado. Também sonham em continuar estudando, como possibilidade de mobilidade social e de conquista de uma profissão. Finalmente, a pesquisa evidencia que a metodologia da história oral possibilita transformações não só no pesquisador, mas também nos sujeitos pesquisados.

Palavras - Chave: Jovens. Escolarização. Mercado de Trabalho. Educação Não Formal. Organização Não Governamental (ONG). História Oral.

ABSTRACT

This present research aims to reconstruct the trajectory of the lower classes youth by means of analyzing not only their schooling experiences, non-formal education, insertion in the work market, but also their expectations to the future. The research is carried out using the oral history, recording the multiple views about the past which allows to construct and reconstruct the identity processes of a youth group from the urban suburb of Sousas in the city of Campinas, State of São Paulo. The interviewed youths were selected from the ones who attended the project Non Formal Education, Memory and Citizenship: the Districts of Campinas/SP and in the non formal education workshops carried out in 2005 by Centro de Memória da Unicamp (Memory Center of Unicamp – CMU) and are still linked to the non governmental organization Centro Comunitário Irmãos André (Cecoia), located in the district of Sousas (Campinas, State of São Paulo). These youths coming from lower income social groups live in degraded urban places, where the routes to school are calamitous, with intermittent insertion in the work market, dreaming of getting stable and decent jobs, that means, significant and qualified job. They also dream about continuing studying as a possibility of social mobility and achievement in getting a job. Ultimately, the research evidences that the oral history methodology allows transformation not only to the individual subjected to this research but also to the researchers.

Keywords: Youth. Schooling. Work Market. Non Formal Education. Non Governmental Organization (NGO). Oral History.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Participação da população jovem no desemprego	55
Tabela 2 – Condição de atividade e estudo por sexo e faixa etária dos jovens	75
Tabela 3 – Taxa de escolarização segundo as faixas etárias	76
Tabela 4 – Taxa de frequência líquida, segundo faixas etárias	76
Tabela 5 - Ano de fundação das ONGs filiadas à Abong	88
Quadro 1 – Programas sociais para a juventude na cidade de Campinas	91

LISTA DE SIGLAS

ABONG – Associação Brasileira de ONGs
ALVO – Adolescência com Liberdade e Visão de Oportunidades
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECOIA – Centro Comunitário Irmãos André
CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CMU – Centro de Memória da UNICAMP
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudo
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EPTV – Emissoras Pioneiras de Televisão
FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FHC – Fernando Henrique Cardoso
HSBC – Hong Kong and Shanghai Banking Corporation
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM – International Business Machines
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
NAECA – Núcleo Assistencial e Educacional da Criança e do Adolescente
ONG – Organização não governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
OP – Orçamento Participativo
PEA – População Economicamente Ativa
PLANFOR – Plano Nacional de Qualificação Profissional
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNPE – Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego dos Jovens
PROJOVEM – Programa Integrado de Juventude
REBRAF – Rede Brasileira das Entidades Assistenciais Filantrópicas
SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem
SESI – Serviço social da Indústria
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: OS RETRATOS JOVENS	19
1.1. A Cidade e seus Sujeitos	20
1.2. Distrito de Sousas e seus Jovens	24
1.3. Materializando os Sujeitos	27
1.3.1. Magali	28
1.3.2. Anderson	33
1.3.3. Fernando	36
1.3.4. Júlia	39
1.3.5. Ana Carolina	43
CAPÍTULO 2: JOVENS E MERCADO DE TRABALHO	47
2.1. O Processo de Desestruturação do Mercado de Trabalho Brasileiro	48
2.2. Jovens: os Mais Atingidos pelo Desemprego	53
2.3 Os Jovens do Distrito de Sousas e sua Relação com o Trabalho	56
CAPÍTULO 3. JOVENS E ESCOLARIZAÇÃO	63
3.1. Trabalho e Escolarização: uma Ligação Intrínseca	63
3.1.1 A noção de competência e as mudanças na educação brasileira	67
3.2. Cidadania para Além das Desigualdades	72
CAPÍTULO 4: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE E ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS	83
4.1. As Políticas Neoliberais e o Surgimento das ONGs	87
4.2. Campinas: as Políticas Sociais	90
4.3. ONG Cecoa e a Relação com os Jovens Frequentadores	92
4.3.1 A vivência dos jovens frequentadores da instituição	96
4.4. Projeto Alvo: Parceria entre Estado, ONG e Setor Privado	97
4.5. Participação nas Oficinas do CMU	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	123
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	127

INTRODUÇÃO

Os sujeitos centrais deste estudo são jovens participantes de um projeto de educação não formal¹ denominado Educação Não Formal, Memória e Cidadania: os Distritos de Campinas/SP, realizado pelo Centro de Memória da UNICAMP (CMU) em 2005, no Centro Comunitário Irmãos André (Cecoia), no distrito de Sousas, Campinas, São Paulo.

A partir do trabalho, enquanto membro da equipe de pesquisa do projeto citado, surgiram diversos questionamentos que resultaram no texto final desta dissertação, cujo objetivo é analisar e problematizar a participação de jovens das camadas populares² em oficinas de formação e capacitação profissional. Por meio da reconstrução da trajetória desses jovens, é possível entender-lhes o percurso, por um processo de escuta da vivência familiar, frequência ao Centro Comunitário Irmãos André (Cecoia) e processo de escolarização e trabalho.

Quem eram os jovens que participavam dessas oficinas? Como se dava a relação deles com a escola? Como se dava a relação deles com a educação não formal? Por que frequentavam a

¹ “Também chamada de escola paralela, se caracteriza por poder escolher seus conteúdos, métodos e objetivos, livre de constrangimento das instruções oficiais, se dirige a um público não-cativo, por não participar do jogo de atestados sociais que os diplomas estabelecem” (JACOBI, D. *La vulgarisation scientifique et éducation non formelle*. Revue Française de Pédagogie, n 91, abr – mai – jun, 1990. A educação não-formal se caracteriza também por poder escolher livremente seus temas e também “aqueles apoios que julga necessários à sua atividade educativa, e definir a natureza das mensagens (que podem se valer de conhecimentos científicos, mas podem também criticar a ciência) e por determinar quais as suas intenções no ato de educar. Ela pode informar, provocar emoções, fazer os educandos sonharem ou levá-los a criar algo novo em qualquer campo das ciências, das artes ou do domínio do corpo, ou da política.” (Simson, Olga R. M. Von *Educação não-formal, Memória e Cidadania: Os Distritos de Campinas/SP*. Centro de Memória da UNICAMP. Campinas, 2007. 228 p. (Relatório CNPq)

² Camada social é aqui compreendida como um conjunto não institucionalizado de indivíduos que manifestam características econômicas e culturais comuns, comportamentos comparáveis, por oposição a castas, estados ou ordens sociais definidos pela transmissão hereditária. Esta noção se apoia em Marx Weber para sublinhar a grande diversidade de classificações e divisões sociais que a noção de classe social em Marx não foi suficiente. Ver: WEBER, Max. Classe, estamento, partido. In: WEBER, Max. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro Zahar, 1971; MARX Karl. Classes sociais e contradições de classes. In: IANNI, Octávio (Org.). Max – sociologia. São Paulo: Ática, 1984 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 10).

ONG Ceccoia? O fato de ter frequentado a ONG e participado de cursos e oficinas de formação profissional ou experiências de educação não formal, como a do CMU, os ajudou ou lhes facilitou a inserção no mercado formal de trabalho? Qual a importância, na concepção desses sujeitos, da participação em tais experiências? Qual a relação com o distrito de Sousas, onde vivem, e quais suas formas de lazer?

Tais questionamentos orientaram esta pesquisa para o Mestrado na área das Ciências Sociais na Educação e conduziram à necessidade de construir referências analíticas no campo da sociologia. Assim, por meio de uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes³ (SPÓSITO, 2000) e de bibliografia acerca do tema, notamos escassa produção acerca da temática da juventude enquanto sujeito de um processo mais amplo, no qual se inserem percursos de escolarização, formação profissional, origem social e expectativas quanto ao futuro. Dessa maneira, este trabalho pretende dar voz aos sujeitos estudados e reconstruir-lhes a trajetória de vida a partir dos questionamentos acima.

Neste trabalho será adotada a noção de juventude enquanto categoria constituída histórica e socialmente (SPÓSITO, 2000; POCHMANN, 1999). Ou seja, refuta-se a caracterização da categoria como **somente** a fase do ciclo de vida que marca a saída da infância até o ingresso no

³ Esta pesquisa foi feita entre julho e setembro de 2008 e tinha como objetivo mapear e descrever a produção de teses e dissertações sobre o tema juventude no banco de dados da Capes entre 1987 e 2007, com foco principal na temática “juventude, trabalho e escolarização”. Esta pesquisa não pretendia realizar uma discussão aprofundada dos trabalhos defendidos, mas sim uma descrição geral do que vem sendo produzido na área. A temática mais recorrente encontrada foi “juventude, violência e exclusão social”, sendo que os anos 2000 concentram a maioria dos trabalhos. Muitos estudos abordavam questões jurídicas do chamado “adolescente ou jovem infrator” e “adolescente ou Jovem em conflito com a lei”; gangues juvenis; violência familiar; violência sofrida e praticada por jovens na escola. Havia também estudos sobre locais de abrigo dos jovens infratores (Febem); juventude e violência em determinados espaços sociais. As linhas de pesquisa principais eram psicologia, serviço social, sociologia e educação. Por meio desta pesquisa, percebemos a carência de produções na área de juventude, trabalho e escolarização, mesmo com o grande destaque sobre a questão das dificuldades dos jovens de se inserirem no mercado de trabalho juntamente com altos índices de desemprego juvenil, das dúvidas sobre o real papel da escola na formação para a qualificação do mercado, das inúmeras iniciativas do governo através dos chamados programas para o primeiro emprego e do surgimento de grande número de iniciativas da sociedade civil, por meio de ONGs voltadas à questão.

mundo adulto; diversos autores argumentam ser essa uma noção homogênea, isto é, que ignora a origem social dos sujeitos e a “pluralidade de representações e de práticas que marcam esse trânsito” (SPÓSITO, 2000 p.179; MARGULIS, 1998; PAIS, 1993; MADEIRA, 1992).

Quando nos referimos aos jovens, como se define essa categoria na perspectiva sociológica? Como se caracteriza a singularidade e especificidades ante outras categorias sociais?

Assim, como outros períodos da vida, a juventude é uma construção social e histórica. Não é possível falar em jovem genericamente; cada sociedade, cada grupo social constrói uma concepção de jovem. A revisão da bibliografia⁴ explicita as dificuldades de construir um consenso sobre a definição de juventude. Bourdieu afirma que “divisões entre idades são arbitrárias”, as fronteiras de idades são objetos de disputas sociais para ingresso no mercado de trabalho, na escola, no casamento etc.

As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar (...) as relações entre idade social e idade biológica são muito complexas.” Bourdieu (1983, p. 112)

Neste sentido, não é possível falar em juventudes sem levar em consideração que os jovens são diferentes entre si no que se refere a origem social, sexo, cor, raça, assim também como sendo sujeitos que vivem em determinado contexto social, econômico e político. Dessa maneira, há diferentes representações sociais sobre juventude: ser jovem em periferias urbanas não é a mesma coisa que ser jovem em bairros abastados; assim como há diferenças entre o jovem de classe média que ingressa no mercado de trabalho após a formação universitária e o jovem das camadas populares que ingressa no mercado de trabalho antes de terminar a formação escolar básica.

⁴ O estudo “Juventude e escolarização” (1980-1998) – série estado do conhecimento nº 07 – coordenado por Marília Spósito, publicado em 2002, indica as dificuldades teórico-metodológicas de conceituação dessa categoria analítica. (www.acaoeducativa.org, acessado em 10/11/2008)

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuída. Ao mesmo tempo, é situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, p. 8).

Se a noção de juventude é uma construção social, ela é também histórica. Marília Spósito (2000, p. 155) afirma que “ser jovem depende das circunstâncias históricas determinadas e neste sentido é possível flexibilizar os limites etários em função do mundo do adulto ou do mundo da criança.”

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partidas, porém todas se vinculam de algum modo, à “fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. [Dessa maneira haveria uma] (...) correspondência com a faixa de idade, mesmo que esses limites etários não possam ser definidos tão rigidamente; e quando pensamos em recorte de referências etárias no conjunto da população, isso nos remete a uma noção de geração” (FREITAS, 2005, p. 6).

Geração assim nos dá a idéia de (...) similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas (FREITAS 2005, p. 06).

A mesma autora, ao definir juventude, procura fazer uma distinção do termo adolescência, já que os dois termos são usados concomitantemente na conjuntura atual brasileira. Tem sido atribuída à psicologia a responsabilidade analítica da adolescência. Este termo é utilizado “normalmente, quando psicólogos vão descrever ou fazer referências aos processos que marcam esta fase da vida (a puberdade, as oscilações emocionais, as características comportamentais que são desencadeadas pelas mudanças de status etc.)” (FREITAS, 2005. p. 7). Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência é compreendida como faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade, quando então se atinge a maioridade legal.

Já o termo Juventude é utilizado quando nos referimos “à categoria social, como segmento da população, como geração no contexto histórico, ou como sujeitos no espaço

público” (FREITAS, 2005 p. 7). Desde 2005, de acordo com padrões internacionais, é considerado jovem no Brasil o sujeito que se encontre na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, conforme diretrizes do Plano Nacional da Juventude da Câmara Legislativa Federal e do Conselho Nacional de Juventude (CONSELHO, 2006), sem deixar de considerar a existência de profunda variação de acordo com as situações sociais e trajetórias pessoais dos indivíduos concretos. Porém neste estudo vamos considerar jovem o sujeito a partir dos 14 anos, devido ao fato de ser a idade mínima à qual é permitido a um jovem trabalhar em consonância com a Lei da Aprendizagem⁵ e também por considerarmos que alguns dos sujeitos centrais da pesquisa iniciaram no mercado de trabalho como aprendizes, a partir dos 14 anos de idade.

Consideramos a categoria juventude:

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modifica de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (ABRAMO, 1994. p. 1).

O marco de transição da juventude para o mundo adulto que se dava, nos países centrais, com o fim da escolaridade formal, o ingresso no mercado de trabalho e a constituição de uma família não foi predominante em nenhum momento para a maioria dos jovens no Brasil. Para grande parte da juventude brasileira, é muito mais evidente o início da vida ativa com a inserção no mercado de trabalho antes da conclusão da escolaridade, como também a combinação de trabalho e estudo. Pochmann se refere à juventude como representação social e cultural que expressa o momento e a história de uma sociedade:

⁵ A Lei Federal nº 10.097, ou Lei de Aprendizagem, foi sancionada em 19/12/2000 e será mais detalhada no Capítulo 2, p. 54.

A juventude torna-se uma condição de vida que é a referência do estágio de desenvolvimento de uma sociedade. Uma forma de vida que representa muito mais tempo que a simples etapa de 15 a 24 anos de idade, ao passo que não pode ser anunciado como preparação para o ingresso na vida adulta, ou mesmo, a intermediação entre a escola e o trabalho (Pochmann (2000, p.10).

O jovem, por vezes, assume responsabilidades com idade abaixo de 15 anos, o que configura um estilo de vida e de pensar. Segundo Bourdieu (1998), há um “abuso de linguagem” ao compreender no mesmo conceito aspectos que nada têm em comum. De que juventude se está falando? Neste estudo, compreende-se juventude como categoria social, que implica considerar a idade biológica, geração, sexo, classe social, família e também o corpo.

A partir da explicitação de como a categoria juventude será utilizada, os sujeitos aqui estudados são jovens de classes populares que moram no distrito de Sousas, Campinas, São Paulo, e frequentaram a ONG Cecoia. Para reconstruir⁶ suas trajetórias, levando em consideração toda a heterogeneidade discutida acima, será utilizada a metodologia da história oral.

No presente trabalho, tal metodologia remete às dimensões sobre técnicas de pesquisa teórico-metodológica⁷. Técnica de pesquisa enquanto forma de coleta de depoimentos a fim de reconstruir versões ou visões sobre o passado que a memória dos depoentes permita elaborar. Porém, é por meio de dimensão teórico-metodológica que ela nos fornece outra possibilidade, que é fazer emergir, das classes dominadas, a história de vida e também as “memórias subterrâneas ou marginais, que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade” (SIMSON, 2002, p. 01) e, dessa maneira, possibilitar aos sujeitos pesquisados se sentir também como parte dessa história.

⁶ O termo reconstrução remete à explicação de Florestan Fernandes em **Fundamentos empíricos da explicação sociológica** (FERNANDES, 1967), para a impossibilidade de uma análise da realidade social de maneira total, cabendo ao pesquisador selecionar e definir quais aspectos dessa realidade pretende de fato analisar.

⁷ A expressão teórico-metodológico indica o imbricamento entre teoria e metodologia, pois todo aporte metodológico compreende um campo teórico.

Simson acredita que

A História Oral ou Método Biográfico, enquanto metodologia de pesquisa, permite o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizarem suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem⁸ (SIMSON, s/d, p. 01).

Segundo Simson (s/d), essa metodologia permite também reconstruir histórias recentes e pouco documentadas. E, ao escrever as histórias do tempo presente, elas possibilitam “a compreensão do coletivo no qual cada indivíduo se insere. Pois (...) ao narrar sua vida, cada pessoa busca na memória os elementos que explicam e dão sentido às suas escolhas (MAGALHÃES, 2007, p. 25)

Pela metodologia da história oral é possível registrar múltiplas visões sobre o passado, pois ela contribui na construção e reconstrução de identidades históricas, permitindo que pessoas comuns se percebam como sujeitos históricos, já que uma de suas utilizações é exatamente possibilitar que a memória e a história das classes menos “privilegiadas” ou classes dominadas manifestem-se, possam ser registradas, analisadas e a partir daí fazer parte da memória coletiva de uma sociedade. Memória essa que geralmente se encontra guardada no interior dos grupos sociais dominados, onde são passadas de geração em geração: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial” (POLLACK, 1989, p. 4)

Assim, história oral e memória estão intrinsecamente ligadas, pois a memória é uma das principais fontes informativas. Simson (2002, p. 01) define memória como “a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, texto e etc.)”.

⁸ Simson, Olga R. M. von. Página Inicial do site do Laboratório de História Oral – CMU/UNICAMP.

Neves (1999) mostra que para os gregos, na Antiguidade, a memória tinha a função de conferir imortalidade ao ser humano e integrá-lo ao tempo presente por meio da história. Na mitologia grega, a memória era representada pela deusa Mnemosyne; e uma de suas filhas, Clio, representava a história e trazia em si a seiva da eternidade, constituindo-se como antídoto do esquecimento. Esta autora apresenta, assim, a relação entre memória e história, em que a memória seria uma forma de preservar o tempo, evitando o esquecimento, e a relação entre as duas estaria nos suportes de identidades individuais e coletivas. Sendo a história oral uma metodologia que busca captar o passado, ela mantém uma relação íntima com a história, a memória e a identidade, pois os processos de reconstrução do passado contribuem para aumentar a consciência dos sujeitos históricos, situando-os em relação aos grupos que os cercam.

Dando voz aos sujeitos pesquisados emergem inúmeras relações, para além das classes sociais, tais como de gênero. Esta é observada neste estudo como categoria transversal, isto é, não será tratada como tema, mas como relação social que hierarquiza e diferencia os jovens na vida cotidiana, na família, no trabalho, na escola, etc. (HIRATA, 2007).

O processo de realização desta pesquisa teve início, como dito anteriormente, com questionamentos que surgiram durante a realização do Projeto de Pesquisa do CMU, através das oficinas realizadas na ONG Cecoia em 2005. Entre a participação nas oficinas (2005), a construção do projeto de pesquisa, a entrada no Programa de Mestrado em Educação (agosto, 2006) e o início do trabalho de campo em 2008, transcorreram três anos.

O início dos trabalhos de campo contou com algumas dificuldades: inicialmente, em conversa com a coordenadora pedagógica do Cecoia, procurou-se elaborar alguma atividade para reunir os jovens que haviam participado das oficinas do Centro de Memória. A idéia seria de oficinas aos sábados, com atividades que possibilitassem reconstruir-lhes a história de vida e poder fazer uma aproximação do cotidiano dos jovens. Porém, tal iniciativa esbarrou na falta de tempo livre da maioria deles, que trabalhavam durante o dia, estudavam à noite e faziam cursos nos finais de semana. Dessa maneira, o trabalho de campo foi redefinido: a coleta de depoimentos seria realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, a partir de jovens frequentadores da

ONG que tivessem participado do programa de inserção profissional Alvo e também das oficinas oferecidas pelo Centro de Memória da UNICAMP no ano de 2005.

Para o início dos trabalhos de campo, foi solicitada à coordenadora da ONG uma lista com o nome e o contato dos participantes das oficinas. A lista continha dezessete nomes, porém, ao tentar entrar em contato com os jovens, muitos dos telefones haviam mudado, pois havia mais ou menos dois anos que a maioria deles não tinha mais nenhum contato com o Cecoia. Dos dezessete jovens, foi possível estabelecer contato com oito, sendo seis garotas e dois garotos. Ao me apresentar, explicava o motivo do contato dizendo que era uma pesquisa para saber sobre as condições de trabalho e estudo dos jovens. Logo no primeiro contato, uma das jovens disse que não queria participar porque não estava trabalhando. Mesmo insistindo e tentando explicar melhor os motivos da entrevista, não consegui convencê-la a participar. Isso se repetiu mais uma vez com a outra jovem.

Nesse momento, em conversa com a orientadora, resolvemos repensar a maneira como me apresentava, pois percebemos que os jovens que não tinham história de sucesso com relação ao trabalho e estavam desempregados no momento do contato se recusavam a participar. Dessa maneira comecei a explicar que se tratava de uma pesquisa para reconstruir a trajetória de jovens e tentar saber um pouco mais sobre temas importantes para eles, como a escola, o trabalho, a ONG Cecoia e suas atividades, o bairro onde moram e suas formas de lazer.

A partir de então iniciei a coleta dos depoimentos. A primeira entrevista foi com a jovem Magali⁹, em abril de 2008. Após a coleta do primeiro depoimento, iniciei o trabalho de transcrição, antes de continuar com as gravações, pois dessa maneira poderia perceber eventuais problemas no roteiro e corrigi-los a tempo de realizar as demais entrevistas. Dois meses depois marquei a segunda entrevista, agora com um dos garotos, para que a amostra se mantivesse equilibrada em relação a sexo, possibilitando assim uma melhor análise. Na entrevista, Anderson me indicou alguns colegas que haviam frequentado a ONG junto com ele em 2005. A primeira

⁹ Os nomes dos jovens apresentados neste trabalho são reais. Ao consultá-los sobre como gostariam de ser citados no texto, os cinco jovens disseram que queriam que fosse usado o verdadeiro nome.

indicação foi de uma prima, Aline, que me chamou a atenção por estar trabalhando e, segundo o jovem, dizia que tinha tido uma história de sucesso profissional após sair do Cecoia. Porém, ao conversar com Aline, ela me informou que não havia participado das oficinas do CMU, o que a excluía da amostra segundo o critério estabelecido. Anderson indicou também o colega Fernando, e em setembro do mesmo ano realizei a terceira entrevista. Percebi nesse momento a importância de consultá-los sobre outros possíveis depoentes.

Com as três primeiras entrevistas finalizadas, passei novamente à fase de transcrição, para poder iniciar a análise da amostra que havia coletado. Nesse momento pude repensar o roteiro e percebi que não tinha conhecimento aprofundado sobre algumas das informações fornecidas por eles. A pausa nos trabalhos de campo possibilitou voltar à bibliografia para preencher tais lacunas e poder me tornar uma interlocutora mais qualificada, sendo capaz de compreender e melhor analisar as informações contidas na fala dos entrevistados, para poder prosseguir com a coleta dos depoimentos.

Feita a primeira análise das transcrições, foi possível observar a amostra que tinha e se de fato ela abarcava um universo de pesquisados que pudesse representar o conjunto maior de jovens no mesmo contexto social. A amostra era a seguinte: Magali, uma jovem bastante articulada, que cursava o segundo ano do ensino médio, sem histórico de repetência escolar e que havia obtido bons resultados ao participar do Projeto Alvo, pois havia feito os dois anos de estágio e tinha sido contratada pelo Clube Fonte São Paulo. Anderson, um jovem com histórico de repetência escolar, havia feito somente dois meses de estágio e em seguida demitido, tendo desde então passado por diversos empregos, com fortes traços de precarização: grande alternância nos empregos, trabalhos sem conteúdo, para os quais não se necessitava de qualificação específica e sem registro em carteira. O terceiro garoto, Fernando, embora tivesse tido um histórico de repetência no ensino fundamental, após frequentar a ONG Cecoia mudou a relação com a escola no ensino médio e, apesar de não ter sido contratado depois de dois anos de estágio, tinha um histórico profissional um pouco diferente de Anderson, pois estava inserido no mercado formal de trabalho. Fernando também passou por certa alternância de empregos, mas estava

trabalhando como auxiliar administrativo, com direitos trabalhistas e maiores perspectivas de futuro profissional.

A partir da primeira análise, pude perceber heterogeneidade na trajetória de vida desses jovens, porém ainda achava que havia lacunas a ser contempladas, o que só a história de outros jovens poderia fazer.

No início do ano seguinte, dei continuidade aos trabalhos de campo e agendei mais uma entrevista. Já com uma apresentação diferente ao telefone, consegui conversar com Júlia em março de 2009. Júlia tinha história de vida bastante diferente de Magali. Também passou pelo mesmo estágio que os jovens anteriores, porém não foi efetivada; teve diversos empregos e aos 16 anos tornou-se mãe. A jovem estava bastante desestimulada com os estudos e enfrentava sérios problemas quanto à reinserção no mercado de trabalho. Durante a entrevista, Júlia citou o nome de uma colega que, segundo ela, estava trabalhando no Cecoia. Pela maneira como Júlia falava, Carol era o exemplo de uma jovem que havia obtido resultados satisfatórios no campo de trabalho. Carol, assim como Magali, havia obtido o que para esses jovens era considerado um bom começo profissional: havia acabado o ensino médio e, no momento da primeira entrevista, estava trabalhando como secretária num grande e tradicional colégio de Campinas.

A partir das cinco entrevistas, dois garotos (Anderson e Fernando) com dezoito e dezenove anos respectivamente e três garotas (Magali, 18 anos; Júlia, 18 anos e Carol, 19 anos), encerrei os trabalhos de campo.

Alguns fatores facilitaram tanto os primeiros contatos como as conversas com os jovens, possibilitando estabelecimento de vínculos e o início da construção de uma relação de confiança, o que é fundamental para que os sujeitos pesquisados se sintam à vontade e de fato contem de maneira franca sua vida. Primeiro percebi que o fato de já terem tido um contato inicial comigo durante a oficina de história oral em 2005, não sendo a primeira vez que nos víamos, facilitou o início de uma relação de confiança, para que eles pudessem falar sobre sua vida. Outro fator determinante foi a linguagem usada durante as conversas, o fato de ser professora do ensino

médio da rede pública estadual durante quatro anos permitiu usar uma linguagem mais próxima a eles, o que também ajudou numa certa empatia dos sujeitos pesquisados com a pesquisadora.

As entrevistas foram baseadas num roteiro focando os seguintes temas¹⁰:

- Origem Familiar
- Participação na ONG Cecoia
- Participação nas oficinas do CMU
- Participação no Projeto Alvo
- Trajetória de escolarização
- Trajetória de trabalho
- Rotina diária
- Experiências de Lazer
- Identificação do informante

Após a realização da coleta dos depoimentos, é necessário pensar como proceder com a análise do material colhido. Depois de feita a gravação, o material foi primeiramente transcrito. Sobre a passagem da oralidade para a escrita dos relatos colhidos, Demartini destaca:

Esta etapa marca, para o pesquisador, a passagem para um novo tipo de trabalho e a consciência de que, durante a pesquisa, estará trabalhando com dois materiais distintos: as memórias faladas, que o pesquisador registra em sua própria memória, e que até inconscientemente estão presentes durante a análise, e o material escrito, que lhe exige novas atenções. Se as entrevistas faladas são ricas e cheias de novos elementos, que vão se apresentando às vezes aos poucos, à medida que se escuta várias vezes cada gravação, o material transcrito, por outro lado, permite uma visão de conjunto e um trabalho com as memórias de forma mais dinâmica (DEMARTINI, 1999. p. 41).

Após a transcrição, foi elaborado, então, um fichamento temático detalhado do material, levando-se em consideração os temas propostos no roteiro inicial e os temas novos, que surgiram durante as entrevistas. A partir de uma análise comparativa foi possível ter uma compreensão,

¹⁰ Ver anexo 1.

ainda que preliminar, sobre as várias informações de todos os entrevistados acerca dos mesmos conteúdos: “(...) a comparação, isto é, a aproximação entre dados para observar as convergências e diferenças de suas qualidades, a partir da constatação da existência de certa igualdade entre eles, constitui o instrumento da reflexão indispensável para aprofundar o conhecimento” (QUEIROZ, 1999. p. 20).

Feito o fichamento, iniciou-se então o trabalho de análise comparativa dos depoimentos. Surgiram então cinco temas:

- 1 – A relação dos jovens com o distrito onde moram;
- 2 – Formas de lazer;
- 3 – História familiar;
- 4 – frequência à ONG Cecoia. Aqui havia dois subtemas:
 - a) Projeto Alvo, de inserção no mercado de trabalho
 - b) Oficinas do Centro de Memória da UNICAMP (CMU)
- 5 – Trajetórias de escolarização e inserção no mercado de trabalho;

Os temas, porém, não eram fixos e alguns subtemas podiam variar, como, por exemplo, o Projeto Alvo e as Oficinas CMU, que estavam ligados à frequência ao Cecoia, mas também se relacionavam às trajetórias de inserção e continuidade no mercado de trabalho. Ou alguns depoimentos que diziam que a relação com os estudos havia mudado após ingresso na ONG, relacionando escola e Cecoia. Isso ocorreu com todos os temas.

Foram elaborados então quadros comparativos a partir dos temas, que foram cruzados entre si. A partir da análise comparativa, prosseguiu-se na escrita do texto, tentando estabelecer uma ligação entre a bibliografia e a realidade dos sujeitos centrais da pesquisa.

Por sugestão da banca de qualificação, agendou-se um último encontro na tentativa de reunir todos os jovens para saber qual era, um ano depois das primeiras entrevistas, a situação deles em relação a trabalho e escola e pela riqueza de um encontro coletivo, no qual haveria maior interação e troca de informações, com a fala de um possibilitando emergirem lembranças nos outros, já que as primeiras entrevistas haviam sido feitas de maneira individual. E também como forma de agradecimento e uma devolutiva dos resultados da pesquisa e das entrevistas, agora transcritas para que os jovens pudessem ler e autorizar o uso neste estudo.

O contato com os jovens foi retomado na terceira semana de dezembro, porque eles já estariam entrando em férias escolares, o que facilitaria um novo encontro, já que todos têm uma rotina bastante atribulada.

O primeiro jovem contatado foi Fernando, expliquei-lhe o motivo do contato, disse que gostaria de um encontro com os cinco entrevistados, para devolver a eles as transcrições das entrevistas, pegar a autorização para usá-las e oferecer um lanche a eles como agradecimento pela contribuição de sua história de vida em minha pesquisa. Fernando aceitou de imediato. Em seguida falei com Júlia, que também topou o encontro e me deu já ao telefone duas notícias: uma boa, que estava trabalhando, e a má, que havia deixado a escola. Magali e Carol também aceitaram. O único com quem não consegui contato foi Anderson, cujo telefone fixo havia mudado, eu não tinha seu celular e os outros jovens também disseram não ter contato com ele. Marcamos para sexta feira 18 de dezembro às 18h00, quando todos saíam do trabalho, numa lanchonete do distrito de Sousas. Júlia, inclusive, mudou o turno, que era de 14h00 a 22h00, para poder estar presente.

Combinei de passar na casa de Júlia às 18h00, pois estava em meu caminho e ela não mora no distrito. Devido ao trânsito de época natalina, estava cinco minutos atrasada, quando toca o celular: era Júlia, que estava a minha espera junto com Magali. Elas haviam combinado de ir juntas. Percebi nesse instante que estavam ansiosas com o encontro. Na porta da casa de Júlia estava a mãe dela, que queria conhecer-me e o filho da jovem, Bruno, que também foi conosco. Chegamos à lanchonete e logo em seguida chegou Fernando. Percebi que eles se haviam falado

ao longo da semana, pelo computador, sobre o encontro. Ficamos esperando Carol, que saía do trabalho às 18h00 e estava num local bastante distante de Sousas. Nesse ínterim, Magali começou a tentar ligar para vários colegas tentando descobrir o telefone de Anderson. Em menos de dez minutos eu estava com o jovem ao telefone. Expliquei o motivo de nosso encontro e o convidei para a lanchonete. Para minha surpresa, logo depois Anderson chegou e por fim Carol também se juntou a nós. Estava reiterada a importância desse encontro.

O clima foi de bastante descontração. Eles começaram a relembrar fatos de quando frequentavam o Cecoia e da infância, que tinham passado juntos; todos perguntaram sobre a mãe de Carol e diziam ter bastante saudades da comida deliciosa que dona Cezarina preparava quando era cozinheira do Cecoia; contaram as novidades, os que haviam mudado ou continuavam no mesmo emprego, os que haviam conseguido inserir-se no mercado de trabalho; sobre a escola, quem havia terminado o ensino médio, quem havia parado de estudar – e nesse momento **todos foram unânimes em dizer para Júlia que ela não poderia ficar sem terminar os estudos e que deveria voltar à escola**. Falaram sobre namorados, tiramos fotos e pedi a eles uma foto específica para que eu pudesse apresentá-los no texto. Júlia me pediu que usasse uma foto que havia em seu celular, pois nela se achava mais bonita. Eu pude então contar a eles um pouco sobre os resultados de minha pesquisa e de como suas trajetórias de vida haviam sido importante para o trabalho. Entreguei-lhes as transcrições, todos ficaram curiosos e começaram a ler na mesma hora. Eles se divertiram com as falas e mostravam um para o outro. Em seguida entreguei um convite personalizado para cada um, convidando-os para a defesa da dissertação em fevereiro de 2010, dizendo o quanto a presença deles seria importante e de como as professoras que fizeram parte da banca de qualificação haviam ficado curiosas para conhecê-los após ler sobre suas vidas.

O encontro foi gravado, porém, como estávamos numa lanchonete, a qualidade do áudio ficou bastante prejudicada. Percebendo isso, cheguei em casa, com as informações ainda bastante frescas em minha memória, e fiz um diário com as informações, impressões e sentimentos. As informações atuais sobre cada um deles e as impressões sobre o encontro estarão disponibilizadas

ao longo do texto. Por meio do encontro, que se tornou uma grande experiência, tive de fato a possibilidade de concluir este trabalho.

Ao finalizar a pesquisa, este encontro com os jovens, com o objetivo de dar aos sujeitos centrais do trabalho uma devolutiva da pesquisa, possibilitou que as histórias de vida desses sujeitos saíssem do papel e tomassem vida. Ao encontrar com eles, com quem há bastante tempo não tinha contato, foi como se a ligação nunca tivesse sido desfeita, pois passei um longo período trabalhando sobre seus depoimentos. E ao começar a conversar percebi que, quando comentava detalhes do que eles me haviam dito há tempos, eles também demonstravam que os vínculos permaneciam.

Concluindo esta introdução, segue-se a forma como este texto foi organizado:

Capítulo 1 – Retratos jovens. Apresentamos os jovens sujeitos deste trabalho, com a singularidade de cada trajetória, a partir da construção de seus “retratos” (homens e mulheres), baseados no trabalho de Bernard Lahire (2004) sobre a singularidade de cada trajetória. Neste capítulo, pretendemos também descrever o espaço por onde os jovens transitam e vivem e as relações que estabelecem com tais locais.

Capítulo 2 – Jovens e mercado de trabalho. Objetiva destacar as mudanças no mundo do trabalho a partir dos anos 1990 e os reflexos no emprego de jovens, grupo social mais atingido pelo desemprego e pela precarização das relações de trabalho. A partir dessas mudanças, pretendemos também analisar o percurso profissional e a situação atual de trabalho dos jovens pesquisados.

Capítulo 3 – Jovens e escolarização. Objetiva analisar as relações entre escolarização e trabalho a partir da bibliografia, buscando apreender para qual mercado de trabalho são formados os jovens; quais as relações entre as transformações econômicas e sociais e a escolarização; como as mudanças se transpõem para os processos de escolarização (propostas pedagógicas e currículos). Os depoimentos dos jovens neste capítulo dialogam com a bibliografia indicando a possibilidade ou não de a educação escolar construir processos de cidadania.

Capítulo 4 – Políticas públicas para a juventude e organizações não governamentais. Voltado à análise das políticas públicas para a juventude, no campo do trabalho, em especial na cidade de Campinas, Estado de São Paulo. Neste capítulo discute-se a ação do Estado na formulação e implementação dessas ações em contexto de políticas neoliberais, bem como o surgimento e o papel desenvolvido pelas chamadas Organizações Não Governamentais (ONGs) nesse mesmo contexto. Em especial destacamos as atividades de inserção e qualificação para o mercado de trabalho, promovidas pela ONG Cecoia e sua relação com os jovens pesquisados.

A seguir, iniciaremos o Capítulo 1, com a apresentação dos jovens pesquisados, sua relação com o trabalho e com a cidade onde moram.

CAPÍTULO 1: OS RETRATOS JOVENS

Este capítulo apresenta os cinco jovens entrevistados, resumidamente, para que cada um se dê a conhecer ao leitor(a) por meio da singularidade de suas trajetórias de vida. Este capítulo é dividido em duas partes: a primeira, antes de apresentar o retrato dos jovens, informa como a cidade e o distrito de Sousas se constituem em espaço social para além da dimensão geográfica; a segunda dá visibilidade ao percurso dos jovens, mediante o retrato de cada um.

Norbert Elias (1980), ao discutir a noção de configurações ou rede de interdependências, informa que os indivíduos formam entre si esta rede, seja pela limitação de comportamento ou decisões, seja pelas articulações, relações de poder, passado incorporado, socialização. Assim, os indivíduos dependem da estrutura de suas relações com os outros, interdependência que não é sinônimo de interação social, mas expressa relações de poder. Nessa perspectiva, não podemos considerar a trajetória dos jovens como um percurso linear, mas sim caracterizadas pelos comportamentos, escolhas e decisões sujeitos a diferentes forças sociais.

Ao tentar reconstruir-lhes a trajetória individual, a partir da análise de objetos macrossociais, como mercado de trabalho, o Estado, a instituição escolar, deve-se levar em consideração as ações, representações, relações desses indivíduos e maneira como transitam por esses meios.

De alguma maneira, cada indivíduo é o *depositário* de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais (LAHIRE, 2004 p. X e XI).

Pensando que os sujeitos analisados são definidos pelo conjunto de suas relações e não são redutíveis ao pertencimento de classe, grau de escolarização ou condição no mercado de

trabalho, pretende-se elaborar retratos dos jovens pesquisados baseados no que Lahire (2004, p. XII) convencionou chamar como “retratos sociológicos de pessoas com histórias singulares”¹¹. Porém, nesta pesquisa, diferente da metodologia aplicada por esse autor, foi realizada apenas uma entrevista com cada sujeito, e o roteiro não pretendia abarcar todas as experiências de vida dos jovens. Dessa forma, os retratos não pretendem alcançar a complexidade elaborada por Lahire.

A seguir, um breve histórico da cidade de Campinas e do distrito de Sousas com o objetivo de descrever o espaço no qual se movimentam os jovens pesquisados. Essa dimensão será retomada na análise das entrevistas a ser realizada posteriormente, observando como os jovens apresentam os efeitos sociais do espaço geográfico sobre sua vida.

1.1. A Cidade e seus Sujeitos

A partir da década de 1930, devido à crise do capital que se concretiza na queda da bolsa em 1929, inicia-se o período da chamada substituição das importações no país, particularmente no Estado de São Paulo, por meio da qual houve aumento da produção interna do país e a diminuição das importações. O Brasil passou a produzir domesticamente bens que anteriormente vinham do exterior. Pela menor complexidade, o país começou produzindo bens de consumo não duráveis e, posteriormente, passou a produzir também bens duráveis e bens de capital. No

¹¹ A metodologia, criada pelo sociólogo francês Bernard Lahire, está explicitada no livro **Retratos sociológicos – disposições e variações individuais** (2004). A metodologia consistiu em realizar uma série de seis entrevistas com os mesmo oito sujeitos pesquisados, sobre práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios de práticas (ou esfera de atividades) ou em microcontextos (no interior desses domínios de práticas).

período, devido ao acúmulo de capital gerado pelo café, há a instalação de importantes indústrias na região e no município de Campinas, com destaque para o ramo têxtil.

A crise cafeeira e as mudanças políticas no país provocaram o fim do chamado ciclo do café e a posterior recuperação da economia com o algodão, principal produto cultivado no município. Em 1930 Campinas já contava com 6.000 operários em 100 fábricas (SEMEGHINNI, 1991). Tal processo torna Campinas uma cidade essencialmente urbano-industrial, pois entre 1930 e 1940 as atividades urbanas na cidade já eram mais relevantes que as rurais. Em 1940, 60,4% da população economicamente ativa (PEA) estava inserida em atividades urbanas – 20,2% no setor secundário; e 40,2% no terciário –, restando ao setor primário 39,6% do total da PEA (BAENINGER, 1996).

O início dos anos 1940 marca a integração entre agricultura e indústria. A expansão da agroindústria algodoeira mescla capital industrial estrangeiro e nacional com a instalação de importantes indústrias no município, como Matarazzo, Swift, Sanbra, entre outras (SEMEGHINNI, 1998).

Nos anos 1950, o processo de industrialização se intensifica na cidade, com empresas mecânicas, de material de transporte, elétrico, químico, de borracha e papelão. Em 1951, instalam-se em Campinas a Singer do Brasil e a Duratex; em 1953 a Pirelli; em 1954 a Robert Bosch (BAENINGER, 1996). Entre os fatores responsáveis pela expansão industrial e também pela atração de um fluxo migratório estão os estímulos do poder público na forma de cessão de terrenos, terraplenagem e isenção de tributos locais à inauguração da Via Anhanguera em 1948 (ZIMMERMANN, 1998).

A partir de 1956, devido ao novo padrão de desenvolvimento adotado no país, há mudanças tanto na dinâmica econômica como populacional no Estado de São Paulo. Com o Plano de Metas¹² do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), há uma concentração industrial

¹² O Plano Nacional de Desenvolvimento, também chamado de Plano de Metas, tinha 31 metas distribuídas em cinco grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação, e, a meta principal ou metassíntese – a construção de Brasília. “O objetivo era unir o Estado e o setor

principalmente de bens duráveis e de capital, conjugando investimentos estatais e capitais externos na região metropolitana de São Paulo; e Campinas, então, atrai quantidade razoável de novas indústrias.

Já na metade da década de 1960, a dinâmica econômica do interior começa a adquirir novas características, que se intensificam na década de 1970. No período, a cidade se torna um dos eixos de expansão industrial no processo de interiorização do desenvolvimento no Estado de São Paulo, levando o interior paulista a se caracterizar como a segunda área de concentração industrial do Brasil. O processo intensificou a conurbação de municípios e a tendência a um processo de metropolização, levando Campinas a se tornar a segunda metrópole do interior do Estado de São Paulo.

Nesse momento, os movimentos migratórios aparecem como necessários para o impulso industrial no município. Uma publicação da prefeitura de Campinas de 1962 é bem ilustrativa:

Necessário se torna que as grandes organizações da capital se compenetrem de que Campinas é o centro abastecedor de uma vasta região do Estado, daí a necessidade de aqui instalarem suas filiais (...). Empregos em Campinas não faltam e as possibilidades para os próximos anos são as mais promissoras possíveis e segundo estimativas mais de seis mil vagas estarão à disposição dos que queiram trabalhar (GUIMARÃES, 1962, p. 32).

A publicidade, realizada durante os anos 1960, atrai para Campinas mais de 100.000 pessoas entre 1960 e 1970, chegando a 61% da população total da cidade ser formada por não naturais em 1980.

A desaceleração do crescimento industrial brasileiro na segunda metade da década de 1970; a estagnação econômica no início dos anos 1980; e a acentuada aceleração do processo inflacionário produziram aumento da pobreza, especialmente no meio urbano, como apontam os indicadores de emprego e renda. Esse processo, que será analisado no Capítulo 2, levou não

privado numa estratégia de alto crescimento, com a finalidade de acelerar a industrialização e a construção da infra-estrutura necessária para sustentá-la” (SKIDMORE, 1998, p. 203.)

somente à recessão como eliminou postos de trabalho, principalmente no setor industrial. Ao mesmo tempo, há um processo de criação de novos empregos no chamado setor terciário (comércio e prestação de serviço); uma parte dos empregados, que anteriormente estava inserida no mercado de trabalho e era protegida pela legislação trabalhista e social, encontra emprego nesse setor; outra parte permanece desempregada. E, como se verá no Capítulo 2, os jovens foram os mais atingidos pelo desemprego.

Não se pode deixar de lembrar que o poder público federal e estadual é responsável pela montagem da infraestrutura que atraiu esses empreendimentos durante a década de 1970 e 1980, como a duplicação da Rodovia Anhanguera, a construção das rodovias Dom Pedro I, Bandeirantes e Santos Dumont e a expansão do Aeroporto Internacional de Viracopos (CANO 1998). É nesse período que se nota o início da desestruturação do Estado planejador, com a criação de um campo fértil para a implementação de políticas neoliberais sob o argumento de que o poder público estaria perdendo a capacidade de gerar e implementar políticas sociais. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, os sintomas da crise já se refletem no desemprego, com o fechamento de importantes estabelecimentos industriais e o decréscimo do ritmo de produção agrícola. Assim, a década de 1990 na cidade de Campinas apresenta as mesmas características do restante do país, com aumento das taxas de desemprego, que giram em torno dos 10,3% segundo dados da pesquisa Seade/Dieese entre 1985 e 2001 e grande precarização das novas ocupações.

Durante os anos 1990, as alterações sociais e econômicas agravaram ainda mais as desigualdades sociais no país. As políticas neoliberais dos governos têm como foco a eliminação dos gastos com as políticas sociais, passando a subvencionar organizações não governamentais para prestar os mesmos serviços. A população com menor escolaridade tem no período a força de trabalho descartada, devido ao aumento da tecnologia e de maior especialização das funções, sendo então impelida a buscar empregos informais¹³ para fugir ao desemprego no Brasil.

¹³ Referimo-nos aos contratos de trabalho como eventuais, em frentes de trabalho ou com empregos sem registro em carteira ou contrato de trabalho ou por conta própria.

Segundo Relatório CNPQ do Centro de Memória da UNICAMP (2000), o fluxo migratório parece ser considerado um fenômeno caótico e perigoso; o migrante é considerado responsável pelo crescente surgimento de favelas, pela desorganização urbana e pelo consequente aumento da violência. Os migrantes são discriminados por parte da população citadina, o que os faz esconder a origem e desejar apagar nas novas gerações, já nascidas nas grandes cidades, as raízes familiares, acreditando que dessa forma os jovens teriam uma maior facilidade de inserção em grupos locais e poderiam abandonar o estereótipo de *outsiders* (ELIAS, 2000). Em consequência, a nova geração é privada da história familiar e do papel social e cultural dos pais, assim como do lugar social e cultural no desenvolvimento do bairro e da cidade onde residem.

É esse o contexto dos jovens moradores do distrito de Sousas, pois as famílias são formadas, na maioria, por uma população de migrantes que vieram para os grandes centros urbanos, no processo de migração interna, em busca de melhores condições de vida e que até os anos 1980 assumiam papel de exército industrial de reserva para o desenvolvimento urbano-industrial do país. E que, nos anos 1990, passam pelas crises econômicas citadas, e a partir desse momento se inserem em atividades informais ou na ponta da cadeia produtiva. Nesse contexto vemos também a deterioração das condições de vida da população com aumento significativo dos problemas urbanos, como a expansão da pobreza na periferia urbana, que é então acusada de ser violenta (BAENINGER, 1996).

1.2. O Distrito de Sousas e seus Jovens

Segundo relata Ricci (2003), Sousas teve origem em 1830, quando Aleixo Antônio de Godói e Bernardo José Sampaio saíram da antiga Vila de São Carlos (hoje Campinas), atingindo as margens do Rio Atibaia. Ali se formava um bairro rural.

A região, devido à qualidade da terra, acabou sendo ocupada por diversos fazendeiros que, inicialmente, constituíram lavouras canavieiras com o respectivo engenho. Já no final do século XIX, despontou a economia cafeeira, com a implantação da Campanha Ramal Férreo Campineiro, que ligava Campinas a Cabras, passando por Sousas.

A queda da bolsa de 1929 e a crise da economia cafeeira, entre outros problemas, levaram muitos trabalhadores a abandonar a lavoura e se dirigir para Campinas, impulsionando a industrialização na cidade. A economia agrária de Sousas entrava em estagnação, as fazendas de café se transformaram em pasto, iniciando, assim, o ciclo do gado na região.

Em 1947, parte do bairro é loteada para a instalação do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Logo após, surgem algumas vilas e outros loteamentos, com crescente interesse na aquisição de chácaras e terrenos.

É somente a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980 que começaria um pequeno comércio movido pelo turismo ecológico. O mesmo lazer ecológico motiva o loteamento e a construção de diversos condomínios de luxo, chamariz para uma população com recursos financeiros cujo objetivo é fugir do caos das grandes cidades e se instalar num local ainda cercado por fauna e flora de exuberante beleza.

Porém, assim como qualquer região próxima a grandes centros urbanos, registram-se em Sousa diversos problemas, como o surgimento de bolsões de pobreza, com área de favelas, sem infraestrutura básica de água e esgoto; períodos de enchentes; aumento da violência; e tráfico de drogas. Segundo dados da Secretaria de Planejamento de Campinas, em 2008, 50% das ocorrências policiais no distrito estavam ligadas ao tráfico de drogas, com 15% de crianças e jovens envolvidos (<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/>. Acessado em 11/08/2008). Segundo pesquisa realizada pelo posto de saúde do distrito em 2008, a população local e,

principalmente, os jovens declararam não ter acesso a atividades culturais, sociais e esportivas, pois no distrito não há cinema, teatros nem locais para a prática esportiva gratuita.

É a partir dessas constatações que surgem as primeiras iniciativas da sociedade civil¹⁴ no sentido de propor ações que melhorem as condições e a qualidade de vida da população, como é o caso da ONG Cecoia, que apresentaremos no capítulo 04, p. 88.

Hoje, o distrito de Sousas convive com dois mundos antagônicos, que não sobrevivem sozinhos. De um lado uma população pertencente à classe média, que vive atrás de grades em grandes condomínios, com acesso a bens culturais e que frequenta bares e restaurantes da moda e pode usufruir do ecoturismo local. De outro pessoas pertencente às classes populares¹⁵, que vive em ruas de terra, casas inacabadas, sem água e esgoto, sujeita a enchentes periódicas. O segundo grupo social é que fornece para o primeiro a capacidade de trabalho considerada não qualificada, barata e sem especialização.

Segundo dados da Secretaria de Planejamento de Campinas em 2006 o distrito possuía população em torno de 24.000 habitantes, na maioria bastante jovem. Cerca de 61,3% da população possui ensino fundamental, e 9,03% são analfabetos. O índice de desemprego é de 6,35%; entretanto, 26,04% atuam no mercado informal de trabalhos manuais. Com referência à renda da população, 60,47% das residências de Sousas e Joaquim Egídio ganham de três a cinco salários mínimos; 2,17% não possuem renda e somente 5% vivem com renda superior a vinte salários mínimos.

Os jovens entrevistados admitem que gostam de morar em Sousas. Magali, Fernando e Anderson nasceram e continuavam morando no distrito na época da entrevista. Por ter nascido e

¹⁴ O termo sociedade civil se refere neste texto à totalidade das organizações e instituições cívicas voluntárias, por oposição às estruturas apoiadas pela força do Estado. Sociedades civis são frequentemente povoadas por organizações como instituições de caridade, organizações não governamentais de desenvolvimento, grupos comunitários, organizações religiosas, associações profissionais, sindicatos, movimentos sociais, associações comerciais, coalizões e grupos ativistas.

¹⁵ A noção de classes populares é utilizada como categoria e não como conceito. As classes populares encontram-se na condição de exploradas economicamente e dominadas politicamente.

vivido toda a vida no distrito, os jovens estabeleceram vínculos com o bairro e com os pares, pois frequentam lugares comuns onde estreitam laços e são reconhecidos, não sendo discriminados ou marginalizados pela condição social, sentindo-se dessa maneira estabelecidos (ELIAS, 2001); Carol havia se mudado fazia pouco tempo para um bairro periférico de Campinas, mas dizia sentir falta do distrito e dos amigos que lá moravam, o que a fazia voltar para Sousas todos os finais de semana na casa da avó. E Júlia, como já informado, não morava em Sousas.

Os quatro jovens descrevem o distrito como tranquilo, porém dizem que Sousas mudou bastante ao longo dos anos e se lembram da infância passada na rua num bairro quase rural, calmo e sem violência. Para Magali, Fernando e Carol, Sousas tem um setor de comércio e serviço bastante completo com bancos, supermercados, farmácias, uma biblioteca pública, citada apenas por Magali, embora não a frequente; restaurantes, bares e casas noturnas.

Porém os jovens moradores do distrito dizem não frequentar os bares porque são muito caros; o local preferido deles são os quiosques de cachorro-quente no centro do distrito, onde encontram com amigos, conversam e paqueram.

Todos citaram também a Festa de Sant'Anna, realizada no mês de julho, em homenagem à padroeira do distrito. Para os jovens a celebração é um grande momento de lazer, a cidade fica cheia de turistas, e os jovens se encontram e se divertem.

1.3. Materializando os Sujeitos

Por meio da utilização de um caderno de campo – elaborado durante e depois das entrevistas, no qual constavam informações que fugiam aos depoimentos, como o estado de espírito dos jovens durante a conversa, suas reações, gestos, a descrição do local onde foram

feitas as entrevistas e as impressões gerais da pesquisadora – e da análise dos fichamentos das entrevistas, os jovens entrevistados serão descritos, bem como o processo da entrevista e a apresentação de forma resumida dos relatos. O objetivo é apresentar o jovem como configuração, considerando sua trajetória como expressão de comportamentos, escolhas, decisões submetidas às relações sociais de poder conforme proposto por Norbert Elias.

1.3.1. Magali

Entrevista realizada em 24/04/2008



Magali foi a primeira do grupo com quem entrei em contato. Logo de início foi bastante receptiva e se mostrou à disposição para conversar. Marcamos uma primeira conversa no sábado, 19/04/2008, em um shopping no distrito de Sousas, pois ela trabalha o dia todo e estuda à noite.

No dia combinado fui ao encontro, porém, como previ que iria atrasar-me um pouquinho, resolvi lhe telefonar para avisar. O pai atendeu e disse que ela tivera de ir trabalhar, fora chamada de última hora para um evento na sede de campo do clube.

Fiquei bastante decepcionada, pois era a primeira entrevista, estava muito curiosa para começar a ouvir os jovens sujeitos de meu estudo.

Consegui falar com ela no dia seguinte. Ela se desculpou, disse que houve um evento no clube, faltaram funcionários e ela acabou tendo de ir de última hora. Acabamos então marcando para outro dia, durante a semana, no clube em que ela trabalha.

Cheguei ao Clube Fonte São Paulo no dia combinado, bastante ansiosa, e pedi para chamá-la. Fomos apresentadas numa sala próxima a recepção.

Magali é morena, cabelos na altura do ombro, porém estavam presos, usa óculos e no momento da entrevista apresentava ar bastante sério. Estava com o uniforme do clube.

Expliquei-lhe novamente o objetivo da entrevista. Percebi que ela estava um pouco nervosa. Tentei deixar o gravador mais de lado e falei para tentarmos esquecê-lo.

Magali na época da entrevista tinha 17 anos, cursava o último ano do ensino médio e mora no distrito de Sousas desde que nasceu, com mãe, padrasto e três irmãs, uma de 2 anos, outra de 15 e a mais velha de 20. Tem um irmão mais velho, que mora com a noiva. A mãe estudou até a 5ª série do ensino fundamental, faz bicos como faxineira e trabalha com carteira assinada como empregada doméstica em uma casa de família. O padrasto é pedreiro, trabalha de maneira autônoma e estudou até a 4ª série do ensino fundamental. A irmã mais velha terminou o ensino médio, trabalha e faz cursinho pré-vestibular. A irmã de 15 anos frequenta o Cecoia e participa do Projeto Alvo.

Magali estudou desde criança na escola Thomás Alves, no distrito de Sousas, que fica praticamente em frente à Unidade I do Cecoia. Em 2005, devido às atividades do Projeto Alvo, passou a estudar no período noturno. Atualmente cursa a 3ª e última série do ensino médio. Ela não gosta da escola, diz que já foi boa, mas hoje é uma grande bagunça, pois nem professores nem alunos colaboram. Tanto a diretora como a coordenadora são muito autoritárias. Não há diálogo com os alunos, elas gritam e os xingam de marginais.

Ela diz que a maioria dos professores não se preocupa nem com o mercado de trabalho nem com o vestibular. Ela estava indecisa entre a carreira de administração, para trabalhar em empresas como Bosch ou IBM; ou prestar vestibular para pedagogia.

Magali começou a frequentar o Cecoia com 6 anos. Os irmãos mais velhos já haviam frequentado o local, quando a mãe resolveu procurar a instituição para não deixar os filhos na rua, para que tivessem uma ocupação no período fora da escola.

Quando era criança, a jovem gostava muito das atividades socioeducativas da instituição. Principalmente das atividades que ocorriam no Colégio Notre Dame, como a fanfarra e as gincanas. Porém, ao se tornar adolescente, ela conta que se afastou um pouco da instituição por causa da relação com os monitores que, segundo ela, eram muito autoritários e não respeitavam os jovens.

Magali diz que gostou das oficinas do Centro de Memória e as achou muito importante. Gostava mais de atividades externas, como jornalismo e história oral porque, segundo ela, já ficava tempo demais sentada em sala de aula na escola e durante as outras oficinas, o que era tedioso.

Diz que aprendeu diversas coisas sobre o distrito de Sousas e seus moradores. Por exemplo, passou a entender os moradores do Beco, que quando havia enchente não saiam de lá não por “pirraça” e sim porque não tinham onde morar. E que também o Rio Atibaia, que corta o distrito, era muito limpo, e as mulheres antigamente até lavavam roupa em suas águas.

Achou que as oficinas a ajudaram muito a conseguir um emprego e também a ajudaram a mudar de postura em sala de aula, pois era muito tímida, tinha dificuldade em se expressar e, após entrevistar as pessoas, passou a se soltar mais. Porém admitiu que faltava muito e tinha pouco interesse pelas atividades. Acredita que, se estivesse lá hoje em dia, aproveitaria bem mais.

No mesmo período em que participava das oficinas do Centro de Memória, Magali fazia parte também do Projeto Alvo. Segundo ela, havia aulas teóricas uma vez por semana e algumas

atividades de visitas a clubes. Ela participou durante três anos do projeto e só no final conseguiu uma vaga no Clube Fonte São Paulo. Para ela, o curso do projeto ensinou bastante coisa, porém era muito teórico.

Com o Projeto Alvo, Magali conseguiu uma vaga de aprendiz no Clube Fonte São Paulo. Foi o primeiro emprego; ela havia feito entrevista, durante a frequência no projeto, nos clubes Regatas, Círculo Militar e Hípica sem sucesso. Porém, segundo conta, o que atrapalhava é que era muito nova, tinha 14 anos. Faz dois anos que ela trabalha no Clube Fonte São Paulo e já foi efetivada como auxiliar administrativa, com carteira registrada, para fazer serviço de banco, atender sócios, entre outras coisas.

Gosta muito do trabalho que faz, porém diz que continuar trabalhando lá “não tem futuro”, pois não há como ascender na carreira – de auxiliar administrativa chegaria no máximo ao cargo de secretária. Pretende mandar currículo para empresas maiores e contar com o apoio de diretores do clube que tem cargos nessas empresas.

O salário é praticamente todo entregue para a mãe, pois acabaram de comprar um terreno e estão construindo uma casa. Para a garota, trabalho é sinônimo de independência, poder comprar o que quiser, sem ter de pedir para a mãe. Mas também vem acompanhado de grande responsabilidade. Não deixaria de trabalhar em hipótese nenhuma e, “se ganhasse um milhão”, trabalharia por esporte.

Magali relatou uma rotina bastante atribulada: acordava todos os dias às 6h00 da manhã, entrava às 8h00 no trabalho e ficava até as 17h00 da tarde. Chegava em casa, jantava e ia para a escola, onde entrava às 19h00 e saía às 22h55.

Na sexta à noite e finais de semana gostava muito de ficar em casa conversando com a mãe e com as irmãs, pois as vê pouco durante a semana. O lazer preferido era ir ao shopping ou comer cachorro-quente próximo a sua casa. Gostava também das festas típicas no bairro, como a Festa de Sant'Anna.

Dois anos e oito meses após a primeira entrevista, reencontramos Magali, que ainda estava trabalhando no Clube Fonte São Paulo, porém atualmente um pouco mais desanimada com a rotina no trabalho e a falta de perspectiva – continuava querendo mudar de emprego.

A jovem havia passado no vestibular e no próximo ano iria começar a cursar administração de empresas numa faculdade particular. Estava bastante animada com o fato.

1.3.2. Anderson

Entrevista realizada em 19/06/2008



O primeiro contato com Anderson foi bem tranquilo, ele aceitou de pronto vir conversar, e marcamos então na casa dele. Anderson disse que morava na COHAB de Sousas, porém no local há uma grande favela, conhecida popularmente como Sapolândia. No local, as ruas são de terra e as casas, na maioria, inclusive a de Anderson, são de alvenaria, mas

ainda em construção, com tijolos à vista e sem acabamento.

Anderson, moreno, cabelos ondulados, meio gordinho, esperava-me na porta, ao lado de uma tia. Desde o início ele foi bastante simpático. Na época estava com 17 anos, nasceu em Campinas, mas morava em Sousas desde bebezinho. Primeiro morou em uma fazenda na região, onde o pai era caseiro; depois na casa dos avós; e há seis anos na casa atual, com os pais e uma irmã de 9 anos e um irmão de 5. Os pais nasceram no Paraná e migraram para Campinas ainda jovens, ele não sabe precisar exatamente em que época. O pai trabalhava como autônomo fazendo serviços diversos em condomínios de Sousas, serviços de jardinagem, pintura, entre outros. A mãe era empregada doméstica havia dez anos numa casa de família trabalhando com registro em carteira.

Anderson cursava o 1º ano do ensino médio na Escola Thomás Alves, onde estudou desde a 1ª série, porém chegou a passar meio ano em uma escola de Campinas e mais um ano num outro colégio no distrito de Joaquim Egídio, voltando no ano seguinte para a Thomás Alves. Foi

reprovado por duas vezes, uma quando estava na 6ª série, por faltas, e outra no 1º ano do ensino médio, também por faltar muito. Segundo ele, nesse período, trabalhava com o tio e ficava muito cansado, então acabava não indo às aulas. Ele diz gostar da escola, porém não acha o ensino de boa qualidade. Diz que o que aprendeu na escola não o ajudou a conseguir emprego e por enquanto ainda não havia usado esse aprendizado. Pretendia fazer faculdade de veterinária porque gosta bastante de bichos. Os pais o pressionam a continuar estudando para conseguir um emprego melhor e não ter de trabalhar como eles de empregado doméstico ou pedreiro.

Anderson contou que começou a frequentar o Cecoia com 12 ou 13 anos, não se lembrava exatamente. Foram amigas da mãe que indicaram o local, dizendo que era bom. Antes ele frequentava outra ONG de Sousas, o Núcleo Assistencial e Educacional da Criança e do Adolescente (Naeca), porém o local era muito desorganizado e ele não gostava. Sempre gostou de frequentar a instituição, das atividades esportivas, cursos de informática, os quais o ajudaram bastante, e também de passeios ao Hopi Hari. Relatou que tinham aulas de reforço e recebiam bastante apoio para melhorar o desempenho na escola. Ter frequentado o Cecoia ajudava na hora de conseguir emprego, pois em Campinas muitas empresas conhecem a instituição e apreciam o trabalho feito lá. Ele parou de ir à instituição após ser demitido do estágio que fazia no Clube Hípica.

Ao falar das oficinas do Centro de Memória, ele não se lembrava muito de todas, mas disse ter gostado mais da de fotografia, pois saíam fotografando pelo bairro. Para ele, as oficinas não ajudam diretamente a conseguir emprego, pois, segundo contou, não havia conseguido pegar o diploma ao final – e apresentar um diploma numa entrevista de emprego é fundamental. Porém, o que aprendeu nelas ajudou bastante, por exemplo, a falar com as pessoas e a “negociar”, pois eles saíam em busca de patrocínio, em forma de anunciantes, entre os comerciantes locais, para o jornal comunitário. Ele lembrava também de algumas histórias sobre Sousas de antigamente, contadas pelos entrevistados na oficina de história oral. Em 2005, concomitantemente às oficinas do Centro de Memória, Anderson participou também do Projeto Alvo. Segundo ele, as aulas do Projeto eram sobre “comportamento no serviço”, voltadas mais para a parte administrativa, porém, quando começavam a trabalhar nos clubes, tinham de fazer “de tudo”, como ajudante-geral.

Ele relata que conseguiu o primeiro emprego estagiando no Clube Regatas de Campinas pelo Projeto Alvo com quinze anos. Porém só trabalhou lá por dois meses na parte administrativa, pois lhes disseram que haviam contratado muita gente, que houve um “excesso de funcionários”. Isso o desanimou bastante, pois dizia ser muito chato começar num emprego sabendo que teria de sair após o tempo estabelecido de estágio. Depois de deixar o Regatas, foi ajudar o pai fazendo jardins. Logo em seguida foi trabalhar em um supermercado da região como empacotador, lá tinha registro em carteira, mas também ficou apenas um mês, pois o movimento do mercado diminuiu. Em seguida, Anderson foi trabalhar com o tio como ajudante de topógrafo, “por cinco ou seis meses” sem registro em carteira. Ele diz que não gostava do trabalho, pois tinha de entrar em mata fechada, era perigoso e estressante, e ele acabava ficando sem ânimo para ir à escola.

No momento da primeira entrevista, ele estava desempregado e ajudava o pai em serviços na região. Não ganhava salário fixo do pai, mas quando queria comprar algo o pai lhe dava o dinheiro. Estava mandando currículo para diversos lugares, para supermercados da região, procurou agência de emprego via internet e já fez várias entrevistas, mas ainda não havia sido chamado em nenhuma.

Para ele, trabalho é sinônimo em primeiro lugar de dinheiro, porém, também deve ser prazeroso, pois acredita que não adianta só ganhar dinheiro e trabalhar em algo que não goste e seja chato. Anderson contou que antes saía bastante, frequentava boates em Campinas na companhia dos primos, mas que agora não tem saído muito. Segundo ele, diversão em Sosas é caro e não há muita coisa para fazer. De vez em quando vai às festas típicas do distrito ou se reúne na casa de parentes para fazer churrasco.

Em nosso último encontro, dois anos e meio depois, Anderson estava diferente, mais animado e falante. Contou que estava trabalhando em um restaurante desde março daquele ano. Porém estava preocupado, porque não sabia se havia passado de ano na escola, pois tinha faltado muito devido ao cansaço do trabalho. O jovem disse que queria terminar logo o ensino médio, já que tinha vontade de fazer faculdade, queria cursar publicidade e propaganda.

1.3.3. Fernando

Entrevista realizada em 06/09/2008



Resolvi entrar em contato com Fernando por indicação da Magali. Encontramo-nos em um shopping do distrito, sábado pela manhã. Fernando é um rapaz alto, cabelos curtos, muito bem penteados, ar sério e bastante tímido. No começo ele estava um pouco tenso e respondia as perguntas sem se prolongar muito,

mas durante a entrevista ficou mais à vontade.

Fernando contava 19 anos no momento da entrevista e morava com a mãe e uma irmã mais nova, de 15 anos, que também frequenta o Cecoia. O pai faleceu. A mãe veio do Paraná ainda criança para Campinas e era diarista. Numa das casas trabalhava três dias por semana com registro em carteira

O jovem cursava a 2ª série do ensino médio na Escola Thomás Alves. Cursou todo o fundamental em uma escola municipal do distrito. Disse que não gostava de estudar e ia à escola mais por causa dos amigos. Para ele, o que aprendia não tinha muita utilidade na hora de conseguir trabalho, e o mais importante é terminar logo os estudos, pegar o diploma e conseguir um trabalho melhor.

Ele fazia curso de informática aos sábados em uma escola particular no centro de Campinas. Fernando é apaixonado por informática, tanto que aos domingos fazia um bico numa *lan house*. Para ele, a informática auxilia muito no trabalho.

Relatou que havia começado a frequentar o Cecoia com 14 anos, mas não se lembrava ao certo. A mãe ficou sabendo da instituição por colegas e resolveu matriculá-lo para que ele não ficasse sozinho em casa ou brincando na rua. No começo ele disse que não gostava de ir, preferia ficar em casa dormindo, mas com o tempo foi se acostumando e até chegou a apreciar as atividades.

Das oficinas oferecidas pelo Centro de Memória ele não se lembrava muito bem. A que ele gostou mais foi fotografia, pois aprendeu melhor a tirar fotos. Disse também que em jornalismo aprendeu como funciona e como fazer um jornal comunitário. Também disse que a partir das oficinas se soltou e ficou mais desinibido, pois tanto na escola quanto no Cecoia quase não falava. Segundo o jovem, se ele pudesse opinar sobre escolha de temas de oficinas para jovens, acha que seria importante inglês e informática, pois é o que sente falta no dia a dia.

Fernando também participou do Projeto Alvo e acha que as aulas ajudavam a mostrar a maneira de agir durante as entrevistas, o que se deve ou não fazer nesse momento. Pelo projeto, foi encaminhado para uma entrevista no clube Hípica e conseguiu o estágio. Lá ficou por dois anos e passou por diversos setores: almoxarifado, elétrica, serralheria, pintura e por fim no escritório dos engenheiros, onde gostou mais. Disse que preferia as funções internas do clube. Segundo relatou, a experiência de ter trabalhado na Hípica e o currículo o ajudaram muito a conseguir outros trabalhos.

Ao final do estágio, Fernando ficou sabendo por um amigo de uma vaga em uma loja de locação de brinquedos para festas. Lá ficou pouco, cinco ou seis meses trabalhando no escritório. Saiu por causa do baixo salário. Depois foi trabalhar em uma loja de restauração de móveis, e o que deveria ser um bico de dois meses durou um ano. Em nenhum dos dois locais tinha registro em carteira. Fazia dois meses que estava trabalhando em um escritório de contabilidade com registro em carteira.

Apesar de gostar do trabalho, diz que não se dá muito bem com contabilidade, não gosta muito de mexer com documentos. Fernando não está acomodado no emprego, apesar de não estar

mandando currículo, diz que não pretende ficar lá por muito tempo, assim que aparecer algo melhor ele troca. Para ele, trabalho é sinônimo de necessidade, responsabilidade e dinheiro. Aos domingos, faz um bico em uma *lan house*. O dinheiro que recebe, segundo disse, não é suficiente, mas comprou um computador, paga a internet, compra roupas e de vez em quando sai com os amigos para tomar lanche. Às vezes precisa ajudar em casa, mas não é sempre.

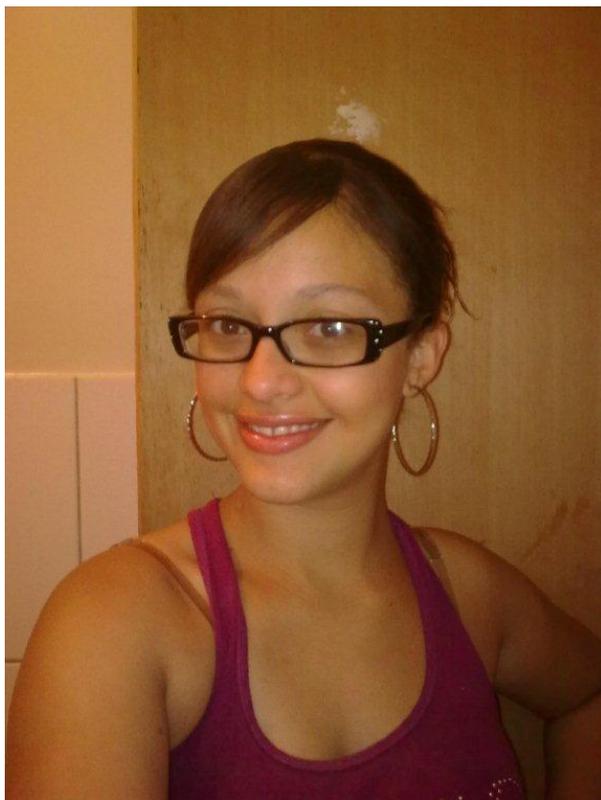
Fernando relatou uma rotina corrida, durante a semana começava a trabalhar às 08h00, almoçava em casa e depois voltava ao trabalho até 17h30. Ia pra casa, descansava um pouco e rumava para a escola, até 22h55. Voltava para casa e ainda mexia um pouco no computador. Aos sábados, tinha a manhã livre e à tarde ia para o curso de informática. Domingo passava o dia trabalhando na *lan house*. Sai às vezes com amigos, normalmente para ir ao shopping, ao cinema ou ao McDonald's, também saía para comer cachorro-quente no próprio bairro.

Em nosso último encontro, um ano e três meses depois, achei Fernando menos sério e mais brincalhão, provavelmente o fato de estar em grupo o fez se soltar mais. O jovem continuava trabalhando no escritório de contabilidade e estava feliz por estar entrando de férias naquele dia.

Está terminando o ensino médio neste ano e disse ter certeza da aprovação. Não estava mais trabalhando na *lan house* ao domingos, porém disse que em breve voltaria a esse trabalho. Contou que pretendia fazer faculdade e também um curso técnico, porém no momento queria descansar da escola e do trabalho e que ao longo do ano voltaria a pensar na questão.

1.3.4. Júlia

Entrevista realizada em 26/03/2009



Após diversas negativas de alguns jovens em conceder a entrevista, consegui conversar com Júlia, que apesar de ter sido meio reticente ao telefone concordou. Marcamos numa quarta-feira pela manhã na casa dela, no bairro Vila Brandina, em Campinas. Júlia foi me encontrar em um campo de futebol próximo a sua casa, depois de deixar o filho, Bruno, na creche do bairro. Ela mora no comezinho da favela da Vila Brandina, casa simples, ainda não completamente terminada. Bastante falante, simpática, cabelos crespos presos, usa óculos. Tinha completado 18 anos no dia anterior. Mora somente com a mãe e o filho de quase 1 ano. Os

pais são separados, a mãe é diarista em casa de família e num escritório, onde tem registro em carteira e estudou até a 4ª série do ensino fundamental. O pai é pintor autônomo, mora no bairro, próximo à casa de Júlia.

A jovem cursava o 2º ano do ensino médio no colégio Alberto Medajon, no mesmo bairro onde mora. Estudou no Thomás Alves até a 8ª série e depois se transferiu. Arrepende-se bastante de ter mudado de escola porque apesar da escola na qual atualmente estuda ser bem melhor que a anterior, pois é mais organizada, o ensino tem mais qualidade e os professores se utilizam de materiais diversificados, nesta escola é mais “difícil” passar de ano. No Thomás Alves, ela também tinha uma turma de amigas, onde “uma ajudava a outra”. Foi reprovada no ano anterior

porque depois que ficou grávida passou a faltar muito. Acha que acontecerá o mesmo neste ano, já que há dias da semana em que não pode ir porque não tem com quem deixar o filho. Júlia diz que gostaria de fazer a prova de eliminação de matérias para concluir logo o ensino médio, pois sem diploma é muito difícil conseguir um “emprego decente”¹⁶, porém a mãe não a deixa desistir e quer que ela frequente a escola. A jovem estava bastante desestimulada, pois as colegas de sala eram mais novas e imaturas do que ela; havia muita bagunça, e Júlia se sentia deslocada. Desde que o filho ficou internado, passou a gostar de trabalhos ligados à área de saúde, mas ao se informar sobre fisioterapia ficou um pouco desanimada por ser um curso de quatro anos, pensa então em algum curso técnico nesta área.

Júlia ficou sabendo do Cecoia pelos primos, que haviam passado por lá, e a mãe a matriculou na instituição assim que saiu da creche, com 7 anos, e ficou lá, segundo ela conta, “quase uma vida”. A mãe tentou primeiramente matriculá-la em uma ONG do bairro, porém foram informadas que a instituição atendia pessoas mais carentes e não a aceitaram. Ela conta que ia na parte da manhã para o Cecoia, usava a brinquedoteca, fazia artesanato, tomava banho e depois ia para a escola. Lembrou também que participava da fanfarra do Colégio Notre Dame. Ela disse que tinha muita preguiça de ir e que, quando ficou adolescente, imaginava o local “meio como uma creche”, o que a fazia desanimar, mas que hoje dá valor ao tempo em que ficou lá, pois o fato de ter frequentado a instituição e ter podido colocar os cursos que faz por lá no currículo ajudariam muito a conseguir um emprego. Porém, ela diz que, por ser sempre muito falante e questionadora, via que as monitoras se incomodavam com seu jeito crítico.

Sobre as oficinas do Centro de Memória, Júlia disse que adorou ter participado, principalmente de fotografia e história oral. Chegou até a pensar em ser fotógrafa, mas depois percebeu que não levava nenhum jeito para isso. Gostou muito de fazer entrevistas com os moradores mais idosos do distrito, pois aprendeu bastante coisa sobre o bairro que não conhecia.

¹⁶ A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define “trabalho decente” como trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna.

Citou também a oficina de jornalismo, na qual se deveria trabalhar em equipe, cada um responsável por uma parte da elaboração do jornal comunitário.

Júlia relatou que achou bastante importante ter participado do Projeto Alvo, pois nas aulas aprendia como se portar numa entrevista de emprego e o que deveria ou não fazer. Por meio do projeto ela foi encaminhada a uma entrevista e, depois de aprovada, passou a estagiar no Clube Hípica de Campinas. Lá ficou por um ano e meio. Trabalhou em diversos setores internos, como atendimento a sócios, tesouraria e também na organização de eventos, da qual ela mais gostou, ajudando a organizar festas de debutantes. Não conseguiu ser efetivada, segundo relatou, porque o clube deveria reservar as vagas para outros aprendizes. Ao sair da Hípica diz que, por alguma indicação do Cecoia, recebeu um telefonema do Banco BVA para uma entrevista e começou a trabalhar lá. No período, porém, descobriu que estava grávida e passou a ter mal-estar. Achou que desconfiaram de algo no banco e antes de a mandarem embora não voltou mais ao emprego. Ainda grávida começou a trabalhar num quiosque de lanches de uma amiga da mãe. Mas como passava muito mal ficou apenas um mês e decidiu ficar em casa até o bebê nascer. Após o nascimento do filho, por indicação de uma amiga, começou a trabalhar num quiosque de Donnuts num shopping popular de Campinas. Como é muito comunicativa, disse que se saía muito bem nas vendas e era sempre elogiada pelo patrão, tanto que quando teve de sair as vendas do quiosque baixaram tanto que acabou fechando. Nesse ínterim, o filho ficou doente; e ela mais uma vez teve de abandonar o serviço, porque “filho se a gente perder não tem outro, agora emprego a gente arranja outro rapidinho”. Na época da entrevista, Júlia cuidava de um menino de 8 anos, durante meio período, e estava procurando emprego. Apesar de gostar de trabalhar com público, disse que qualquer emprego servia, pois ela precisava muito de dinheiro. Pensava em procurar em fábricas, devido à estabilidade que via nesse tipo de emprego. Mas seu sonho mesmo era trabalhar no Cecoia, pois lá eles já a conheciam e, caso o filho tivesse algum problema de saúde, eles entenderiam eventuais ausências. Tinha receio de pedir emprego, mas estava criando coragem para fazê-lo.

Júlia se ressentia das mudanças que ocorreram em sua vida após o nascimento do filho. Antes passeava muito, o final de semana começava na quinta e só terminava na madrugada de

segunda. Todo o dinheiro que ganhava era seu, não precisa ajudar em casa. Tinha atenção total da mãe, que sempre a presenteava com algum mimo. Após o nascimento de Bruno, porém, tudo mudou. No momento da entrevista contou que praticamente não saía de casa; via as primas indo para a balada, divertindo-se e ela trancada. Disse que a maioria das amigas se afastou dela. Tinha um namorado, mas não podiam sair junto, o que estava desgastando a relação porque, segundo contou, a mãe, além de não se dar bem com ele, não ficava cuidando do neto quando eles queriam sair, a não ser se era para ir à escola. Recebia do Bolsa Família 150 reais, mas o dinheiro era todo para os gastos com o filho. Revelou que acredita que, “depois que aparece um filho na nossa vida, a gente perde tudo, eu posso dizer assim, a gente ganha de um lado, mas perde muito dos outros”.

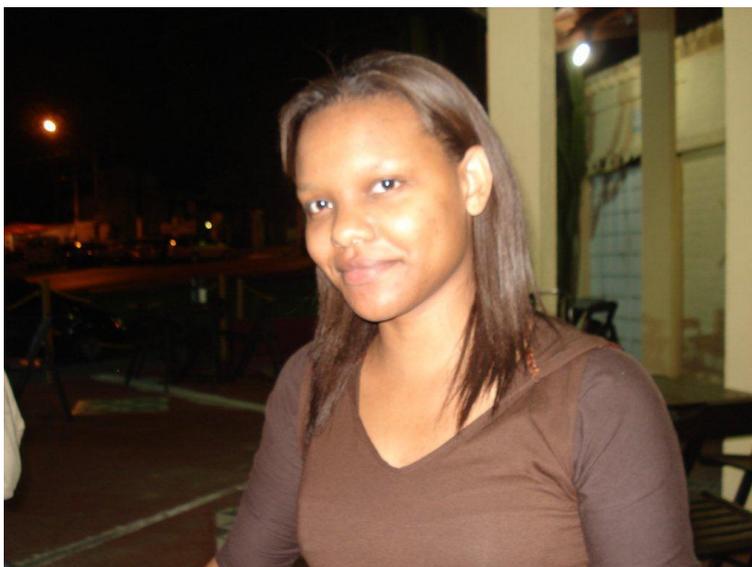
Até nosso último encontro, nove meses haviam se passado, e bastante coisa havia mudado na vida de Júlia. Um ano depois do primeiro encontro, a jovem tinha voltado a trabalhar na mesma rede de quiosques de Donnuts em outro shopping de Campinas, estava bastante contente com o fato e a única coisa que disse ser ruim do emprego é que tinha de trabalhar aos finais de semana. Júlia havia largado a escola assim que voltou a trabalhar.

Contou que os horários no trabalho eram bastante complicados, pois a impediam de continuar estudando. Disse que também que estava desanimada com os estudos e estava procurando um curso supletivo, pois achava importante terminar o ensino médio, mas não tinha paciência de frequentar as aulas.

Para nosso encontro em grupo, Júlia levou o filho, Bruno, que agora estava com 1 ano e 4 meses. No começo percebi Júlia um pouco incomodada com o garoto na lanchonete, pois, como toda criança dessa idade, ele tinha bastante energia e não parava quieto. Porém, os outros jovens brincavam com o menino, o que a fez relaxar e ficar mais à vontade. Disse que nesse meio tempo havia terminado o namoro, o que a deixou deprimida, sem sair de casa. Mas que se havia recuperado e saía com o rapaz esporadicamente. A relação com a mãe também havia mudado, agora que ela estava trabalhando disse que a mãe a respeitava e ajudava mais, ficando todas as noites com o filho para que ela pudesse trabalhar.

1.3.5. Ana Carolina

Entrevista realizada em 08/04/2009



Durante a entrevista com Júlia, ela havia me indicado o nome de uma amiga, Carol, que, segundo ela, trabalhava no Cecoia. Descobri, porém, que Carol estava trabalhando no Colégio Notre Dame, e acabamos agendando um encontro, no horário do almoço, na Unidade I do Cecoia. Cheguei, e ela estava a minha espera. Negra, alta, bem magra,

olhar sério. Fomos até a sala de informática da instituição, e percebi que ela era muito tímida. Achei que teria dificuldade na entrevista, porque ela no início era monossilábica, só respondia com “sim” e “não” às perguntas. Porém, aos pouquinhos, ela foi se soltando e se mostrou bastante articulada.

Carol tinha 19 anos, é nascida em Sosas e me contou que tinha mudado do distrito, fazia pouco tempo, para Campinas. Mora com o pai, metalúrgico da Bosch, a mãe, que é captadora de recursos no Cecoia, e duas irmãs mais novas, que também frequentam a instituição. O pai tem ensino médio completo. A mãe fez até a 4ª série, mas estava terminando o curso supletivo.

A jovem estudou até a 8ª série na Escola Thomás Alves e depois se transferiu para o colégio Francisco Barreto Leme, no distrito de Joaquim Egídio. Segundo relatou, no começo do ensino médio teve dificuldade na escola nova, porque o ensino era bem puxado e a escola mais organizada. Ao fim do último ano, em 2007, chegou a prestar vestibular para administração de empresas, porém não tinha conseguido entrar, mas estava se preparando e iria tentar novamente.

Ela relatou que a mãe soube da ONG na escola das filhas e resolveu matricular a filha menor para que ela não ficasse sem fazer nada em casa. Carol só começou a frequentar a instituição em 2005, então com quinze anos. No começo, ela diz que gostava por ser novidade, mas que logo ficou enjoada das atividades, que normalmente eram ouvir música, ver e discutir vídeos com a monitora ou frequentar um clube próximo, onde os meninos jogavam bola e as meninas ficavam conversando. Ela lembrava também da importância de ter feito alguns cursos pelo Cecoia em outras instituições, como informática, por exemplo.

Para ela o que dinamizava o Cecoia foram justamente as oficinas do Centro de Memória juntamente com o curso do Projeto Alvo. Carol conta que o interesse dela por *web design* e por informática em geral surgiu durante as oficinas de informática do CMU, e que eles utilizavam esses recursos na elaboração do jornal comunitário *Antena Jovem*. Hoje, ela faz um curso para aprofundar os conhecimentos. O saber adquirido com as oficinas e com os cursos que fez pelo Cecoia a levou a conseguir vaga como monitora de informática na própria instituição.

Após frequentar seis meses de curso no Projeto Alvo, Carol conseguiu vaga no Clube Hípica, o primeiro emprego, onde trabalhou por um ano e meio como aprendiz, principalmente no setor de secretaria e administração. Após sair da Hípica, no fim do contrato de aprendiz, surgiu a vaga de monitora de informática no Cecoia, e ela foi indicada. Lá trabalhou, com registro em carteira, por seis meses, com as crianças da instituição e também ensinando a comunidade. Enquanto atuava como monitora, surgiu a oportunidade de trabalhar no Colégio Notre Dame como secretária, na secretaria extracurricular, o que ela achou importante, já que a função que exerceria lá era bem próxima da carreira que ela almeja seguir. Para a jovem, trabalho é sinônimo de responsabilidade e maior liberdade em termos financeiros.

Carol tinha uma rotina bastante agitada, entrava às 08h00 no trabalho e ficava até as 18h00. Alguns dias da semana ia a um curso na igreja que frequenta, a Igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias. Aos finais de semana, quase sempre volta para Sousas, na casa da avó. Lá faz caminhadas com as amigas em Joaquim Egídio ou vai a lanchonetes do bairro.

Oito meses depois de nosso primeiro encontro eu estava bastante curiosa para conversar com a jovem, pois no telefone ela me disse que havia mudado de emprego, não estava mais como secretária do Colégio Notre Dame.

A jovem foi a última a chegar, pois trabalha em um bairro bastante afastado do distrito de Sousas. Ela contou que estava trabalhando com arte-finalização e bastante satisfeita, pois tinha conseguido ficar na área que realmente gostava e agora tinha uma profissão e não só um emprego. Carol não estava estudando, mas disse que tentaria o vestibular no meio do ano para análise de sistemas na PUC de Campinas.

Carol havia se organizado para passar o final de semana, como já fazia antes, na casa da avó em Sousas.

CAPÍTULO 2: JOVENS E MERCADO DE TRABALHO

Como as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, a partir dos anos 1990, afetaram e afetam o emprego de jovens no Brasil, em especial Campinas e os jovens entrevistados nesta pesquisa? Qual a situação atual desses jovens com relação a emprego? Qual a importância do trabalho em suas vidas? Quais as estratégias utilizadas por eles para se inserir e se manter no mercado de trabalho e quais as perspectivas futuras?

Os anos 1990 têm sido caracterizados, pela bibliografia aqui analisada, como uma década marcada pela implementação de políticas neoliberais e reestruturação das atividades produtivas com reflexos importantes no mercado de trabalho, nos direitos sociais, em especial para alguns grupos sociais, entre eles os jovens e as mulheres (MORAES, 2001).

“A sociedade capitalista convive desde os seus primórdios com maior ou menor grau de exclusão social. Em função disso, o tema das desigualdades da economia de mercado não representa uma novidade” (POCHMANN, 1999, p.11).

Entretanto, observa-se que, em determinados períodos históricos, as desigualdades sociais e econômicas são mais profundas que em outros, ou seja, a crise não atinge todos os grupos sociais da mesma forma. Este autor afirma que estaríamos, no período aqui estudado, diante de novas vulnerabilidades sociais.

2.1. O Processo de Desestruturação do Mercado de Trabalho Brasileiro¹⁷

Entre 1930 e final da década 1970, o Brasil apresentava um mercado de trabalho relativamente estruturado, com taxas elevadas de expansão dos empregos assalariados com registro formal e redução das ocupações sem registro, por conta própria e sem remuneração. Entre 1940 e 1980, de cada dez ocupações geradas, oito eram assalariadas, sendo sete com registro e uma sem (POCHMANN, 1999). Tal padrão, segundo o autor, se rompe nos anos 1980 e na década seguinte se aprofunda, consolidando uma tendência de redução do assalariamento com registro e de expansão do desemprego.

A década de 1970 é um período de grande expansão industrial, dirigido a um mercado interno em crescimento e protegido pela política de controle de importação; marcado pelo crescimento da produção e do emprego industrial (LEITE, 2003).

Porém, no que diz respeito ao uso dessa força de trabalho nas indústrias, Abramo (1999) e Carvalho (1987) consideram isso como “formas predatórias de uso da força de trabalho”, pois são baseadas no controle do trabalho, cujas características principais são a extrema parcelização de tarefas, uso de força de trabalho não qualificada e altas taxas de rotatividade. Essas formas são características do modelo fordista-taylorista de produção. O fordismo se caracteriza como um sistema de produção associado a uma forma de racionalização, identificado pela produção em massa e tendo como princípio geral de organização do trabalho a fragmentação e a retirada do controle do trabalhador sobre o trabalho e a transferência para a gerência desse controle. No Brasil, o fordismo se estabeleceu de modo precário, com baixos níveis de qualificação e alta rotatividade dos trabalhadores e também baixos salários (SANTANA & RAMALHO, 2003)

¹⁷ Tomamos a noção de desestruturação de Marcio Pochmann, que afirma ter havido um processo de estruturação nos “anos de ouro do capitalismo” seguido de desestruturação após a crise dos anos 1970.

Na década de 1970, segundo Pochmann (1999), o Brasil leva adiante um modelo de crescimento econômico, que trazia esperanças de futuro, fundado na ampla difusão do emprego assalariado. Essa estruturação do mercado de trabalho se dá devido à consolidação do projeto de industrialização nacional juntamente com a institucionalização das relações de trabalho definidas com a implementação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) a partir da década de 1940.

Nos países de economia avançada, esse período é conhecido como “idade do ouro” e promoveu “condições favoráveis no mundo do trabalho, por meio (...) do desenvolvimento do Estado de Bem-Estar Social e da forte atuação dos sindicatos e partidos políticos comprometidos com os trabalhadores” (POCHMANN, 1999, p. 13), principalmente nos países europeus. O Estado é caracterizado pelo caráter intervencionista na economia no sentido de manter o pleno emprego. Um Estado que investe em saúde e educação pública gratuita para garantir que a maior parte do rendimento de salário do trabalhador seja de fato revertido para o consumo. É a consolidação da sociedade de consumo, onde há um repasse do crescimento das empresas para os salários. É isso que faz com que a classe trabalhadora da Europa tenha o poder aquisitivo aumentado. Entretanto, a partir dos anos 1970, o investimento no aumento da produtividade com repasse para salários – compromisso fordista – começa a se enfraquecer. Assim, a forma, predominante, de acumulação fordista funciona até os anos 1970, com o aprofundamento da crise econômica. A crise do petróleo, em 1973, a recessão entre 1974 e 1975, dentro de contextos de desemprego, redução de consumo e poucos aumentos salariais, parece pôr fim ao ciclo de crescimento do fordismo.

A profunda recessão de 1973, exacerbada pela crise do petróleo, (...) pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista. Em consequência as décadas de 70 e 80 foram um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político (HARVEY, 1992, p. 140).

Também nesse contexto, os trabalhadores questionam o taylorismo¹⁸, por ser portador de um “emburrecimento” do trabalho, da monotonia, dos trabalhos repetitivos; e reivindicam um trabalho prazeroso, enriquecedor, que os satisfaça, questionando, por meio dos sindicatos, a qualidade de vida no trabalho.

Para Pochmann (2001), os anos 1980, no Brasil, são considerados uma “década perdida”, pela profunda recessão que o país viveu, tendo conduzido a um caminho que já estava sendo percorrido pelos países de capitalismo avançado. A crise econômica atingia fortemente as atividades produtivas, e em especial o nível de emprego. Ao mesmo tempo em que se discutia o papel do Estado, abriram-se frentes para medidas de privatização de empresas estatais, de desregulamentação dos mercados (em especial de trabalho) e se transfere parcela importante de serviços sociais (educação, saúde, previdência social) para o setor privado.

Os direitos sociais universais (...) são substituídos por políticas compensatórias e focalizadas, que dão ao “cidadão” precavido – transmutado em cliente – a “liberdade” de adquirir no mercado a forma de proteção social que melhor lhe convém (...). O neoliberalismo converte-se em ideologia dominante porque se apropria e ressignifica demandas e aspirações de parcela das classes dominadas, invertendo-lhes o sentido. Nesse processo de inversão, direitos restritos são convertidos em “privilégios” e conquistas trabalhistas devem imperiosamente se desfazer (GALVÃO, 2007, p.37-8).

Pochmann (2001) localiza na passagem dos anos 1980 para os anos 1990 os sinais de desestruturação do mercado de trabalho brasileiro. A falta de um projeto de industrialização nacional e a crise da dívida externa inviabilizou a retomada do crescimento econômico sustentado. A partir desse período, observou-se crescimento do setor terciário da economia devido à diminuição do emprego na indústria. Nessa conjuntura, há um rápido processo de reestruturação na organização e nas relações de trabalho.

Convém fazer um destaque: embora os anos 1980 sejam considerados, em termos econômicos, como a “década perdida”, não se pode dizer o mesmo em termos políticos. No

¹⁸ Holzmann e Cattani (2006, p. 281) definem Taylorismo como “o conjunto de técnicas e princípios referentes à organização do processo de trabalho e a um sistema de remuneração que associa rendimento à produção”.

Brasil, essa foi a década de transição para a democracia, de grandes mobilizações sociais pelo direito a ter direitos, pela consolidação do movimento sindical, criação de partidos políticos, de fortalecimento da esfera pública.

Na mesma direção de Pochmann, Márcia Leite (2003) discute o processo de inserção do Brasil na economia globalizada por meio da abertura do mercado brasileiro às importações, pondo fim às políticas desenvolvimentistas de substituição de importações¹⁹. A partir daí pode-se falar num processo de reestruturação na economia brasileira, por meio do qual as empresas, utilizando os princípios da flexibilização, passam a se modernizar, investindo em mudanças organizacionais e novas formas de gestão do trabalho. Nesse período, ganha força o debate sobre “reestruturação produtiva” e “flexibilização” da produção e das relações de trabalho, em contraposição à denominada rigidez da produção fordista. Os anos de 1990 são marcados também pelas políticas neoliberais, onde temos como característica geral um esvaziamento do papel do Estado e uma política extensa de privatização, levando às maiores taxas de desemprego e diminuição da renda do trabalhador.

No que tange ao mercado de trabalho, evidencia-se, cada vez mais, um quadro de desestruturação, destacando-se altas taxas de desemprego²⁰, decréscimo do trabalho assalariado entre os ocupados, crescimento de postos de trabalho precário somado à degradação das condições de trabalho. A acumulação flexível do capital se assenta na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo (POCHMANN, 2000; HARVEY 1992). Para Santana & Ramalho (2003), a segurança do emprego assalariado foi substituída pelo desemprego e pelas formas de contratação flexível, assim como as políticas de proteção social cedem lugar às políticas de aumento da competitividade e produtividade.

¹⁹ Substituição das importações designa o processo de desenvolvimento do país “estimulado pelo desequilíbrio externo e que resulta na dinamização e diversificação do setor industrial. (...) é mais que a produção local de bens tradicionalmente importados” (SANDRONI, 1989, p. 302).

²⁰ Aumento de cerca de 16% em média a cada ano da quantidade de desempregados, cerca de duas vezes maior que as do final da década de 1980 (POCHMANN, 2001).

As altas taxas de desemprego no país no final dos anos 1990 são resultado de duas décadas de estagnação econômica e do modelo de inserção internacional totalmente desfavorável ao emprego nacional. Em 1999, o país ocupava o terceiro lugar no ranking mundial do desemprego, perdendo apenas para Índia, Indonésia e Rússia; sendo que em 1986 era o 13º (POCHMANN, 1999).

Pochmann se refere a esse período como a “epidemia do desemprego”. Durante a década de 1990, de cada dez empregos criados, dois eram assalariados, porém sem registro formal. Isso leva a apresentar a hipótese que, além de uma diminuição dos postos, houve também precarização das condições e relações de trabalho. Um dos motivos de desemprego em massa se deve à menor evolução dos postos de trabalho diante da expansão da PEA. Da população total que ingressou no mercado de trabalho no período, 62,5% conseguiram encontrar vaga, diferentemente dos 96,1% dos trabalhadores ingressantes nos anos 1980.

Segundo Pochmann (2001), a implementação de um novo projeto econômico de inserção competitiva do Brasil no mercado mundial pode ser identificada por meio das seguintes ações governamentais direcionadas: (I) menor diferenciação possível entre mercados interno e externo; (II) modernização de grandes empresas com fortes ligações no comércio internacional; (III) crescente dependência econômica e financeira do exterior; e (IV) passagem do Estado empreendedor para o estágio de regulador e focalizador das ações sociais, sendo a privatização uma oportunidade de formação de grandes grupos econômicos nacionais ou associados ao capital estrangeiro. Embora o Brasil nunca tenha sido um Estado do Bem-Estar Social no sentido amplo, como ocorreu em alguns países centrais do capitalismo, o esvaziamento do papel do Estado na implementação de direitos sociais comprometeu a geração de empregos – situação ainda mais grave por ser o Brasil um país periférico na economia capitalista.

Não menos importante foi a abertura do mercado para as importações, pois comprometeu significativamente a capacidade de geração de emprego no país ao longo dos anos 1990, sendo responsável pelo desaparecimento de 1,2 milhão de empregos pertencentes ao setor industrial.

Diante desse contexto que evidencia um mercado de trabalho flexível e de aumento de desemprego, como ficam os jovens? Quem foram os atingidos pelo processo de desestruturação do mercado de trabalho de que fala Márcio Pochmann?

2.2. Jovens: os Mais Atingidos pelo Desemprego

O desemprego não é fenômeno que atinge segmentos específicos da sociedade, ao contrário, ele se generaliza por quase toda a população ativa. Porém, as estatísticas evidenciam que são os segmentos mais jovens da população (entre 15 e 24 anos) e, também, as mulheres que sofreram mais impacto do movimento de flexibilização do mercado de trabalho que desemprega cada vez mais.

No final dos anos 1990, o relatório do Dieese (2001) analisando seis regiões (Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo) informa que a população jovem, de 16 a 24 anos, correspondia a 6,084 milhões de pessoas e representava cerca de 26% da população acima de 16 anos residente nessas áreas.

Do total de jovens, 70,2% (4,276 milhões) estavam no mercado de trabalho, dos quais 66,3% (2,876 milhões) como ocupados e 32,7% (1,4 milhão) como desempregados, compondo o que se pode chamar de PEA Jovem dessas regiões.

O Dieese, no relatório, interroga sobre as condições de inserção do jovem no mercado de trabalho, seja como ocupados (empregados) ou desempregados, e chega às seguintes conclusões.

- Nas seis regiões metropolitanas estudadas, apesar da taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho ser relativamente equivalentes às do conjunto da população com mais de 16 anos, o mesmo não ocorre com relação à taxa de desemprego. O patamar de desemprego para este segmento ultrapassou 30% em todas as regiões, sendo que a média para o total da população acima de 16 anos ficava em torno dos 20%, o que mostra as dificuldades de inserção no mercado de trabalho enfrentadas por esse segmento.
- Os mais jovens dentre este grupo, na faixa etária entre 16 e 17 anos, tinham menor participação no mercado de trabalho, o que pode ser explicado por uma prioridade em continuar estudando e pelo fato de muitas empresas preferirem contratar jovens com idade superior a 18 anos; e são os mais atingidos pelo desemprego, cujos fatores principais seriam menor grau de escolaridade e ausência de experiência anterior.
- As mulheres jovens também apresentavam menor taxa de participação no mercado de trabalho e maiores taxas de desemprego do que os homens jovens, acompanhando a tendência geral das dificuldades enfrentadas pelas pessoas do sexo feminino para obter ocupação.
- O mercado de trabalho é caracterizado pela precariedade, isto é, ausência de contrato de trabalho e de proteção por leis trabalhistas. Cerca de 40% dos jovens empregados, entre 16 e 24 anos, atuavam em postos de trabalho vulneráveis²¹; submetendo-os à privação dos direitos sociais do trabalho e a jornadas de trabalho, muitas vezes, superiores àquela legalmente definida.
- A baixa remuneração pelo trabalho – exatamente por ocupar postos vulneráveis – era devido à pouca idade e experiência e falta de qualificação profissional adequada. Os jovens recebiam pelo trabalho, em média, entre 38,% e 55,6% do rendimento médio mensal dos ocupados com mais de 16 anos. Mesmo com rendimento baixo, a renda dos jovens muitas vezes é fundamental na composição da renda familiar.

²¹ Inclui os assalariados sem carteira, os autônomos que trabalham para o público, os trabalhadores familiares não remunerados e os empregados domésticos.

- A jornada de trabalho semanal dos jovens no mercado de trabalho “foi (...) ligeiramente inferior ou igual a dos ocupados (...) à exceção (...) da situação vivida (...) no emprego doméstico (...). Porém apesar de trabalharem a mesma quantidade ou poucas horas a menos do que o conjunto dos ocupados, boa parcela dos jovens cumpriam jornadas superiores à máxima legal (44 horas semanais) (Dieese, 2001, p. 160).

A última pesquisa Pnad 2007 mostra que o Brasil tem hoje 50,2 milhões de jovens (considerando jovens os indivíduos na faixa etária entre 15 e 29 anos), o que corresponde a 26,4% da população. Segundo os dados, 30,4% desses jovens são considerados pobres porque viviam em famílias com renda domiciliar *per capita* de até meio salário mínimo; 53,8% pertenciam ao extrato intermediário, com renda domiciliar *per capita* entre meio e dois salários mínimos; apenas 15,8% viviam em famílias com renda superior a dois salários mínimos.

O nível de ocupação (empregado ou procurando emprego) é de 62,2% entre o segmento de 18 a 24 anos, e houve diminuição na taxa de atividade para o segmento entre 16 e 17 anos, mostrando postergação da entrada desse segmento no mercado de trabalho. O dado não nos permite concluir se o adiamento se deve às políticas públicas de retardo de ingresso no mercado de trabalho ou se está associado ao desemprego.

A Tabela 1 abaixo evidencia o desemprego juvenil. Apesar de um pequeno decréscimo na porcentagem de jovens desempregados, entre 2006 e 2007, ainda é bastante grande a dificuldade dos jovens com relação à participação no mercado de trabalho. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2007, do IBGE, do total de desempregados, 4,6 milhões eram jovens, representando 63% total de desempregados no país.

Tabela 1 - Participação da população jovem no desemprego – Brasil – 2006 e 2007

Faixa etária	2006	2007
15 a 29 anos	63,8%	61,4%
15 a 17 anos	9,6%	9,4%
18 a 24 anos	38,4%	35,6%
25 a 29 anos	15,8%	16,3%

Fonte: Pnad/IBGE, 2007

2.3 Os Jovens do Distrito de Sousas e a Relação com o Trabalho

Diante do quadro traçado anteriormente, como se estabelece a relação dos jovens pesquisados em relação ao trabalho? Como é a situação atual desses jovens e quais as perspectivas de inserção no mercado de trabalho? Qual a importância que o trabalho tem em suas vidas e estratégias para se manter ou ascender no mercado de trabalho?

Dos cinco jovens entrevistados no primeiro momento, três estavam inseridos formalmente no mercado de trabalho: Carol, como secretária no Colégio Notre Dame; Magali, como auxiliar administrativa no Clube Fonte São Paulo; e Fernando, como auxiliar administrativo em um escritório contábil. Anderson trabalhava como ajudante do pai fazendo bico de jardineiro, pintor, eletricitista e outros serviços gerais. Não tinha salário fixo, o pai lhe comprava as coisas de que precisava. Júlia estava desempregada, a única renda que tinha era o auxílio do Bolsa Família²², no valor de 140 reais, sendo 70 reais para ela e 70 reais para o filho.

Após quase dois anos da primeira entrevista, houve mudanças na trajetória desses jovens e atualmente todos se encontram inseridos no mercado de trabalho, porém com percursos bastante heterogêneos. Magali e Fernando estavam no mesmo emprego há mais tempo; Magali há quatro

²² O Programa Bolsa Família (PBF) de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de 70 reais a 140 reais) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até 70 reais), de acordo com a Lei Federal nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e o Decreto Federal nº 5.209, de 17 de setembro de 2004. O programa pauta-se na articulação de três dimensões essenciais à superação da fome e da pobreza: promoção do alívio imediato da pobreza, por meio da transferência direta de renda à família; reforço ao exercício de direitos sociais básicos na área de saúde e educação, por meio do cumprimento das condicionalidades, o que contribui para que as famílias consigam romper o ciclo da pobreza entre gerações; coordenação de programas complementares, que têm por objetivo o desenvolvimento das famílias, de modo que os beneficiários do Bolsa Família consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. São exemplos de programas complementares: geração de trabalho e renda; alfabetização de adultos; fornecimento de registro civil e demais documentos. Disponível em <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia/o-que-e>. Acesso em 21/12/2009.

anos; e Fernando há dois. Júlia e Anderson haviam conseguido se inserir no mercado de trabalho, porém em empregos destituídos de um conteúdo que ambos considerassem importante, pois desenvolviam funções sem qualificação. Carol foi a única que disse ter hoje uma profissão e não somente um emprego.

Para esses jovens há uma diferença entre um emprego destituído de conteúdo, que não requer qualificação, e uma profissão, qualificada e com conteúdo, associada à preparação escolar, formação e treinamentos, por meio da qual eles possam desenvolver funções específicas, para as quais foram preparados. Os cinco jovens pesquisados buscam empregos qualificados, isto é, com essas características.

Os cinco jovens iniciaram no mercado de trabalho por meio de estágio em clubes de Campinas, dentro do Projeto Adolescência com Liberdade e Visão de Oportunidade (Alvo). Todos consideram esse estágio como a entrada de fato no mercado de trabalho, porém há bastante heterogeneidade no percurso de cada um. Quatro deles, Fernando, Magali, Carol e Júlia, estagiaram entre um ano e meio e dois anos, prazo máximo do estágio de acordo com a Lei do Aprendiz²³. Anderson estagiou por apenas dois meses. Segundo o jovem, o clube admitiu mais

²³ Lei 10.097, ou Lei de Aprendizagem, sancionada em 19 de dezembro de 2000. Com este instrumento legal, se tornou possível aliar a qualificação profissional de jovens com idade entre 14 e 18 anos incompletos, por meio das unidades mantidas pelo sistema S (Senai e Senac), escolas técnicas ou entidades do terceiro setor, ao seu ingresso no mercado de trabalho, garantindo ao mesmo tempo as determinações da Constituição Federal e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A Lei 10.097 estabelece, entre outras coisas, que toda empresa de médio e grande porte deve contratar um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% de seu quadro de funcionários. O contrato dos aprendizes será por prazo determinado, não podendo ser superior a dois anos. Entre as peculiaridades do contrato de aprendizagem em relação aos contratos de outros trabalhadores está a inexistência da obrigatoriedade de pagamento de multa rescisória em caso de demissão e uma redução na alíquota de FGTS do empregador de 8% para 2%. A remuneração do aprendiz será de um salário-mínimo/hora proporcional à sua jornada de trabalho (limite de 40 horas semanais, já previsto o período destinado à formação teórica). A contratação do aprendiz poderá ser feita pela empresa ou pela entidade certificadora. Na segunda hipótese, se a entidade for isenta do pagamento de INSS a empresa também deixa de repassar a cota patronal desse tributo referente ao aprendiz. É importante ressaltar que a Lei de Aprendizagem veta a contratação do adolescente para o exercício de funções inadequadas a sua faixa etária e concilia a prática profissional com a educação profissionalizante e com o ensino formal. No dia 15 de junho de 2005, uma medida provisória do Governo Federal, que cria o projeto Escola de Fábrica, ampliou o limite máximo de idade dos aprendizes de 18 anos incompletos para 24 anos incompletos.

funcionários do que a demanda e acabou tendo de demitir os recém-contratados. Para ele, a experiência acabou sendo frustrante, porque é ruim iniciar um trabalho sabendo que depois de um determinado período esse estágio acabará e você terá de deixar o emprego. Anderson, assim como os demais jovens participantes da pesquisa, buscam um emprego no qual tenham estabilidade, que possibilite construir relações sociais e vínculos e, assim, que os faça fazer parte de um grupo, permitindo que eles se sintam inseridos de fato na sociedade.

Para esses jovens a experiência do estágio é vista como importante, segundo dizem, para procurar novos empregos, pois podiam dizer que tinham experiência anterior em clubes conceituados. Dessa maneira percebemos que para esses jovens a noção de qualificação considera as qualidades do trabalhador e os requisitos dos postos de trabalho. A fala de Fernando e Júlia demonstram a relevância dessa experiência, do tipo de emprego e do local de trabalho:

– Acho que ajuda sim, porque depois que você sai de lá, aí chegava na entrevista de emprego e eu falava: “ah, tenho experiência na Hípica”. Aí eles já mudavam. Aí perguntavam: “ah, mas por que você saiu?” – “Acabou o contrato, eu trabalhava de aprendiz”. Tudo eu acho que facilitou assim (relato de Fernando).

– Eu acho que é importante porque conta, qualquer curso no currículo conta alguma coisa. (...) E os módulos que a gente trabalhou, então, vai ser mais fácil de conseguir serviço. (...) Sabe o que falaram pra mim? Se a pessoa conseguir ficar um ano na Hípica, consegue emprego rapidinho (relato de Júlia).

Os cinco jovens apresentam percursos diversos com relação à alternância de empregos e inserção formal após o estágio, fato característico da precarização do trabalho²⁴. Anderson, Júlia e Fernando passaram por diversos empregos em pouco tempo. Anderson teve quatro empregos após o estágio, todos precários, isto é, nenhum com registro em carteira e o maior tempo que trabalhou foram seis meses. Júlia também passou por três empregos sem registro em carteira.

²⁴ Segundo CATANI e HOLZMANN (2006), trabalho precário é aquele ausente de direitos e garantias de trabalho ou em que não há qualidade no exercício da atividade.

Porém, no caso, a gravidez foi um dos motivos da alternância, pois durante a gravidez se sentia mal e teve de abandonar dois empregos. O terceiro, depois do nascimento do filho, foi deixado porque a jovem não tinha com quem deixar a criança. Fernando está no terceiro emprego, nos dois primeiros trabalhou por seis meses e um ano respectivamente, sem registro em carteira.

Magali e Carol apresentam trajetória mais linear. Carol está no segundo emprego, após o estágio trabalhou formalmente no Cecoia por seis meses. Magali foi efetivada no clube onde estagiou e permanece na função.

As estratégias utilizadas pelos jovens para conseguir emprego na maioria dos casos são a utilização do capital social²⁵, por meio de redes de relacionamento, amigos ou parentes. A partir de uma rede de relações com indivíduos reconhecidos como pares ou vinculados aos mesmos grupos aos quais fazem parte e que possuam também ligações úteis, esses jovens se utilizam da estratégia da troca de informações e, quanto maior essa rede, acreditam eles, maior a possibilidade de êxito.

Segundo Bourdieu (2004, p. 67) “O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”.

Eles dizem entregar currículos em diversos lugares, mas confiam mais em conseguir um trabalho por meio dessas indicações, pois, utilizando-se delas, têm a possibilidade de se apresentar e mostrar habilidades. Júlia e Anderson, que estavam desempregados no momento da primeira entrevista, não focavam uma atividade específica ao procurar trabalho e diziam que

²⁵ Para Bourdieu capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo* como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irreduzíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparáveis materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade

qualquer coisa que conseguissem seria bom. Isso pode ser explicado pela grande alternância dos jovens em diversos tipos de emprego, pelo tempo em que estavam desempregados e pela falta de um emprego formal, que proporcionasse maior estabilidade. Essa situação pode ser observada na fala da jovem Júlia:

“Então, eu gosto muito de trabalhar com público, mas pra mim se for numa fábrica tá bom, se for qualquer lugar pra mim tá bom, porque eu tô precisando de dinheiro (...) nossa eu to doidinha pra trabalhar. Porque assim, igual minha mãe falou, trabalhar em fábrica dá mais estabilidade pra pessoa, sabe? Uma amiga minha vai trabalhar numa fábrica de pão de queijo, eu quero ver se ela consegue pra mim, não é o que eu gosto de fazer, mas... (...) No momento, assim..., o que eu tô preferindo é empresa..., porque lá a gente sabe que, se a gente entrar lá e ficar, vai ser muito difícil sair; e é isso que eu quero, um emprego que dê estabilidade, sabe?”

O trabalho tem importância significativa na vida de cada um, pois é por intermédio dele que conseguem não somente o sustento e auxiliam a família, como também é uma possibilidade de mobilidade social, de independência financeira; e é o trabalho que os possibilita estabelecer vínculos e assim se sentir fazendo parte da sociedade. Mas é para as garotas que o trabalho é visto como mais prazeroso. Magali e Carol, por exemplo, dizem gostar de trabalhar e não conseguem imaginar-se sem uma ocupação, mesmo se não precisassem do dinheiro. Ambas gostam do trabalho que fazem, e isso pode ser explicado pelo fato de terem conseguido resultados positivos demonstrados pela falta significativa de alternâncias de emprego e também por contar com os direitos trabalhistas assegurados. Para ambas, trabalho é sinônimo de independência, responsabilidade, liberdade e possibilidade de ascender socialmente, demonstrado por uma significativa mudança na vida após começar a trabalhar. Fernando já não gosta tanto do que faz como auxiliar contábil e, se pudesse parar de trabalhar, ficaria somente com atividades nas quais sente prazer, como a informática, por exemplo. Para Anderson, trabalho é sinônimo de dinheiro e também de liberdade, podendo dessa maneira romper com a dependência econômica dos pais, tornando-se mais independente. Mas, segundo o jovem, ele também tem de ser prazeroso, pois não adianta trabalhar em algo de que não goste.

Notamos então para esses jovens que, embora seja com o salário que recebem que conseguem a sobrevivência, o trabalho tem um significado maior em suas vidas, é sinônimo de liberdade, possibilidade de ascensão social e também deve ser prazeroso. Magali e Carol dizem gostar do trabalho que fazem e assim vêem sentido no trabalho. Anderson diz que embora pra ele trabalho seja sinônimo de dinheiro também precisa ser prazeroso, isto é, não somente um trabalho alienante, que supra somente a necessidade de sobrevivência.

Dessa maneira, os jovens buscam uma relação com o trabalho diferente da relação de alienação observada por Marx, na qual se trabalha “para viver. O operário nem sequer considera o trabalho como parte de sua vida, para ele é, antes, um sacrifício de sua vida” (MARX, 1975, p. 75). E é através da busca de trabalhos mais qualificados, com conteúdo, que esses jovens esperam modificar a relação com o trabalho.

Retomando nossa questão inicial, percebemos, de acordo com as discussões e análises ao longo deste capítulo, a desestruturação do mercado de trabalho brasileiro de que nos fala Pochmann (1999), decorrida, principalmente, da introdução da chamada política neoliberal e da reestruturação da atividade produtiva a partir da década de 1990, que afetaram negativamente o emprego dos jovens no Brasil, principalmente no que se refere ao desemprego e precarização dos postos de trabalho.

O desemprego, como se pode observar, atingiu, a partir de meados dos anos 1980 e principalmente durante a década de 1990, altas taxas. Segundo Pochmann (2002), entre 1989 e 1995 a quantidade de desempregados aumentou cerca de 16% em média a cada ano, um acréscimo de 442.000 pessoas por ano. O segmento juvenil é o que apresenta maior vulnerabilidade e, quando inseridos no mercado de trabalho, normalmente ocupam postos precarizados.

Esse quadro não é muito diferente quando nos voltamos para os cinco jovens entrevistados. Para eles, o trabalho é fundamental na vida, pois significa liberdade, ou seja, independência dos pais, dinheiro que possibilita acesso a uma vida digna e a possibilidade de

ascensão social, além de prazer, que para eles se traduz em desempenhar funções com conteúdo, que exija conhecimentos e para a qual foram preparados e gostam de fazer. Porém, somente duas jovens tiveram possibilidade de ingressar no mercado de trabalho em situações de não precarização, com empregos formais, em funções não braçais, com atividades que exijam um conhecimento específico e oferecem perspectivas positivas de futuro. Uma delas, inclusive, disse que hoje tinha uma profissão e não somente um trabalho. Dessa maneira a jovem tinha consciência de que as outras atividades que havia exercido eram um emprego, que não requeria dela muita qualificação ou conhecimento e somente a ajudava a sobreviver e ajudar a família. Dois jovens, embora tenham tido a experiência do primeiro emprego por meio de estágio na época das primeiras entrevistas, estavam agora em situação de desemprego, com percurso marcado pelo pouco tempo de duração no emprego e alternância em cargos sem qualificação e sem nenhum direito trabalhista. Atualmente, embora inseridos no mercado de trabalho, exercem atividades braçais e continuam numa situação de precarização, trabalhando sem registro formal.

Embora todos tenham feito estágio e participado de cursos de inserção e qualificação profissional e então de ter o primeiro emprego, percebemos percursos e estratégias de colocação no mercado bastante heterogêneos. Dos cinco jovens, apenas três – Fernando, Magali e Carol – tinham um percurso mais linear no mercado de trabalho, que se iniciou juntamente ou logo após o estágio e se mantém até hoje com empregos mais duradouros e direitos trabalhistas assegurados. Dos três, apenas uma jovem, Carol, estava trabalhando na área que gostava e escolhera; os outros dois – Fernando e Magali – tinham empregos que os sustentavam, mas não era exatamente o que almejavam em termos profissionais. Embora os dois tenham planos de mudanças e Magali, inclusive, iniciará um curso superior com planos de mudanças profissionais.

Os outros jovens, Anderson e Júlia, agora inseridos no mercado de trabalho, ainda estão à margem do mercado formal de trabalho e se encontram em situação precarizada.

CAPÍTULO 3. JOVENS E ESCOLARIZAÇÃO

Ao focar jovens das classes populares, inseridos ou tentando se inserir no mercado de trabalho, cujas características principais são, como já discutido em capítulo anterior, a precarização e o iminente risco do desemprego, surgem os seguintes questionamentos: como estes sujeitos estão sendo formados no Brasil? Para que tipo de mercado de trabalho estão sendo formados? Qual a ligação entre as transformações sociais e econômicas e os rumos da educação? Qual a relação e as expectativas desses jovens com relação à escola?

3.1. Trabalho e Escolarização: uma Ligação Intrínseca

As três últimas décadas no país foram palco de mudanças tanto no modelo econômico quanto no sistema educacional. As práticas educativas e o conhecimento veiculado pela escola, de maneira geral, são compreendidos como questões políticas e sociais. Dessa maneira, a escola além de transmitir conhecimento e cultura também passa a atender às exigências do mercado de trabalho. A preocupação com emprego se torna questão central no sistema educacional devido, principalmente, à diminuição do emprego de jovens.

Kuenzer, ao questionar as mudanças que têm ocorrido ao longo dos últimos trinta anos, na relação entre educação e trabalho, relaciona o processo de produção com a formulação das

políticas e projetos pedagógicos: “cada etapa do desenvolvimento do processo produtivo gera suas próprias formas de produzir ciência, determina a relevância desta ou daquela linha de investigação, as quais por sua vez, originam determinadas políticas e projetos pedagógicos” (KUENZER, 2002, p. 78).

Para Frigotto, em todos os momentos históricos em que ocorreram transformações na materialidade das relações sociais, seja no âmbito econômico, cultural e político, estas levaram à reformulação dos processos de formação humana e concepções educativas. Mudanças que podem significar avanço ou retrocesso. O autor define educação como uma

prática social que se define pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, concepções e valores articulados às necessidades e interesses de diferentes classes e grupos sociais. (p. 18) (...) apresentando-se historicamente como um campo de disputa hegemônica. Esta disputa dá-se na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classe (2000, p. 25).

Entretanto, segundo o autor, desde a década de 1960 e 1970, houve deslocamento dessa concepção para a noção de “capital humano” e de educação como “fator econômico” (FRIGOTTO, 2000, p. 41). O autor entende que

A idéia de capital humano é uma ‘quantidade’ ou um grau de educação e de qualificação, tomado como indicativo de um determinado volume de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas, que funcionam como potencializadoras da capacidade de trabalho e de produção. Desta suposição deriva-se que o investimento em capital humano é uma dos mais rentáveis, tanto no plano geral do desenvolvimento das nações, quanto no plano da mobilidade individual (FRIGOTTO, 2000, p. 41).

Segundo tal concepção, quanto maior a quantidade de instrução, treinamento e educação da população, maior seria a capacidade produtiva de um país. No Brasil, esse novo discurso apontava a baixa produtividade e a inadequação da proposta educacional em relação ao momento histórico que o país atravessava, principalmente, no que diz respeito às necessidades do mercado de trabalho em função das metas de desenvolvimento econômico acelerado e de desmobilização política.

Se as teorias do “capital humano” ainda informam as concepções de educação até o início dos anos 1990 e se a divisão do trabalho na sociedade capitalista determina hierarquizações do trabalhador coletivo, determinariam também a hierarquização da educação (KUENZER, 2002).

A autora citada aponta a ligação entre a vigência do modo de produção fordista/taylorista – fragmentado, baseado numa forma de produção racionalizada, caracterizado pela automação, ou seja, pelo pouco uso de energias intelectuais e criativas no desempenho de funções – e a proposta pedagógica desenvolvida durante esse período, a chamada pedagogia tecnicista, a qual dota a educação de valor econômico próprio e a ajuda a organizá-la seguindo esse modelo econômico.

Se o fundamento deste novo tipo de trabalho é a fragmentação, posto que, da manufatura à fábrica moderna, a divisão capitalista faz com que a atividade intelectual e material, o gozo e o trabalho, a produção e consumo caibam a indivíduos distintos (MARX & ENGELS, s./d.), tanto as relações sociais e produtivas como a escola, educam o trabalhador para esta divisão (KUENZER, 2002, p.81).

A escola, segundo a autora, se constitui como local onde se materializa essa divisão. É onde se dá a separação entre o saber teórico e a prática. Assim, a escola é “fruto de uma prática fragmentada, expressa e reproduz esta fragmentação, através de seus conteúdos, métodos e formas de organização e gestão” (2002, p.80).

Tal pedagogia tecnicista se fundamenta no rompimento claro entre pensamento e ação, não propiciando ao aluno domínio intelectual das práticas sociais e produtivas. Assim, os conteúdos são organizados de forma rígida, a partir de propostas curriculares fragmentadas, as quais dividem o conhecimento em áreas e disciplinas independentes e estanques, sem aparente ligação entre si e que são passados aos alunos por métodos de repetição, por exemplo, combinando cópias e questionários. A autora acredita que

A expressão desta fragmentação é a grade curricular, que distribui as diferentes disciplinas com suas cargas horárias por séries e turmas, de forma aleatória, supondo que a unidade rompida se recupere como consequência “natural” das práticas curriculares, ficando por conta do aluno a reconstituição das relações que se estabelecem entre os diversos conteúdos disciplinares (KUENZER, 2002, p. 85).

Segundo a mesma autora, a fragmentação da grade curricular, responsável por pensar a organização das disciplinas de maneira isolada e sem interligação, responde às demandas de disciplinamento do mundo do trabalho capitalista e para realizá-lo seriam necessários dois tipos de trabalhador: um que fosse educado para dar conta dessas demandas de produção, que se responsabilizasse pelo trabalho manual, nas linhas de produção, desprovido de energias intelectuais (e para isso era necessária uma concepção de mundo que lhe justificasse a alienação); e outro trabalhador, ao qual caberia o exercício das funções intelectuais, responsável pela gerência. Dessa maneira, à fragmentação e repetição encontrada nas atividades desenvolvidas pelos trabalhadores dentro do modelo fordista/taylorista corresponderia a organização curricular e conseqüentemente as atividades propostas aos alunos.

As mudanças ocorridas na economia brasileira a partir do fim dos anos 1980 e durante os anos 1990, de troca de modelo econômico, com adoção de políticas neoliberais, a partir da reestruturação produtiva e com a flexibilização das relações de trabalho, provocaram transformações na elaboração das propostas pedagógicas, para se ajustar às novas demandas do capital. Tais mudanças no sistema educacional são progressivamente afirmadas pelas empresas como instrumento que permite acrescentar produtividade para melhor adaptar os trabalhadores às inovações técnicas e organizacionais.

Nesse processo de transformação da base técnico-científica, de substituição da eletromecânica pela microeletrônica, denominado de Terceira Revolução Industrial (FRIGOTTO, 1997), há crescente incorporação de ciência e tecnologia aos processos produtivos. Assim, há uma mudança no conteúdo que esses trabalhadores deverão apropriar para estar aptos a desenvolver as tarefas exigidas quando inseridos no mercado de trabalho. Exigindo dos novos trabalhadores maior domínio de conteúdos e habilidades cognitivas e comportamentais como análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de resposta, criatividade, comunicação clara e precisa, interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade de trabalhar em grupo, gerenciamento de processos, avaliação de procedimentos, resistência a pressões, aliando raciocínio lógico-formal à intuição criadora entre outros (KUENZER, 2002).

Surge então como central a noção de competência, tanto no mundo do trabalho, quanto no âmbito da educação escolar. Segundo Ropé e Tanguy (1997), analisando a influência da noção de competência na educação escolar francesa, localizam nos anos 1970 uma aproximação progressiva da escola ao mundo das empresas, devido exatamente a uma preocupação com o emprego localizada no centro de sistema educativo. E é por meio de uma reorganização na maneira de pensar conteúdos, transmiti-los e avaliá-los que se dá essa aproximação. A noção de competência é compreendida pelas autoras associada a desempenho e eficiência. É então para formar esse novo trabalhador que é desenvolvida a chamada pedagogia das competências.

3.1.1 A noção de competência e as mudanças na educação brasileira

A partir das crises que levaram ao fim do Estado do Bem-Estar Social na Europa, materializando no declínio das intervenções reguladoras do Estado no domínio econômico e restrição de gastos sociais, modificando as formas de regulação entre oferta e demanda de emprego, há uma pressão no sentido de uma formação mais eficiente, capaz de melhor utilização de recursos, que se expressa num controle dos sistemas educacionais no sentido de melhor se ajustar ao novo mundo do emprego.

A partir dos anos de 1980, já se iniciava na Europa um processo de reformulação nos sistemas de formação profissional e geral orientado pela noção de competência, fortemente associada à nova concepção do trabalho baseada na flexibilidade e cujo objetivo é a eficiência produtiva, traduzida em atributos humanos como autonomia, responsabilidade, capacidade de comunicação e polivalência (RAMOS, 2002).

Ropé e Tanguy (1997) analisam o lugar assumido pela noção de “competência” em diferentes esferas de atividades tais como economia, trabalho, educação e a formação. Essa noção aparece associada às categorias de desempenho e eficiência em cada um desses domínios, assim ela tende a substituir outros termos como a dos “saberes” e “conhecimentos” na questão educativa, inaugurando as categorias da educação para a competitividade e da formação abstrata e polivalente (FRIGOTTO, 2000).

Mudadas as bases materiais de produção, é preciso capacitar o trabalhador novo para que atenda às demandas de um processo produtivo cada vez mais esvaziado. (...) Esta nova forma de organização e gestão do trabalho, se aparentemente amplia o conteúdo do trabalho ao substituir a linha pela célula de produção, onde um trabalhador cuida de várias máquinas, na verdade, cada vez mais esvazia sua atividade, reduz os requisitos de qualificação e intensifica o uso da força de trabalho, explorando-os ainda mais (KUENZER, 2002. p. 80).

No Brasil a noção de competência vem no bojo da reforma educacional a partir da aprovação da Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que incide tanto sobre a educação básica quanto sobre a educação profissional e também sobre a educação superior. Em termos estruturais, as mudanças foram, por um lado, a nova identidade do ensino médio como a última etapa da educação básica e, de outro, a separação entre educação profissional técnica da educação básica.

Com relação às mudanças curriculares, constituiu-se a definição de um currículo por iniciativa do governo federal e não das unidades da federação. A reforma visa reorientar a prática pedagógica organizada anteriormente em torno da transmissão de conteúdos disciplinares, criticando a compartimentação disciplinar do conhecimento, para uma prática voltada à construção de competências. Prática que ressaltaria a experiência concreta dos sujeitos enquanto situações significativas de aprendizagem. Dessa maneira, a noção de competência tenderia a dar importância às diferenças e particularidades individuais dos sujeitos, transformando o aluno no centro do sistema educativo. Tais diferenças e particularidades individuais também marcariam as experiências educativas e escolares, que, embora sejam normalmente vivenciadas em grupo, teriam percursos de formação diferentes para cada sujeito (RAMOS, 2002)

A LDB define dois níveis de ensino: o básico, composto pela educação infantil, fundamental e média, e o superior. A finalidade da educação escolar nos diversos níveis de ensino é desenvolver nos educandos conhecimentos e habilidades necessárias para o exercício da cidadania e inserção no mundo do trabalho; em particular a educação básica, segundo o artigo 22 da LDB, tem por finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Dentre as finalidades específicas do ensino médio incluem-se “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando” (BRASIL, artigo 35, inciso II).

Segundo Ramos (2002), seria certo determinismo tecnológico, que levaria a uma nova relação das pessoas com a ciência, na qual “as relações sociais são cada vez mais mediadas pela tecnologia e pela informação” (p. 132), que estaria por trás da maioria das argumentações em defesa do novo ensino médio, cujo currículo “destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado de ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” (ibid., artigo 36, inciso I).

A escola, enquanto um dos locais de formação dessa força de trabalho assume, portanto, novo papel ante as mudanças sociais e econômicas. Exemplificando a ideia, temos a atual Proposta Curricular do Estado de São Paulo²⁶, segundo a qual há a necessidade de “constituição de uma escola à altura dos tempos atuais (...) capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo; [ela deve se tornar] apta a preparar seus alunos para esse novo tempo” (FINNI, 2008, p. 8). Isto é, apta a preparar os alunos, intelectual e psicologicamente, para as novas exigências do mercado de trabalho. Mercado caracterizado pela reestruturação produtiva e precarização do trabalho. Teria então a escola, principalmente a média, a função de preparar trabalhadores com formação adequada à nova realidade, sujeitos mais autônomos, que possuam maior domínio de conteúdos e

²⁶ A atual Proposta Curricular do Estado de São Paulo foi posta em prática nas escolas públicas estaduais de São Paulo, a partir de 2008, pela então Secretária de Educação Maria Helena Guimarães de Castro, na gestão do governador José Serra (2007-2010).

habilidades cognitivas e comportamentais, capazes de realizar funções diversas, com capacidade de trabalhar em grupo, gerenciar processos, que estejam aptos a assimilar mudanças, capazes de definir “escolhas” durante o percurso de formação e serem eles os responsáveis em grande parte pelos resultados obtidos em sua trajetória.

Em face das condições objetivas de acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos, porém, as desigualdades são sublimadas em nome do direito à diferença. Conquanto saibamos que as trajetórias educacionais e profissionais sejam, no plano concreto, também socialmente determinadas pela origem de classe, ideologicamente elas são tomadas como resultados de escolhas subjetivamente realizadas de acordo com os *projetos próprios de vida* (RAMOS, 2002, p. 135).

É necessário lembrar, no entanto, que os esforços de adequação da educação e formação do trabalhador ante as mudanças econômicas de reestruturação produtiva não couberam somente ao Estado e ao empresariado tiveram também ampla participação das agências de financiamento multilaterais, que passaram a sugerir a formulação do nosso sistema educacional baseado na perspectiva de atender às necessidades do sistema produtivo (SANTOS, 2006).

Segundo esse autor, no que se refere ao novo “perfil” da força de trabalho imposto pelo processo de reestruturação produtiva, há a exigência de um trabalhador mais qualificado e com nível mais alto de escolaridade.

(...) o novo perfil e o novo conceito de qualificação, vai além do simples domínio de habilidades motoras e disposição para cumprir ordens, incluindo também ampla formação geral e sólida base tecnológica. Não basta mais que o trabalhador saiba *fazer*; é preciso também *conhecer* e, acima de tudo, *saber aprender* (LEITE E SHIROMA, 1995, grifo nosso). [Entretanto], há no quadro da reestruturação setores para os quais a melhoria da qualidade não se desloca de maneira central, e a continuidade da utilização intensiva de trabalho manual pouco qualificado pode ser mais vantajosa do que a introdução de novos equipamentos ou de novas formas de gestão da produção e do trabalho (LEITE & SHIROMA, 1995, p. 94).

Notamos então que, muito provavelmente, esse conceito de competência atinja de maneira diferenciada os jovens das diferentes classes sociais no Brasil. Muito provavelmente os jovens oriundos de classes populares estarão aptos a desenvolver apenas as atividades da chamada ponta da cadeia produtiva”. Pois “o universo do trabalho que está na base da conceptualização da

competência hoje é aquele das grandes empresas, empregando mão-de-obra masculina, com processos de inovação tecnológica intensos dos países centrais (SANTOS, 2006).

A partir dessa discussão, relacionando os modelos econômicos vigentes e as propostas pedagógicas adotadas no período, parece claro que a elaboração e aplicação das políticas pedagógicas estão em consonância com as transformações econômicas e que, historicamente, a educação dos diversos grupos sociais de trabalhadores tem por finalidade habilitá-los social e ideologicamente para o trabalho (FRIGOTTO, 1995).

Notamos isso tanto no modelo fordista/taylorista de produção racionalizada e fragmentação do trabalho, e cuja pedagogia dominante no período “tinha por finalidade atender às demandas de educação de trabalhadores e dirigentes a partir de uma clara definição de fronteiras entre as ações intelectuais, em decorrência de relações de classe bem demarcadas que determinavam o lugar e as atribuições de cada um” (KUENZER, 2002 p. 83). Como também na mudança das bases de produção para um regime de acumulação flexível²⁷, no qual o trabalhador deveria ser preparado para desenvolver múltiplas tarefas, com ampla formação geral. Para responder a essa exigência, seria necessário, então, formar um trabalhador com comportamento flexível, de modo que possa se adequar com rapidez e eficiência às novas situações. E essa formação ficaria a cargo da chamada “pedagogia das competências”.

²⁷ Para Harvey (1994) “a acumulação flexível é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (...) E a partir dessa mudança das bases de produção “o mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente (desempregados ou sub-empregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis.” p. 140 e 143

3.2. Cidadania para Além das Desigualdades

Trazendo a discussão para o universo dos jovens pesquisados, emerge a seguinte questão: Quais são as possibilidades de os jovens construírem trajetórias de escolarização que possibilite acesso à cidadania e ao mercado de trabalho, para além da vulnerabilidade que se apontou, tendo por base a escola que frequentaram e alguns ainda frequentam? Essa é uma questão bastante complexa, e, a partir da análise dos depoimentos sobre a trajetória de escolarização, podem-se começar a traçar algumas conclusões, ainda que provisórias, a respeito.

Todos os jovens entrevistados passaram grande parte da vida escolar, terminando ao menos um dos ciclos de ensino, na mesma escola estadual Thomás Alves, localizada em frente ao Centro Comunitário Irmãos André, no distrito de Sousas. Segundo os depoimentos deles, a escola, em suas vidas, é importante, entre outros fatores, por fornecer-lhes ao final de cada ciclo um diploma, o qual funcionaria como passaporte para inserção no mercado de trabalho e dessa forma os credenciaria para a vida ativa.

Para eles, a escola também tem uma importância em direção à profissionalização. É por meio da escolarização que eles buscam ter profissão. Embora uma das finalidades do ensino médio, segundo a LDB 9394/96, no artigo 35, seja “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores”, os sujeitos ouvidos não fazem ligação entre o conteúdo escolar ensinado e a utilização no dia a dia ou no cotidiano do trabalho. Entretanto, como observaremos no desenvolvimento abaixo, para esses jovens a escola é local de aprendizagem e dessa forma é valorizada por eles.

Fernando, ao ser perguntado sobre o que o motiva a ir à escola, diz que: “Mais o trabalho, é..., tipo..., querer terminar e ver se aprende alguma coisa”. E questionado sobre se a escola o

ajuda ou se dá alguma base para conseguir emprego, ele diz que: “Eu acho que muita coisa que eu aprendo lá, não tenho certeza se vou usar, entende? Mais pelo diploma mesmo, pra terminar, pra poder fazer, seguir outra coisa, alguma coisa específica do que eu quero, mas a escola, assim em si, acho que, do que eu vou usar, não tem muita coisa”.

Anderson diz que não há relação entre o conhecimento escolar e as atividades de trabalho. “Assim, porque no serviço que eu fui nunca pediu... assim..., tipo sempre pede escolaridade, pede até a 8ª série, só que pedir assim coisa de escola, fazer alguma coisa de escola, nunca pediu”.

A jovem Júlia foi bastante enfática ao dizer que para ter emprego é preciso terminar o ensino médio. “Porque se a gente não tem até o 3ª, não arranja um serviço decente (...) Se até gente com faculdade tá difícil arrumar um serviço, imagina a gente que não tem nem o 3º.”

Magali, ao ser questionada sobre a importância da escola para conseguir um emprego e se havia relação entre o emprego e o conhecimento escolar, diz que a escola é importante porque “você se solta mais, você aprende bastante coisa. A minha prima fica o dia inteiro em casa, ela vai pro mercado de trabalho e aí? O que ela vai saber fazer? O que ela pode apresentar? Nada. Então você tá praticando algum curso, tipo, por mais que seja o sentar e o levantar do professor, você tá ouvindo, você tá aprendendo alguma coisa. Bem ou mal, mas você tá pegando alguma coisa”²⁸.

A trajetória escolar dos jovens entrevistados é bastante heterogênea e há histórias de escolarização linear ou não, que são traduzidas socialmente como “sucesso ou fracasso escolar”, sem considerar o contexto e as condições de vida enfrentadas pelos jovens. Entre as garotas pesquisadas, Magali e Ana Carolina não apresentam histórico de reprovação. Ana Carolina é a única dos cinco entrevistados cuja família apresenta maior escolaridade comparativamente aos demais. O pai possui ensino médio e exerce profissão de nível técnico, é metalúrgico na Bosch; a mãe voltou a estudar, frequenta um curso supletivo e pretende terminar o ensino médio. Dessa

²⁸ Entrevista com Magali

maneira, mesmo pertencendo à mesma classe social dos demais jovens, Carol apresenta um diferencial na formação que pode ter contribuído para um melhor desempenho escolar diferenciado dos demais.

As jovens contam que houve mudança na relação delas com a escola após começar a frequentar a ONG Cecoia. Antes frequentavam as aulas sem muito entusiasmo e só tiravam nota suficiente para não ser reprovadas. Depois passaram a participar mais das aulas; e, dessa maneira, a escola assume outra dimensão em sua vida.

Júlia, diferentemente, mudou de escola no ensino médio e foi reprovada por faltas no 2º ano devido à gravidez. No momento da entrevista estava enfrentando um problema semelhante, pois em alguns dias da semana não tinha com que deixar o filho, faltando frequentemente às aulas. A jovem também relata que quando frequentava a Escola Thomas Alves tinha um grupo de amigas que se ajudavam e diz que, na nova escola, não consegue estabelecer esses vínculos de amizade. Muito provavelmente a própria condição de ser mãe seja um motivo de preconceito e afastamento das garotas de mesma idade. E também, por ter amadurecimento maior, não consegue estabelecer vínculos com os pares na nova escola.

Os dois garotos pesquisados apresentam histórico de repetência. Fernando foi reprovado na 5ª série e Anderson na 6ª e o 1º ano do ensino médio por faltas. Segundo relatou, nesse período trabalhava com o tio como ajudante de topógrafo e chegava em casa extremamente cansado, não tendo ânimo para ir à aula à noite.

Notamos na fala dos jovens uma rotina bastante atribulada no sentido de conciliar trabalho e estudo. Desde que iniciaram o estágio tiveram de mudar o turno da escola, passando a estudar no período noturno. À vista dos dados estatísticos, nota-se grande dificuldade por parte dos jovens, pois como há um elevado contingente de jovens com mais de 16 anos no mercado de trabalho, torna-se bastante difícil conciliar longas jornadas de trabalho e dedicação escolar, dificultando o término dos estudos. As consequências são bastante negativas, prejudicando a formação escolar e podendo interferir na possibilidade de melhor inserção no mercado de

trabalho. Os mercados de trabalho mais dinâmicos, ainda que precários, como São Paulo, por exemplo, parecem atrair mais os jovens, levando-os muitas vezes a abandonar os estudos.

Tomando dados mais atualizados e para todo o país, na Tabela 2, a seguir, notamos a dificuldade de conciliar trabalho e estudo para essa geração. Observamos diminuição significativa do grupo que somente estuda e aumento correspondente dos jovens que somente trabalham, à medida que vão adquirindo mais idade. Essa situação pode ser explicada pelo fato de terem de assumir maiores responsabilidades e contribuir na renda familiar.

Tabela 2. Condição de atividade e estudo por sexo e faixa etária dos jovens - Brasil, 2007 (%)

Faixa etária	Só Trabalha	Trabalha e estuda	Só estuda	Não trabalha nem estuda
Homens				
15 a 17 anos	11,4	26,4	57,7	7,4
18 a 24 anos	56,3	17,5	12,1	13,9
25 a 29 anos	78,6	8,7	2,2	10,3
Mulheres				
15 a 17 anos	5,0	17,0	65,9	12,0
18 a 24 anos	36,3	14,9	16,5	32,1
25 a 29 anos	53,7	8,9	4,4	32,8

Fonte: Pnad/IBGE, 2007.

Porém, não se pode deixar de perceber o esforço desses jovens para continuar estudando devido principalmente, como já foi dito anteriormente, à importância que atribuem ao término dos estudos e aquisição do diploma, atribuindo ao certificado uma possível mobilidade social ascendente e um rompimento com o destino de classe de seus pais. O depoimento de Anderson quando questionado se queria fazer faculdade e qual seria a importância de um curso superior mostra isso: “Eu quero fazer, eu acho importante sim, porque hoje em dia eu acho que faculdade é tudo, se não tiver...”

Se o curso superior é importante para este jovem, isso pode indicar que os pais também consideram relevante a conclusão dos estudos de acordo com relato do jovem sobre o que lhe dizem os pais: “(...) ‘que a gente não estudou muito, agora tá trabalhando de pedreiro,

doméstica...’ Entendeu? Eles querem sempre que a gente..., ‘seja o melhor’. Que o estudo leve pra uma profissão melhor”.

Dos cinco jovens entrevistados, apenas as duas garotas, Magali e Carol, estavam no nível considerado adequado de ensino à faixa etária, o que não ocorria com os outros três devido ao histórico de reprovação de cada um. Esse dado é verificado ao analisar a taxa de escolarização e frequência líquida, isto é, a faixa etária considerada adequada ao nível de ensino no Brasil de 1992 a 2007 conforme tabelas abaixo:

Tabela 3. Taxa de escolarização, segundo faixa etária – Brasil (1992 – 2007)

Faixa etária	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
0 a 3 anos	7,6	7,4	8,07	8,7	9,2	10,6	11,7	11,7	13,4	13,0	15,5	17,1
4 a 6 anos	35,8	38,5	53,5	53,8	56,31	57,9	60,2	65,6	67,0	68,4	70,5	72,0	76,0	77,6
7 a 14 anos	86,6	88,6	90,2	91,2	93,02	94,7	95,7	96,5	96,9	97,2	97,1	97,3	97,7	97,6
15 a 17 anos	59,7	61,9	66,6	69,4	73,28	76,5	78,5	81,1	81,5	82,4	81,9	81,7	82,2	82,1
18 a 24 anos	22,6	24,9	27,1	28,4	29,40	32,1	33,9	34,0	33,9	34,0	32,2	31,6	31,7	30,9

Fonte: Microdados da Pnad 2007 (IBGE).

Tabela 4. Taxa de frequência líquida, segundo faixa etária – Brasil (1992 – 2007)

Nível/Modalidade de Ensino	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Educação Infantil (0 a 6 anos)	13,8	14,8	25,1	25,1	26,6	27,0	28,2	31,2	32,7	33,8	35,6	36,1	37,9	36,4
Ensino Fundamental (7 a 14 anos)	81,3	82,9	85,4	86,5	88,5	90,9	92,3	93,1	93,7	93,8	93,8	94,4	94,8	94,6
Ensino Médio (15 a 17 anos)	18,2	18,9	22,1	24,1	26,6	29,9	32,7	36,9	40,7	43,1	44,4	45,3	47,4	48,0
Ensino Superior (18 a 24 anos)	4,6	4,8	5,8	5,8	6,2	6,8	7,4	8,9	9,7	10,6	10,5	11,2	12,4	13,0

Fonte: Microdados da Pnad 2007 (IBGE).

Podem-se notar, segundo as tabelas acima, os seguintes aspectos com relação à escolarização. Até a idade de 14 anos segundo análise do IBGE, quanto maior o índice de escolarização melhor, pois, sendo o ensino fundamental obrigatório, ao olhar para a frequência dos alunos na Tabela 4, percebe-se certa correspondência entre idade e frequência ao ciclo de

ensino considerado adequado. Entretanto, a partir dos 14 anos, os dados podem encobrir altos índices de distorção idade/série. Por exemplo, 82,1% da população de 15 a 17 anos frequentava a escola em 2007, mas somente 48% estava no ensino médio, o que seria considerado adequado à idade/série. O contínuo aumento da taxa de frequência líquida na faixa etária de 15 a 17 anos pode ter sido favorecido pela melhoria do fluxo escolar, devido ao aumento dos índices de aprovação no ensino fundamental – que permite ao aluno ingressar no nível subsequente em idade menos defasada –, e no ensino médio, de modo a favorecer a conclusão da educação básica em idade menos avançada.

Ao refletir sobre a possibilidade de esses jovens construírem trajetórias de escolarização que lhes possibilite acesso à cidadania, nos questionamos primeiramente sobre o que significa de fato cidadania para eles? A escola, na qual eles passaram a maior parte da vida escolar, é capaz de proporcionar acesso a cidadania? Qual é a relação desses garotos e garotas com essa escola?

Por meio da análise das falas concluímos que cidadania é acesso a direitos: ser cidadão é frequentar uma escola organizada, na qual sejam acolhidos e bem tratados, uma escola na qual os pares se comportem de maneira civilizada (dentro de códigos morais considerados válidos pelo grupo); ter um bom ensino; professores que se preocupem com a aprendizagem, que ensinem conceitos escolares que lhes possibilitem avanços futuros.

Como já analisado, os cinco jovens acham importante frequentar a escola e terminar o ensino médio. Alguns pretendem dar prosseguimento aos estudos fazendo cursos técnicos ou curso superior, isto é, que lhes permitam se profissionalizar. Porém, embora considerem frequentar a escola algo importante, os jovens também são unânimes na opinião de que a organização da escola é excludente. Os garotos e garotas não se sentem acolhidos no ambiente escolar, pois segundo contam são maltratados e desrespeitados pela direção da escola. Parece haver em suas falas uma decepção coletiva com relação a essa escola, pois, embora tenham tido acesso a ela, isso não garante acesso ao conhecimento. Essa escola se apresenta a eles como caótica. Magali nos relata como se dá essa discriminação:

“Que nem no Thomás Alves... a diretora, você nunca vê ela, porque assim, ela é professora no Joaquim Egídio e é diretora na escola. E sempre quando chega ela não procura saber o que aconteceu na escola, ela chega dando *catracada* já. Daí o que é que acontece? Tipo ela aparece no pátio, tá cheio de gente, ela chega, sabe, o negócio fica limpo na hora, o pátio. Então. às vezes você não sabe porque ela chega gritando. (...) Sabe, é, ‘não tem como ir pra sala agora, tararatá?’ Nossa, ela berra, berra, berra, berra. ‘Tá sem uniforme?’ Chega na sala e fala assim, ‘então, os alunos que tão sem uniforme por favor se retirar’. Não, ela já começa, ‘mocinho, pode sair agora, mocinho...’ Sabe? Eu acho isso muito chato. (...) Sabe a coordenadora da escola chega e fala assim... ‘é... vocês são marginal’. Onde se viu falar isso pra aluno dentro de uma escola? (...) qualquer coisa que acontece eles chamam a Ronda, parece que tem um bando de marginal lá dentro...”

O jovem Anderson relatou um episódio ocorrido na escola quando a diretora entrou em sala de aula e disse que ali só havia marginais. O jovem conta que ficou muito nervoso e a enfrentou dizendo que por qualquer motivo a diretora chamava a Ronda escolar e que, como naquele momento ele havia sido ofendido e humilhado por ela, faria o mesmo, chamaria a Ronda também para ela. A diretora duvidou do rapaz, que fez o prometido, porém, segundo o aluno contou, o policial disse que, como ele era menor de idade, teria de ir com ele até sua casa, para que o pai fosse junto à delegacia para fazer um botetim de ocorrência (B.O.). Anderson acabou declinando, pois disse que seria problemático chegar ao bairro em uma viatura de polícia e que talvez a reação do pai também não fosse boa.

Esses jovens são então excluídos e considerados *outsiders*. Segundo Elias (2001), este termo é usado para designar os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. “Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*”²⁹. Esses jovens são estigmatizados pela escola, e todos seus

²⁹ “As palavras *establishment* e *established* são utilizadas em inglês para designar grupos de e indivíduos que ocupam posição de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a

atributos estão associados a anomia³⁰, como delinquência, desintegração, não cumprimento de normas. Os grupos *outsiders* são vistos e caracterizados pela minoria anômica, isto é, a eles são atribuídas as características “ruins” da porção “pior”. Dessa maneira, a pequena minoria de jovens que não segue as regras estabelecidas pela escola, que responde agressivamente por meio da bagunça em sala de aula, do desrespeito aos professores e aos demais colegas e do enfrentamento – que muito provavelmente fazem para incomodar aqueles que os excluem e rejeitam – é tida como o estereótipo da maioria. Para a direção da escola, todos os jovens que ali estão são vistos e tratados como delinquentes, baderneiros e marginais. Normalmente nessa relação de poder, o estigma social imposto pelos grupos dominantes costuma penetrar na autoimagem dos grupos excluídos e com isso acaba por enfraquecê-lo. Porém, nota-se resistência por parte desses jovens, que são cientes da situação de marginalização, indignam-se e lutam contra a exclusão promovida pela escola.

A relação dos jovens com os professores dessa escola é marcada pelo processo de ensinar e aprender. A maioria dos professores, segundo os jovens, não incentivam e não se preocupam com o aprendizado dos alunos, pois ensinar para esses docentes seria passar o conteúdo disciplinar que o aluno deve assimilar. O bom professor segundo esses jovens é aquele que conhece o conteúdo a ser ensinado, interessa-se e preocupa-se com a formação dos alunos, assim como cobra o aprendizado.

Magali ao descrever a professora de Língua Portuguesa exemplifica o bom professor: “Tem a professora de português, gente, ela é demais. Nossa, demais, demais, demais, que nem ela passa coisa tipo que a gente tá vivendo mesmo, sabe? Ela não passa coisa maior nada a ver. Nossa, a Graze, ela é superlegal, procura sempre dar redação, procura dar pra gente coisa que tá caindo no Enem, no vestibular, coisa que a gente vai aprender na faculdade, aí a gente tá fazendo prova, aí a gente sempre fala, aí qual resposta eu posso dar? Ela fala: ‘ gente, assim eu tô falando

partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros (Elias, 2001. p. 07).

³⁰ Elias, a partir de Durkeim, define anomia como um estado de ausência, de falta de regras e de ordem, de não-estrutura, possui em sentido normativo de um julgamento moral.

o que é melhor pra vocês, na faculdade vocês não vão poder fazer isso’. Ela fala: ‘procurem tentar fazer vocês, se vocês não conseguirem eu dou mais uma prova, se vocês não conseguirem, eu vou ajudando sabe’’. Então eu acho isso super legal, ela dá apoio pra gente, bastante (...) É, é porque é assim, o professor, ele coloca, passa a lição na lousa, manda copiar: ‘copia, se não quiser também não tô nem aí, porque eu tô ganhando meu salário, então vocês que se virem, quem tá aí no mercado de trabalho são vocês não sou eu, eu já to formada’’. Mas a Graze não, ela já tipo insiste, ela fala: ‘aí, vamos correr, vai, dá tempo’. Ainda tá no, tipo o neguinho brincou no primeiro, segundo e terceiro no quarto, no começo, no meio do quarto bimestre, eles falam: ‘ah, vou pegar firme’. Ela fala... ‘tipo tem professor que fala, aí, você acha que dá tempo pra você passar de ano?’ Ela já não, ela fala assim: “não, vai sim, dá tempo, dá tempo”.

O bom professor ensina aquilo que permite ao aluno avançar na escolarização e incentiva os alunos a caminhar. Fernando descreve o bom professor: “Tem o professor de Física e Química. Ele dá uma aula muito boa, mas eu não sei o nome dele. Mas ele é um japonês, dá uma aula muito boa, ele explica tudo certinho, não tem como não aprender na aula dele”.

O bom professor explica, isto é, possui conhecimento sobre didática. Júlia ao comparar a escola em que estava estudando no momento da entrevista com a Escola Principal acaba por descrever o exemplo de uma boa escola e bons professores: “Porque em termos assim de estudo, assim de qualidade, aqui é melhor [a escola que estava estudando no momento da entrevista], é bem melhor, porque aqui os professores não passam prova assim deles próprios, eles pegam prova de vestibular, de cursinho, essas coisas, e passam pra gente. Eles passam filme, é trabalho através do filme, no Thomás era só aula, só aula sabe? Era muito diferente daqui. Aqui é melhor porque..., ah, os professores aqui são muito diferentes, bem melhores”.

O bom professor desafia, apresenta propostas de trabalho que lhe permite ser avaliado como os demais estudantes, independente da origem social. Esses jovens veem na escola um

local de socialização³¹ e também de aprendizagem. Os amigos motivam a frequência e tornam o ambiente escolar mais agradável, tanto que a separação dos pares os desanima e desestimula como se pode notar na fala dos jovens: “Da escola eu gosto dos amigos.” (Fernando). Júlia sentiu bastante a mudança de escola no 1º ano do ensino médio: “É, porque lá eu tinha mais amizade, sabe, era bem mais fácil de passar de ano, porque era uma ajudando a outra. Aqui não, aqui é cada um por si...”

Por meio da análise das entrevistas, concluímos que para estes jovens a escola é importante para fornecer um diploma, sinônimo de possibilidade de inserção no mercado de trabalho e profissionalização e de possível ascensão social. Também é importante como espaço de socialização, de construção de relações sociais mais duradouras e laços afetivos, assim como espaço de aprendizagem ainda que restrito. Há uma decepção coletiva quanto ao cumprimento das expectativas, pois parece não ser capaz de possibilitar-lhes maior acesso à cidadania, constituindo uma possibilidade para além da vulnerabilidade social. Esses garotos e garotas são vistos pela escola como cidadãos de segunda categoria. Há ausência do direito ao ensino de qualidade, ao tratamento digno, são os *outsiders* de que fala Elias. São jovens que desejam uma escola na qual tenham acesso a um conjunto de conhecimentos e em que sejam tratados dignamente. Comparam esta escola com aquela que frequentavam quando crianças por meio do Cecoia, cujos alunos são vistos como estabelecidos, em oposição aos *outsiders*.

No próximo capítulo analisaremos suas trajetórias dentro da instituição Cecoia, passando pela iniciativa das oficinas de educação não formal do Centro de Memória da UNICAMP e do curso de profissionalização e inserção no mercado de trabalho, por meio do Projeto Alvo³² e voltaremos à questão do acesso à cidadania para eles.

³¹ Socialização é compreendida como o processo pelo qual os indivíduos interiorizam códigos, normas e valores sociais, assim, integração é a forma de socialização.

³² O Projeto Alvo está devidamente explicado no Capítulo 4, p. 93.

CAPÍTULO 4: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE E ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Este capítulo apresenta e discute as políticas públicas voltadas à juventude no campo do trabalho, em especial na cidade de Campinas, problematizando o momento e o motivo pelo qual se inicia a preocupação em desenvolver tais ações no Brasil. Tentando compreender qual é a ação do Estado na formulação e implementação dessas políticas em contexto de políticas neoliberais, pretende-se estabelecer uma relação entre a emergência do Estado neoliberal e sua desvinculação com as questões sociais. O surgimento de diversas organizações não governamentais (ONG) que desenvolvem, muitas vezes em parceria com o Estado ou com a iniciativa privada, ações voltadas aos jovens se inscrevem nesse contexto.

Spósito (2008, p. 59) associa a noção de políticas públicas a “um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolvendo uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. (...) Desse modo, o termo compreende a dimensão ético-política dos fins da ação e deve se aliar, necessariamente, a um projeto de desenvolvimento econômico-social e implicar formas de relação do Estado com a sociedade”.

Com relação à presença do Estado, a autora é enfática:

Embora possamos considerar que as políticas públicas compreendem modos diversos de presença de atores sociais da sociedade civil, em sua formulação, execução e avaliação, é preciso admitir que a natureza da presença do Estado é ingrediente fundamental para qualificar o caráter público de sua orientação (SPÓSITO, 2008, p. 60).

Spósito (2008); Rua (1998), ao analisarem a execução de políticas públicas brasileiras, consideram cinco regularidades no modo de execução: “fragmentação, competição

interburocrática, descontinuidade administrativa, ações a partir da oferta e não da demanda, e, finalmente, a existência de uma clivagem entre a formulação/decisão e a implantação” (p. 66).

Segundo Spósito (2007); Freitas & Papa (2008), é a partir da segunda metade dos anos 1990 que a categoria juventude passa a ter maior projeção e a ser vista como motivo de preocupação no espaço público brasileiro, e a partir de então constituição de objeto específico de intervenção do Estado. Porém, como afirma Corrochano (2008), a justificativa dessas políticas se relaciona muito mais com a visão que se tem do jovem enquanto problema social e não como cidadão.

Temos no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 um deslocamento de eixo nas propostas de políticas públicas e controle social voltadas para a juventude. O jovem, que participou do cenário social e político brasileiro como sujeito durante o período autoritário no Brasil, que era foco de interesse e preocupação política e acadêmica, era o estudante universitário de classe média, motivado pela potencial ameaça que representava devido ao caráter contestador.

Porém, é a partir dos anos 1980, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, que temos a irrupção de uma juventude urbana excluída do acesso à educação média e superior, habitantes das periferias das grandes cidades, que por meio de práticas ligadas a diversas formas de violência expressam revolta diante da sociedade da qual são excluídos (SPÓSITO, 2008; UNESCO, 2004). A década seguinte, 1990, é caracterizada pela elaboração de políticas públicas voltadas à juventude com foco na inserção de jovens excluídos no mercado de trabalho (SPÓSITO 2008; ABAD, 2002).

No Brasil, a questão da violência juvenil ocupa o primeiro lugar como problema social. Logo em seguida o tema do desemprego juvenil alcança visibilidade, desde o início dos anos 2000. Porém, há uma imagem socialmente construída da relação intrínseca entre a ociosidade forçada pela difícil inserção e permanência no mercado de trabalho e a violência (SPÓSITO, 2008).

A construção de uma “agenda” em torno do tema da juventude advém da concorrência desses fatores conjunturais, que ocuparam a mídia e o debate público. Dessa maneira, fica evidente o conteúdo normativo dessas iniciativas, que pretendem assegurar uma passagem para a vida adulta de modo não ameaçador a certas orientações dominantes.

Se os jovens ainda são tematizados como problema social, a grande maioria dos programas voltados a eles visam então coibir o comportamento violento e minimizar a potencial ameaça que eles podem trazer para a vida social (SPÓSITO, 2007 e 2008).

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, há por parte do poder executivo federal o reconhecimento dos problemas que mais afetavam os jovens: a violência e o desemprego. Nesse sentido, há o aparecimento de um novo tipo de ação, por meio de programas de inclusão, que tem no jovem oriundo das classes populares o foco e que são implementados, na maioria, por meio do Ministério da Justiça e Ministério da Previdência e Assistência Social (SPÓSITO, 2008; SPÓSITO E CARRANO, 2003).

Durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), segundo essas autoras, houve aumento significativo de iniciativas de políticas de geração de trabalho e renda voltadas para jovens, somando no período 33 programas federais voltados a esse público específico. Os programas funcionavam por meio de transferência de renda sob a forma de bolsa; a presença em atividades socioeducativas era exigência obrigatória como condição de acesso à renda. A maioria das propostas é executada sob a forma de transferência de recursos ao Poder Executivo municipal ou estadual ou às ONGs e fundações empresariais.

Algumas dessas iniciativas tinham como objetivo principal a qualificação profissional, a partir da instituição, em 1995, do Plano Nacional de Qualificação Profissional (Planfor). O Planfor tinha como público-alvo prioritário jovens de baixa escolaridade, especialmente aqueles em “conflito com a lei”. Entretanto, era destinado a todos os desempregados e trabalhadores inseridos no processo de modernização e reestruturação produtiva (CORROCHANO, 2008; PIOLA & PEREIRA, 1998). O objetivo do Planfor era estabelecer um conjunto de ações que

ampliase a escolaridade dos sujeitos envolvidos, “articulando formação básica e formação profissional e, ao mesmo tempo, ofertando cursos de qualificação profissional” (CORROCHANO, 2008 p. 57).

O Planfor foi implementado a partir da parceria com secretarias estaduais do trabalho, organizações não governamentais, centrais sindicais e o Sistema S entre outros.

As mesmas autoras apontam como críticas a esses programas o fato de serem, na maioria, voltados para um tipo específico de jovem, considerados excluídos ou em risco social. Entretanto, esses programas não constituíam nenhum tipo de interação com os sujeitos em questão, pois não havia canais de interlocução com os próprios jovens, destinatários de algumas dessas propostas.

Em 2003, o governo federal constituiu uma política nacional voltada aos jovens no campo do trabalho, criando a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude. Fazem parte dessa política o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego dos Jovens³³ e o Programa Integrado de Juventude, conhecido como ProJovem³⁴.

³³ O Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego dos Jovens (PNPE) tem por objetivo a qualificação socioprofissional de jovens de 16 a 24 anos, desempregados, com renda mensal *per capita* de até meio salário mínimo. Por meio dele os participantes recebem vale-transporte e bolsa-auxílio de 150 reais.

³⁴ O atual ProJovem visa ampliar o atendimento aos jovens entre 15 e 29 anos excluídos da escola e da formação profissional. O programa incorporou vários programas direcionados a jovens:

“1) ProJovem Adolescente (antigo Agente Jovem), sob responsabilidade da Secretaria Nacional da Juventude e Ministério do Desenvolvimento Social. Tem como objetivos criar condições para inserção, reinserção e permanência dos jovens de 15 a 17 anos no sistema de ensino (independentemente da renda familiar ou que sejam pertencentes a famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família); promover sua integração à família e à sociedade; prepará-lo para atuar como agente de transformação de sua comunidade. O jovem recebe um auxílio financeiro de R\$ 100,00 por mês, deve freqüentar a escola e realizar atividades de caráter educativo.

2) ProJovem Urbano (antigo ProJovem), sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Juventude. Estabelece como objetivo a elevação da escolaridade (até o ensino fundamental), qualificação profissional e desenvolvimento de ações comunitárias. Dirigido a jovens de 18 a 29 anos que tenham alcançado até a 4ª série, mas não tenham completado o ensino fundamental, e jovens com esse mesmo perfil que estejam em unidades prisionais. Os jovens recebem auxílio financeiro mensal de R\$ 100,00, devem freqüentar as aulas e realizar trabalhos escolares, incluindo ações em suas comunidades.

3) ProJovem Trabalhador (antigos Juventude Cidadã, Escola de Fábrica e Consórcio Social da Juventude). Sob responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego e da Secretaria Nacional de

Ambos, no entanto, apresentam caráter focalizado e seletivo, com tempo e público determinado, não consideram a heterogeneidade que os jovens estabelecem com o estudo e com o trabalho: [são uma] “pálida ocupação do tempo presente, quando os jovens querem ampliação de repertórios e melhores possibilidades para construir seu presente e os rumos futuros” (SPÓSITO, 2007 p. 36).

4.1. As Políticas Neoliberais e o Surgimento das ONGs

A expressão ONG foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1940 para designar entidades não oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social na área de desenvolvimento da comunidade. Inicialmente, o termo estava associado a organizações dos países centrais, que financiavam projetos nos países periféricos (GOHN, 1994; TEIXEIRA, 2000).

No Brasil, as primeiras ONGs surgiam na década de 1960, porém, a maioria começa a surgir no final dos anos 1980, tendo aumento significativo a partir da década de 1990, como mostra a Tabela 5, a seguir.

Juventude. Estabelece como objetivo preparar o jovem para o mercado de trabalho e para ocupações alternativas de geração de renda. Dirigido a jovens de 18 a 29 anos, desempregados e membros de famílias com renda per capita de até meio salário mínimo. O jovem recebe auxílio financeiro de R\$ 100,00. Deve freqüentar a escola caso não tenha concluído o ensino médio e participar em cursos de qualificação profissional” (CORROCHANO, 2008 p. 62).

Tabela 5 – Ano de fundação das ONGs filiadas à Abong³⁵ (%)

Até 1970	1971 - 1980	1991 - 1990	1991 - 1996	Total
5	15.5	58	21.5	100

Fonte: ONGs um perfil: cadastro das associadas à Abong (1998)

Landim (1993) destaca a constituição na década de 1970 e 1980, durante a ditadura militar, de associações de assessoria e apoio aos movimentos sociais, em parceria com a Igreja Católica e outros articuladores políticos, que se transformaram em ONGs. Essas associações possuíam metodologia baseada na educação popular e um perfil mais político-militante do que técnico-profissional, priorizavam a formação dos quadros e não desenvolviam nenhum tipo de parceria com o Estado, pelo contrário, assumiam uma postura crítica diante deste e do sistema político.

As associações, nos anos 1990, passam a reivindicar para si o papel de sujeito social, a partir de uma visão mais complexa de sua identidade e papel político. Elas provocaram mudanças sociais, com o aparecimento de novos conflitos sociais e persistência dos antigos, discriminação e desigualdade social, identidades, direitos, meio ambiente, consumo, juventude, apoio a portadores de doenças etc. Não tendo mais como foco principal de ação somente o apoio aos movimentos sociais, houve a transformação de um “serviço invisível”, feito normalmente de forma voluntária, em uma profissão (LANDIM, 1993; TEIXEIRA, 2000). Há, porém, uma dupla questão: Se por um lado há uma parte do estímulo para que as ONGs se voltem para uma atuação mais autônoma, pressionando o Estado no sentido de um reconhecimento de direitos a grupos sempre excluídos da sociedade, como consequência das atividades dos movimentos sociais, há

³⁵ Abong – Associação Brasileira de ONGs, fundada em agosto de 1991. Tinha entre outros objetivos priorizar a realização de um cadastro de ONGs atuantes no país; apoio aos processos regionais, estaduais e locais de articulação; estímulo à reflexão acerca da relação entre a associação e os movimentos sociais, bem como acerca da interlocução entre as ONGs de desenvolvimento e organizações ambientalistas; participação na ECO-92; disseminação de informações de interesse para as organizações associadas; e análise da legislação existente com relação à criação e funcionamento das ONGs (site Abong, Histórico da instituição – <http://www.abong.org.br>, acesso em 12 dez. 2009).

outra parte que estimula e propõe uma sociedade mais ativa e propositiva, substituindo as atividades do Estado e transferindo para o conjunto da sociedade tarefas que até então caberiam a ele (TEIXEIRA, 2000).

A essas organizações sociais caberiam compensar os impactos das perdas resultantes dos cortes em programas sociais, corroborando, dessa maneira, o discurso neoliberal de desresponsabilizar o Estado dessas atividades. Há nesse sentido a construção de um discurso neoliberal que, segundo Paoli e Telles (1997), nega a alteridade e recusa o sentido de responsabilidade pública e obrigação social.

Durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), assistimos a uma reforma do Estado brasileiro. Dentro desse processo, temos a redefinição do papel e das funções do Estado, com o objetivo de redução do tamanho e contingente de pessoal e redução de gastos e investimentos em setores considerados não estatais, por meio de três programas: privatização, terceirização e “publicização”. Privatização é a venda de setores de produção de bens e serviços; terceirização é a contratação de empresas terceirizadas tirando o ônus do governo sobre a contratação de funcionários públicos concursados. Já a “publicização” pode ser assim definida:

organizações não estatais assumindo funções de prestação de serviços. (...) Bresser [Ministro da Administração e da Reforma do Estado, gestão FHC] ressalta a necessidade de que organizações da sociedade assumam as tarefas estatais, de que haja transferência dessas tarefas para o que ele denomina de campo público não-estatal. As organizações sociais são “pessoas jurídicas de direito privado, constituídas sob a forma de associações civis sem fins lucrativos que se habilitam a administração de recursos humanos, instalação e equipamentos pertencentes ao Poder Público e ao recebimento de recursos orçamentários para a prestação de serviços sociais (BARRETO, 1999. p. 120-121).

Dessa maneira, parece haver uma contradição. Para algumas dessas organizações da sociedade civil, trata-se de poder aumentar a capacidade da sociedade em influenciar e fiscalizar o poder público estatal; para outras, de desenvolver ações assistencialistas, cobrindo a ausência do Estado.

4.2. Campinas: as Políticas Sociais

Como já foi dito anteriormente, desde meados dos anos 1990 desenha-se no cenário brasileiro uma preocupação mais sistemática na implantação de ações voltadas para a juventude no âmbito do Poder Executivo municipal. Observa-se nesse período o estabelecimento de “parcerias” entre o Poder Executivo local e a sociedade civil, na maioria das vezes representadas por ONGs cujo objetivo é a implantação de projetos ou programas, alguns financiados pelo governo federal, para jovens (SPÓSITO, 2008).

Essas iniciativas são fruto, na maioria, do compromisso de partidos de esquerda e centro-esquerda, que passam a incluir nas ações demandas específicas destinadas aos jovens. Provavelmente muitos desses programas, destinados aos jovens e incorporados pelo poder público local, já vinham sendo desenvolvidos pela sociedade civil por meio das ONGs e também de fundações empresariais (SPÓSITO, 2008; RUA, 1998).

Em Campinas, a partir de 2001, início do governo do Partido dos Trabalhadores com Izalene Tiene (2001-2004), temos a criação da Coordenadoria da Juventude. Em agosto de 2004 foi criado o Centro de Referência Juvenil, construído por meio das reuniões do Orçamento Participativo (OP) voltado para os jovens, cujo principal objetivo era desenvolver o “Primeiro Emprego”, atingindo, em duas etapas, 800 jovens do município.

Nesse período, segundo dados do IBGE, Campinas tinha uma população de 1.034.955, dos quais, 289.157 (28%) eram jovens de 15 a 29 anos de idade.

Abaixo, o Quadro 1 traz os programas sociais voltados para juventude na cidade de Campinas.

Quadro 1 – Programas sociais para a juventude na cidade de Campinas

Programa / Projeto / Ação	O que é?	Quem realiza?
Ação Jovem (15/24 anos)	Programa de transferência de renda	Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social; Seeds
Bolsa Atleta (15/24 anos)	Bolsa para atletas jovens	Secretaria Municipal de Esportes, Ministério dos Esportes
Casa Brasil (15/24 anos)	Programa de acesso às tecnologias da informação	Coordenadoria de Políticas Públicas de Juventude, Governo Federal
Centro de Referência da Juventude (15/24 anos)	Local que disponibiliza atividades para a juventude	Coordenadoria de Políticas Públicas de Juventude
Ceprocamp	Escola técnica municipal e cursinho pré-vestibular	Secretaria Municipal de Educação
Craisa (14/24 anos)	Centro de Atenção à Saúde do Adolescente	Secretaria Municipal de Saúde
Jazz no Rosário	Shows de jazz no Largo do Rosário (toda quinta-feira)	Secretaria Municipal de Cultura
Jovem Aprendiz	Profissionalização e inserção no mercado de trabalho	Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social
Jovem.com (14/24 anos)	Programa de inclusão digital com transferência de renda	Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social
Juventude Cidadã (16/24 anos)	Profissionalização e transferência de renda	Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social; Secretaria Municipal de Educação; Secretaria Municipal de Saúde; Secretaria Municipal de Transporte; Governo Federal
Oficinas Culturais	Oferta de oficinas culturais	Secretaria Municipal de Cultura

Fonte: <http://www.juventude.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=215> acessado em 02/09/2009.

Dos programas voltados à população jovem do município de Campinas, apenas o Jovem Aprendiz e o Juventude Cidadã têm como objetivo a profissionalização e a inserção no mercado de trabalho.

4.3. A ONG Cecoia e a Relação com os Jovens Frequentadores

O Centro Comunitário Irmãos André (Cecoia) surgiu por iniciativa da Associação de Pais e Mestres do Colégio Notre Dame de Campinas, inspirados na filosofia da Congregação de Santa Cruz: “fidelidade a Deus e sensibilidade às necessidades da comunidade”. O objetivo inicial era educar crianças de 6 a 10 anos de idade.

O distrito de Sousas foi escolhido porque, além de ser berço do colégio, não havia no distrito nenhuma entidade de assistência a crianças “carentes”. Em 1988, a entidade já atendia jovens até 17 anos de idade.

O objetivo do Cecoia é educar para a cidadania e qualificar para o trabalho em regime complementar a escola formal, proporcionando atendimento socioeducacional, beneficente, a crianças e jovens comprovadamente matriculados em estabelecimentos públicos de ensino cujos pais trabalham, não tendo com quem deixar os filhos fora do horário escolar.

O centro procura atender à comunidade do Beco³⁶, com o objetivo de viabilizar ações educativas para melhoria da qualidade de vida, aproximar a comunidade local do trabalho desenvolvido na entidade e encaminhar recursos necessários à mesma para melhoria do padrão de subsistência, viabilizar projeto de autossustentação; aumentar o número de parcerias com a finalidade de melhorar o atendimento.

Hoje, o Cecoia conta com duas sedes, uma que atende crianças de 6 a 10 anos de idade e outra que atende à faixa etária de 10 a 17 anos, num total de 150 usuários.

³⁶ Comunidade formada por moradores de baixa renda, localizada em frente ao Cecoia, com ruas de terra, sem infraestrutura básica de água e esgoto e com problemas recorrentes de enchentes.

A Unidade I desenvolve um trabalho socioeducativo complementar à educação formal, em período diferente da escola regular, composto pelas seguintes atividades: capacitação escolar, com aulas de reforço escolar e leitura e disponibilidade de horário para as crianças realizarem o dever de casa, além de aulas de informática e atividades lúdicas.

Desde 2005, a ONG desenvolve na Unidade II, que atende jovens até os 17 anos de diversas regiões de Campinas, por meio de dois projetos: o Flecha e o Alvo. O Projeto Flecha é voltado para a faixa etária dos 14 aos 17 anos e, segundo a coordenadora pedagógica, seria um primeiro passo para que o jovem chegue com maior independência ao curso de qualificação para o mercado de trabalho (Projeto Alvo). O Projeto Flecha funciona todos os dias da semana na parte da tarde; e tanto o Flecha quanto o Alvo atendem jovens de diversos bairros periférico de Campinas. De acordo com a coordenadora pedagógica: “nesse intervalo de tempo, nesses dois anos, nós montamos o curso de Protagonismo, que chama-se de Flecha, então é a Flecha que atinge o Alvo. (...) Então é uma fase intermediária que esse jovem pode ficar nesse programa assim sem um tempo determinado, vamos dizer. Então hoje no Protagonismo³⁷ eu atendo de quatorze a dezessete e com isso depende muito da característica do adolescente estar no Protagonismo.”³⁸

Segundo a coordenadora pedagógica da entidade no Projeto Flecha, o jovem teria contato com outras entidades de Campinas, que também realizam cursos de formação para o mercado de trabalho, em diversas áreas. Dessa forma, ele teria maior possibilidade de escolha, pois cada entidade assistencial de Campinas, que participa do Programa Jovem Aprendiz, promove cursos específicos. Por exemplo, o Cecoia atua somente com cursos e parcerias com clubes de Campinas e com atendimento e recepção, no entanto, há outras entidades que atuam em áreas diversas como

³⁷ Para Spósito (2008, p. 65) e Castro (2002), o termo protagonismo tem sido utilizado de diversas maneiras por agentes públicos e ONGs, porém é utilizado de forma pouco crítica e “não espelha, de fato, uma relação com os sujeitos jovens pautada pela idéia de sua autonomia e capacidade de participação. Parece tratar-se mais de uma metodologia de ação com o trabalho dos jovens do que um princípio ético-político que pressupõe o reconhecimento dos jovens como atores coletivos relevantes e, por isso mesmo, com direito a autonomia.”

³⁸ Entrevista com a coordenadora pedagógica do Cecoia, realizada em 04/06/2009.

gastronomia, hotelaria entre outras. Caso o jovem tenha interesse por outra área de atividade, ele tem a possibilidade de escolha conhecendo as outras entidades. Também por meio desse contato externo, o jovem começaria a ter experiências de maior independência, que é uma característica fundamental, para a coordenadora, para que ele comece a frequentar o curso de formação para o mercado de trabalho.

“É um curso também que tem programação bem diferenciada, (...), porque ele prepara o menino com outras frentes de trabalho, ele tem aqui a parte de informática, onde a gente continua a informática básica, a internet, mas nós já entramos com cursos mais avançados e são opcionais e nem sempre esses cursos são feitos dentro do Cecoia. Nós criamos parcerias, e esse jovem sai daqui pra fazer, então também já é visando esse contato, essa ampliação de relacionamento, de repertórios e tudo. O Projeto Escolhendo meu Caminho, onde ele tem todas essas atividades. E eles já fazem outras formações externas, a gente faz parceria com a Casa de Santana³⁹, outros espaços educativos ele também sai. Muitos cursos à distância que ele faz aqui via internet, do Ciec⁴⁰ e outros aí que a gente acha que eles possam fazer. Algumas são opcionais, o Voluntário Jovem é opcional, o curso de música, agora o Mundo do Trabalho não, ele tem de fazer, as oficinas culturais são opcionais também. No espaço garantido, a gente faz um trabalho de educação socioambiental, esse trabalho dos Vínculos⁴¹, que é um projeto também, em que a gente desenvolve todas essas temáticas ao longo do ano culminando com o Projeto de Vida. Logicamente não é aquele projeto de vida nos moldes tão ampliado, mas é dentro desse leque que a gente oferece, a gente termina o ano com o projeto de vida. E aí faz parte, Fernanda, ao longo desse trabalho dos Vínculos, eles saírem com a educadora aqui e conhecer o que tem de Jovem

³⁹ Entidade fundada em 1936, tem hoje como missão promover a inclusão social através da formação, profissionalização e geração de renda pela inclusão digital, preparação para o colégio técnico, curso de Inglês e de Espanhol, artesanato, elétrica residencial, grupo em vulnerabilidade pessoal e social e serviços operacionais em hotéis e restaurantes.

⁴⁰ Centro de Integração Empresa-Escola, começou suas atividades em 1964, na cidade de São Paulo. Sua missão é desenvolver ações de capacitação profissional em cooperação com instituições de ensino e empresas, visando à inserção de estudantes no mercado de trabalho.

⁴¹ Esse trabalho de Vínculos é uma atividade na qual os jovens, juntamente com os educadores, conhecem outras entidades que participam do Programa Jovem Aprendiz em áreas de atividades profissionais diversas. Esse é um dos passos para, ao final do ano, o jovem possa concluir o que a coordenadora chama de Projeto de Vida, onde ele já teria escolhido sua área de iniciação profissional.

Aprendiz na cidade, então a gente vai com eles, nós vamos ao Educandário Eurípedes⁴², nós vamos ao Kennedy⁴³, nós vamos ao Ciec, a gente leva eles nas visitas.”⁴⁴

Segundo a coordenadora, há uma preocupação em preparar o jovem para que ele esteja mais maduro e independente ao ingressar no mercado de trabalho. Para ela, os jovens que frequentam a instituição há muito tempo acabam se sentindo protegidos e sem contato com a realidade externa. Dessa forma, há um trabalho do Cecoia para que os jovens transitem pelos espaços da cidade e conheçam outras instituições, tendo acesso a novas possibilidades de cursos. O Projeto Flecha seria um período de preparação e “treinamento” antes da inserção dos jovens no mercado de trabalho.

4.3.1 A vivência dos jovens frequentadores da instituição

Os cinco jovens entrevistados frequentaram o Cecoia por períodos bastante variáveis. Magali e Júlia iniciaram-se na instituição aos 7 anos de idade e a frequentaram até os 17. Anderson e Fernando começaram com 12 anos. E Carol foi quem se iniciou com mais idade, aos 15 anos.

Os jovens entrevistados começaram a frequentar o Cecoia por indicação de amigas das mães ou de parentes, que já tinham os filhos frequentando com a alegação de não deixá-los nas ruas no tempo ocioso, correndo riscos e também por saber que o Cecoia podia auxiliá-los na

⁴² Inaugurado em 30 de setembro de 1962, o Educandário Eurípedes iniciou suas atividades através da construção de um internato para menores encaminhados pelo Poder Judiciário, que funcionou até o ano de 1991. A partir de 1992 a entidade passou a desenvolver os Cursos de Iniciação Profissional para adolescentes e adultos, em funcionamento até a presente data. O Educandário Eurípedes é um dos departamentos do Centro Espírita Allan Kardec, sociedade civil, filantrópica. A instituição atende adolescentes e adultos em situação de vulnerabilidade pessoal e social, oferecendo cursos de Iniciação Profissional e Programas Sócio-Educativos.

⁴³ O Centro Social Presidente Kennedy foi fundado em 1965, pelo padre jesuíta Haroldo Rahm, no bairro São Bernardo, em Campinas. O objetivo da entidade é qualificação de jovens para o mercado de trabalho.

⁴⁴ Idem. p. 08 anexos

busca do primeiro emprego. Carol diz que passou a frequentar a ONG quando começaram os projetos voltados aos jovens.

Para eles, frequentar a instituição foi uma experiência positiva, pois ao contrário do ambiente escolar, descrito como desorganizado e sem regras, no Cecoia eles eram acolhidos e bem recebidos. A instituição era organizada, e lá eles faziam refeições, utilizavam salas de vídeo, informática, brinquedoteca e também, por meio de parcerias com o poder público e a iniciativa privada, tinham acesso a locais de lazer, como o Clube do Colégio Notre Dame.

Ao descrever o que faziam quando criança, o que eles mais gostavam eram as atividades do Colégio Notre Dame, como ir visitar a escola e a fanfarra. Eles admiravam a escola de elite, que era organizada, acolhedora e na qual os alunos tinham acesso ao conhecimento tão almejado por eles.

Porém, ao atingir certa idade e tornar-se jovens, essas atividades ficavam entediadas, pois muitas delas reproduziam a dinâmica da sala de aula na escola formal, e os jovens acabavam se desinteressando. A jovem Carol diz que as oficinas do CMU e as atividades do curso Alvo foram também importantes nesse sentido, pois dinamizaram e tornaram a frequência mais agradável. Abaixo a fala da jovem descreve um pouco dessa rotina na ONG:

“Eu chegava no Cecoia e ia para o refeitório tomar café. Voltava do refeitório, quem tinha lição da escola, trabalho da escola pra fazer, tinha um tempo pra fazer. Cada turma ficava na sua sala com a monitora. Aí era dividido por dia da semana, cada dia ou horário uma turma usava a sala de vídeo, ou a brinquedoteca, que pra nós adolescentes não tinha muito... Por que quando tinha oficinas diferentes, aí mudava um pouco o tema, era bom, animava um pouco”.

Os jovens consideram importante ter frequentado o Cecoia porque foi por meio da ONG que puderam participar do Alvo e assim conseguir o primeiro emprego; além disso, frequentar a instituição abre portas para o mercado de trabalho na cidade de Campinas, pois a instituição é muito reconhecida. Para alguns deles, ter frequentado a ONG também mudou a relação que tinham com os estudos, pois passaram a demonstrar mais interesse pelos estudos e a ter uma postura mais participativa nas aulas.

Carol, ao ser perguntada da importância de frequentar o Cecoia, revela: “Ah, foi o começo assim do que eu tenho agora. Foi por onde eu consegui meu primeiro emprego, comecei a fazer os cursos, me interessei mais pelo estudo”.

Para Anderson, ter frequentado o Cecoia “ajuda, porque às vezes a gente fala nesse curso assim, aí o pessoa fala: ‘ah, você participou, tal? Conheço o Cecoia, conheço o projeto deles’. Porque aqui em Campinas eu acho que há muita gente que conhece, eu já fui a lugares em Campinas entregar currículo e há muita gente que conhece o Cecoia. Eles falam que aqui é bom”.

4.4. Projeto Alvo: Parceria entre Estado, ONG e Setor Privado

O Projeto Alvo (Adolescência com Liberdade e Visão de Oportunidades) teve início em 2005, com atividades até a presente data e como objetivo principal a formação profissional e inserção de jovens no mercado de trabalho.

O Projeto surgiu a partir da participação da ONG na Lei do Jovem Aprendiz e de parcerias com a iniciativa privada, como o Instituto Hong Kong and Shanghai Banking Corporation (HSBC), a tevê Globo (EPTV Campinas) e associações como Sociedade Hípica de Campinas, Clube Campineiro de Regatas e Natação, Clube Círculo Militar de Campinas e Clube Fonte São Paulo.

No Estado de São Paulo, a Lei da Aprendizagem é incentivada pelo Movimento Degrau, surgido a partir da mobilização das associações comerciais do Estado de São Paulo e da Rede Brasileira das Entidades Assistenciais Filantrópicas (Rebraf). O Degrau atua na divulgação dessa

Lei, na elaboração de programas de aprendizagem profissional e na integração de todos os segmentos envolvidos no cumprimento e disseminação da Lei de Aprendizagem.

Segundo a coordenadora da entidade, o projeto foi criado devido ao diagnóstico de que os jovens deixavam o Cecoia ao chegar aos 14 ou 15 anos, seja porque as atividades socioeducativas ou as atividades desenvolvidas não atraíam mais o interesse desses jovens, seja porque eles começavam a trabalhar. Conta a coordenadora:

“O Alvo veio para suprir a necessidade que a gente tinha após o desenvolvimento do Programa socioeducativo. Nós tínhamos uma evasão enorme de garotos, porque o Programa socioeducativo atendia até os 18 anos, mas, quando chegava por volta dos 14 ou 15 anos, eles se evadiam porque queriam trabalhar no setor informal”⁴⁵.

Os jovens se inscrevem no projeto e frequentam aulas uma vez por semana na instituição, voltadas diretamente para a atividade que vão realizar dentro das empresas parceiras; no restante da semana, os jovens trabalham.

Entretanto, não há nenhuma garantia de que esse jovem inscrito no Alvo conseguirá estagiar nas chamadas “empresas parceiras” que participam do projeto. Já os processos seletivos são elaborados pela própria empresa com o acompanhamento da ONG para selecionar os jovens. A seleção provavelmente gera nos jovens e nas famílias grande ansiedade e, no caso de não serem aprovados pelas empresas, criam uma sensação de enorme fracasso. Lembra a coordenadora que:

“é porque eles vêm com o objetivo para cá de serem colocados [inseridos no mercado de trabalho] (...), é isso que eles buscam. Na hora em que você faz a entrevista, que conversa com a família, a expectativa é essa. Ele não vem aqui para fazer uma formação, para fazer um curso, ele vem para ser colocado, então isso acaba ficando em segundo plano na vida dele (...) vai renovando o quadro de aprendizes dentro da unidade empregadora, é então quando eles vêm pra,

⁴⁵ Entrevista com a coordenadora pedagógica do Cecoia realizada em 04/06/2009.

eles são muito bem assim, informados, trabalhados, inclusive família, quando vêm fazer a matrícula tudo, é que ele vai fazer uma formação, é esse o tónus que a gente dá, a colocação no mercado é uma consequência disso. Isso não elimina o fato de a expectativa ser aquela que eu falei, isso daí continua”⁴⁶.

O jovem trabalha por, no máximo, dois anos, durante seis horas diárias e recebe um salário mínimo mensal. No caso específico do Cecoia, até 2008, a parceria era feita com alguns clubes de Campinas, como A Sociedade Hípica de Campinas, o Clube Fonte São Paulo, o Círculo Militar de Campinas, o Clube Campineiro de Regatas e Natação, e o Tênis Clube de Campinas, por meio do programa chamado Curso de Serviços Operacionais em Clubes. Os jovens eram direcionados para estagiar nesses locais e selecionados pelo próprio clube.

Segundo a coordenadora pedagógica da instituição, dos clubes no projeto se deve a demanda de postos de trabalhos nesses locais.

“É, nós fomos buscar..., fizemos um..., não vou dizer uma pesquisa, mas começamos a perceber uma demanda que vinha dos empregadores, principalmente os empregadores da região e a própria colocação nos clubes.”⁴⁷

A coordenadora da instituição e os jovens entrevistados consideram o projeto bastante positivo, pois, além da aprendizagem nos cursos, muitos jovens são depois efetivados pela própria empresa, segundo a coordenadora. Assim, este projeto se configura como importante espaço de inserção no mercado de trabalho. E, para os jovens pesquisados, foi por meio do Projeto Alvo que conseguiram o primeiro emprego, a partir do estágio que fizeram em diversos clubes de Campinas.

Porém, o tempo de estágio variou. Anderson estagiou por apenas dois meses e então foi demitido. Segundo contou, a justificativa do clube era de que haviam contratado mais pessoas do

⁴⁶ idem

⁴⁷ ibidem

que realmente necessitavam e tiveram então de demitir os mais novos. Anderson demonstra frustração por não ter permanecido no estágio: “Eu acho legal, assim, o Jovem Aprendiz é legal, só que assim, só que tem uma coisa que..., o Jovem Aprendiz é assim, tem um tempo certo pra acabar, então você já vai sabendo que vai sair. Eu acho assim, sei lá, que é meio chato você ir trabalhar num lugar sabendo que vai sair. (...) pouca gente foi contratada, a maioria saiu logo depois que venceu o contrato”.

Fernando estagiou por dois anos, passando por diversas funções no clube, a cada três meses ele estagiava em um setor diferente. Terminando o período do estágio, não foi contratado. Carol e Júlia estagiaram um ano e meio e também passaram por algumas funções diferentes. Júlia, na época do estágio com 15 anos, relatou o departamento no qual mais gostou de estagiar: “Eu gostava..., o departamento que eu mais gostei foi o último, que eu trabalhei com a Beth, que é esse que eu esqueci o nome. Era assim, eu ligava pra debutantes, pra fazer o baile... Sempre que tinha reunião pra ver como ia montar as festas eu tava junto, pra ver como funcionava, era muito legal”. E também demonstra frustração com o fim do estágio: “Quando eu comecei a gostar de ficar na Hípica, tive que ir embora (risos)”. Magali conta que demorou muito para conseguir a vaga devido à idade, pois os clubes não queriam contratar jovens com 14 anos, porém, ao conseguir, foi a única efetivada.

A partir da análise feita sobre o Projeto Alvo e também sobre a Lei do Jovem Aprendiz, percebe-se que, se o estágio é importante oportunidade para o mercado de trabalho, há que considerar a outra face, a participação no processo de desestruturação do mercado de trabalho. Observando as relações entre os jovens e as empresas que participam da Lei da Aprendizagem, evidencia-se que os estágios têm sido utilizados como forma de precarização do trabalho de jovens. Para a empresa, provavelmente não é compensatória financeiramente a contratação desses jovens, já que, quando os dois anos são cumpridos, os contratantes podem solicitar novos estagiários, não arcando com os direitos trabalhistas de um funcionário comum. Em caso de demissão, não há pagamento obrigatório de multa rescisória. Dessa maneira, os estágios poderiam contribuir para a precarização do trabalho, fazendo parte do chamado “emprego atípico”, cujo significado segundo Maruani (2003) seria uma

expressão genérica que engloba todos os tipos de emprego que, de uma maneira ou de outra, violam a norma do trabalho relativa ao contrato por tempo indeterminado e em tempo integral. Encontram-se contratos por tempo determinado, o trabalho temporário, os contratos de auxiliares e os estágios diversos – eufemisticamente denominados “formas particulares de emprego” –, assim como o trabalho em tempo parcial que, muitas vezes, corresponde a uma situação em que se trabalha menos do que gostaria (p. 1).

Porém, a justificativa da direção dessas empresas é a possibilidade de ampliação dos programas de estágio, gerando assim novas vagas para atender outros jovens, como nos mostra a jovem Júlia:

“Então, eles falaram assim pra mim e pra Carol que lá é difícil efetivar, por causa que..., tipo, se a gente saiu é pra ter vaga pra outras aprendizes, entendeu?”

A partir de 2008, foi implantado o Curso de Recepção e Atendimento, visando o trabalho em clínicas médicas e bufês, entre outros, voltado principalmente para as jovens mulheres, pois elas “não podiam” desenvolver algumas atividades, vistas como exclusivamente masculinas, como relata a coordenadora pedagógica:

“Hoje nós temos dois cursos, um é esse dos clubes e o de recepção e atendimento. Por quê? Porque no curso de clubes havia uma absorção de muitos meninos, mas não de meninas, a gente tinha uma dificuldade muito grande de colocar as meninas. E havia uma demanda pra recepção e atendimento. Então nós criamos há dois anos o curso de recepção e atendimento. (...) E elas iam lá desempenhar essa função, porque o clube tinha de cumprir a cota e pegava uma menina, ele não podia mandar pra manutenção, não podia mandar a menina pra quadra, não podia mandar a menina pra não sei aonde, quer dizer, o que é que a gente ia fazer?”

Hirata (2002), ao analisar as mudanças no mundo do trabalho a partir dos anos 1990, mostra que, como já discutimos em capítulo anterior, esse período é marcado pelo desenvolvimento da precariedade e da informalidade no mundo do trabalho e da produção. Essa precariedade assume características ainda mais perversas para as mulheres, cujas atividades continuam concentradas em setores como serviços pessoais, saúde e educação.

As médias e grandes empresas foram obrigadas a cumprir a cota de estagiários prevista na Lei da Aprendizagem, de no mínimo 5% e no máximo 15% do quadro de funcionários. Dessa forma, contratam garotos e garotas, porém segmentam as funções a ser exercidas entre aquelas reconhecidas como masculinas, com atividades como de eletricitista, jardinagem, carpintaria, enfim, serviços gerais, não vendo como possível que garotas exerçam tais atividades. Assim são necessários cursos vistos como mais “femininos”, direcionando a inserção das garotas no mercado de trabalho em atividades voltadas às mulheres. Dessa maneira, encaminham as garotas para funções como de atendimento ao público ou para trabalhar em bufês, como se as mulheres tivessem maior vocação para exercê-las.

Essa divisão do trabalho entre homens e mulheres

é em primeiro lugar a imputação aos homens do trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres. Há então, (...) a sustentação do trabalho social sobre o biológico, portanto, (...) o valor distingue o trabalho masculino do feminino: produção vale mais que reprodução, produção masculina vale mais do que produção feminina (mesmo quando uma e outra são idênticas) (HIRATA e KERGOAT, 2003).

Dentre nossos jovens pesquisados, notamos tal perversidade na relação de gênero ao analisar a mudança e a desestruturação na vida profissional e pessoal de Júlia, ao engravidar com 17 anos. A jovem não foi aceita no trabalho, em que estava prestes a ser registrada e acabou se demitindo. A partir desse momento, passou por diversos empregos precários antes e após o nascimento do filho, e ainda houve uma fase na qual ficou desempregada, vivendo apenas de um auxílio do Bolsa Família. Essa condição também se repetiu no ambiente escolar, pois as faltas frequentes, por não ter com quem deixar o filho, a levaram a duas repetências seguidas. Isso, somado à exclusão do grupo de jovens de mesma idade, fez com que a jovem, desanimada, parasse os estudos.

4.5. Participação nas Oficinas do CMU

As oficinas de educação não formal oferecidas pelo Centro de Memória da UNICAMP (CMU) à ONG Cecoia fazem parte do projeto Educação Não-Formal, Memória e Cidadania: os Distritos de Campinas/SP, iniciado em 2005, cuja ideia inicial era atuar nos quatro distritos de Campinas – Sousas, Nova Aparecida, Barão Geraldo e Joaquim Egídio. Nele, a metodologia da história oral foi transmitida aos adolescentes, associada a oficinas de educação não-formal (que desenvolveram o talento dos jovens nas áreas de criatividade, jornalismo, fotografia, samba de roda e orientação profissional).

O projeto do CMU tinha, entre outros, os seguintes objetivos: primeiramente a reconstrução sócio-histórico-cultural dos distritos de Campinas por meio de pesquisa documental (bibliográfica e imagética) e metodologia da história oral (depoimentos de antigos moradores dessas regiões), juntamente com oficinas de Educação Não-Formal, destinadas a adolescentes do local. Num segundo momento, os dados coletados foram sistematizados e colocados à disposição de pesquisadores e da comunidade em geral.

Com relação aos moradores e às entidades dos bairros envolvidos no projeto, esperava-se maior aproximação entre gerações (idosos e adolescentes) por meio das oficinas de história oral, valorizando o papel do idoso na comunidade; capacitando os adolescentes por meio das diversas oficinas; possibilitando aumento das opções profissionais no mercado de trabalho, inclusive com a perspectiva de formação no campo da educação não-formal, podendo tornar-se futuros educadores sociais nas próprias instituições em que foram formados ou em outras instituições afins; uma mudança de mentalidade no que se refere à maior preocupação com a história local; propiciar aos jovens uma construção gradativa da noção de cidadania, pois, ao reconstruir a história recente do bairro onde vivem, intensifica-se o sentimento de pertencimento a esse local.

Segundo Simson,

as reconstruções compartilhadas de processos histórico-sociais, via memória oral, podem redundar em argumentos políticos capazes de fornecer um certo poder aos grupos sociais estudados, permitindo a eles ganhos em suas lutas, sejam elas de caráter político, social ou cultural, assim denominado processo de empoderamento (2007, p. 190).

Os jovens entrevistados afirmaram ter gostado bastante de participar das oficinas, para eles foi uma experiência enriquecedora e que dinamizou as atividades que até então se desenvolviam na instituição. Segundo dizem, as oficinas os ajudou a “se soltar mais”, ser mais participativos e críticos. Júlia, inclusive, disse que chegou a pensar em trabalhar com fotografia durante as oficinas.

Dentre as oficinas de que mais gostaram estavam a de fotografia, seguida por jornalismo, porque eram dinâmicas e realizadas externamente, fugindo do padrão de sala de aula. E história oral, pois por meio das entrevistas realizadas com os moradores mais velhos do distrito puderam conhecer as histórias do passado do bairro e até entender a realidade de Sosas hoje.

Magali, perguntada sobre o que achou das oficinas e qual a que havia gostado mais, disse: “Bom, achei super legal. Eu gostava bastante de jornalismo e fotografia. Ah, porque, tipo, que nem a gente só ficava dentro da sala de aula, assim nas outras oficinas, só lembro bem de jornalismo porque a gente saía pra tirar foto, a gente ia entrevistar várias pessoas na rua”.

E sobre a importância da oficina de história oral para Magali: “Que nem... o que aconteceu comigo, eu era muito tímida, ajudou bastante. Que nem... eu conheci várias coisas que eu não sabia sobre Sosas, vixi! Que nem, aquela turma do Beco, eles falam que não têm lugar pra morar. Antes eu pensava que, tipo, isso era tudo mentira, sabe, era só ceninha, porque várias vezes houve enchente e eles falavam, “não saio, vou ficar aqui de pirraça”, mas muitas delas também porque não tinham lugar pra morar, sabe, então eles tinham que ficar lá mesmo”,

A jovem mostra que por meio das oficinas pôde conhecer melhor a história do bairro e dos moradores, podendo ter uma visão mais crítica da realidade, fugindo do senso comum e do preconceito que cerca essa população.

Para a jovem, as oficinas também a ajudaram na escola: “Na escola eu não participava de nada, eu ficava na minha. A professora perguntava, o que ela perguntava eu só respondia, tipo não tinha interesse na aula, não dava opinião na aula: ‘professora, ó, a senhora esqueceu de falar isso, ou aquilo, faltou tipo corrigir isso...’ Me soltou bastante (...) Por que ajuda? Que nem o que aconteceu comigo, eu era muito tímida, ajudou bastante”.

Por meio dessas oficinas, a jovem participava emitindo opinião, podendo se colocar criticamente, o que a ajudou a perder a timidez e ter um comportamento mais ativo, diferente de estar sentada na sala de aula passivamente recebendo informações.

Júlia disse que adorou as oficinas porque “tinha curso de fotografia, a gente entrevistava pessoas...” E sobre a importância de ter participado disse: “Ah, foi legal, a gente descobriu assim coisas sobre Sousas que a gente não sabia, bem legal”.

O jovem Anderson também se refere ao conhecimento que adquiriu sobre o Distrito durante as entrevistas com os moradores mais velhos do local. “Ah eu achava legal, tipo, fazer oficinas com outras pessoas que você não conhece, conhecer mais da vida. Tem aquela entrevista lá, eu lembro que era um senhor, acho que era um senhor do Beco mesmo, que ele contou de antigamente, do comecinho, da época de infância dele, como que era diferente Sousas assim... (...) Que ele pegava o bondinho pra ir pro forró, alguma coisa assim... Foi bem legal. Eu achei...”

A avaliação das oficinas pela coordenação pedagógica do Cecoia também foi bastante positiva. Na opinião da coordenadora, houve amadurecimento profissional da educadora da ONG que acompanhava as oficinas juntamente com os jovens. Ela demonstrou maior iniciativa e criatividade no desenvolvimento das atividades, além de maior capacidade de decisão. Quanto aos jovens participantes, a coordenação acredita que tiveram um grande aprendizado e um crescimento intelectual, pois nas oficinas de história oral aprenderam a elaborar roteiro, gravar e

transcrever entrevistas. Quanto à oficina de jornalismo, conseguiram finalizar duas edições do jornal comunitário *Antena Jovem* e já tinham patrocínio para mais duas. Na oficina de orientação profissional, discutiram as características atuais do mundo do trabalho, escolheram futuras profissões e elaboraram a trajetória necessária para atingir o objetivo de chegar a exercer essa profissão. Por meio da participação na oficina de fotografia, realizaram passeios fotográficos e registraram aspectos interessantes do distrito; examinaram fotos antigas do distrito, cedidas por depoentes ou trazidas dos acervos familiares dos próprios adolescentes e re-fotografaram os mesmos locais, tentando manter o mesmo ângulo, no intuito de comparar o ontem e o hoje na vida do distrito

Retomando os questionamentos do início do capítulo, percebemos que a partir dos anos 1990, há um significativo aumento de iniciativas públicas voltadas para jovens no Brasil. O foco dessas políticas é variável e, nesse período, percebem-se iniciativas que visam coibir problemas como violência e desemprego, que mais afetavam os jovens. Nota-se, portanto, que o jovem é visto como um “problema social” e que as iniciativas de políticas públicas voltadas a essa categoria devem apresentar conteúdo normativo, que pretende assegurar uma passagem para a vida adulta de modo não ameaçador a certas orientações dominantes, coibindo o comportamento violento e minimizando a potencial ameaça que eles podem trazer para a vida social. Dessa forma, temos a implantação pelo governo federal de programas de inclusão já no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) com continuidade nos dois mandatos do governo Lula (2003-2010). Observa-se também no período o estabelecimento de parceria entre o Poder Executivo local e a sociedade civil, na maioria das vezes representadas por ONGs, cujo objetivo é a implantação de projetos ou programas, alguns financiados pelo governo federal, para jovens.

Porém, os autores com os quais trabalhamos mostram que tais iniciativas representam um caráter pontual, com tempo e público determinado, não consideram a heterogeneidade das situações que os jovens estabelecem com o estudo e com o trabalho, o que as torna apenas uma ocupação do tempo presente dos jovens, não contribuindo para ampliação de repertórios nem para a construção do presente e dos rumos futuros.

É nesse contexto que surgem iniciativas como a da ONG Cecoia, em parceria com o poder público e com a iniciativa privada, no sentido de afastar crianças e jovens pobres da rua e dos perigos que ela possa oferecer, proporcionando-lhes atividades socioeducativas durante um período da infância e cursos de formação profissional e inserção no mercado de trabalho como o Projeto Alvo. Porém, essa formação se dá para um mercado bastante específico, com direcionamento profissional e que, embora de fato tenha propiciado aos jovens pesquisados acesso ao primeiro emprego e seja visto por eles como uma iniciativa bastante positiva, deixa perceber um programa de formação bastante restrita, cujo aprendizado é voltado para funções braçais. Nota-se também que, para as empresas, o Programa Jovem Aprendiz e particularmente a iniciativa do Alvo são bastante interessantes, pois fornecem mão-de-obra treinada para realizar funções de pouca complexidade e pouco custo. Como se trata de estágio, as empresas não são obrigadas a custear direitos trabalhistas e, no final do período estipulado, dispensam os jovens e o curso novamente lhes fornece novos jovens para a realização das mesmas funções.

A partir dessas análises, surgem novas questões acerca do Programa Jovem Aprendiz do governo federal e da relação que as empresas envolvidas nessas parcerias acabam por estabelecer com os jovens participantes de projetos como citado antes. Questões que não pretendemos solucionar, mas que podem interessar a outros pesquisadores, que estudam essa temática. De fato, iniciativas como essas são positivas para quem? Elas realmente conseguem ajudar na inserção de jovens de camadas populares no mercado de trabalho? E, quando o fazem, em que mercado de trabalho são inseridos?

Diferente do Projeto Alvo, há a iniciativa do Centro de Memória da UNICAMP em parceria com Cecoia. Com relação aos objetivos propostos pelo CMU já citado antes, percebe-se que, embora tenha sido uma experiência bastante curta e pontual, ao analisarmos a fala dos jovens a partir da experiência de participação no conjunto de oficinas (principalmente fotografia, jornalismo e história oral), os jovens se apropriaram de um conhecimento sobre o local onde vivem, intensificando assim o sentimento de pertencimento, podendo levar, como já dissemos anteriormente, a um processo de ganhos em sua luta, seja de caráter político, social ou cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo reconstruir a trajetória de jovens de camadas populares no campo do trabalho, da escolarização e das experiências de vivência em uma organização não governamental.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e metodologicamente se valeu da história oral, buscando reconstruir a história de vida de cinco jovens frequentadores da ONG Cecoia, a partir da compreensão de temas como inserção no mercado de trabalho, percurso de escolarização, de educação não formal e formação profissional, origem social, espaços em que vivem e estabelecem relações sociais e expectativas quanto ao futuro, levando em consideração a heterogeneidade dessas trajetórias.

A trajetória familiar dos cinco jovens com os quais trabalhamos apresentam diferenças e similitudes. Fernando mora com a mãe e uma irmã menor. Embora ajude em casa, a mãe é a responsável pelo sustento da família. Júlia mora somente com a mãe, que também sustenta e casa. Magali mora com o padrasto e três irmãs. Ela, a irmã mais velha e o padrasto sustentam a casa. Anderson mora com o pai, a mãe e uma irmã mais nova. E Carol também mora com os pais e duas irmãs mais novas. Somente o pai de Carol tem ensino médio completo; a mãe voltou a estudar e pretende terminar o ciclo. Os pais dos demais possuem ensino fundamental incompleto. Com relação à profissão dos pais, a mãe de quatro jovens, Magali, Júlia, Anderson e Fernando, trabalha como diarista – a mãe de Carol começou a trabalhar como cozinheira e hoje é captadora de recursos na ONG Cecoia. Todas são registradas. Já a maioria dos pais dos jovens trabalha como autônomo, realizando serviços de jardineiro, pedreiro, pintor. Somente o pai de Carol trabalha em emprego formal como metalúrgico na Bosch.

Com relação ao percurso de escolarização desses jovens, percebem-se trajetórias bastante heterogêneas. Somente Magali e Carol não apresentam histórico de repetência e já haviam terminado o ensino médio. As duas garotas pretendiam fazer um curso superior, voltado para sua área de trabalho. Fernando, Anderson e Júlia haviam sido reprovados uma ou duas vezes, e Júlia havia parado de estudar, não terminando o ensino médio. Júlia e Anderson eram os mais desanimados com a escola, pois retratavam uma dificuldade em conciliar trabalho e estudo, e no caso de Júlia também a maternidade. Com relação à formação desses jovens, concluímos que, formados pela pedagogia das competências, muito provavelmente estejam sendo treinados para se ajustar às novas demandas do capital, porém na ponta da cadeia produtiva. A partir da bibliografia discutida, concordamos que as propostas pedagógicas e a elaboração dos currículos reproduzem as relações sociais capitalistas, legitimando as distinções de escolarização entre as diferentes classes sociais; as diferenças de formação e de inserção no mercado de trabalho e de acesso aos direitos de cidadania.

A fala de nossos sujeitos descrevendo a escola que frequentaram e a relação que mantêm com ela corroboram o pensamento acima. Para os cinco jovens, a escola é importante por ser um espaço de conhecimento e formação; também porque é por meio dela que terão acesso a um diploma, que para eles é essencial para conseguir se inserir no mercado de trabalho e ter acesso a um conhecimento que os ajude a se profissionalizar. É importante também porque a escola se configura como espaço de socialização, onde eles encontram os pares. E é esse conjunto que para eles é essencial, para os tirarem de uma condição de *outsiders*. Porém, há uma decepção coletiva em relação à escola, que é vista como caótica, desorganizada, onde não há controle nem pelos professores nem por parte dos gestores da questão disciplinar. É um local onde eles não se sentem acolhidos, ao contrário, nela se sentem tratados como cidadãos de segunda categoria.

Nas conversas, foi possível notar a importância para esses garotos e garotas de professores que se preocupem com o aprendizado; para eles não basta o professor entrar na sala de aula e simplesmente ministrar o conteúdo escolar. Quando citam exemplos de bons professores, recorrem àqueles que se preocupam com a aprendizagem, sem levar em consideração a origem social e que principalmente os incentivem, valorizando as possibilidades e o potencial que têm.

Dessa maneira, a escola não possibilita, na visão deles, acesso à cidadania, pois não lhes proporciona acesso a direitos nem a ensino de qualidade, um local organizado, onde se sintam bem tratados e com professores que se preocupem com a qualidade do ensino e com o aprendizado deles.

Já o percurso desses jovens na ONG mostra outra relação de formação. Júlia e Magali frequentaram a ONG desde crianças e lá passaram a maior parte da infância e juventude. Anderson, Fernando e Carol começaram a frequentar o Cecoia um pouco mais velhos, entre 12 e 14 anos. A procura pela instituição, pelos pais, se dava para evitar que os filhos ficassem na rua no horário contrário ao escolar e, no caso de Carol, Fernando e Anderson já havia uma preocupação com a questão do emprego e as possibilidades que poderiam ter frequentando a ONG.

A relação que é estabelecida entre os jovens e a instituição e os projetos desenvolvidos dentro desse espaço parecem constituir ou representar para os mesmos uma possibilidade não só de inserção no mercado de trabalho, mas também de visibilidade social. Para os jovens entrevistados, a instituição tem importância grande na vida, pois era um espaço onde faziam amigos, participavam de atividades lúdicas, longe das ruas e principalmente porque lá se sentiam bem recebidos e eram acolhidos. E foi por meio da instituição que tiveram a possibilidade de participar das atividades de inserção e qualificação para o mercado de trabalho, do Projeto Alvo e também das oficinas do Centro de Memória.

Com relação à participação dos jovens nas oficinas do Centro de Memória, a partir das falas nota-se que se tratou de experiência bastante enriquecedora. Embora tenha sido uma intervenção num tempo curto, foi por meio das entrevistas que os jovens se surpreenderam com as oficinas, pois foram mais dinâmicas do que esperavam, com realização de atividades fora dos espaços da instituição, fugindo do modelo de sala de aula, que tanto os entediava. Dentre as oficinas que mais gostaram estavam fotografia, jornalismo e história oral; e o motivo foi principalmente o dito acima, a dinâmica de atividades diferentes das que estavam acostumados na escola. Através das falas percebe-se também que para eles foi importante, por meio destas

oficinas, ter a possibilidade de conhecer melhor as histórias do bairro onde moram, o que lhes possibilitou uma visão mais crítica acerca da realidade do local onde vivem. Essa experiência os ajudou a criar um sentimento de pertencimento ao local onde vivem, passando a gostar mais de viver neste espaço.

Ao analisar a história de vida desses jovens, veem-se diferenças e particularidades com relação ao histórico profissional. Atualmente, todos estão inseridos no mercado de trabalho, porém, o percurso de cada um deles é bastante singular. Os cinco frequentaram o mesmo Projeto Alvo e foram inseridos em clubes de campinas para estagiar por um período de até dois anos. Porém, um dos jovens ficou no estágio por apenas dois meses; e uma jovem, depois dos dois anos de estágio, foi efetivada pelo clube e está há quatro anos na mesma empresa. As garotas Magali e Carol apresentam trajetória profissional mais linear e menos precarizada que os garotos. Magali iniciou estágio em um clube de Campinas e após dois anos foi efetivada – em nosso último encontro continuava trabalhando no mesmo local. Carol estagiou por um ano e meio e foi dispensada. Passou por três empregos, todos formais e com registro. Júlia estagiou por um ano e meio e destoa das outras garotas porque teve a trajetória profissional interrompida pela gravidez. Desde então teve diversos trabalhos, a maioria precários, e também passou por períodos de desemprego. Já Fernando e Anderson tiveram trajetória marcada pela precarização. Anderson estagiou apenas dois meses e foi dispensado. Fernando estagiou os dois anos. Após o estágio ambos dois passaram por diversos empregos não qualificados e sem direitos trabalhistas. Anderson teve vários períodos de não emprego.

A partir da bibliografia trabalhada, pode-se concluir que os jovens foram os mais atingidos pelas mudanças no mercado de trabalho, a partir da introdução de políticas neoliberais num contexto de reestruturação produtiva, e, portanto, são os que mais sofrem com o desemprego e a precarização do emprego. A situação se acentua para os jovens de camadas populares. A precarização caracteriza também os estágios dentro dos programas de profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

Analisando-lhes a fala, percebe-se que os garotos e garotas têm consciência da situação em que vivem e sabem que estão empregados em trabalhos com pouco conteúdo e sem qualificação, porém, no momento é o que os ajuda a sobreviver, mesmo que não nas condições ideais; tanto que todos gostam de trabalhar, mas nem todos gostam da função que exercem no momento. Eles demonstram ter perspectivas de futuro e sonham em poder trabalhar na área que escolherem, em funções qualificadas, para as quais foram preparados, com estabilidade e ganhando dignamente para isso. Conseguem distinguir entre o trabalho que fazem hoje e a profissão que gostariam de seguir. É assim que esses jovens se sentirão fazendo parte de maneira ativa da sociedade na qual vivem.

A participação no Projeto Alvo é vista pelos jovens como fundamental na trajetória profissional, pois, segundo essa visão, foi por meio dessa atividade que tiveram a oportunidade de ser inseridos no mercado de trabalho; portanto, a frequência deles na ONG facilitou a inserção no mercado de trabalho. Para eles também é muito importante como experiência no currículo, possibilitando a abertura de novas portas no mercado de trabalho. Porém, não compartilham exatamente dessa mesma visão com relação à experiência do Projeto Alvo. Foi possível verificar que, apesar das vantagens citadas pelos jovens e bastante comemoradas pela coordenação da ONG, é necessário ser mais cauteloso nas análises sobre essas experiências. O programa qualifica jovens e os insere em um mercado de trabalho bastante específico, para exercer funções da ponta da cadeia produtiva. Esses meninos e meninas são treinados para desempenhar funções esvaziadas de conteúdo e para as quais não precisam de nenhuma qualificação. E, para as empresas que estabelecem essas parcerias, nota-se uma situação na qual recebem mão-de-obra barata, que executa as tarefas menos qualificadas e que, por ser parte de um programa de estágio, as exime dos custos trabalhistas.

Carol, Magali, Anderson e Fernando vivem desde que nasceram em Sousas e gostam do local. Destacam a tranquilidade do lugar, mas também os serviços que o distrito oferece. Sousas não tem muita opção de lazer para eles, a maioria citou os quiosques de cachorro-quente, que aos finais de semana se tornam ponto de encontro dos jovens das classes populares do bairro, e a festa da padroeira local, que ocorre uma vez por ano. Nesses espaços estabelecem relações com

os pares e se sentem parte de um grupo. Os bares e restaurantes da moda não são frequentados por eles por ser muito caros. Como já dito anteriormente, a possibilidade de conhecer melhor o local onde vivem, por intermédio da experiência com as oficinas do Centro de Memória, aumentou o sentimento de pertencimento desses jovens ao bairro onde residem.

Ao final dos trabalhos, por meio de um último encontro com o grupo pesquisado, por sugestão da banca de qualificação e com o objetivo de lhes contar alguns resultados da pesquisa e lhes entregar a transcrição das entrevistas, foi possível notar que eles perceberam a importância que tinham tido neste trabalho. E, talvez mais do que dizer no texto que eles são os sujeitos centrais, é factível que perceberam esse fato. Naquele momento, os cinco jovens se sentiram parte de um grupo social, com histórias relevantes e não triviais. Dessa maneira, foi possível entender de fato por que trabalhos que utilizam a metodologia da história oral possibilitam mudança efetiva tanto no pesquisador como no grupo pesquisado.

Este estudo não pretende esgotar as questões acerca de trabalho, escolarização, educação não formal de jovens; mas sim reconstruir a trajetória de cinco jovens de classes populares de um bairro de Campinas, São Paulo, baseada nessas experiências. Porém, são histórias que provavelmente permeiam a vida de muitos outros jovens na mesma condição social espalhados pelo país. Assim, muitas perguntas certamente surgirão desta dissertação, questões que podem interessar a outros pesquisadores, que se debruçam sobre a temática da juventude brasileira a desvendá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, M. **Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil**. Viña Del Mar: Última Década, 2002.

ABRAMO, H. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Editora Scritta, 1994.

ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises e uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANTUNES, R. Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro. In ANTUNES, R. (org). **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2002.

BAENINGER, R. **Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista**. Campinas: Coleção Campiniana. UNICAMP/CMU, 1996.

Barreto, M.I. As organizações sociais na reforma do Estado brasileiro. In: Pereira, LCB & Grau, N. **O público não estatal na reforma do Estado**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

BERTAUX, D. **L'approche biographique: as validité methodologique, ses potentialities**. Paris: Cahieers Internationaux de Sociologie, 1980.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAIADO, A.S.C.; PIRES, M.C.S.; SANTOS, S.M.M.; MIRANDA, Z.A.I. Município de Campinas. In CANO, W. E BRANDÃO, C.R. **A Região metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente**. Campinas: UNICAMP, 2002.

CANO, W. Perspectivas do desenvolvimento econômico do interior paulista. In TARTAGLIA, J. C. e OLIVEIRA, O. L. (orgs). **Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo**. São Paulo: Unesp, 1988.

CARDOSO, A. M. **A década neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CASALI, A.; RIOS, I.; TEIXEIRA, J. E.; CORTELA, M. S. **Empregabilidade e educação – novos caminhos no mundo do trabalho**. São Paulo: PUC-SP, 1997.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Tradução Iraci D. Polet. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CORROCHANO, M.C. **O trabalho e a sua ausência**: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. Tese (doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. (org.). **Jovens e trabalho no Brasil** – desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, instituto IBI, 2008.

DEMARTINI, Z.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In LANG, A. B. G. (org.) **Desafios da pesquisa em ciências sociais**. Textos Ceru, série 2, nº 8. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 1999.

_____. A questão da análise no processo de pesquisa. In LANG, A. Beatriz G. (org.) **Desafios da pesquisa em ciências sociais**. Textos Ceru, série 2, nº 8. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 2001.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ELIAS, N; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Nacional, 1967.

FRANÇOISE, E. A Fecundidade da História Oral. In FERREIRA, M.M. e FIGUEIREDO, J.A. (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FREITAS, M.V. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2000.

FINNI, M. I. (Coord.). **Proposta curricular do Estado de São Paulo**. São Paulo: SEE, 2008.

FORACCHI, M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.

GALVÃO, A. **Neoliberalismo e reforma trabalhista no Brasil**. São Paulo: Revan, Fapesp, 2007.

GOHN, M.G. **Organizações não governamentais** – a modernidade da participação social. Campinas: Gemdec/UNICAMP, 1994.

GROPPO, L.A.. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUIMARÃES, A.M. **Monografia histórico-estatística do município de Campinas**. Prefeitura Municipal de Campinas, 1962.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HIRATA, H. Os mundos do trabalho: convergência e diversidade num contexto de mudança dos paradigmas produtivos. In CASALI, Al; RIOS, I.; TEIXEIRA, J.E.; CORTELA, M.S. **Empregabilidade e educação** – Novos caminhos no Mundo do Trabalho. São Paulo: PUC-SP, 1997.

_____. Globalização e divisão sexual do trabalho. In ARAÚJO, A.M.C. (org.). **Cadernos Pagu – Desafios da equidade**. Campinas: UNICAMP, 2000.

HOLZMANN, L. e CATTANI, A. D. In: _____. **Dicionário de trabalho e tecnologia**, Porto Alegre: UFRGS, 2006.

KUENZER, A. **Ensino de 2º grau**. O trabalho como princípio educativo. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Exclusão includente e inclusão excludente. Uma nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. **Capitalismo, trabalho e educação** (orgs.). Campinas: Autores Associados, 2002.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos** – disposições e variações individuais. Trad. Patrícia Chittoni e Ramos e Dider Martim. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANDIM L. **A invenção das ONGs** – do serviço invisível à profissão sem nome. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

LEITE, M.P. **A qualificação reestruturada e os desafios da formação profissional**. São Paulo: Novos Estudos Cebrap nº 5, jul/1996.

LEITE, M.P.; SHIROMA, E. **Novas tecnologias, qualificação e capacitação profissional**: tendências e perspectivas da indústria metalúrgica. Em Aberto, Ano 5, N. 65, jan/mar, 1995.

LEITE, M.P. **Trabalho e sociedade em transformação**: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. **Globalização, reestruturação industrial e trabalho:** a experiência recente. Campinas: UNICAMP, 2006.

LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação.** Campinas: Autores Associados, 2002.

MAGALHÃES, V. B. Imigração: subjetividade e memória coletiva. In MEHY, J.C. S. B. (coord.) Oralidades. **Revista de História Oral.** São Paulo: Edusp, ano 1, nº 1, jan-jun de 2007.

MADEIRA, F.; BERCOVICH, A. “**A Onda Jovem**” e seu impacto na população economicamente ativa de São Paulo. Planejamento de Políticas Públicas. São Paulo: IPEA, nº 8, 1992.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La Juventud és mas que uma palabra, In: MARGULIS, M. **La Juventud és mas que uma palabra:** ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1998.

MARUANI, Margareth. **Precariedade, subemprego e pobreza trabalhadora.** Le Monde Diplomatique, 2003. Disponível em < <http://diplouol.com.br/2003-06,a656>>. Acesso em 04/01/2009.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Portugal: Martins Fontes, s/d.

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F. A.; SCHWARTZ, L. M. **História da vida privada no Brasil** – contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4.

MORAES, R. **Neoliberalismo:** de onde vem, para onde vai? São Paulo: Senac, 2001.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

_____. **Ganchos, tachos e biscates.** Lisboa: Ambar, 2001.

PAOLI, M.C. e TELLES, V.S. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil Contemporâneo. In ALVAREZ, S.; DAGNINO, E. e ESCOBAR, A. (orgs). **Cultures of politics** – politics of cultures – re-visioning Latin American social movements. Boulder, CO Westview Press, 1998.

PIOLA, S.; PEREIRA, R. Gasto social federal e gasto com jovens de 15 a 24 anos. In: BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas.** Brasília: CNPD, 1998.

PIRES, J. L. V. **Formação por competências:** do prescrito ao real. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2008.

POLLACK, M. M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos 1989/1993.

POCHMANN, M. **O Trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **A década dos mitos: o novo modelo econômico e a crise do trabalho no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

QUEIROZ, M.I.P. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In LANG, A.B.G. (org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos Ceru. série 2, nº 3. FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. Problemas na proposição de pesquisas em ciências sociais. In LANG, A.B.G. (org) **Desafios da pesquisa em ciências sociais**. Textos Ceru, série 2, nº 8. FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas, 2001.

RAMALHO, J.R. Precarização do trabalho e impasses da organização coletiva no Brasil. In ANTUNES, R. (org). **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2002.

RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2002.

RICCI, M.L.R. Uma perspectiva da trajetória histórica e social dos distritos de Sousas e Joaquim Egídio. In SIMSON, O. R. M. Relatório CNPQ. **Educação não-formal, memória e cidadania: os distritos de Campinas/SP – Descrição Detalhada**. Campinas: 2003

ROPÉ, F. & TANGUY, L. (orgs). **Saberes e competências – o uso de tais noções na escola e na empresa**. São Paulo: Papirus, 1997.

RUA, M.G. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

SANTOS, J. Início dos anos 1990: reestruturação produtiva, reforma do Estado e do sistema educacional. In FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. (orgs). **A formação do cidadão produtivo – a cultura do mercado no ensino médio técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

SANDRONI, P. **Dicionário de economia**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1989.

SANTANA, M.A.; RAMALHO, J.R. **Além da fábrica** – trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

SEMEGUINI, U. C. **Do café à indústria**: uma cidade e seu tempo. Campinas: UNICAMP, 1991.

SIMSON, O.R.M. Memória e identidade sociocultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso. In PARK, M.B. (org). **Formação de educadores**: memórias, patrimônio e meio ambiente. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. História oral. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In FILHO, L. M. F. **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. Relatório CNPQ. **Educação não-formal, memória e cidadania**: os distritos de Campinas/SP – descrição detalhada. Campinas: 2000

SKIDMORE, T. **Uma História do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998

SPÓSITO, M. P. **Estudos sobre movimentos sociais, juventude e educação**. Tese (livre-docência). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo: USP, 2000.

_____. (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis** – um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, Ação Educativa, Fapesp, 2007.

_____. Trajetórias na Constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil. In FREITAS, M. V. & PAPA, F. C. **Políticas públicas** – juventude em pauta. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, 2008.

SPÓSITO, M. P. & CARRANO, Paulo César R. Juventudes e políticas no Brasil. In DÁVILA L. O. (ed.). **Políticas públicas de juventude em América Latina**. Santiago: Políticas Nacionales, CDIPA, 2003.

TEIXEIRA, A.C. **Identidades em construção**: as organizações não-governamentais no processo brasileiro de democratização. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação. Campinas: UNICAMP, 2000.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2005.

ZIMERMANN, G.O Município no sistema tributário: os municípios paulistas e o caso de Campinas. In **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo** (1920-1980) São Paulo: Fundação Seade, v.1, nº 3, 1989.

Sítios e Portais consultados

www.acaoeducativa.org

www.abong.org.br

www.centrodememoria.unicamp.br/laho/index.htm

www.Cecoia.org.br/

www.ceak.org.br/script/educandario.asp

<http://diplo.uol.com.br/2003-06,a656>

<http://www.juventude.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=215>

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama>

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 – Roteiro de Entrevista

1.1– Identificação do Informante

- Nome
- Idade
- Local de nascimento

1.2 – Origem Família

- Escolaridade dos pais e dos irmãos
- Profissão dos pais e dos irmãos
- Local de nascimento

1.3 – Participação na ONG CECOIA

- Quanto tempo freqüentou a instituição
- Rotina de atividades
- Se gostava ou não de freqüentar a instituição
- Como os pais ficaram sabendo da instituição e por qual motivo
- Qual importância para a inserção no mercado de trabalho e para o seu desenvolvimento, atribuem terem freqüentado à instituição

1.4 – Participação nas oficinas do CMU

- Se lembrava das oficinas
- Qual gostou mais e por que
- Qual importância atribuem às oficinas para a inserção no mercado de trabalho e para o seu desenvolvimento

1.5 – Participação no Projeto Alvo

- Como funcionava o Projeto
- Onde e por quanto tempo trabalhou
- Importância que atribuem ao Projeto no tocante a sua inserção no mercado de trabalho

1.6 – Trajetória de Escolarização

- Onde estudou
- Qual a opinião sobre a qualidade do ensino na escola que estudou
- Importância da escola para inserção no mercado de trabalho
- Pretende continuar os estudos após o término do ensino médio

1.7 –Trajetória de Trabalho

- Qual foi o primeiro emprego
- Era registrado
- O que faz agora em termos profissionais
- Se gosta do trabalho ou não
- O que é e qual a importância do trabalho
- Se está desempregado o que faz para conseguir emprego

1.8 – Rotina diária

- Descrever a rotina durante a semana e aos finais de semana

1.9 – Experiências de Lazer

- Quanto do seu tempo é dedicado ao lazer
- Locais que frequenta
- O que gosta de fazer
- Lazer no Distrito de Sousas
- Relação com o distrito onde moram

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ANEXO B – Transcrição das Entrevistas

2.1 – Entrevista com Magali. Realizada dia 24/04/2008 no Clube Fonte São Paulo

Legenda:

M: Magali

F: Fernanda

F: Eu vou seguindo aqui então, só pra não me perder, mas depois você vai ficando mais solta na verdade e eu também. Bom, você ta trabalhando né.

M: To.

F: O que que você faz aqui ?

M: Aqui? Assim, eu ajudo todo mundo, eu sou auxiliar administrativo, então o que precisar de mim eu tenho que ajudar.

F: Tá, mas sua função é auxiliar administrativo.

M: Isso.

F: Mas o que que você faz, você ajuda em que ?

M: Assim, eu faço serviço de banco, eu atendo sócio, telefone, eu cadastro sócio, eu..., se precisar de ajuda na tesouraria eu também ajudo. Que mais ? Social às vezes tenho que atender, apresentar salão, levar aonde tem que ir, é isso.

F: Tá. E quando você vai, aquele dia que eu te liguei você tava indo pro...

M: Clube de campo.

F: Pro clube de campo.

M: É, administração mesmo, pra mexer no sistema, porque eles não entendem muito bem mexer no sistema, então eu fui lá ajudar eles.

F: Ah ta. E você gosta do trabalho que você faz ?

M: Gosto, do que eu faço eu gosto.

F: Por que ? O que que você acha mais legal ?

M: Aqui ?

F: É.

M: É que assim, eu sempre gostei dessa área de administração, assim mexer com papel, esse tipo de coisa, eu sempre gostei.

F: É difícil gente que gosta de mexer com papel.

M: Mas eu gosto, tipo eu sempre ajudava no CECOIA, eu sempre gostei.

F: Quantas horas você trabalha por dia?

M: Oito.

F: Oito horas. Final de semana também ?

M: Não, só de segunda a sexta.

F: Ou eventualmente, como...

M: É, ou como aconteceu aquele dia.

F: Que eles pedem pra você ir.

M: É. Mas eu também não posso, porque eu sou menor de dezoito, sou estudante, aí não pode.
F: Ah também tem isso.
M: Porque antes eu era aprendiz, daí eu fiquei um ano como aprendiz, aí eles me efetivaram.
F: Aprendiz é tipo estagiário ?
M: Isso, igualzinho, eles me efetivaram.
F: Ai que bacana. E faz tempo então que você ta aqui ?
M: Dois anos, vai fazer dois anos agora em junho.
F: Ai que legal. Bom, a noite você também não trabalha.
M: Não, eu estudo.
F: Então você teria dois dias de folga normalmente, sábado e domingo, pra você ficar tranqüila.
M: Isso, é.
F: Bom, você falou que ta há dois anos no emprego, você começou em 2006 ?
M: É, foi no meu aniversário, daí eu fiz (?), daí eu peguei e fiz quinze, tava com quatorze e fiz quinze.
F: Tá, daí você ficou como estagiária...
M: Isso.
F: Como é que você ficou..., como é que eles te..., como e que eles ficaram sabendo de você, como é que você ficou sabendo da vaga ?
M: Foi no CECOIA, porque eu fiz o curso pelo Alvo, que é um curso...
F: O que que é o Alvo ?
M: O Alvo..., ele é um curso..., é que tipo eu não vou saber, sabe,, ah é isso, é...
F: Não, mais ou menos, o que que eles falavam lá pra você ?
M: Então, eles falavam como que era o emprego, sabe o mercado de trabalho, eles ensinavam a gente a passar fax, várias palestras, bastante, bastante, bastante, a gente..., era só com uma área, sabe, esportiva assim, o nosso quadro era só clube, então a gente fez bastante passeio assim pra conhecer, tipo Hípica, no Taquaral a gente ia bastante, então sempre passavam isso pra gente.
F: Era na verdade uma coisa direcionada pra clubes ensinando mais ou menos como que era o trabalho desses lugares.
M: Isso, isso.
F: Isso ajuda né...
M: Ô!
F: ...pra quem vai... E esse é seu primeiro emprego ?
M: É meu primeiro emprego.
F: E você achou difícil conseguir esse emprego ? Que dificuldades que você teve pra...?
M: Ah claro, porque assim olha... (interrupção da gravação pra mudar o gravador de lugar) O meu primeiro..., a minha primeira entrevista eu fui pro..., eu acho que foi no Círculo, daí não passei, depois eu fui pro Regatas e também não passei, tudo por causa da idade, tinha tudo quatorze anos, daí eu fui pra Hípica e não passei também, eu fui..., daí eu vim pra Fonte e não passei. Daí veio..., sempre passava..., sempre veio cinco meninas, daí eu peguei, as meninas..., daí ficaram duas na Hípica, eu acho que ficaram duas no Circulo Militar, daí ficaram no Regatas, daí eu peguei, a Fonte chamou de novo, eu peguei, vim e fiquei.
F: E todas essas que eles chamavam era desse...
M: Do Alvo.

F: Do Alvo que você fazia...

M: Isso.

F: E a dificuldade maior então foi idade, porque você tinha quinze na época.

M: Quatorze.

F: Quatorze. Porque na verdade é mais depois dos dezesseis né, por isso que eles te efetivaram...

M: É, ninguém queria me pegar (risos), até que a Fonte foi obrigada a me pegar.

F: E agora você é registrada?

M: Sou, desde quando eu era Aprendiz.

F: Então você recebe por mês, normal.

M: É, normal.

F: É carteira assinada, tudo...

M: Tudo bonitinho.

F: Magali e o que você ganha dá pra você viver bem ?

M: Ô, se dá!

F: É ?

M: Dá.

F: O que que você faz com o dinheiro que você ganha ?

M: Então, porque assim, nós somos em seis em casa, então tem a nenê, minha mãe e meu padrasto, a Mônica, a Daiana e eu.

F: A nenê é bebezinha, não ?

M: Não, a Dani tem dois, é neném né, ela vai fazer três anos. Então assim quem trabalha em casa é meu padrasto, a Daiana e eu, porque a Mônica tá fazendo curso pelo CECOIA também, a Dani não tem como e minha mãe às vezes faz uns biquinhos, sabe.

F: Tá.

M: É faxineira. Daí só trabalha nós três mesmo fixo. E daí tem bastante conta pra pagar, tipo que nem, a gente tá comprando um terreno agora, vai comprar material pra construir, então a maioria do meu dinheiro vai tudo pra minha casa, é difícil eu pegar dinheiro pra mim, ah vou gastar, muito difícil isso.

F: Tá, normalmente é mais pra ajudar mesmo...

M: Na casa, sempre.

F: Tá. O que que você gostaria e ta fazendo agora com relação a trabalho, você acha quer ta na área certa, você gos...

M: Ah eu acho que sim, que nem, eu sempre quis fazer faculdade de Administração, só que aluguem tipo quando pergunta pra mim fala, ah eu acho que não compensa fazer Administração, daí eu pego e penso tipo ou Administração ou Pedagogia, porque eu gosto bastante de criança. Daí..., sei lá, eu to vendo, o que aparecer eu to fazendo, a oportunidade que tá aparecendo...

F: Mas você ta curtindo o que você ta fazendo aqui, é uma coisa que você gosta de fazer ?

M: Gosto bastante.

F: Bom, aí você falou, a profissão que você gostaria de ter, é ou fazer Administração, ser administradora ou Pedagogia.

M: É.

F: E você acha que você vai conseguir ?

M: Ah eu acho que sim, porque tipo bastante pessoas me apóiam, aqui, que nem a Fonte mesmo, eles falam, Maga pega tipo tudo, pega tudo, tudo, tudo de melhor. Daí, porque assim eles falam pra mim, porque aqui na Fonte não tem futuro e eu pego e falo, não, tipo, vou pegar bastante coisa, daí qualquer coisa que aparecer. Que nem tem bastante diretor aqui e muitos deles trabalham na IBM, eles falam se inscreve, vai ser estagiária, quem sabe você se efetiva lá, eles falam pra mim.

F: Por que que você fala que aqui não tem futuro ?

M: Então, porque assim, eu vou..., ta, to agora no auxiliar administrativo, eu posso passar como secretária, pronto...

F: Tá, não tem como você...

M: Eu não vou ser diretor, não vou ser acima de ninguém daqui, sabe.

F: Entendi. É mais restrito as áreas...

M: Isso, a não ser que eu seja diretor, mas tipo eu não vou receber pra isso. Entendeu?

F: Tá, entendi. Se você tivesse como..., se você pudesse definir pra mim, o que que é trabalho pra você ?

M: (pausa) Ah não sei, não sei...

F: A gente deixa essa aqui, depois a gente tenta voltar, tenta pensar o que que você acha, não precisa ser uma definição assim certinha, é pra você, o que que ele representa na sua vida, o que que seria sua vida sem trabalho, nesse sentido assim. Pode ir pensado, depois a gente volta, não tem problema. Com relação as oficinas lá do CECOIA, você lembra das oficinas oferecidas pelo Centro de Memória em 2005?

M: Ó, então, o que eu lembro mais era de jornalismo, fotografia, ahhh, esse seu, como que chamava o seu ?

F: História Oral.

M: Isso. Que eu me lembre, daí tinha uma de sexta feira que era informática, eu não lembro muito bem.

F: Quando você fez já tinha a oficina do Jaime de orientação vocacional ?

M: Quem é Jaime?

F: É um psicólogo lá da Unicamp, um de barba ?

M: Não, eu lembro do Jaime, só que eu não sei, eu fiz o curso do Alvo então eu to meio que misturando as coisas.

F: Essa era de orientação vocacional, mas junto com as do Centro de Memória, pra ver essa coisa do mercado de trabalho, o que que você queriam como profissão...

M: Eu lembro mais ou menos, não muito.

F: Tá. Bom, você falou as que você lembra. O que que você achava das oficinas?

M: Bom, super legal.

F: Você gostava ?

M: Ô! Eu, tipo, eu pensava que..., não pensava, mas como penso até hoje que sempre ajudou bastante pessoas lá, ajudou a mim.

F: Qual delas que chamou mais a sua atenção ?

M: Fotografia, jornalismo... É que eu não lembro muito bem das oficinas, só..., que eu gostava bastante era a de jornalismo e fotografia.

F: Por que você gostava mais dessas?

M: Por que eu gostava ?

F: É.

M: Ah porque tipo que nem a gente só ficava dentro da sala de aula, assim nas outras oficinas, só lembro bem de jornalismo porque a gente saía pra tirar foto, a gente ia entrevistar várias pessoas na rua. Eu não sei se foi na sua oficina que a gente chamou uma senhora que mora em frente ao CECOIA. Era a sua ?

F: Era.

M: Eu lembro. Então, era legal.

F: A gente foi visitar a casa dela, lembra ?

M: Isso, eu gostava.

F: Você gostava mais das que eram externas, que saía um pouco mais

M: Isso, isso.

F: Já tinha a escola, já tinha as que tinham que ficar na sala.

M: Nossa, chegava em casa e queria sair pra rua.

F: Entendi. Se você pudesse fazer as oficinas novamente você faria ?

M: Faria bem mais, freqüentava sempre, porque eu faltava demais, demais, demais.

F: É ? Por isso que eu não lembro muito...

M: Eu não lembro, eu só lembro da Diana, do..., tinha um home também que fazia com ela, eu não lembro o nome dele.

M: Amarildo.

M: É, eu só lembro da Diana porque eu conversava às vezes com ela. E eu lembro de uma..., ah eu gostava bastante, mas eu acho que hoje eu aproveitaria mais.

F: Tá. Bom, você acha que elas foram bem úteis.

M: Ah bastante.

F: Se você pudesse mudar essas oficinas como você mudaria ?

M: Em que sentido assim mudaria ?

F: Por exemplo...

M: Faltou isso...

F: É, mais ou menos. Por exemplo, você falou que gostava mais das que tinham mais coisas externas. O que você..., como é que você faria, como você organizaria?

M: Que nem, assim, jornalismo eu gostei... Fotografia, até hoje eu não sei pra que a gente usamos, eu não sei se a aula de fotografia se ajudou bastante na aula de jornalismo, eu não lembro muito bem, mas sei lá, eu acho que foi legal tudo, acho que não faltou nada. Tipo faltou da minha parte, falta de interesse, mas da oficina foi legal.

F: Mas na época você não ia por falta de vontade, você não achava...

M: É, sabe, nossa, acordar cedo, ir pro CECOIA, depois voltar meio dia, aquele sol quente, era só isso.

F: Você estudava a tarde.

M: À noite.

F: Você já estudava à noite naquela época ?

M: É, eu fui em 2005 pra noite.

F: Sempre lá no Thomás Alves ?

M: Sempre no Thomás Alves, eu sempre estudei lá.

F: Sempre estudou lá. Bom, qual que você gostou mais de todas elas ?

M: Eu ? Jornalismo.

F: Jornalismo, por que ?

M: Por que ? Ah foi aquilo, porque a gente saia pra pesquisar, saber sobre Sousas, Campinas, Joaquim Egídio, que a gente pegamos várias fotos, montamos... Ah, eu gostei mais de jornalismo.

F: Tá. Você acha que elas serviram pra você na hora de procurar emprego ?

M: Ah, porque antes eu era bem tímida, muito tímida, vixi, eu ficava assim pra cara da pessoa e não falava. Ah, eu acho que ajudou bastante eu me soltar mais assim.

F: Aí na verdade o que você acabou falando, essa coisa de sair, de conversar com as pessoas, ter que entrevistar, nesse sentido você acha que ajudou.

M: Isso.

F: Pra ser entrevistada aqui, pra ir procurar os empregos quando você participou do Alvo, nesse sentido você acha que elas também ajudaram ?

M: Bastante, bastante, ajudou.

F: Porque deixou você mais livre

M: Isso, mais a vontade.

F: E pro dia a dia você acha que elas foram úteis ?

M: Também, mas acho que nem na escola, eu não participava de nada, eu ficava na minha, a professora perguntava, o que ela perguntava eu só respondia, tipo não tinha interesse na aula, dava opinião na aula, “professora ó, a senhora esqueceu de falar isso, ou aquilo, faltou tipo corrigir isso...” Me soltou bastante.

F: Entendi. Você acha que esse tipo de atividade, como a do Centro de Memória, ajuda os jovens a conseguir entrar mais facilmente no mercado de trabalho ?

M: Ah bastante, nem tem dúvida.

F: Por que você acha que ajuda ?

M: Por que ajuda ? Que nem o que aconteceu comigo, eu era muito tímida, ajudou bastante. Que nem, eu conheci várias coisas que eu não sabia sobre Sousas, vixi! Que nem, aquela turma do Beco, eles falam que não tem lugar pra morar. Antes eu pensava que, tipo, isso era tudo mentira, sabe, era só ceninha, porque várias vezes enchente, eles falavam, “não, vou ficar aqui de pirraça”, mas muitas delas também porque não tinha lugar pra morar, sabe, então eles tinham que ficar lá mesmo.

F: Entendi, então você acabou conhecendo mais...

M: Mas a realidade do que era, porque eu só tinha fantasia na minha cabeça.

F: Entendi. Se você pudesse sugerir idéias ou temas pra novas oficinas, ou cursos, que ajudassem os jovens no primeiro emprego o que você sugeriria?

M: Se eu pudesse o que ?

F: Sugerir idéias pra novas oficinas como aquelas lá, ou sei lá, oficinas diferentes, mas que ajudassem a conseguir o primeiro emprego, que tipo de oficina você acha que ajudaria?

M: Então, que nem informática, eu tinha bastante, só que assim, eles ensinaram coisa importante, só que eu não lembro, que eu nunca fui de sexta feira, mas assim estudar informática, sabe, tipo básico, Word, Excel... Às vezes a gente fala, ah eu manjo, eu sei fazer, mas não sabe.

F: Na hora de fazer...

M: Na hora do vamos ver não sabe nada. Eu acho que isso é legal.

F: Tá. Mas talvez também, pelo que você ta me falando, essas oficinas tinham que ser mais dinâmicas, alguma coisa pra chamar mais (interrupção da gravação) voltada pra idade que vocês tinham.

M: Isso, sabe. Porque, que nem E acho que vocês passaram mais assim o que vocês pensaram, sabe, o que assava pela cabeça de vocês, mas assim que nem, ir atrás, vamos supor de um jornalzinho, a gente queria de um jeito, só que o..., como ele chama ?

F: Amarildo.

M: Isso. Ele falava que não, não podia ser daquele jeito, tinha que ser desse, sabe ?

F: Entendi. Deixar a coisa mais solta pra que atraísse mais vocês.

M: Pra todo mundo.

F: Também aquela cosia de ficar..., eu lembro na de História Oral que a gente ficava..., parecia uma sala de aula mesmo né.

M: Nossa, um tédio!

F: Acabava ficando muito chato.

M: Isso que eu gostava, nossa, quando a gente saía, era de quinta feira a aula de jornalismo, eu gostava.

F: Acho que a de História Oral se eu não me engano era na terça.

M: Eu não lembro.

F: Sobre o CECOIA, quando você começou a freqüentar o CECOIA ? Em que ano, você lembra ?

M: Lembro, era..., foi final de 1997, final.

F: Poxa, faz tempo. Você tinha quantos anos ?

M: Eu tinha seis.

F: Pequeninha. Como é que você chegou lá, como é que você ficou conhecendo o CECOIA ?

M: Ah porque assim, o meu irmãos, os meus irmãos todos participaram, Fábio, Daiana... Porque antes o CECOIA era perto do correio, que também não tem mais o correio lá em Sousas. Então meu irmão freqüentou o CECOIA, meus parentes todos, meus primos, todos, meus irmãos. Daí foi assim, daí vai saindo o Fábio, que completou dezessete, entra a Daiane, sai Daiane, entra Magali, sai Magali, entra Mônica.

F: São seus dois irmãos mais velhos.

M: Isso, o Fábio e a Daiane.

F: Tá, então foi na verdade...

M: também indicação, sabe, bastante gente falava do CECOIA, que era bom, ficava o dia..., não ficava o dia inteiro, ficava na escola de manhã, aí a tarde ia pro CECOIA, daí, eu fazia tudo, chegava, almoçava, escovava os dentes, tomava banho, ia fazer as atividades da escola, depois vinha as do CECOIA, lanche e casa.

F: Tá.

M: Era super legal, eu gostava muito.

F: Você passava..., você ia de manhã, ficava lá e a tarde você ia pra escola, é isso, quando você era pequenininha, logo que você entrou ?

M: Quando entrei era de manhã, meu período era de manhã.

F: Daí vocês faziam todas as atividades e depois...

M: Ia pra escola, é, tomava banho e ia pra escola.

F: Por quanto tempo que você freqüentou o CECOIA ?

M: Acho que uns dez anos, dez anos assim, eu acho que só foi o educativo, sabe.

F: Como assim? Eu não sei como que é o esquema deles muito bem.

M: Ah porque assim, o CECOIA..., eu também não sei explicar direito.

F: O que que é o Educativo?

M: O sócio educativo ? É que nem o..., ai, é que eu não sei, eu também não conheço várias entidades... Ah, eles acolhem pessoas, que nem criança que sai da escola e depois vai direto pra rua, sabe, fica brincando na rua, fica correndo perigo de tipo uma linha de pipa, bala perdida, sabe, fica na rua. Então o CECOIA sempre acolheu esse tipo de crianças, crianças carentes.

F: Tá. Do que que você gostava mais lá ?

M: DO que que eu gostava ?

M: Ah, eu gostava de tudo no CECOIA.

F: Voltando um pouco assim, quando você era menor o que que você curtia mais ? O que que eles faziam ? Porque eu conheço algumas atividades, eu não sei de tudo que tem lá. Qual delas assim..., vamos dividir por fases...

M: Do que eu gostava mais ? Quando a gente participava de umas atividades que tinha no Colégio Notre Dame, tipo que nem fanfarra, a gente participava da fanfarra, o Colégio Notre Dame ia com a gente visitar escola americana, iam lá pra fazer gincana, era super legal isso, eu gostava bastante.

F: E depois quando você ficou mais adolescente assim quais atividades te chamavam mais atenção lá?

M: Ah daí eu fui meio que me afastando do CECOIA, eu não sei porquê, assim, porque eu acho que era monitor de muitos anos, daí tipo acontecia isso, que nem, tipo o Adriano morreu, então, sabe, daí ficou meio que chato.

F: Ele era monitor ?

M: Ele era monitor. Daí ele ficou..., acho que depois de meses ou um ano ele morreu, porque uns ex-alunos do Thomás Alves mataram, foi mó rolo lá. Daí foi entrando monitor que a gente não ia com a cara, não batia aquela química, não batia muito bem, então, sabe, ia ficando meio chato isso.

F: Entendi.

M: Porque a gente queria se sentir, daí não, eles queriam sempre mandar na gente. Que nem a gente tava acostumado com o CECOIA de um jeito, daí eles chegavam e colocavam outras regras, isso era muito chato, então a gente tinha que fazer o que eles queriam e não o que a gente queria.

F: Cada monitor que entrava impunha...

M: Daí tinha algumas que..., assim, que nem, eu não converso com uma monitora de lá, sabe, porque ela era..., sei lá, ela chegou querendo mandar em tudo, isso era aqui, não, agora vai ser aqui porque ela quer, sabe. Então por isso que eu fui me distanciando, mas eu sempre gostei do CECOIA bastante.

F: Como que..., é o que eu tava te falando, eu não conheço muito bem as atividades né. O que que vocês..., por exemplo, vocês chegavam lá, cada dia tinha uma coisa diferente, como é que era isso, quais eram as atividades mais ou menos que tinha pra fazer ?

M: Que nem assim, vamos supor, segunda feira eu chegava, almoçava, quando era à tarde, almoçava e tomava banho. Daí cada dia da semana, um dia era biblioteca, brinquedoteca, sair pro pátio pra jogar bola, ia pro campinho jogar bola, sabe ? Cada dia era uma coisa.

F: E as atividades normalmente eram ligadas a coisa da escola, por exemplo, reforço escolar... ?

M: Isso, bastante.

F: Tinha isso também.

M: Bastante, é, bastante, bastante.

F: Tá. E as pessoas que iam com você lá normalmente eram amigos da escola também, vocês iam num grupo ?

M: É, isso, a maioria era tudo do Thomás Alves.

F: Você acha que ter frequentado o CECOIA te ajudou a arrumar um emprego ?

M: O CECOIA ?

F: É, o CECOIA.

M: Ajudou, porque eu participei do Alvo por causa do CECOIA.

F: Entendi, então foi fundamental né.

M: Isso.

F: Você acha que instituições como o CECOIA, o que que você acha que instituições como o CECOIA deveriam fazer pra ajudar mais ainda os jovens a arrumar emprego, que tipo de coisa você acha que... ?

M: Então, que nem o CECOIA ta fazendo uma cosia super legal, que já tem o Alvo, eles montaram mais um grupo que chama Flecha, é a mesma coisa do Alvo o Flecha. Daí agora tá tendo um curso de Administração, então eles tão passando mais assim..., que nem eu passo hoje, eles tão tendo a prática, porque no Alvo sempre foi, sabe, só teórico. Daí agora ta sendo mais legal, eles sentam, eles vêem como que mexe, eu acho que esse tipo é legal, eles escrevem como, assim, como lidar com o público, como deve ser na entrevista... Éééé, que mais ? Que nem assim, eu fui pra Hípica, o Marquinho chegou pra mim na entrevista e falou assim, “o que que você almeja pra uma empresa ?” O que que é almeja ? Ninguém tinha me passado isso.

F: Entendi.

M: Então, eles tão tendo bastante isso, é legal.

F: Uma coisa assim mais real.

M: Mais real. Então assim, tipo, que nem o alvo ensinou bastante, bastante, bastante, só que a gente ficou só na teoria, sabe, a gente nunca praticava. Porque eu não trabalha ainda, eu só ficava no CECOIA de segunda feira o período integral, daí ia pra escola, daí os outros dias da semana, terça, quarta, quinta, eu ficava em casa, ou quando eu ia pro..., eu fiquei no Alvo três anos, daí eu ficava com vocês também né na oficina.

F: Foi no mesmo período o Alvo ?

M: Era, se eu não me engano era.

F: Porque se foi 2006 que você entrou aqui, é isso?

M: Era, foi.

F: Então o Alvo foi um ano antes, 2005.

M: Ahan, foi. Aí formaram uma turma, aí aquela turma terminou, não sei se alguém ficou trabalhando, eu não sei, daí montaram mais uma nova turma, daí agora ta indo, indo e indo. Foi super legal.

F: Tá. E você acha que essas atitudes, essas idéias como a do CECOIA, de fazer esses grupos voltados pra questão do trabalho você acha que ajuda a conseguir ?

M: Ah, bastante.

F: Agora algumas questões são sobre o seu dia a dia, as suas coisas... O que que você faz quando você tem tempo livre ?

M: Eu durmo (risos), é sério, eu durmo. Eu saio às vezes com a minha mãe, eu saio com as minhas amigas, mas eu procuro ficar mais em casa, sabe, porque eu já fico o dia inteiro fora, vou pra escola, então eu nem vejo. Eu pego a minha irmãzinha, chega sexta-feira, vixi, tipo, eu chego da escola eu não vou dormir, eu fico com lá as minhas irmãzinhas e a minha mãe lá no quarto.

F: Porque você nem fica com eles.

M: Não vejo. A Dani ta na creche, então ela sai as sete da manhã, sete da manhã eu to levantando, então nem...

F: Tá. E você sai daqui e vai direto pra escola ?

M: Não, eu passo em casa, eu janto, tomo banho e vou pra escola, nem sempre eu tomo banho e janto, ou eu janto ou tomo banho.

F: Putz, não dá tempo.

M: Não.

F: Bom, então nas suas horas de folga o que você mais costuma fazer é descansar ?

M: Nossa, bastante, bastante.

F: Ficar em casa ?

M: É, eu não saio, eu sou mais caseira.

F: Final de semana assim.

M: Não, tipo, que nem, o que o jovem faz hoje, vai pra baladinha, vai pra barzinho... Não, eu fico em casa.

F: Você fica mais em casa.

M: É.

F: Que lugares você requeenta mais, de lazer assim ?

M: Shopping.

F: Shopping ?

M: Só, é, é o que eu mais gosto.

F: E aí o que que você costuma fazer lá, você vai sozinha, vai com amigos... ?

M: Não, assim, eu sempre costumo ir com uma amiga minha, que ela chama Aline, que ela participou do curso e a minha irmã Daiana, só.

F: Essa sua irmã é mais velha que você ?

M: A Daiana é, ela tem vinte.

F: Vocês se dão bem assim ?

M: Nossa, super, depois que a gente começou a trabalhar bastante.

M: Ah tá. Porque quando a gente é mais nova a gente briga muito.

M: É, eu não podia mexer nas coisas dela, esse tipo de coisa.

F: Quantas horas ou dias você tem pro lazer ?

M: Quantas horas ou dias ? Ah todo final de semana.

F: Final de semana, o sábado e o domingo.

M: É, sábado e domingo.

F: E você acha que é tempo suficiente ?

M: Oi ?

F: Você acha que esse tempo é suficiente pra você descansar, pra fazer suas coisas ?

M: É bastante, eu acho que é sim.

F: É ?

M: Eu já não trabalho de sábado, todo mundo assim que..., que nem, várias pessoas, que nem no colégio trabalham de sábado e eu não trabalho, várias pessoas trabalham de sábado e eu não trabalho, só trabalho de segunda a sexta. Até s outros ficam mexendo comigo, nossa, olha que vida boa!

F: É, mas não é assim também né.

M: É, só Deus e eu sei. (risos)

F: Magali como é que você descreveria pra mim o seu dia a dia, a sua rotina. Por exemplo, vamos pensar uma segunda feira normal, como é que é isso, o que que você faz, você acorda ... ? Tenta lembrar dos fatos.

M: Então, eu acordo...

F: Que horas você acorda ?

M: Eu acordo umas seis e meia, sete horas, se eu acordo seis e meia eu tenho mais tempo, sete horas eu tenho que fazer tudo correndo. Então eu acordo, daí eu vou lá falar com a minha mãe, encho um pouco o saco da minha mãe, tomo café, chego aqui na Fonte, daí das oito às cinco eu fico aqui; daí depois eu chego em casa, eu janto, daí eu fico esperando a minha irmã trocar, mas assim é super rápido, daí eu vou pra escola. É assim, todos os dias.

F: A sua aula é das sete...

M: Das sete às cinco pras onze mais ou menos.

F: Tá. Essa é a rotina que você faz.

M: Todo dia.

F: E de sábado e domingo ?

M: Sábado e domingo ? Eu levanto oito horas, nove horas da manhã, daí eu fico conversando com a minha mãe sempre, que o meu padrasto trabalha de sábado, a Daiana também, eu fico com a Dani, daí eu pego..., minha mãe faz almoço, às vezes eu ajudo. Daí chega meio dia eu durmo de novo e acordo só seis horas da tarde.

F: Dorme a tarde toda.

M: É, porque não tem nada pra fazer, fico assistindo televisão. Daí, tipo da umas seis horas da tarde daí eu vou pra rua ver como que tá Daí eu entro de novo, tomo banho e às vezes eu vou dormir cedo, às vezes eu fico assistindo televisão, é sempre assim.

F: E quando você sai fazer alguma coisa é mais no shopping, passear... Cinema você gosta ?

M: Não, não gosto cinema, eu só gosto, mas, tipo, de ficar vendo o que sai de novo assim, só, cinema eu não gosto muito.

F: E a escola, você estuda no Thomás Alves né.

M: Isso.

F: Você tá em que série ?

M: Eu to no terceiro.

F: Tá terminando.

M: Isso, graças a Deus.

F: E ai você gosta da escola ?

M: Da escola eu acho que ela poderia ser melhor, ela já foi melhor, só que hoje, tipo assim, os alunos e os professores também não colaboram. Porque é um tal, tipo assim, que nem, a professora de História, ela só passa sobre negros, sabe, isso é muito chato. Desde a sexta série que ela da aula pra mim, ela só, tipo, que nem, descobrimento do Brasil, essa coisa que é normal em aula de História, ela não passa. Ela só passa assim quantas cotas os negros tem na faculdade, que direito que eles tem, que panãã, é sempre isso, é muito monótona as aulas dela, sempre é assim, sempre.

F: Entendi. Então você acha que precisaria ser coisas tipo...

M: Isso, sabe, os alunos quebram tudo, o professor fala, “então, manera um pouco a conversa...” “Ah vai se..., sabe, eles são tudo assim. Eu acho que isso é muito chato.

F: Então, mas a escola desse eito você não gosta, com relação a essas coisas, mas...

M: É. Assim, o Thomás Alves sempre foi bom, eu acho.

F: Mas você gosta de ir pra escola, você acha que é legal quando você ta lá ou você ta cansada?

M: Não, esse ano não.

F: É ?

M: Não, esse ano eu não gostei. Não sei se porque eu me separei das minhas amigas, mas também não é, porque você vai se enturmado depois com a turma. Mas assim eu queria sair do Thomás Alves e ir pro Culto à Ciência, mas assim não tem como, o horário que eu saio daqui, pra depois chegar lá, depois eu chegar em casa.

F: O duro é a hora que você sai daqui pra ir pra casa né.

M: Então, isso que é muito perigoso. A minha irmã faz cursinho aqui no..., como que chama, ali atrás da prefeitura ?

F: Atrás da prefeitura ?

M: Cooperativa do Saber.

F: Ah ta, que é aquele do DCE da Unicamp.

M: Eu acho que sim, Cooperativa do saber. Então não tem nada a ver, a escola é aqui, a Daiana estuda lá, não tem como a gente se encontra e chegar tarde em casa pra sete horas ta, sabe. Então eu acho que a escola deveria ser um pouco melhor e os alunos também.

F: E o que que é pra você uma escola melhor, o que você espera da escola ?

M: Que nem, o Thomás Alves, a diretora, você nunca vê ela, porque assim, ta, ela é professora no Joaquim Egídio e é diretora na escola. E quando sempre quando ela chega ela não procura saber o que aconteceu na escola, ela chega dando catracada já, sabe. Daí o que que acontece ? Tipo ela aparece no pátio, ta cheio de gente, ela chega, sabe, o negócio fica limpo na hora o pátio. Então às vezes você não sabe, porque ela chega gritando, sabe.

F: Tá, não tem diálogo.

M: Sabe, é, “não tem como ir pra sala agora, taratatá ? Nossa, ela berra, berra, berra, berra. Tá sem uniforme ? Chega na sala e fala assim, então os alunos que tão sem uniforme por favor se retirar. Não, ela já começa, “mocinho, pode sair agora, mocinho...” Sabe? Eu acho isso muito chato.

F: Entendi, não tem diálogo nenhum.

M: Naa. A gente precisa de alguma coisa, assim, que nem tem o Grêmio lá, então a gente sempre procura melhorar a escola, ta suja uma parede, então a gente quer pintar, então...

F: Você faz parte do Grêmio ?

M: Não, eu não faço, nunca fiz parte, mas a minha irmã fez...(interrupção da gravação)

FIM DO LADO A

M: ...você chegava pra conversar com ela ela fala ai depois você conversa e ficava por isso mesmo, ela não procura saber de nada que acontece sabe, ai é muita assim quanto a administração da escola nota zero, zero, zero, zero, eu acho que é assim que nem, antes era o João Roberto hoje ele é professor nossa a escola era excelente, era, hoje é neguinho pulando muro, aperta o interfone sai correndo, sabe isso eu acho muito chato, qualquer coisa que acontece qualquer coisa que acontece eles chamam a Ronda sabe parece que tem um bando de marginal lá dentro.

F: Entendi, não é aluno...

M: Sabe a supervisora da escola chega e fala assim... é... ai vocês são marginal, onde se viu falar isso pra aluno dentro de uma escola.

F: A coordenadora?

M: A coordenadora sabe é... sub-diretora não sei como que fala, sabe, eu acho isso muito chato.

F: Claro

M: Daí sempre fica aquilo né.

F: Daí também o aluno...

M: Aquela intriga entre a escola e os alunos, acho isso muito chato.

F: Quando deveria ser um grupo unido, fica um contra o outro.

M: Um contra o outro sempre, sempre, sempre. Eu não sei se isso é porque é a turma da noite, mas eu acho que é num período... ele todo assim, manhã, tarde e noite.

F: E porque você se separou das suas amigas elas saíram de lá? Foram pra outra escola?

M: Ó porque é assim não... eu estudei com minhas amigas do primeiro... foi da primeira série até a sétima, sempre estudei de manhã, as vezes a tarde, daí comecei a fazer o “Alvo” tive que mudar pra noite, porque eu ia trabalhar em período integral, então eu mudei pra noite na oitava série, então já desanda totalmente daí entra em várias turmas, e a noite e de manhã e a tarde é totalmente, a turma é totalmente diferente sabe, ai de cem por cento noventa que “zua” e dez quer aprender.

F: Isso de manhã e a tarde...

M: Isso é a noite.

F: A noite?

M: Isso é a noite, então é assim, eu pensava assim, nossa eles trabalham o dia inteiro e eu acho que eles vão pra escola pra estudar mesmo realmente né? Mas não, daí eles só iam pra “zuar”, então se da (?) você volta pro seu lugar. Daí...

F: Ta.

M: Daí ta, daí oitava e primeiro foi muito legal, daí segundo foi meio que chato daí o que aconteceu eu passei de ano minhas amigas curtiram..

F: A ta...

M: E agora eu to sozinha sabe isso que eu acho que isso que é chato. É que no Culto a Ciência eu tenho bastante gente conhecida, acho que é por isso que eu ia gostar de ir pra escola.

F: E você acha que aqui é a escola melhor?

M: Culto a Ciência?

F: É

M: Nossa dez a zero, os alunos são mais interessados, bem mais. Os professores são mais amigos. No Tomas Alves gente é maior intriga, parece que é assim, é uma gangue contra a outra, é horrível isso...

F: É.. bom aí você tava dizendo né? Você acha que tem professores bons lá?

M: Bastante, bastante professores, tem a professora de português gente ela é demais.

F: Boa?

M: Nossa demais, demais, demais, que nem ela passa coisa tipo que a gente ta vivendo mesmo sabe, ela não passa coisa maior nada ver, nossa a Graze ela é super legal, ela procura sempre dar redação, procura coisa de dar pra gente, coisa que ta caindo no ? coisa que a gente vai aprender na faculdade, ai a gente ta fazendo prova, ai a gente sempre fala, ai qual resposta eu posso dar? Ela fala gente, assim eu to falando o que é bom melhor pra vocês, na faculdade vocês não vão poder fazer isso, ela fala procura tentar fazer vocês, se você não conseguir eu dou mais uma prova, se você não conseguir, eu vou te ajudando sabe, então eu acho isso super legal, ela da apoio pra gente bastante.

F: E assim pra você, você que ta dizendo, se é um bom professor tem que ter... tem que trazer as coisas pro dia a dia de vocês porque ?

M: É isso... há há.

F: Entendi. É ela que você acha que é a melhor professora que você tem?

M: A Graze, eu acho que sim. É, é por que é assim professor ele coloca passa a lição na lousa, copiar, copia se não quiser também não to nem ai, porque eu to ganhando meu salário, então vocês que se virem, quem ta aí no mercado de trabalho são vocês não sou eu, eu já to formada. Mas a Graze já não ela já tipo insiste, ela fala ai vamo correr vai, da tempo ainda ta no tipo o neguinho brinco no primeiro segundo e terceiro no quarto, no começo, no meio do quarto bimestre, eles falam, há vou pegar firme, ela fala... tipo tem professor que fala aí cê acha que da tempo pra você passar de ano? Ela já não, ela fala assim, não vai sim, da tempo, da tempo.

F: Incentiva.

M: Nossa muito, incentiva bastante.

F: Isso que você define como um professor bacana, bom.

M: Bom, hã hã, sabe ela corre atrás ela fala vamo fazer vamo fazer, precisa de ajuda? Ajuda, ela é sempre assim. Ela é super legal. O Graze, tipo fala pra gente um livro pra gente ler, ichi na hora, ela para o que ela ta fazendo para atender a gente, é sempre assim.

F: Entendi.

M: Acho isso super legal da Graze.

F: Ta, isso é bacana né? Porque daí você acaba incentivando o aluno, o aluno começa a gostar da aula né?

M: É bastante.

F: É... como você.. que matéria que você gosta mais da escola?

M: A português mesmo...

F: Por causa da ...

M: É eu acho que é assim, quando a matéria... se o professor é legal, a matéria é legal.

F: Você (?) na matéria.

M: Eu acho que é assim.

F: Mas você gosta mais da matéria de humanas ou de exatas mesmo? Humanas, assim português, história..

M: É humanas.

F: Ou matemática, física?

M: Não, não, português, não super matemática, física nada.

F: Você não gosta tá. É, depois que você acabar, quando você acabar a escola você quer continuar estudando? Você quer fazer faculdade?

M: Quero, é que nem assim, as meninas daqui assim, eu não vou falar que elas são dez assim, mas elas sempre falam, olha, é que nem, vou deixar de fazer o terceiro, porque queria fazer o segundo de novo, porque no terceiro eu não to sabendo nada, não sei nada no terceiro, eu fico boiando, fico cultuando as aulas, daí eu peguei e falei, eu vou para, daí vou pedir sei lá se existe isso de eu fazer o segundo ano de novo, não sei, daí ela falou, não imagina, tenta corre atrás, faz um esforço, daí você terminou o terceiro, faz algum cursinho, tem vários cursos técnicos agora, tipo que nem, Kumon, tem um aluno da microcamp que ta falando pra você, sabe? Os cursos que eles tentam oferecer é muito bom. Até lá acho que não sei se o curso é, se é certinho mesmo, mas elas sempre falam... estuda, pensa no seu futuro, é isso que eu penso.

F: E você, e você acha que a escola... o curso que você fez la ao longo dos anos. Te ajudou a conseguir emprego também? De alguma maneira ou não?

M: Ajudou bastante. Aquela forma, você s solta mais, você aprende bastante coisa. A minha prima ela fica o dia inteiro em casa, ela vai pro mercado de trabalho e aí? O que ela vai saber fazer? O que ela sabe apresentar? Nada. Então você ta praticando algum curso, tipo, por mais que seja o sentar e o levantar do professor, você ta ouvindo, você ta aprendendo alguma coisa, bem ou mal, mas cê ta pegando alguma coisa.

F: Alguma coisa sempre... uma maneira de escrever de falar...

M: Isso, é...

F: Quando você pensa em faculdade, você já pensou em alguma faculdade em especial assim, eu quero fazer tal faculdade, eu quero em tal lugar, assim ou não?

M: É porque eu sempre quis fazer administração, pra trabalhar na Bosh, Ibm, sabe eu penso esse tipo de coisa, mas ou pedagogia, sei lá, eu acho que eu me enturmei agora mais com pedagogia do que com administração.

F: Ta. E tem alguma faculdade em especial que você queira fazer. Por exemplo, Pucc, Unicamp, Unip.

M: Não eu acho que... Pucc né, mas o que vier, o que tiver ao meu alcance eu vou ter que fazer né?

F: E você pretende fazer cursinho o ano que vem?

M: Hã, hã.

F: Sua irmã faz na cooperativa do saber né?

M: Isso a Diana, é ta na cooperativa do saber.

F: E ela quer prestar o que, ela já sabe?

M: A Diana, não sei, porque ela trabalha a cinco anos ali no... faz carimbo sabe?

F: Hum, hum...

M: Então não sei o que ela quer fazer, a Diana, não sei mesmo. Ela ta sempre vendo essa área de administração.

F: Ta, ta acabando ta?

M: Ta.

F: Com relação a sua família, você mora com seus pais?

M: Moro, meu pai mora do lado de casa.

F: É sua mãe e seu padrasto que moram... e seu pai

M: Isso, mora do lado de casa.

F: Eles trabalham no que?

M: A minha mãe é empregada doméstica, o meu pai é pedreiro, meu padrasto também é pedreiro.

F: Ta, e at´que ano seus pais estudaram?

M: A minha mãe foi até a quinta e meu pai acho que até a oitava, meu padrasto até a quarta, tudo assim.

F: Ta, vocês moram pertinho, você se da bem com seu pai tudo tranqüilo?

M: Filho sim, a mãe não da muita liberdade, que confundi amizade com liberdade, então, mas assim conversa, conversa todos certinho.

F: Ta. Quantos irmãos. Em quantos vocês são de irmãos ao todo.

M: Seis, é. É Fabio, Diana, Moni, Magali, Monica e Daniele, cinco, pelo amor de deus, são cinco.

F: Com você cinco?

M: É.

F: Tá.

M: Eu falo seis por causa do Carlos.

F: Quem é? O Carlos.

M: Meu padrasto.

F: O Fabio é seu irmão mais velho?

M: Mais velho, isso depois a Diana...

F: Quantos anos ele tem?

M: O Fabio tem vinte e três.

F: Três... ele mora com vocês?

M: Não, mora com a noiva dele.

F: A ta. E o que ele faz?

M: O Fabio? Ele trabalha numa sirúrgica, uma sirurgica luzitana.

F: Ele estudou até que série?

M: O Fabio terminou?

F: O terceiro... o ensino médio.

M: Isso. É.

F: Não ta fazendo faculdade, mas terminou...

M: Não. É. Faculdade ele não fez, mas terminou certinho, a Diana também terminou.

F: A Diana é essa sua irmã que ta no cursinho...

M: Que trabalha no (?) isso, ela terminou o terceiro, acho que ela ficou dois anos parada, ficou sem fazer nada, só trabalhando, daí ela decidiu entrai aqui na cooperativa do saber.

F: A legal, ela tem quantos anos?

M: A Di tem vinte.

F: Então vinte e três. Vinte, aí vem você...

M: Daí vem eu...

F: Ta, aí depois de você tem?

M: A Monica.

F: Que é... a depois tem mais a pequenininha ainda.

M: Isso, aí vem a bebe.

F: Ta a Monica tem quantos anos?

M: A Monica tem quinze.

F: E o que que ela faz?

M: A Monica, ela faz reforço lá no CECOIA, vai pra escola, só.

F: Ta ela tem quinze, e aí a bebê como chama?

M: Daniele.

F: Daniele, ela ta com dois aninhos?

M: Isso, dois e seis eu acho.

F: E ela fica...

M: Na creche, período integral, ela sai só as quatro e vinte eu acho.

F: Sua mãe leva ela lá.

M: É, hã, hã, a perua leva.

F: Ta. O único dos seus irmãos que trabalha é você...

M: Assim, tipo o Fábio trabalha, mas não mora comigo...

F: O Fábio que não mora com vocês.

M: Isso. Daiana, eu e o meu padrasto. Minha mãe trabalha assim, mas não é aquele dinheiro que dá pra contar em casa, porque ela gasta mais, procura gastar mais com a filha dela, com a Dani. Com a filha dela?! (risos) Quem vê pensa..., mas ela gasta mais com a minha irmãzinha.

F: Com a pequenininha.

M: Isso.

F: E o seu trabalho o emprego dele é fixo também, assim todo dia, com carteira assinada assim, não ?

M: Não, é pedreiro, cada dia ele vai numa casa, assim se precisar ele fica um mês numa casa ele fica, daqui a pouco muda de serviço.

F: Ahan, entendi, autônomo.

M: Isso, autônomo, isso.

F: Aí a sua mãe faz mais bico, quando tem...

M: É, que nem, a minha mãe é registrada num serviço que é no Botânico...

F: Ah, então ela tem...

M: Há dois anos assim, minha mãe. Aí tem um outro emprego que ela vai, que é na Vila Santana, pra cima assim do meu bairro, que ela vai te terça e quinta eu acho. É assim que a minha mãe trabalha.

F: Mas ela tem um emprego fixo que ela vai todo dia.

M: É, tem um, ahan, que é da Marilda.

F: Ah ta. O que que ela faz lá ?

M: Ela é doméstica, ela limpa a casa.

F: Entendi. Eu acho que é isso. Só voltando, se você tentar..., pra gente tentar o que a gente tava falando né, a questão do trabalho, pra gente tentar ver assim. Se você pensou em alguma coisa assim, como é q eu você definiria trabalho, qual a importância que ele tem na sua vida, ou o que que você acha...

M: Você fica mais independente né. Nossa, totalmente, quero comprar alguma coisa, “mãe dá dinheiro ?” Não, eu mesma vou, recebo meu salário, aí compro. Essas coisas, igual a gente nova, você fica sabendo mais sobre o mundo, você não pensa que... Que nem, a Mônica, na cabeça dela o mundo é só brincadeira né, mas quando ela entrar em um trabalho, assim em um emprego, ela vai ver como é que é, a disputa, como é que é. Porque é um tal de um querer ser mais do que o outro, um com medo de tomar o lugar dela, sabe, assim eu acho que você fica sabendo mais a realidade.

F: Você percebe uma mudança de quando você não trabalhava ?

M: Ah, imagina! Totalmente, nossa!

F: Até de mentalidade, assim como que você pensava...

M: Ah tudo, muda tudo, você cria mais responsabilidade né. Que nem, antes eu ia pra escola, lógico, porque a minha mãe me obrigava a ir. Daí hoje eu tenho que pensar assim, ah eu tenho que trabalhar hoje, ai que chato, mas eu tenho que ir, eu assumi isso, agora eu tenho que ir.

F: Nem todo dia é legal, mas ao mesmo tempo...

M: Eu tenho que ir, se ta bem, se ta sol ou chuva, caindo..., eu tenho que ir trabalhar.

F: E você acha que o trabalho assim ele é importante..., claro, a gente precisa, mas só porque precisa, só por dinheiro ?

M: Não, então que nem eu falo pra minha mãe, ai se eu ganhasse um milhão, eu pararia de trabalhar. Minha mãe fala, Magali se você parar de trabalhar você morre! Porque não tem como, eu fico..., que nem eu falo pra você, sábado e domingo eu fico em casa o dia inteiro, mas por Deus! Eu quero..., ai, se eu pudesse ser uma ave eu saia voando por aí, porque é horrível você ficar sem fazer nada, pensa mais do que ficar trabalhando, eu acho que eu preciso mesmo, pode ser por esporte, eu tenho que trabalhar.

F: Mas tem que ta. Essa eu não tinha posto aqui, mas agora eu lembrei né. E você gosta de morar em Sousas ?

M: Morar em Sousas eu amo, eu falo pra minha mãe, mãe como Sousas é bom. Mas o lugar que eu moro hoje eu acho que mudou bastante, antes eu gostava, hoje eu não gosto mais.

F: Onde você mora lá ?

M: Eu moro..., você conhece bastante lá ? Sabe onde que é o CECOIA 2? Eu moro perto do CECOIA 2.

F: Tá, perto do mercado, do Galassi.

M: Do Galassi ?

F: É, não é descendo ali ?

M: Isso, desce, daí você sobre lá pros Quatorze.

F: Tá,. Entendi.

M: Eu moro lá perto do CECOIA 2.

F: Você nasceu em Sousas ?

M: Eu nasci.

F: Sempre morou lá.

M: É.

F: E você acha que é um lugar gostoso, é tranquilo ainda, tem coisa pra fazer, o que você acha ?

M: É gostoso. É, agora tem bastante coisa pra fazer, abriu bastante coisa lá. Mas assim, é que eu não saio mesmo.

F: É, isso que eu ia te falar, você não sai muito mesmo né.

M: Não, porque tipo minha mãe também não deixa, minha mãe não é liberal, minha mãe quer proteger muito, mas ao mesmo tempo ela protegendo ela prejudica. Porque assim, as vezes eu quero sair e daí ela não deixa, daí eu fico só nessa vida, trabalhando, estudando e casa, trabalhando, estudando, casa... Nossa, mas eu amo morar lá, é super bom. Sabe, é tudo muito perto, supermercado tem aqui, tem o Galassi do lado. Banco, na avenida toda tem todos os bancos, tem o Banco do Brasil, todos.

F: Tudo um do lado do outro.

M: Tudo, tudo, tudo, farmácia, tudo, é muito bom. E biblioteca, as vezes você tá a fim de ir, sei lá, ler um livro, tem a escola que fica aberta pra gente.

F: E você vai de final de semana, você vai na biblioteca ?

M: Antes eu ia, só que agora eu não vou mais.

F: Também tempo também dá ? (risos)

M: Nossa, a primeira coisa, quando chega sexta feira, eu falei nossa... Mas eu acabo sem fazer nada, sabe, até porque eu não sou apegada a livro, não gosto de ler, não sou fã. Mas às vezes eu gosto, quando me interessa o assunto sim, mas quando...

F: Se o assunto é bacana...

M: É, sabe. Mas, tipo eu gosto de ler bastante revista assim de fofoca, só. Mas o livro, tipo, que nem livro do Hitler, saber o que aconteceu na Segunda Guerra...

F: Você não curte muito.

M: Ah não, eu não gosto.

F: E final de semana assim Sousas acaba ficando bem cheio né, muda assim né o pessoal.

M: Eu acho que antes ficava mais, porque agora tem bastante barzinho, eles abriram bastante, "Balacobaco", esses negócios ali... Ah, mas bem cheio, vive bem cheio. Tem cachorro quente aqui, cachorro quente lá, então vai todo o grupinho, vai lá, tem a praça no centro de Sousas.

F: Sei.

M: Então ficou legal.

F: Ali perto da pontezinha ali ?

M: Isso. Você viu o bar que abriu lá ? Um barzinho super legal.

F: De esquina ?

M: Isso. Assim, eles reformaram a praça, tá linda a praça, ficou super legal.

F: E você tem um grupo de amigos assim que você sai...

M: Pra sair ? Não.

F: ... por exemplo, não só a noite, mas a tarde, não ?

M: Não, não, não, não gosto de, sabe, me enturmar.

F: É ?

M: É, não gosto muito.

F: Mas a sua amiga, essa que você falou. Aline, né?

M: É, Aline, mora do lado de casa.

F: Essa você é inseparável, vocês sempre saem juntas ?

M: Não, tipo, ela tem as amigas dela, ela sai bastante.

F: É ? À noite assim ?

M: Isso, nossa, a Aline é terrível! Mas eu não, eu, nossa, eu sou muito sossegada, o povo fala, “ai Magali, você é louca, você não sai...” Ai, eu vou sair..., eu tenho vontade de sair, lógico né, pra conhecer, mas eu peço pra minha mãe, só de eu pensar ela já fala não, então eu fico na minha, é melhor eu ficar na minha pra não arrumar uma briga em casa.

F: Tá. E você tem namorado, não ?

M: Tenho.

F: Tem ? Mas e sua mãe..., ele vai na sua casa, é tranqüilo ?

M: É, tipo assim, quanto a isso a minha mãe fala, “você quer namorar, ta, deixa eu conhecer o menino, deixa...” Mas ela fala, “nunca esconda nada de mim.” Porque, gente, eu não sei se minha mãe tem bola de cristal, eu não sei, eu faço alguma coisa, deixo de contar pra ela, no outro dia ela já ta sabendo.

F: De algum jeito ela tá sabendo ?

M: Não sei como, mas ela fala. Ela falava pra gente, não sai pra rua. Aí se colocava só pra cuspir... “Ai filha...”

F: Ela já sabia.

M: Ela chegava cinco horas da tarde ela tava lá sabendo de tudo. Falo, gente como pode?

F: Mãe parece que tem essas...

M: Assim, ela é bem liberal nessas partes, sabe, mas assim, não faça nada escondido que vai ser pior, porque a verdade sempre aparece, ela sempre fala isso pra gente. Então ela sempre ensinou, sabe, sempre jogar as coisas limpos. Não sei porque..., ela sempre fala assim, “se vocês fizerem alguma coisa escondido...” É lógico que a gente faz né, eu acho que é normal, faz parte. Daí..., que nem a Festa de Santana, nossa festa de Santana é... então a gente fala mãe a gente pode ir? Ela fala não, ela não deixa, porque todos são evangélicos, então ela não gosta, ai festa de Santana tal. Ai mãe, a gente curtir só, ver os amigos. Não ?. Ai sempre a festa de Santana tem de quinta e sexta, então o que que acontece, a gente vai, sabe? Em vez de ir pra escola, a gente vai...

F: Vai pra festa né...

M: Vai e no dia seguinte ela ta sabendo de tudo, não sei o que acontece, não sei se ela... ela sabe de tudo, daí sabe mais, quanto a isso se você chegar e conversar direitinho, que nem, eu cheguei e conversei, mãe deixa não é bem assim, minha irmã já não, Diana já é bem “estoradona” sabe, a então beleza não quer deixar “purrr” bate a porta e sai, eu já não tipo conversei, não sei como ela liberou, a.. que nem os meninos falam, os amigos da Diana, nossa a Paula sua irmão sai mais do que você sei La o que.

F: Com jeitinho ela acaba deixando.

M: Lógico se você chegar agradando, você nunca é também (?) você não quer fazer isso? A não mãe to cansada agora.

F: Ta.

M: Depois é a mesma coisa né?

F: E a festa de Santana é o acontecimento de Souza né?

M: Nossa, pelo amor de deus, mãe você tem que deixar eu ir, tipo... vai... quatro dias pelo menos um dia eu tenho que ir.

F: Quatro dias de festa?

M: É quinta, sexta, sábado e domingo.

F: Quando que é? Que mês que é?

M: É sempre Junho... Julho... nossa mais é...

F: No meio do ano né?

M: É.

F: A do ano passado saiu no jornal...

M: Ah?

F: Saiu no jornal a foto o ano passado, muito cheio de gente assim.

M: Você viu?

F: Eu vi no jornal.

M: Nossa bufa mesmo. Nossa quando eu fui no sábado que ela deixou, que a minha irmã ficou muito brava. Deu mais de cinco mil pessoas sabe, ela tava e eu não tava La. Sabe é só você chegar e conversar com jeitinho. Se falar não ta, chega daqui, depois de duas horas, o mãe deixa...

F: Pede de novo...

M: Sabe, é só pedir com jeitinho que...

F: Magali tem mais alguma coisa que você acha que você queira falar? De... não sei que você lembre de trabalho, das oficinas.

M: É que eu não lembro mesmo.

F: É que você não lembra muito, faz bastante tempo. Mas acho que a gente acabou... você acabou falando bastante coisa.

M: Ahah

F: É que era pra, é mais...

M: Que nem assim o que eu achei mais legal é que você sempre procurou trazer assunto sobre Souzas sabe? Nossa isso foi super legal, porque que nem, eu falei pra você, tinha coisa que eu nunca tinha sabe, nunca tinha ouvido, nunca soube do assunto, acontecimento, que nem na época a gente queria entrevistar uma pessoa, só que o Neto tinha falado que ela tinha morrido, nossa pra mim a pessoa tava “viva da silva”, “vivinha da silva” a pessoa já tinha morrido, tem bastante coisa que eu aprendi lá.

F: A história do lugar, porque é assim, é bacana conhecer a história de onde você mora né? Acaba sendo importante.

M: É, ainda mais eu que não saio muito ...(?)

M: E lembrando disso, você lembra de alguma das oficinas da... das entrevistas que você gostou, que você achou interessante, que você lembra? Você falou dessa senhora né? Que morava na frente.

M: Isso.

F: Eu não lembro o nome dela também.

M: Eu também não lembro, mas ela falou bastante como Souzas era, o rio Atibaia era limpinho, ai se vê né? Preto. Ela fala, que ela... não sei se ela falou que a mãe dela ia lavar roupa no rio, nossa ela falou cada coisa super legal.

F: A gente nem imagina pensando em como é hoje né?

M: É ce fica né, que nem tonta, boiando, fica filosofando, como que era será? Fica imaginando.

F: Ta. E você tem é... a sua mãe sempre morou lá?

M: Minha mãe?

F: É.

M: Sempre, sempre nossa, a minha mãe fala que , é que eu não lembro se ela já tocou nesse assunto, como que era o rio, Souzas, mas ela me falou, nossa isso daqui, era tudo desse jeito, isso daqui é desse jeito, antes não existia isso, isso daqui era da... sabe, ela sempre falava, é legal.

F: Isso que você achou que foi mais legal né?

M: É.

F: De conhecer mesmo o lugar né?

M: Ahah

F: Entendi. Ah eu acho que é isso assim, qualquer... se tiver mais alguma coisa que eu lembre depois até te pergunto né, te ligo tal, mas acho que deu pra gente abordar bastante coisa assim. Muito obrigada Magali...

M: Ahah

F: Tipo até...

FINAL DA ENTREVISTA

2.2 – Entrevista com Anderson. Realizada em 19/06/2008 na casa do entrevistado

Legenda:

F: Fernanda

A: Anderson

F: Pra começar, eu queria que você falasse um pouquinho, contasse um pouquinho da sua vida assim, onde você nasceu..., pra gente... É assim, deixa eu te explicar pra você entender o esquema. A idéia principal é saber as coisas que você faz enquanto jovem aqui em Sousas, se você trabalha, se você estuda, como é que é isso, como é que o lazer pra você aqui. Enfim, é a sua trajetória de vida e pautada pela questão do trabalho e da escola. Então eu vou deixa você falando e vou aos pouquinhos vou perguntando uma coisa ou outra. Então se você quiser começar a contar... Você nasceu aqui em Sousas mesmo?

A: Não, eu nasci em Campinas né, no Centro. Aí eu morava ali na Vila Brandina né, não sei se voe conhece.

F: Ahan, Vila Brandina.

A: Então, eu morava ali, eu morei só quando bebê, depois eu mudei pra Sousas. Aí eu fiquei em Sousas até agora assim.

F: Você mudou bebezinho?

A: É, bebezinho.

F: Seus pais são de Campinas também, não?

A: Não, meus pais são do Paraná. Aí eles vieram pra cá, aí eu acho que eles tiveram..., eu acho que eles começaram aqui a namorar, sei lá, alguma coisa assim. Aí já começaram...

F: Se conheceram aqui em Campinas?

A: Isso. Aí eles já começaram a namorar e..., Na verdade já tiveram eu quando começaram, porque eles tão dezessete anos casados e eu tenho dezessete anos.

F: Dezessete. Foi rapidinho então.

A: É, no mesmo ano.

F: E aí você nasceu lá na..., eles moravam na Vila Brandina, aí logo pequenininho você veio pra cá.

A: É, aí logo quando eu nasci praticamente a gente veio pra cá.

F: Aqui mesmo, nessa casa?

A: Não, essa casa aqui acho que tem cinco anos que a gente mora, seis anos. A gente morava..., primeiro a gente foi pra uma fazenda que tinha aqui em cima, aí meu pai era caseiro da fazenda assim. Depois a gente foi pra casa do meu avô, aí a gente ficou um bom tempo no meu avô, até o que? Uns sete, oito anos. Aí depois veio pra cá, aí a gente ficou aqui.

F: Ah, entendi. E o que você lembra, quando você lembra da sua infância aqui em Sousas o que você lembra daqui, como que era o Distrito, pensando antes de hoje né, o que que mudou?

A: Mudou bastante viu, aqui, por exemplo, nesse lugar aqui era uma fazenda, totalmente, era mato por tudo que é lado. Lá em cima não tinha aquele Galassi, era diferente né e começou a mudar de uns tempos pra cá. Aí depois construíram esse lugar aqui, construíram o Galassi, o Kushi.

F: Foi crescendo mais né.
A: Foi. É uma coisa meio recente né.
A: É, foi pouco, faz uns dez anos que começou.
F: Você lembra de Sousas bem mais rural, mais...
A: É, eu lembro que era mais mato assim, era bem diferente.
F: E você teve aquela infância de brincar na rua, de..., aquela coisa de cidade mais tranqüila mesmo né.
A: Sim, ahan.
F: E você sempre estudou aqui também?
A: Sempre estudei aqui, sempre no Tomás Alves.
F: Desde pequenininho?
A: É, eu estudei no Tomás Alves até..., até uns..., acho que até a sexta série, aí eu passei pra sétima, aí eu comei a fazer um outro projeto que tinha no CECOIA, que era o do trabalho, que era o Aprendiz, o Jovem Aprendiz.
F: Ah ta.
A: Aí eles mandavam pro trabalho, aí eu comecei a trabalhar por eles, aí eu tive que mudar de escola, mudei lá pra Campinas, mas só que eu fiquei meio ano, aí depois eu mudei de novo pra Joaquim Egídio, fiquei um ano e meio, agora eu voltei pro Tomás Alves, to estudando a noite agora.
F: Ta terminando?
A: É.
F: Tá no terceiro?
A: Não, ainda to no primeiro, repeti dois anos.
F: Mas você não parou de estudar, você continuou...
A: Não, to estudando
F: E você falou desse projeto, acho que a Magali comentou comigo, que ela também participou desse Jovem Aprendiz.
A: Ela participou, não sei se ela trabalhou por ele.
F: Ela trabalhou lá na Fonte, acho que por ele. Como que era esse Projeto?
A: Então, eles passavam assim, davam aulas de comportamento no serviço, alguma coisa assim, sabe, aí eles indicavam pra clubes, era tipo uma sociedade com os clubes de Campinas. Aí mandavam..., mandaram um tanto pro Regatas, um tanto pra Fonte, um tanto pra Hípica, daí começou a trabalhar. Tem bastante gente que ta trabalhando por eles.
F: Entendi. E no curso vocês aprendiam coisas relacionadas a questão de clubes ou não, como...?
A: Não, era geral assim, mais de coisa de escritório.
F: Administração.
A: É, administração, essas coisas, era mais isso que a gente aprendia. Mas quando a gente ia pro clube a gente fazia tudo na verdade, os homens é que iam, mas as mulheres ficavam mais na administração, os homens já não, eles ficavam um pouco na administração, depois iam pra ajudante geral, faziam de tudo no clube.
F: E você conseguiu emprego por esse projeto Alvo?
A: Eu consegui, mas só que eu fiquei só dois meses.
F: Onde você conseguiu?

A: Eu fui no Regatas.

F: O Regatas é da..., o clube de campo ou não?

A: Não, lá no Cambuí.

F: O que você fazia lá?

A: Então, porque era assim, o projeto na verdade era dois meses em uma área, dois meses em outra, dois meses em outra, daí eu fiquei dois meses só na secretaria, na administração.

F: Ah, você ficava passando por todos os setores.

A: É, você passa por todos os setores do clube. Aí com eu fiquei só dois meses eu acabei ficando só lá, não mudei, só na administração.

F: E você gostou de trabalhar lá?

A: Gostei, lá é bom.

F: Mas não deu certo.

A: Não, não deu certo. Porque o que eles me disseram foi que cataram, pegaram muita gente pra trabalhar e deu excesso de funcionários, tiveram que demitiram, até demitiram funcionários antigos que tavam lá, pessoas que tavam há dez anos, vinte anos lá, eles tiveram que demitir. Aí acabaram optando por demitir os que tavam mais novos.

F: Quantos anos você tinha quando você fez esse curso, participou do Jovem Aprendiz?

A: Eu tinha acho que quatorze anos quando eu comecei a fazer.

F: Foi então há três anos atrás...

A: Foi na mesma época...

F: Eu acho que foi na mesma época do curso, o curso entrou..., foi durante, eu acho, foi na mesma época praticamente.

F: E você freqüentou o CECOIA desde quanto tempo ? Quando você entrou lá?

A: Eu entrei lá..., deixa eu ver, eu não vou lembrar, acho que eu tava com...

F: Mas pequenininho ou não ?

A: É, não, eu não era muito pequeno não, tinha acho que uns doze ou treze anos, por aí.

F: E como é que você ficou sabendo do CECOIA, quem que te indicou?

A: Ah isso daí foi com a minha mãe mais assim, que ela ficou sabendo, umas amigas dela falaram que lá é bom, daí eu entre. Lá é bom sim, é um lugar bem legal. Porque no começo eu entrei no NAECA, só que no NAECA lá era muito..., assim, uma coisa muito estranha, eu não gostava de lá.

F: O que que era o NAECA?

A: NAECA é quase a mesma coisa que o CECOIA, só que lá é muito desorganizado, não tem muitas coisas.

F: Mas eles tentam fazer mais ou menos a mesma coisa?

A: É, praticamente a mesma coisa, só que lá eles não indicavam pra serviço, assim, lá antigamente tinham alguns professores que eram ruins, você ia comer tinha que comer o prato todo. A maioria das crianças saiu por causa disso, não gostavam. Daí minha mãe me transferiu pro CECOIA. Aí eu gostei de lá, quis ficar.

F: E o que que você lembra, logo que você entrou no CECOIA o que que você lembra que vocês faziam lá, quais eram as atividades?

A: Eu lembro que tinha informática, todo ano a gente ia pro Hopi Hari, todo ano tem um passeio pro Hopi Hari; aí tinha umas aulas mesmo dentro, essas aulas de coisa assim tipo uma coisa mais infantil assim, que a gente era pequeno ainda. E tinham as aulas lá fora, no pátio, era...

F: Aulas do que que você tinha ?

A: No começo a gente ia lá mais pra jogar futebol, essas coisas, a gente ia na brinquedoteca que tinha lá, ficava brincando com os brinquedos. Aí depois que começou essa época dos cursos a gente ia lá fazer tipo relaxamento, a gente tinha aula até disso nesse curso, fazia relaxamento, depois..., Porque era toda segunda, então a gente trabalhava a semana inteira e na segunda a gente faltava no serviço pra ir lá.

F: Ah, mas isso quando você já tava trabalhando?

A: É, antes também tinha, mas era só de segunda.

F: Pera aí, deixa eu tentar entender. No CECOIA você não ia todo dia.

A: Não, eu ia todo dia, só que o curso era só de segunda.

F: Ah tá, o curso.

A: Isso, o curso era só de segunda, o Aprendiz. Aí quando a gente começou a trabalhar a gente ia pro serviço, trabalhava a semana inteira e vinha na segunda pra lá. A gente fazia aula de relaxamento, fazia um monte de coisa.

F: Entendi. E antes de começar o curso Aprendiz as atividades que você fazia lá no CECOIA, tinha..., tem quadra né pra jogar bola...

A: Tem, tem quadra, tem tudo.

F: Informática... E tinha aulas, por exemplo, de reforço de escola, não, como que era?

A: Tinha.

F: Tinha também.

A: Tinha reforço de escola porque tinha muita gente que ia mal. Eu acho que eu nunca participei.

F: Ah era só os alunos que não iam bem que...

A: É, lá eles sempre pegavam nota na escola, os alunos que não iam bem eles conversavam com a mãe e faziam o reforço, faziam tudo pra ir bem na escola, lá eles aconselhavam também, tinha psicólogo...

F: Tinha um acompanhamento paralelo. E você gostava de ir?

A: eu gostava, lá era bom, eu gostava sim.

F: E você frequentou até...

A: Eu frequentei acho que ta os quinze anos, acho que foi isso. Logo que eu saí do serviço eu saí do CECOIA também.

F: Você começou o serviço você tinha quinze anos, quando você entrou?

A: Não foi antes, acho que foi uns quatorze.

F: Quando você foi pro Regatas foi seu primeiro trabalho, ou não, você já tinha feito alguma coisa?

A: Não, foi meu primeiro trabalho.

F: Você não tinha trabalhado de nada antes ?

A: Nada.

F: Nem ajudando seu pai..., fazendo alguma coisa assim...

A: Não, até essa época não.

A: Eu fui trabalhar no Regatas, aí quando eu voltei aí que eu comecei trabalhar mais, eu ia com o meu pai trabalhar num lugar, aí eu comecei depois a trabalhar aqui no Kush. Eu trabalhei também foi pouco, um mês, porque foi a mesma coisa, no começo deu movimento, que é mercado né, dava movimento, aí saiu. Aí depois eu...

F: Você fazia o que no Kush?

A: Eu era empacotador.

F: E no kush você era registrado, não?

A: É, era registrado. Aí depois eu saí de lá, fiquei um mês só, aí eu fui trabalhar com o meu tio, eu fiquei um bom tempo, acho que eu fiquei uns cinco, seis meses trabalhando com o meu tio. Só que não era registrado, era..., ele trabalha de topógrafo, eu era ajudante dele, de topógrafo. Aí eu fiquei um bom tempo trabalhando com ele, só que eu não gostei muito do serviço.

F: É, o que você fazia?

A: Ah, tipo você tem que entrar no meio do mato, mata fechada, perigosa, tem que ficar segurando bastão e ele grita de lá, você acaba ficando nervoso, acaba discutindo, eu não gostava muito, eu chegava em casa assim..., depois ia pra escola cansado.

F: Entendi. Então assim, você fez o curso, você entrou..., o curso Aprendiz você tinha mais ou menos quinze anos. Porque a oficina do Centro de Memória foi em 2005, faz três anos né.

A: Se eu não me engano foi durante viu.

F: Mais ou menos né. Porque você tem dezessete, você devia ter uns quatorze, quinze.

A: É, quatorze, quinze quando eu comecei a trabalhar, aconteceu a oficina, eu acho que foi durante esse curso, antes de eu entrar no serviço essa oficina.

F: Ah tá, as oficinas do Centro de Memória né.

A: Porque se eu não me engano o curso era de segunda e a oficina era todo dia.

F: Era todo dia.

A: A gente ia de segunda no curso, quando não tava trabalhando e ia na oficina nos outros dias, se eu não me engano.

F: E quando você fazia esse curso vocês recebiam alguma coisa, uma bolsa, ou não, era só o curso?

A: Não, era só o curso.

F: E quanto tempo durou, você lembra ?

A: Eu não lembro, eu lembro que eu não cheguei a pegar o diploma, que eu saí pra trabalhar no finalzinho.

F: E você não voltou, não continuou na oficina.

A: Não, não continuei a oficina, só que eu saí no finalzinho assim, quando eu comecei a trabalhar já acabou a oficina, todo mundo pegou o diploma, eu acabei não pegando o diploma.

F: Isso do Regatas, quando você começou a trabalhar no regatas mesmo.

A: Eu comecei a trabalhar no Regatas.

F: Então você trabalhou no Regatas, aí você trabalhou dois meses né que você falou...

A: Isso, dois meses.

F: Aí logo depois você foi trabalhar com o seu tio ?

A: Não, aí eu fui com o meu pai, fiquei um tempinho trabalhando com meu pai.

F: O que que você fazia com o seu pai?

A: Ah, ele fazia jardim nessa época, aí eu ia ajudar ele no jardim assim, a fazer jardim, que ele é autônomo né.

F: Jardineiro.

A: É, ele é jardineiro, ele é tudo na verdade, faz jardim, ele é pedreiro, faz tudo. Agora no momento eu to indo com ele trabalhar, hoje eu não fui porque ele foi com outra pessoa ali em cima, mas eu to indo ajudar ele.

F: Ele trabalha como autônomo.

A: É, ele...

F: Faz vários serviços gerais. Aqui e Sousas mesmo?

A: Aqui em Sousas.

F: Trabalha pros condomínios...

A: Trabalha. Assim, ele um..., não é registrado, mas tem um serviço que ele vai toda sexta feira fazer jardim.

F: Uma casa fixa.

A: É, uma casa fixa que ele vai toda sexta feira fazer.

F: E o restante ele faz autônomo.

A: É.

F: E a sua mãe trabalha?

A: Minha mãe trabalha, ela é doméstica. Doméstica que fala ? Eu não sei.

F: Trabalha como empregada doméstica.

A: É, como empregada doméstica.

F: Aqui em Sousas também?

A: É, num condomínio que tem lá perto de Joaquim.

F: Você sabe se ela é registrada Anderson?

A: Ela é.

F: Faz tempo que ela trabalha lá ?

A: Faz viu, acho que faz quase dez anos que ela trabalha lá, faz muito tempo.

F: Bastante. Provavelmente logo que vocês vieram pra cá, pra Sousas ela já começou.

A: Por aí viu.

F: É, você falou que veio pequenininho, faz mais.

A: Faz mais, porque ela ficou..., acho que uns dez anos antes ela trabalhava em outra casa.

F: Entendi. E a escola, você falou pra mim que você ta no primeiro ano né.

A: eu to no primeiro ano.

F: A noite, lá no Tomas Alves.

A: Isso.

F: E você gosta da escola?

A: Eu gosto, mas assim no momento ta um rolo lá.

F: É, por que ?

A: Porque os professores ta querendo entrar em greve...

F: Ah, ta tendo a greve né.

A: Tá. Aí tipo ontem eu fui e voltei, porque ficar na escola não adianta, porque eles tavam fazendo reunião numa sala, aí os alunos ficam tudo lá fora. Ficar lá fazendo o que ? Eu falei, vou embora né. Porque ta um rolo essa greve aí, eu não sei o que vão resolver.

F: É, a greve foi decretada por tempo indeterminado, a minha escola não parou, mas bastantes escolas tão parando né.

A: Então. Joaquim mesmo parou.

F: Em Joaquim Egídio, é ?

A: Parou, vai ficar até sexta feira parado, aí vão resolver de novo pra ver se vão continuar ou se vão começar a dar aula.

F: E você falou que estudou lá desde a primeira série.

A: Estudei desde a primeira série.

F: E você gosta dessa escola, você acha uma escola boa ?

A: Eu gosto, gosto. O ensino não é muito bom não.

F: Não ?

A: Não.

F: Por que ? O que que você...

A: Ah, sempre foi muita bagunça, só que assim eu nunca m envolvi muito diretamente com a turma bagunceira, aí de um tempo pra cá começou a acalmar, acalmar, acalmar... A noite não é muita bagunça, porque a noite é mais...

F: Não ?

A: A noite é mais gente que trabalha o dia inteiro, vai lá cansado.

F: Tá a fim de aprender mesmo né

A: É. Mas de dia é um pouco bagunça sim.

F: E você acha que essa escola hoje, ou tudo que você aprendeu nela te ajuda a procurar emprego, te ajudou, facilita ou não, você acha que a escola não facilita...

A: Eu acho que não facilitou não.

F: Não?

A: Assim, porque no serviço que eu fui né, nunca pediu assim..., tipo sempre pede escolaridade, pede até a oitava série, só que pedir assim coisa de escola, fazer alguma coisa de escola, nunca pediu.

F: Entendi.

F: Mas as coisas que você acha...

A: Acho que mais pra frente vai, eu acho que vai pesar bastante, mas por enquanto...

F: Por enquanto não.

A: Não.

F: E você falou que você reprovou quais séries?

A: Eu reprovei a sexta por..., eu acho que foi por falta e o primeiro por falta também, que o ano passado eu esculachei na falta.

F: É, você não ia ?

A: Não ia.

F: Mas por não gostar mesmo da escola, ou por...

A: Não, por isso do meu tio, que o ano passado eu trabalhava com o meu tio, então eu chegava cansado e nem dava ânimo pra eu ir pra escola.

F: Nem conseguia.

A: É, porque chega cansado do serviço, de ficar andando pra lá e pra cá, porque lá no serviço dele você ficava andando o dia inteiro, então cansava né, aí chegava de tarde eu nem ia pra escola, aí acabei repetindo por falta.

F: E você pretende terminar ?

A: Pretendo terminar, até o terceiro.

F: E o fato de você pretender terminar, você acha que..., você pretende fazer faculdade, você acha que é importante ter esse diploma, o que você pretende fazer com relação a estudo?

A: Eu quero fazer, eu acho importante sim, porque hoje em dia eu acho que faculdade é tudo, se não tiver...

F: O que você pretende fazer de faculdade?

A: Não sei ainda, tava pensando em veterinária, sei lá.

F: Você gosta de bicho?

A: Gosto.

F: E você acha que hoje em dia ter faculdade é...

A: Eu acho que é muito bom ter faculdade.

F: E seus pais incentivam, acham também que é bom?

A: Acham, eles sempre incentivaram.

F: Pressionam pra estudar, não ?

A: Pressionar não muito assim, mas sempre tão no meu pé assim pra estudar, “que a gente não estudou muito, agora ta trabalhando de pedreiro, doméstica...” Entendeu ? Eles querem sempre que a gente faz..., seja o melhor né.

F: Entendi. Que o estudo leve pra profissões melhores.

A: Pra uma profissão melhor.

F: Voltando agora..., eu to pergunto mais solto assim, depois eu volto pra ver se falta alguma coisa assim. Voltando pro CECOIA, você acha que ter freqüentado, por exemplo, o Jovem Aprendiz e os anos que você passou lá, você acha que te ajudou a encontrar um emprego, te ajuda na hora de procurar emprego?

A: Ajuda, porque as vezes a gente fala nesse curso assim, aí pessoa fala, “ah, você participou, tal? Conheço o CECOIA, conheço o projeto deles”. Porque aqui em Campinas eu acho que tem muita gente que conhece, eu já fui em lugares em Campinas entregar currículo e tem muita gente que conhece o CECOIA, eles falam que aqui é bom.

F: Mas só nesse sentido, só por conhecerem, ou o que você aprendeu lá, o que que você acha que...?

A: Eu aprendi bastante lá viu, porque aí eu falo que eu aprendi de secretaria, tal. Porque ainda eu lembro da maioria das coisas que eu aprendi.

F: Tá. E aí coisas bem práticas pra trabalho.

A: É. Tipo o curso de informática era bom, que tinha lá, que eu aprendi muita coisa de informática que era meio complicado e lá eles ensinavam bem assim, a mexer nos programas, na internet

F: É uma coisa que ajuda na hora de procurar emprego né.

A: Ajuda.

F: E quando você ia pra lá, você ia só por causa disso, por causa de emprego ou não ? O que mais te chamava a atenção assim, você tinha um grupo de amigos lá, como é que era ?

A: É, porque tava faz tempo né, então eu tinha uma turminha lá né e sempre foi amigos, aí eu saía da escola, porque lá era depois da escola, então a gente saía da escola, ia pra lá e...

F: Você estufava de manhã e ficava à tarde no CECOIA?

A: É. Aí ficava lá, descansava também, tinha professores que a gente gostava. Foi mais depois disso, porque teve uma época que mudou tudo lá no CECOIA, agora tem professor novo, um monte de coisa. Mas antigamente que a gente gostava, que era uma turma mais antiga, aí tinha a Luciana, que era uma pessoa bem legal, que a gente estudava com ela, que a gente gostava bastante dela.

F: A Lú era aquele que era morena, mais baixinha ?

A: É.

F: Ah eu lembro dela.

A: É, a Luciana, acho que ela tava nessa época. Aí ela teve que sair porque venceu o contrato, daí começou a sair toda a turma, aí desanimou do CECOIA assim, aí eu saí também.

F: Foi nessa época que você saiu?

A: Foi depois do serviço.

F: Depois do Regatas.

A: Foi depois do Regatas, eu fiquei acho que um mês no CECOIA e saí.

F: Entendi. Agora falando um pouquinho das oficinas do Centro de Memória, você falou pra mim que lembra de algumas, quais que você lembra ?

A: Eu lembro de Fotografia, eu achava que era a mais legal, que a gente saía assim e ficava fotografando.

F: Vocês fotografaram Sousas toda né.

A: Fotografamos. Até a gente veio no CECOIA aqui novo fotografar. Eu lembro da de jornalismo, que a gente até fez um jornal.

F: Ahan, jornalzinho comunitário.

A: É. Que a gente ainda pediu..., como diz, patrocínio, que a gente saía pedindo patrocínio pras pessoas de Sousas pra... Que eu lembro da de in..., não lembro se tinha informática.

F: Acho que informática...

A: Era do outro né.

F: Eu acho que não porque o CECOIA tinha, se eu não me engano acho que o CECOIA tinha.

A: Eu acho que foi isso sim. O que eu mais lembro eu acho que são essas mesmo.

F: A de História Oral você lembra alguma coisa, não muito?

A: Não lembro muito.

F: Que a gente entrevistou..., a gente pegou algumas pessoas mais antigas na cidade...

A: E entrevistou.

A: Não sei se você lembra do seu..., como é que era o nome dele..., que morava no Beco ali.

A: No Beco, eu lembro, eu fui junto nessa.

F: Você foi, essa. Aí a gente entrevistou também alguns descendentes de italiano...

A: Ahan, que eles foram no CECOIA.

F: Que eles foram no CECOIA.

A: h lembro, foi bem legal.

F: Foi legal também né. E acho que teve essas... Você chegou a fazer alguma..., não lembro se era da sua época, o Jaime, ele deu uma oficina de Orientação Vocacional...

A: Era um altão?

F: Um de barba meio branca. Que na verdade a oficina era pra ver o que que vocês queriam fazer em termo de futuro, que faculdade ou que curso...

A: Eu lembro dele, mas não lembro muito assim.

F: Da oficina você não lembra muito?

A: Não.

F: Eu não sei se..., porque eu acho que ele..., porque foram dois grupos, eu não sei se ele pegou o seu. Acho que era de sexta feira a dele e ele trabalhava exatamente com isso assim de, o que que vocês pretendiam fazer e como é que ele podia ajudar...

A: Provavelmente eu participei, porque eu ia todo dia no CECOIA.

F: Mas você não lembra muito dessa?

A: Não.

F: E você acha que essas oficinas ajudara, especialmente do Centro de Memória, te ajudaram na questão de emprego, ou em outras coisas na sua vida ? Como é que você essas oficinas?

A: E acho que assim, não ajudou muito porque eu acabei não pegando o diploma né, porque o diploma pesa, às vezes você vai num emprego, você mostra o diploma, participei de tal oficina, tal oficina, acho que por causa disso não ajudou muito, mas...

F: E por que que você não pegou?

A: Porque que nem eu falei, eu comecei a trabalhar então eu parei de fazer no finalzinho.

F: Parou tudo. Deve ter sido na mesma época mesmo, porque você acabou parando tudo né.

A: É, eu parei no finalzinho, então não teve como eu participar de novo e pegar o diploma. Até falaram que meu diploma tava lá, só que eu fui lá pegar, não tava, deu o maior rolo. Minha prima também participou, a Rafaela, e lá mora aqui atrás da minha casa, só que ela não tá aí.

F: Rafaela, deixa eu ver se eu tenho o nome dela aqui.

A: Se eu não engano ela participou.

F: Até depois eu ia até te pedir, porque assim, as pessoas tem uma..., Rafaela.

A: Eu posso até perguntar.

F: Será que esse 96221564?

A: Isso, mudou o telefone. Você quer marcar?

F: Eu quero. Porque assim, as pessoas, Anderson, ficam meio encanadas a hora que eu falo, até porque dá pra entender assim de não me conhecer, de não lembrar, mas aí depois até eu vou...

A: Acho que com ela é tranquilo.

F: É ? Eu vou anotar o telefone dela.

A: Deixa eu pegar aqui.

F: Tá. Eu vou dar uma pausa aqui... (Desliga o gravador) Então, as pessoas ficam meio..., assim, de dar entrevista porque não sabe pra que que é, ou pra que que serve né

A: É (incompreensível)

F: É. A Magali ela ficou meio assim no começo, mas depois eu fui lá na Fonte entrevistá-la e ela falou pra mim, “ai, se eu soubesse que era assim eu tinha falado com você antes, vou falar com a Aline, vou pedir pra ela...” Ela que me falou de você, ela falou, “ai, fala com o Anderson...” Eu perguntei, quais dessas pessoas..., eu tenho uma lista né, você acha que fariam legal, poderiam me ajudar... Você foi um dos primeiros que ela falou, tanto é que eu tenho uma flechona aqui assim, que são os primeiros que eu liguei. Ela falou, não, fala com ele que é tranquilo, tal. E aí eu

até falei pra ela, então fala pra Aline que é tranqüila a entrevista, que não tem problema... Mas até agora eu não consegui muito não, depois eu vou ligar de novo. Qual que é o da Rafaela?

A: Da Rafa é 91479095.

F: Eu vou ligar pra ela mais pra frente, amanhã ou depois, mas aí se por um acaso você encontrar com ela e puder falar...

A: Eu vejo ela todo dia, eu falo com ela.

F: Explicar que não é..., que assim, eu trabalhei com vocês lá, embora alguns não lembrem porque faz tempo.

A: Mas eu acho que ela lembra sim.

F: E que assim, isso na verdade eu vou usar pra minha dissertação de mestrado, não vou por o nome de vocês, então tudo que vocês falarem é tranqüilo, sabe, não tem..., é sobre esse trabalho mesmo, pra u tentar entender um pouquinho o que que essas oficinas significaram pra vocês.

R: Ela até foi que trabalhou mais pelo CECOIA.

F: É?

A: Ela ficou acho que dois ou três anos , dois anos acho no Alphaville.

F: No mesmo projeto de vocês, o Jovem Aprendiz?

A: É, o Jovem Aprendiz. Ela ficou acho que foi dois anos mesmo.

F: Entendi. Aí eu marco com ela, vou tentar ligar. Então, aí você tava dizendo que você achou que não ajudou muito porque você não pegou o diploma NE, pra poder dizer, “olha, eu fiz isso...” Mas o que você aprendeu você acha que você usa em termos de trabalho ou não, foi uma coisa só..., o que que você..., quando você pensa nisso você acha que foi uma perda de tempo ter feito as oficinas...

A: Perda de tempo não foi porque eu gostei bastante das oficinas.

F: Do que que você gostava? Hoje quando você lembra que gostou o que que você pensa?

A: Ah eu achava legal, tipo, fazer oficinas com outras pessoas que você não conhece, conhecer mais da vida. Tem aquela entrevista lá, eu lembro que era um senhor, acho que era um senhor do Beco mesmo, que ele contou de antigamente, do comecinho, da época de infância dele, como que era diferente Sousas assim...

F: Foi o que eu comecei te perguntando né, como é que era diferente e ele contou de oitenta anos atrás né.

A: Foi. Que ele pegava o bondinho pra ir pro forró, alguma coisa assim... Foi bem legal. Eu achei..., sei lá...

F: E a que você gostou mais foi a de..., você falou de fotografia?

A: Ah, eu acho que todas né, na verdade todas no final foi uma só né, assim, porque no final a gente pegou as fotos da fotografia e colocou no jornal, as entrevistas a gente colocou no jornal.

F: Tá. Na verdade a idéia era fazer uma coisa única né.

A: É, foi uma coisa única. Então foi tudo legal assim.

F: Entendi. Mas você acha que então se você tivesse o diploma dela você acha que te ajudaria mais?

A: Eu acho que ajudaria porque se num serviço você entrega o diploma a pessoa vê o diploma né, eu acho que pesa.

F: O que que é trabalho pra você ? Quando eu falo a palavra trabalho o que que vem na sua cabeça?

A: Dinheiro primeiro.

F: Dinheiro ?

A: É. (pausa)

F: Que com o dinheiro você pode...

A: Fazer suas coisas né, você pode ter suas coisas, pode passear, fazer um monte de coisa. Não sei, eu acho que trabalho é bom quando você gosta dele, porque se você não gostar não adianta nem você ir.

F: Tá. Então você falou duas coisas importantes, tem que ganhar pra te dar condições de vida...

A: É, tem que ganhar, mas tem que ter um trabalho legal, que você goste, porque não adianta você ganhar dinheiro e ficar agüentando uma coisa que você não gosta, não curte, eu acho isso aí chato.

F: E hoje você ta trabalhando só com o seu pai você falou né.

A: É, eu to trabalhando só com o meu pai.

F: E você ta procurando outras coisas, não?

A: Eu já mandei currículo pra um monte de lugar aqui, por Galassi, como eu já trabalhei no Kushi eu to mandando pro Galassi, em mercado, já mandei pra cidade. Eu até tava num, a pouco tempo e fiz não sei se você conhece, o CIE?

F: C...?

A: CIE, que é pela Internet, tipo uma agência que eles mandam pra vários lugares.

F: É agência de empregos?

A: É. Eu até fiz isso, eu fui fazer entrevista de emprego em vários lugares, só que nenhum chamou. Aí até..., porque quem me indicou foi minha prima né, porque até depois que ela saiu desse lugar aí, do Alphaville, o Alphaville fez assim praticamente tudo na vida dela, porque todo serviço que ela conseguiu até hoje foi pelo Alphaville.

F: Porque ela começou lá e então acaba abrindo portas né.

A: É, ela foi fazendo amizades, um amizade aqui, uma amizade ali. Aí ela me indicou essa agência e eu fui fazer entrevista em um monte de lugares, só que nenhum chamou até agora.

F: Deixa eu dar uma olhadinha aqui que mais que a gente pode... E você trabalhando com seu pai você ganha alguma coisa ou vocês combinam, ele te paga em dinheiro, como é que é?

A: Então eu tava ganhando, mas agora eu falei pra ele que eu ia comprar um vídeo-game aí, que ta em casa, aí ele vi pagar o vídeo-game e eu vou trabalhar com ele.

F: Entendi. Aí se você precisa de alguma coisa ele compra e você trabalha pra ele.

A: É, eu trabalho pra ele, com ele né.

F: E lazer, você falou que dinheiro é bom pra poder comprar coisas e pra também..., o que que você costuma fazer aqui em Sousas? Você sai, você passeia...?

A: Aqui em Sousas não tem muita coisa pra fazer.

F: Não?

A: Não. A gente sai mais quando tem festa né, quando tem dia que não tem... Agora ta numa época que tem festa, aí a gente vai pra Sousas, no Centro...

F: Festa junina?

A: É, Festa Junina, essas coisas, no centro. Porque é mais essa época, aí tem as férias, mas nas férias não tem nada de bom pra fazer, só se você for viajar pra algum lugar, porque aqui mesmo não em muita coisa pra fazer não.

F: Tá. Então quando não tem festa assim você frequenta barzinho, não, aqui?
A: Não, aqui não, porque barzinho aqui é muito caro.
F: É?
A: É. Tipo aqui em Sousas tudo é caro, você vai no centro é muito caro as coisas.
F: E o que quer você curte, o que você gosta assim em termos de lazer, shopping, barzinho, cinema, boate...?
A: É, boate eu tava indo bastante, mas agora eu parei um pouco.
F: Mas você vai em Campinas?
A: É, eu vou em Campinas, que aqui não tem.
F: Qual que você vai lá?
A: Olha, eu ia na época da Usina, que fechou né, eu já fui no Campinas Hall, até pouco tempo eu fui no Campinas Hall, acho que mais nesses assim que eu vou, quando tem show, quando tem balada, alguma coisa assim eu vou. Porque aqui em Sousas não tem muita coisa não.
F: Cinema, você curte ou não muito?
A: Cinema eu curto, mas faz bastante tempo que eu não vou.
F: E, por exemplo, final de semana, o que que você costuma fazer, final de semana normal assim?
A: Ah, quando não tem nada pra fazer eu vou..., às vezes eu vou ali no meu avô com a minha mãe, ou vou nos meus tios, que a gente fica ali, sempre faz um churrasco, alguma coisa, aí fica aqui mesmo, por aqui.
F: Sábado à noite quando você sai você vai pra Campinas?
A: Sábado à noite? Ultimamente eu não to saindo muito, mas quando a gente saía a gente ia pra Campinas.
F: E por que que você não ta saindo muito agora?
A: Ah sei lá, cansou.
F: É? Os mesmo lugares?
A: É, não tem muita..., você vai ficar indo num lugar só.
F: E você tem uma turma de amigos que você sai junto?
A: Ah, eu saía com os meus primos, mas ultimamente eu não to saindo muito, mas sempre que eu saio é com eles, com os meus primos. A gente vai..., tem a Vila Santana aqui, a gente sempre ia lá, aí juntava uma turma lá e ficava lá.
F: Vila Santana o que que é?
A: É, um bairro que tem aqui em cima, tipo, sabe ali no Galassi?
F: Sei.
A: Lá é Vila Santana.
F: E lá o que que vocês faziam lá, ficavam batendo papo ou tinha alguma coisa...?
A: É, ficava conversando lá, porque... (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

F: ... uma coisa vocês iam, mas dormiam lá.
A: É, combinava e a gente ia lá.
F: E me fala um pouquinho da sua semana, com o é que você descreve o seu dia assim, vamos lá, segunda feira você acorda, que horas você costuma acordar normalmente, o que você faz durante o dia?

A: Agora eu to acordando umas..., umas seis, sete horas eu acordo, que eu vou trabalhar com o meu pai, aí eu vou de manhã trabalhar com o meu pai, volto, almoço, depois eu vou de novo até as cinco...

F: E seu pai vem almoçar aqui também?

A: É.

F: E você faz vários serviços com ele, todo serviço que ele tem você vai.

A: É, todo serviço que ele tem eu vou.

F: Se for de jardineiro você ajuda, de pedreiro, tal, sempre dá uma mão.

A: É. Agora ele ta trabalhando de pedreiro e eu to ajudando ele. Aí cinco horas a gente volta e eu vou pra escola, aí volto às onze e durmo.

F: Chega aqui e dá uma descansadinha ou não, não dá nem tempo de descansar, tomar um banho, comer e ir pra escola?

A: Dá, até que dá, porque eu vou seis e meia pra escola, então venho cinco horas, aí descanso um pouco, janto, tomo um banho e vou pra escola.

F: E aí vai até as onze.

A: Até as onze.

F: Cansativo né.

A: Cansa.

F: Isso todo dia quando você trabalha.

A: Todo dia. E os dias que você não trabalha, por exemplo, hoje, se eu não tivesse aqui te entrevistando o que que você costuma fazer?

A: Fico em casa mesmo assim.

F: Faz alguma coisa da escola...

A: É, quando tem trabalho vou às vezes na Lan House, aí faço trabalho na Lan House, volto. Que agora a Lan House fechou, vai abrir de novo, mas fechou, mas antes quando eu ficava em casa eu só ia lá, ficava lá mexendo no computador, que eu não tenho computador em casa.

F: E você curte computador?

A: Ahan, eu acho legal Internet assim. Aí eu ficava lá mexendo na Internet, jogando, aí de tarde..., de tarde não, ficava um pouquinho lá né, que é dinheiro né, é dinheiro que vai, aí eu vinha, ficava em casa até de tarde quando eu ia pra escola.

F: E..., se você não quiser responder não precisa, mas quando, por exemplo, quando você não com pra nada que seu pague, ele te dá um dinheiro fixo assim, vocês combinam um valor por semana, alguma coisa, ou não?

A: Assim, um dinheiro fixo não dá, mas sempre que eu peço ele dá porque...

F: Tá. Então na verdade você não recebe um salário assim, quando você precisa de alguma coisa...

A: Não, eu não recebo um salário, mas sempre que eu preciso ele me dá.

F: Ele te dá um dinheiro pra você comprar suas coisas, sair.

A: É, sair, sempre que eu quero sair ele me dá.

F: Entendi. É um acordo, o que você precisa ele acaba te dando.

A: É, eu falo pra ele, eu vou trabalhar, mas sempre que eu precisar..., eu não peço dinheiro pra ele assim, ah eu vou trabalhar, me dá tanto pra eu trabalhar com você, mas sempre que eu preciso a gente vai lá e ele me dá.

F: Entendi. Deixa eu ver o que mais aqui... Você falou que você tá mandando bastante currículo e tal. O que você espera, o que você gostaria de conseguir agora, o que que seria um trabalho eu você dissesse olha, esse...?

A: Então, não sei, eu tô mandando currículo, onde me chamar...

F: Pra vários lugares.

A: É.

F: Mas tem algum ramo que você gosta mais, um lugar..., por exemplo, clube, você gostaria de ter continuado?

A: É, no clube eu achava legal, acho que esse ramo é legal assim.

F: E você parou de mandar currículo pra clube, não?

A: Não..., ah, pra clube eu parei, porque eu não conheço muitos, sabe, clube eu não conheço, conheço mais a Hípica, o Tênis Clube. Na Hípica até eu fui, depois que eu saí do CECOIA, antes de eu sair, depois que eu saí não, depois que eu saí do Regatas, antes de eu sair do CECOIA, eles me mandaram pra lá pra fazer entrevista. Aí depois não chamaram, eu acabei saindo do CECOIA, não fui. Aí eles mandavam pra vários lugares, mas assim clube mesmo eu não mandei pra lugar nenhum.

F: E aí, claro né, o que chamar você vai, tal. Mas tem algum desses que você manda, ou você manda pra várias atividades ou você fixa, você se foca em alguma coisa que você gosta mais, como você faz?

A: Então, eu gosto mais assim de ficar na administração mesmo, tipo na secretaria, mas se me chamar pra outra área eu vou.

F: Entendi. Mas você gosta mais de administrativo.

A: É. E mais assim de mercado, mercado eu gostei bastante também.

F: É? Você era empacotador né você falou.

A: É.

F: Com seu pai é só de segunda a sexta?

A: Só segunda a sexta.

F: Bom, acho que dessas questões de trabalho eu já perguntei bastante coisa. Ah, uma coisa assim, pensando no CECOIA e nas Oficinas do Centro de Memória, no CECOIA, o que que você acha que..., que atitudes ou que atividades você acha que eles poderiam fazer, que ajudasse os jovens na hora de procurar emprego? Por exemplo, esse Jovem Aprendiz você acha que é uma boa iniciativa, o que que você acha...

A: Eu acho legal, assim, o Jovem Aprendiz é legal, só que assim, só que tem uma coisa que..., o Jovem Aprendiz é assim tem um tempo certo pra acabar, então você já vai sabendo que você vai sair. Eu acho assim, sei lá, que é meio chato você ir trabalhar num lugar sabendo que você vai sair.

F: Ah porque você tem um período que você fica lá né.

A: É, é um tempo fixo, vence o contrato e você sai.

F: E de quanto tempo é o contrato?

A: O tempo fixo, se eu não me engano, é um ano, um ano e pouquinho. Aí se eles gostarem de você, você continua, mas a maioria sai.

F: Ah tá, aí você é contratado depois.

A: É, você é contratado depois se eles gostarem, eu acho que a Magali foi contratada, eu acho que ela foi, que ela tá há bastante tempo.

F: É, ela tá há bastante tempo, é.

A: Mas só que foi pouca gente que foi contratado, a maioria saiu logo depois que venceu o contrato.

F: E assim outras atividades, o que quer você acha que eles poderiam oferecer que, por exemplo, quando você vai procurar um emprego você sente falta, fala assim, puxa, se eu tivesse tido isso teria me ajudado?

A: (pausa) Assim, não acho nenhuma assim, tipo na área que eles mandam eu acho nenhuma, porque na área que eles mandam, assim administração, eles ensinam tudo.

F: Tá, entendi. E as do Centro de Memória, assim, se pudesse..., porque eles chegaram com um pacote de oficinas né, pra vocês e aí uma das idéias deles, tinham várias idéias, de conhecer melhor o bairro que vocês moram, de conhecer as pessoas, de conhecer a história e uma delas era também de inserir no mercado de trabalho, de ajudar a inserir. Você acha que se você pudesse pensar em algumas outras coisas o que quer você indicaria pra eles, olha, façam isso, isso ajudaria mais ou..., naquele pacote que eles ofereceram lá?

A: Não sei viu.

F: Porque você acha que aquelas oficinas elas são voltadas pra isso, pro trabalho ou...?

A: Acho que é voltada pra você aprender mais né assim das coisas, eu acho que aprendendo influencia no trabalho também.

F: Claro.

A: Tipo, lá você aprende a lidar com as pessoas, quando você faz entrevistas você tá lidando com as pessoas né, você tá aprendendo mais sobre as pessoas, sei lá. Tipo, você vai pedir um..., tipo quando a gente saía pedir patrocínio, você aprende a negociar, tudo lá influencia.

F: Na verdade o comportamento vai mudando a partir dela, é isso que você pensa.

A: É, você vai aprendendo, vendo mais coisa assim, acho que é isso.

F: Entendi. E um pouquinho da sua família. Mora você, seu pai...

A: Moro eu, meu pai e dois irmãos, uma irmã e um menino.

F: Mais velhos ou mais novos?

A: Não, eles são mais novos.

F: Mais novos, quantos anos eles tem?

A: Uma tem nove e o outro tem cinco.

F: Tá e o de nove anos..., os dois estão estudando?

A: A de nove foi pra quarta série e o pequenininho não entrou na escola, ele tá na creche.

F: Ele fica na creche o dia todo?

A: Fica. A menina não..., é, a menina também fica, porque ela vai..., é uma igrejazinha que tem aqui que é tipo projeto também, aí ela vai ali e depois ela vai pra escola.

F: Ela vai de manhã pra lá e depois... E ela não vai no CECOIA, sua mãe não...

A: Ela tentou, mas lá no CECOIA tá muito difícil de pegar agra, é muita criança.

F: Não tem vaga.

A: Não.

F: E você sabe o que ela faz nessa igrejazinha de manhã, quais as atividades?

A: Não sei muito bem não. Deve ficar brincando, fazendo desenho, essas coisas.

F: E como é o nome dela?

A: Andressa.

F: E o menino?

A: Aldair.

F: Aldair, Anderson, Andressa... E seu pai e sua mãe?

A: É Nice e meu pai é José. Esse aí que tá chegando.

F: Tá, você já falou a profissão deles. A idade deles você sabe?

A: Não sei, acho que minha mãe tem 41...

F: Bom Anderson, acho que era mais ou menos isso mesmo, depois eu vou só escrever um pouquinho sobre..., você me falou de onde seus pais vieram, tudo... Da escola, você me falou algumas coisas, tem alguma matéria que você gosta mais, algum professor...

A: Matemática eu gosto.

F: E por causa do professor ou por causa da matéria?

A: Não, a matéria, os professores são tudo...

F: É? A escola você não acha uma escola boa assim, que tem um bom nível de ensino, você não acha?

A: Não, ensino bom eu acho que não tem não, eu acho que nunca teve.

F: Isso que eu ia te perguntar...

A: Antigamente eu acho que era um pouquinho melhor, mas agora eu acho que foi piorando.

F: Tá. Desde que você entrou você acha que teve uma piora no ensino?

A: Eu acho que sim. Mas assim, acho que não é bem pelos professores assim, não é só os professores, entendeu? Porque tem professor bom também.

F: Entendi.

A: Mas eu acho que é mais por causa de assim, diretor, essas coisas, porque também influencia né a direção.

F: Claro.

A: Então, porque a diretora de lá, por exemplo, ninguém gosta.

F: É, a Magali me falou.

A: Ninguém gosta, já tentaram tirar ela de lá, tentaram fazer um monte de coisa, mas ela não sai.

F: Diz que ela grita com os alunos, tal.

A: Grita, ninguém gosta dela não.

F: Bom, então pelo que você me diz, assim, como é ruim o ensino você acha que esse ensino não te ajuda, realmente não influencia na sua vida, não... O que você aprende lá...

A: Acho que por enquanto não.

F: Por enquanto não. Anderson, eu acho que é isso, eu perguntei bastante coisa. Se eu tiver..., eu vou depois..., porque assim os passos né... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

2.3 – Entrevista com Fernando. Realizada dia 06/09/2008 no Shopping Ventura Mall - Sousas

Legenda:

Fa: Fernanda

Fo: Fernando

Fa: Onde você nasceu? É... onde você estudou? Sabe fazer uma seqüência mesmo. E aí eu vou perguntando coisas pra você. Ou você prefere que eu vá fazendo todas as perguntas no começo?

Fo: Prefiro

Fa: Prefere, é... você nasceu aqui em Campinas

Fo: Nasci, sou de Campinas.

Fa: Em campinas mesmo ou Sousas?

Fo: Campinas.

Fa: E você veio pra cá, pra Sousas, com quantos anos?

Fo: Com um... assim que eu nasci mesmo, já... Eu nasci, eu morava numa fazenda, a..., não sei o nome direito, Mário Garneiro, pra lá do San Conrado.

Fa: Ah tá

Fo: Aí antes de eu fazer um ano já, mudei pra Sousas, morava no Nova Sousas, fiquei lá até uns onze anos, foi quando meu pai faleceu, aí eu mudei pra cá, pro Imperial.

Fa: Que é um outro bairro aqui?

Fo: É, que é aqui em baixo.

Fa: Entendi. E você lembra... você chegou... você lembra dessa fazenda que você morava não... com um ano você saiu de lá, é isso?

Fo: Isso, antes de eu fazer um ano, alguns meses.

Fa: A tá, bebezinho, entendi. E você sempre estudou aqui também, em Sousas?

Fo: Ahã..

Fa: No Thomás Alves.

Fo: Eu estudei até a oitava no Nova Sousas, e depois Thomás Alves.

Fa: Nova Sousas é municipal, particular...

Fo: Municipal.

Fa: Municipal. Aí depois foi pro Thomás Alves?

Fo: É.

Fa: E você está estudando ainda?

Fo: Tô estudando ainda.

Fa: é... você está em que série.

Fo: Tô no segundo.

Fa: Tá, e com quantos anos você entrou no CECOIA?

Fo: CECOIA...? Entrei com...

Fa: Mais ou menos.

Fo: Acho que com quatorze anos.

Fa: Ah já era adolescente, não era tão pequenininho. E você lembra como é que você ficou sabendo, se foi você que ficou sabendo do CECOIA, se alguém...

Fo: Então, é... uma mulher indicou pra minha, aí minha mãe quis me levar pra lá, eu não queria ir por nada.

Fa: Você não queria ir?

Fo: Não queria ir.

Fa: Por que, o que que você achou que fosse?

Fo: Ah sei lá, queria ficar em casa lá, dormir até tarde tal, ir pra escola de tarde. Aí eu fui, fui lá, até que gostei depois, aí fui seguindo tudo.

Fa: Entendi. E você ficou lá dos quatorze até que idade, até os dezessete?

Fo: Até os dezessete.

Fa: E... e me fala um pouquinho dessa entrada assim, como é que foi, você entrou, lá e o que vocês começaram a fazer? Você fazia de manhã o CECOIA?

Fo: Isso

Fa: E estudava à tarde

Fo: É

Fa: E o que vocês faziam? Quais eram as atividades?

Fo: Quando eu entrei lá, não tinha muita coisa assim pra fazer, era mais aquela coisa de fazer o dever de casa, da escola, aí tinha vídeo tal, mais pra ficar lá mesmo.

Fa: Tá

Fo: Aí, com o tempo foi tendo essas oficinas aí.

Fa: Era mais é um... como se fosse um auxílio da escola assim, reforço da escola.

Fo: Isso

Fa: E você gostava quando era assim?

Fo: Gostava. Eu nunca fiz lição de casa lá pra falar a verdade, eu sempre ficava mais lá por ficar mesmo.

Fa: E aí, você tem amigos lá? Isso te ajudava a gostar mais de ir, ou não?

Fo: No começo era quieto, mudo, uns.. acho que quase um ano eu fiquei mudo lá. Aí fui fazendo... amizade lá já tinha, só que nada muito... porque lá tinha muito bagunceiro, aí depois que eu fui enturmado, fazendo um pouquinho de bagunça também, mas sempre fui comportado.

Fa: O pessoal que ficava com você no CECOIA, também... por que daí com quatorze anos você estava na oitava série

Fo: Ahã

Fa: Aí você mudou pro Thomás Alves, aí logo em seguida?

Fo: Não, acho que eu entrei até antes no CECOIA, porque eu tava na quinta série.

Fa: A ta, então uns onze.

Fo: Por aí

Fa: Entendi. E aí, tinha gente da sua escola que também ficava no CECOIA não?

Fo: Tinha, tinha duas pessoas.

Fa: Ta, também já ajudava um pouco né?

Fo: É, aí subia junto pra escola depois.

Fa: Então a princípio foi mais essa coisa de reforço escolar e aí depois começaram as oficinas. Você lembra das oficinas do Centro de Memória?

Fo: Lembro algumas coisas, mais de fotografia, tinha dia de Corel Draw também né?
Fa: De informática né?
Fo: Isso, tinha... Maculelê era deles também?
Fa: Eu acho que era, era uma de sexta-feira né?
Fo: É. Eu não gostava também
Fa: Não gostava?
Fo: Não... eu não lembro muito o que que tinha.
Fa: É foto... tinha um jornalzinho, você lembra?
Fo: Jornal, jornal, saía para entrevistar as pessoas.
Fa: Isso, e tinha de História Oral que a gente acabou entrevistando algumas pessoas mais velhas do bairro. Não sei se você lembra? Como é que é o nome daquele senhor que morava no beco? Acho que era seu Chico.
Fo: Isso eu não lembro.
Fa: Mas você lembra mais ou menos das... oficinas?
Fo: Tinha uma senhora lá também...
Fa: Que a gente ia na casa dela? É, entendi. E você gostou, achou que foi bacana essas oficinas?
Fo: Achei, foi legal sim.
Fa: É? Que você achou mais interessante assim? Que você acha que você aprendeu mais com elas?
Fo: Ah, assim como funciona assim fazer um jornalzinho. Fotografia, assim, ele deu algumas... umas dicas assim pra sair melhor. É... assim... como entrevistar a pessoa, fazer... o... como é que chama isso mesmo?
Fa: O roteiro de entrevista
Fo: O roteirinho pra não se perder assim. Aí é até legal, porque cê chega lá cê fala... não eu pensei assim a eu vou lá mas eu só vou ficar junto só, deixar a pessoa falar, aí chega lá o pessoal começou a contar história, e foi interessando, foi até legal.
Fa: Entendi. E assim, pra sua vida você acha que depois ajudou essas oficinas? Em termos de trabalho ou na escola mesmo, ou sei lá, pra sua vida no dia a dia assim?
Fo: Bom , eu não cheguei a usar muito não, mas eu acho que assim, comunicação assim acho melhorou um pouquinho.
Fa: Entendi. Isso e engraçado, todos que eu entrevistei até agora falaram a mesma coisa assim, que se desinibiram um pouco depois das oficinas, tiveram que falar e aí acabou se desinibindo.
Fo: É, porque você pode até perguntar no CECOIA lá, vê se eu falava muito. Falava nada.
Fa: Você era super quieto?
Fo: Muito quieto.
Fa: E aí se acha... isso ajudou então nesse sentido?
Fo: Ah eu acho que ajudou sim um pouco.
Fa: Entendi, e você chegou a participar é... acho que era um projeto do CECOIA mesmo pra... pro primeiro emprego?
Fo: Sim, o Projeto Alvo.
Fa: Projeto Alvo isso, e como é que era? Conta um pouquinho pra mim. Como é que era esse projeto?
Fo: A a gente fazia as aulas de segunda-feira, da aula prática.

Fa: O que que tinha? O que que eram essas aulas?
Fo: Tinha assim, como agir assim numa entrevista, é... que que é aconselhável não fazer, acho que serviu pra algumas pessoas.
Fa: Tá, como se portar.
Fo: É... e tinha outras coisas também, matemática, português até tinha, língua portuguesa, essas coisas básicas.
Fa: Todo dia da semana vocês tinham aula, como é que era, ou eram só alguns dias?
Fo: Do Alvo?
Fa: É
Fo: Só na segunda-feira.
Fa: Ah era só na segunda. E aí tinha aula prática, como se portar tal. E também...
Fo: Não, era teórica.
Fa: Ah tá teórica e prática.
Fo: A prática era no trabalho, aí eles conseguiram trabalho, em clubes, acho que alguns meses assim já fui pra fazer uma entrevista na Hípica.
Fa: Entendi
Fo: Aí, a prática era trabalhar na Hípica.
Fa: A prática era..., Ah tá.
Fo: Era trabalhar. Aí a teórica era de segunda no CECOIA.
Fa: Mas assim todo mundo que ia fazer as entrevistas, ia fazer entrevista, por exemplo, já começava a trabalhar lá, fazer, já começava a fazer estágio, ou tinha que passar por um processo...?
Fo: Sim, ia, fazia entrevista, aí sempre tinha menos vagas do que as pessoas queriam, e aí alguns ficavam sem vaga e aí faziam em outros clubes, pra ver se conseguiam.
Fa: Entendi.
Fo: Tem gente que ficou um ano sem conseguir, eu dei sorte de conseguir de primeira.
Fa: Ta, você fez entrevista e já começou?
Fo: É
Fa: Aí você começou a estagiar na Hípica?
Fo: Isso
Fa: E como é que foi?
Fo: Ah foi legal, nunca tinha trabalhado antes.
Fa: Foi seu primeiro emprego?
Fo: Foi meu primeiro emprego.
Fa: Você nunca tinha trabalhado assim, tipo, nem ajudando seu pai, sei lá...
Fo: Não, não.
Fa: Nada, nada, nada só estudando.
Fo: Só estudando.
Fa: Entendi.
Fo: Aí, fiquei, sei lá, meio com medo assim no começo, quieto também, aí todo mundo lá era... tudo meio que bagunceiro também, sempre brincando, aí fui me enturmando tudo, né, aí a cada três meses mudava de, de... coisa que você fazia...
Fa: Função

Fo: Função. E foi, fiquei lá dois anos.
Fa: Ta... dois anos? Puxa então você passou... você lembra as funções que você passou, mais ou menos assim?
Fo: Lembro.
Fa: O que que você começou fazendo?
Fo: Eu comecei no almoxarifado.
Fa: Tá
Fo: Aí fiquei três meses, aí eu fui pra elétrica, não aprendi muita coisa lá não.
Fa: Almoxarifado, era mais pra organizar material, essas coisas?
Fo: Isso, colocar coisas no sistema, essas coisas.
Fa: De informática?
Fo: É.
Fa: Ah ta.
Fo: E depois eu fui pra elétrica.
Fa: E aí, o que que você fazia lá?
Fo: Eu sempre trabalhava junto com o eletricitista lá, eu sempre ficava só olhando o que ele fazia, ele pedia pra eu pegar alguma coisa, ajudar ele.
Fa: Aí era uma coisa mais prática mesmo, de mexer mesmo em eletricidade.
Fo: Isso, subia no telhado, mexendo nos fios. Mas sempre era ele que fazia, porque..., sei lá, era mais pra aprender mesmo, ficar só olhando, eu não aprendi muito coisa mais...
Fa: Tá, você não... gostava não, mais ou menos?
Fo: Não gostava muito também.
Fa: Tá, e aí depois, você foi pra onde?
Fo: Depois eu fui pra serralheria, aí na serralheria eu já mexia lá, eles mandavam cortar ferro lá, quebrei um monte de serrinha também.
Fa: Aprendendo.
Fo: Aprendendo, é... Soldar, eu acho que soldei uma vez só, e soldei errado ainda, é meio difícil, aí eu fiquei lá três meses também.
Fa: Você ficava três meses em cada um.
Fo: Três meses em cada um. Aí depois eu mudei pra..., pintura. Aí na pintura... pintava lá tudo, aí lá eu acho fiquei quatro meses, porque o cara esqueceu de mudar, aí ninguém falou nada também, aí fiquei lá quatro meses. Aí depois eu fui pra um escritório de... lá dos engenheiros lá... aí eu fiquei lá, fiquei o resto do tempo lá.
Fa: Tá. E de todos qual que você gostou mais, qual que você acha que aprendeu, ou foi mais interessante?
Fo: Eu acho que esse dos engenheiros, porque, eles mandavam fazer as coisas, aí tinha umas coisas lá que eu não sabia, tipo mexer em planilha assim, não sabia muito bem, aí eles falavam, se vira aí.
Fa: Era uma coisa mais assim, mais aí de organização, de administração, coisa assim?
Fo: Isso, aí cuidava de cobrar as pessoas também, das obras assim que não vinham, aí eu fiquei assim. Pedir, fazer pedido também.
Fa: Aham, aí você achou bacana?
Fo: Aí eu achei melhor, porque aí eu fazia alguma coisa sozinho assim.

Fa: Tá... os outros eram mais observação.
Fo: É, mais observação.
Fa: E... você chegou a trabalhar com atendimento ao público assim não?
Fo: Não
Fa: Só na parte mais interna?
Fo: É
Fa: E você ganhava uma bolsa, ou não era um salário mesmo, como é que era? Era um valor, você ganha alguma coisa pra trabalhar lá?
Fo: Ganhava, era menos que um salário mínimo e ficava lá meio período, acho que era tipo um quarto... é, três quarto de um salário mínimo por aí.
Fa: Entendi Hoje seria o que uns trezentos reais mais ou menos?
Fo: Por aí
Fa: E você conciliava escola com o estágio?
Fo: Como assim?
Fa: Vocês estudava também?
Fo: Estuda.
Fa: Ficava um período..., meio período lá, e meio período na escola?
Fo: Isso, só que aí quando eu comecei a trabalhar da Hípica eu tive que estudar de noite.
Fa: Entendi
Fo: Porque de segunda-feira no CECOIA era das sete, oito, até as quatro e meia, aí tinha que estudar de noite.
Fa: E aí você ia de manhã ou tarde na Hípica?
Fo: E ia... Eu comecei indo de tarde, aí teve época que teve esses... essas oficinas lá, eu tava trabalhando já de tarde.
Fa: Ah... na época do Centro de Memória você já tava tralhando na Hípica?
Fo: Já tava trabalhando à tarde.
Fa: A... ta...
Fo: Aí depois acabou, aí passou um tempinho eu comecei a trabalhar de manhã lá.
Fa: Entendi. Que ano que foi você lembra? Porque a oficina que a gente deu foi em 2005, você já tava, você lembra mais ou menos quanto tempo você já tava trabalhando?
Fo: Tinha começado.
Fa: Ah então foi mais ou menos 2005.
Fo: Foi, aí o Projeto Alvo já tava rolando acho também.
Fa: Você tinha, pêra aí... deixa eu ver 2005, você está com quantos anos agora?
Fo: To com 19.
Fa: 19, você tinha 16 quando você entrou, é isso?
Fo: 16 ou 15, porque eu fiz 19 agora dia 26.
Fa: Tá, entre 15 e 16, entendi. E você acha que essa é... esse estágio que você fez na Hípica tal, te ajudou, assim foi uma coisa importante pra sua vida você achou que...
Fo: Acho que ajuda sim, porque depois que você sai de lá, tal, aí chegava na entrevista de emprego, aí eu falava, ah tenho experiência na Hípica, aí eles já mudavam. Aí falava, ah, mas por que você saiu? Ah, acabou o contrato, eu trabalhava de Aprendiz, tudo, aí eu acho que facilitou assim.

Fa: Não era estágio, era Aprendiz né que chama?
Fo: Aprendiz, Aprendiz.
Fa: Entendi, é então daí na verdade você não chegava pra procurar emprego, como primeiro emprego, você já tinha uma experiência anterior. E era tranquilo pra você, é seu dia devia ser super corrido né, porque CECOIA, Hípica e escola.
Fo: Isso.
Fa: Você não parava em nada?
Fo: É
Fa: Era direto, mas dava pra levar?
Fo: Dava pra levar sim, claro.
Fa: Entendi. E... depois que você... E vou continuar então um pouquinho agora na coisa do trabalho.
Fo: Certo
Fa: Depois que você saiu de lá, você conseguiu emprego logo?
Fo: Depois que eu saí de lá, é...
Fa: Você ficou então de 15, 16 até os 18 até quase o ano passado?
Fo: Na onde
Fa: Ano retrasado, na Hípica
Fo: Não, eu fiquei, acho que com 16, 17 anos
Fa: Já saiu
Fo: Tinha saído. Aí eu tava parado em casa, aí meu amigo falou, ah tem ali o *Folia pra Você*, em baixo ali é a locação de brinquedos pra festa, balão pula-pula essas coisas. Aí eu fui lá, fazer entrevista lá, aí o cara nem me pegou pra trabalhar lá no escritório lá dele. Aí de final de semana ele me chamava de vez em quando pra fazer uma festa também.
Fa: Aí você trabalhava fazendo o que? Na...
Fo: Lá trabalhava no escritório, ajudava... tinha uma outra moça já, ajudava ela, tipo auxiliar de escritório dela.
Fa: Ah tá.
Fo: Aí, mexia nos papéis lá, locação, atendia telefone, essas coisinhas.
Fa: E você... você ainda está lá não?
Fo: Não
Fa: E você ficou quanto tempo lá?
Fo: Eu fiquei pouco tempo lá, por causa do salário, era meio pouco, aí eu fiquei acho que uns 5, 6 meses ou até menos. Aí eu fui pegar um temporário, fui trabalhar meio de temporário numa lojinha de restauração de móveis.
Fa: De restauração de móveis?
Fo: Isso.
Fa: Aqui também?
Fo: É, em Sousas, lá no centro. Aí eu pensei que eu ia ficar lá uns 2 meses assim só pra passar o tempo, aí eu fiquei lá, quase um ano.
Fa: Você trabalhava restaurando móveis mesmo?
Fo: Isso, essa parte de lixar, pintar essas coisas.
Fa: E você gostava?

Fo: Olha, eu achava legal, eu gostava até por causa do chefe, o chefe era... fazia ficar legal as coisas lá, mas assim se fosse pra mim fazer hoje, eu não pegaria pra fazer. Aí assim que eu saí de lá, há uns..., 4 meses atrás, eu comecei a trabalhar num escritório de contabilidade.

Fa: Aqui também?

Fo: Aqui também.

Fa: É e o que que você faz lá?

Fo: É, eu faço mais a parte de sair pra, ir pra INSS, essas coisas na prefeitura. Ai lá eu também faço uns negócios de dar baixa em escritura, essas coisas, isso tudo com ajuda, porque se eu fosse fazer sozinho, não sabia fazer nada.

Fa: Faz uns 3, 4 meses que você tá lá?

Fo: Isso.

Fa: E você gosta, você está gostando?

Fo: To, to gostando, muito legal até.

Fa: E você trabalha o dia inteiro?

Fo: O dia inteiro.

Fa: E estuda à noite?

Fo: Estudo à noite.

Fa: E assim, você tem alguma idéia do que você pretende seguir de carreira assim quando você terminar? Você gosta disso de contabilidade, é uma coisa que você... de administração, o que que você...?

Fo: Bom, algumas pessoas me indicaram Gestão Ambiental mas eu não faço idéia do que seja. Aí eu falei, vou pegar pra pesquisar uma hora, vou ver, se interessar eu faço isso.

Fa: Mas você pretende terminar o ensino médio e fazer faculdade ou não, fazer um curso técnico?

Fo: Então, isso que eu to vendo ainda.

Fa: Ah você tá na dúvida ainda.

Fo: É.

Fa: Tá entendi. Você está estudando no Tomás Alves?

Fo: Tomás Alves.

Fa: Segundo ano?

Fo: Segundo ano.

Fa: Você gosta de estudar?

Fo: Não gosto (risos)

Fa: (risos) Não?

Fo: Tanto que eu fui reprovado na quinta série.

Fa: Na quinta? E da escola você gosta?

Fo: Da escola eu gosto dos amigos.

Fa: Dos amigos? O mais legal da escola são seus amigos?

Fo: É.

Fa: Tem alguma matéria que você goste mais assim? Uma área de conhecimento assim.

Fo: Apesar de eu gostar de Português, de gostar das aulas tudo, não me dou muito bem. Matemática, antes eu me dava bem, agora eu não sei porquê eu não me dou mais. Mas eu gosto assim de História, eu gosto de saber assim, essas coisas que eles falam lá de Egito antigo.

Fa: Ah legal, eu sou professora de História, adoro História.

Fo: É? E... essas coisas assim.

Fa: Entendi. E, assim, você vai na escola hoje assim, que que você..., o que te motiva a ir pra escola?

Fo: O que me motiva?

Fa: É

Fo: Mais o trabalho, é... (pausa) tipo... querer terminar e ver se aprende alguma coisa.

Fa: Querer terminar pra conseguir um trabalho?

Fo: Isso

Fa: Também.

Fo: Terminar pra mim ver o que que eu vou querer seguir.

Fa: Querer seguir. Entendi. E assim, além dos amigos, assim, tem alguma coisa que você..., você acha que a escola é boa, que a escola te motiva a ir ou não, o que você acha assim? Os professores, as aulas são bacanas? O que você...

Fo: Sim, tem o professor de Física e... Química, ele da uma aula muito boa, mas eu não sei o nome dele. Mas ele, é um japonês, dá uma aula muito boa, ele explica tudo certinho, não tem como não aprender na aula dele.

Fa: Entendi. Eu conversei com a Magali

Fo: E...

Fa: Desculpa te interromper. Você conhece a Magali?

Fo: Conheço

Fa: Ela está na sua sala, não?

Fo: Não

Fa: É, eu entrevistei ela também né. E ela estava me falando assim que a escola..., ela gosta da escola, mas que o problema é que tem muita bagunça, que a maioria das pessoas que vão lá, não é pra aprender e aí desmotiva um pouco.

Fo: Tem. É isso mesmo. Vai muito pessoal lá pra matar aula, chega lá pra pular..., acho que é pra ter o gostinho de pular a grade da escola e sair fora.

Fa: Entra só pra pular depois?

Fo: É, fica uma ou duas aulas e sai.

Fa: É..., deixa eu ver aqui mais alguma coisa. Voltando pra questão do seu trabalho, você pretende continuar nesse trabalho onde você está até terminar o estudo ou não? É meio um bico, como é que é, como é que você vê esse trabalho pra você?

Fo: Bom. Eu não pretendo continuar nele não.

Fa: Você está procurando?

Fo: Não estou procurando ainda, mas não pretendo ficar nele.

Fa: Tá. A hora que aparecer uma outra coisa melhor...

Fo: Sim

Fa: Por que, o que te faz querer mudar?

Fo: Bom apesar de eu gostar assim do trabalho, acho que eu não me dou bem muito com contabilidade, essas coisas assim de ficar mexendo com documento, essas coisas, eu não gosto muito.

Fa: Não é uma coisa que você goste muito? Você é registrado lá ou não?

Fo: Sou registrado.

Fa: Ah, legal isso também. É o seu primeiro trabalho registrado?
Fo: Não, na Hípica registrou também. Só os dois.
Fa: Como Aprendiz?
Fo: Isso.
Fa: E os outros não, os outros foram mais...
Fo: Os outros não.
Fa: Ta, é..., o dinheiro que você ganha hoje no trabalho, é um dinheiro que você acha que da pra viver? Ou não?
Fo: Não
Fa: Dá pra você fazer suas coisas?
Fo: Ah, eu faço umas coisas, comprei um computador, pago minha internet, ainda sobra um pouco pra comprar outras coisas, roupa. Se for assim dá, mas se for pegar pra eu morar sozinho, não dá.
Fa: Entendi. E você ajuda na sua casa, ou não, você não precisa?
Fo: Vira e mexe eu ajudo um pouquinho.
Fa: Mas o dinheiro que você ganha, no geral assim, é mais pra você?
Fo: Pra mim.
Fa: Pra você fazer suas coisas. Ah legal, comprou um computador já ta... uma coisa bacana. Bom, sobre o futuro você falou que você não sabe ainda né muito bem o que você pretende fazer. E o que você, além de comprar o computador, o que você costuma fazer com esse dinheiro que você ganha?
Fo: Pago a internet e o resto eu gasto.
Fa: Em que assim?
Fo: Gasto em roupa, de vez em quando meus amigos chamam pra ir no shopping, vou também. Compro um lanche aí de vez em quando, essas coisas de você gastar à toa.
Fa: Você falou que de vez em quando seus amigos te chamam pra ir no shopping né? Vou falar um pouquinho de lazer. O que você costuma fazer pra se divertir aqui em Sousas? Ou em Campinas, não sei?
Fo: Mais ir no shopping mesmo, balada eu não vou muito, não gosto muito.
Fa: Que shopping você vai?
Fo: Dom Pedro, Iguatemi, esses dois só.
Fa: E fazer o que lá? Cinema ou não? Passear mesmo?
Fo: Cinema andar ir no Mc Donald's
Fa: Você gosta de cinema?
Fo: Gosto.
Fa: Então, é mais..., seu lazer é isso assim, barzinho assim você curti ou não?
Fo: Barzinho eu não vou muito não, mas se chamar eu vou.
Fa: E aqui? Tem algum lugar que você costuma ir aqui em Sousas, assim à noite? Como é que é?
Fo: Não, só sair, comer um cachorro quente, os amigos me chamam direto. Parece que não tem outra coisa pra fazer, é sempre liga lá, oh vamos lá comer um cachorro quente, tal, vamos ai dar um role, mais isso mesmo.
Fa: Você tem uma turma grande de amigos aqui?
Fo: Conheço bastante gente, pessoas variadas.

Fa: Mais da escola ou gente que você conhece desde pequeno aqui?
Fo: Os dois, da escola e outras pessoas também.
Fa: Ta, então lazer é mais ir no shopping, cinema coisa assim né?
Fo: E ficar no computador.
Fa: Ficar no computador, é? Se você fosse, assim, dimensionar as horas que você gasta assim com lazer? Quanto tempo você acha que fica no computador, quanto tempo você...
Fo: Bom eu tenho muito pouca hora de lazer.
Fa: Ah é isso que eu ia te perguntar, quanto tempo você tem de lazer?
Fo: Então, eu trabalho o dia inteiro, aí eu vou pra escola de noite, dia de seman...
Fa: Você passa na sua casa pra ir pra escola ou você vai direto?
Fo: Passo na minha casa, fico lá uma hora, uma hora e meia, só pra me trocar, comer alguma coisa e sair pra escola. Aí chego da escola e fico assim uma hora assim no computador, só pra ver o que tem de novo e durmo.
Fa: Todo dia durante a semana você faz isso?
Fo: Aí a semana inteira isso. Aí final de semana eu tenho agora hora de manhã assim, fazer essas coisas assim, sair, andar um pouco. É... aí de tarde, cinco horas, eu tenho curso de informática. Aí eu vou, fico até as oito horas, aí eu volto. Aí de vez em quando, quando eu volto, eu saio com os amigos, senão eu fico em casa mesmo. E no domingo, até eu esqueci de falar, eu trabalho também no domingo.
Fa: Ah você trabalha também?
Fo: Na Lan House.
Fa: Ah, puxa, você quase não gosta de computador (risos)
Fo: É e eu esqueci disso. Aí eu fico o dia inteiro lá.
Fa: O dia inteiro?
Fo: Das dez as nove.
Fa: E o que que você faz lá?
Fo: Mais ficar lá cuidando, colocar tempo, ajudar as pessoas que não estão conseguindo fazer alguma coisa.
Fa: Aqui em Sousas?
Fo: Aqui em Sousas, aqui no bairro mesmo.
Fa: E você..., aí você ganha pra fazer isso?
Fo: Ganho.
Fa: É um trabalho além do seu mesmo?
Fo: É
Fa: E você passa o domingo todo lá? Nossa, você falou que não sabia do que você gostava, acho que informática é uma coisa...
Fo: Abre um bom caminho
Fa: Computador é uma coisa ue você gosta bastante. Entendi. Então seu tempo é bem certinho assim, bem reduzido assim pra lazer?
Fo: É, bem pouco.
Fa: Você faz curso de informática também hoje.
Fo: Curso de informática também (risos)

Fa: Eu acho que você gosta (risos). Entendi. E aí assim na verdade quando sobra um tempinho pra você é sábado à noite?

Fo: Sábado à noite e sábado de manhã.

Fa: De manhã, que hoje eu to pegando sua manhã pra fazer a entrevista.

Fo: Então, mas faz parte. É pra essas coisas mesmo.

Fa: E você fica a tarde toda, até o final da tarde na informática?

Fo: Fico das cinco às oito da noite.

Fa: Ah das cinco às oito. Você tem então um tempinho agora entre...?

Fo: Tenho, tenho até umas quatro.

Fa: E esse curso é particular que você faz? De informática?

Fo: É.

Fa: É aqui em Sousas também ou Campinas.

Fo: Não é lá no Centro.

Fa: Onde é?

Fo: Na Eurodata, lá na Francisco Glicério.

Fa: Entendi. E quando você pensa em fazer esse curso, pra que que você acha que você vai usar, pra que que você faz assim, faz por diversão, por achar que você vai usar pro trabalho, por que é necessário?

Fo: Bom eu acho que muita coisa que eu aprendo lá eu uso pra mim, coisas que eu gosto, também uso no trabalho, dá muita dica assim, essas coisas, acho que isso eu uso bem.

Fa: Ta. E até pensar, mais pra frente você juntar o que você gosta com trabalho, né, se for computado, por exemplo, você pode juntar as duas coisas, né?

Fo: É.

Fa: Ah legal. Faz tempo que você faz?

Fo: Não faz..., ah faz um pouquinho, uns seis meses, comecei esse ano.

Fa: Entendi. Você me contou mais ou menos sua rotina né, da semana, mas assim, descreve pra mim um dia seu. De segunda a sexta seus dias são mais ou menos iguais, não são?

Fo: São, todos iguais.

Fa: É então, como é assim, que horas você acorda?

Fo: Eu acordo às 7:00 horas, 7:07 hs pra falar a verdade, 7:07 hs, aí me troco até umas 7:30 hs, aí das 7:30 hs às 8:00 horas eu tenho que chegar no trabalho.

Fa: Você entra as 8:00 hs?

Fo: Eu entro às 8:00 hs.

Fa: Mas é pertinho?

Fo: É pertinho. E eu fico lá trabalhando até as 11:30 hs, aí eu saio pra almoçar, aí eu subo.

Fa: Você almoça em casa?

Fo: Eu almoço em casa. Aí eu fico até..., uma hora, horário de almoço, aí eu volto pra lá, e fico até as 5:30 hs trabalhando. Depois eu subo pra casa, descanso um pouquinho, aí...

Fa: Da até pra descansar um pouquinho pra ir pra escola?

Fo: Dá, dá. Aí 7:00 horas é o horário que entra lá, aí umas 6:30 hs eu saio de casa, pra chegar lá a tempo. Aí fico até as 11:00 hs na escola, 11:30 eu to em casa de novo, aí eu fico até uma 12:30 mexendo no computador.

Fa: No computador.

Fo: Janto tudo, depois eu vou dormir, e é assim a rotina a semana inteira
Fa: E aí, você acorda sai de novo.
Fo: Aí é sempre a mesma coisa.
Fa: Entendi. E você tem namorada?
Fo: Por enquanto não.
Fa: Não. Mas já namorou?
Fo: Já, acho que até o mês, dois meses atrás eu tava.
Fa: Ah entendi, e agora ta curtindo a vida de solteiro.
Fo: (risos)
Fa: Algumas perguntas que eu to lendo aqui que eu não fiz, eu to voltando ta? Assim, você acha que, você falou pra mim que você queria acabar os estudos pra conseguir um bom emprego, pra conseguir um emprego né também assim, pra te ajudar a conseguir um emprego tal depois que você terminasse.
Fo: Então, quero terminar pra ver o que que eu quero seguir.
Fa: A ta, o que você quer seguir.
Fo: O que que eu vou estudar, o que que eu vou querer fazer.
Fa: Entendi. E você acha que a escola hoje ela, te da uma base pra arrumar um emprego, pra você decidir o que você vai fazer? Qual que é a importância dela com relação a emprego pra você, da escola?
Fo: Eu acho que muita coisa que eu aprendo, eu lá não tenho certeza se eu vou usar, entende? Mais pelo diploma mesmo, pra terminar pra poder fazer, seguir outra coisa, alguma coisa específica do que eu quero, mas a escola assim em si, acho que do que eu vou usar, não tem muita coisa.
Fa: Não te, muita coisa.
Fo: É.
Fa: Um pouquinho agora sobre a sua família. Você mora, você falou que o seu pai faleceu né? Você mora com a sua mãe?
Fo: Com a minha mãe e com minha irmã.
Fa: Uma irmã só você tem?
Fo: Uma só.
Fa: Entendi, e sua mãe é de Campinas também?
Fo: Minha mãe é do Paraná.
Fa: Paraná. E seu pai da onde era?
Fo: Meu pai eu não sei.
Fa: Mas ele morava com vocês?
Fo: Morava?
Fa: E sua mãe trabalha?
Fo: Trabalha.
Fa: E o que ela faz?
Fo: Ela é diarista.
Fa: Ela trabalha fixo ou não, ela trabalha...
Fo: Ela tem três dias da semana que ela trabalha num lugar fixo, quatro, é, três num lugar fixo que uma casa, mais um dia numa outra casa que é fixo também e o outro, não, não é fixo.

Fa: O outro é, cada semana é um lugar diferente tal...
Fo: Ela vai essa semana, semana que vem não vai, vai na outra.
Fa: E ela trabalha aqui em Sousas? A casa que ela trabalha?
Fo: Aqui em Sousas.
Fa: É. Algum condomínio, alguma coisa assim, não?
Fo: É um condomínio que tem na Vila Santana, não lembro o nome.
Fa: Ta, ela é registrada lá, nesse fixo, não?
Fo: É, nesse fixo é.
Fa: E a sua irmã, ea é mais velha ou mais nova que você?
Fo: Mais nova.
Fa: Ela trabalha?
Fo: Não. Tem quinze anos, não trabalha.
Fa: Ta só estudando?
Fo: Só estudando.
Fa: E ela vai no CECOIA?
Fo: Vai no CECOIA, não sei como que tá o CECOIA agora, mas parece que ta tendo curso lá, também desse tipo Alvo, ela ta fazendo, mas até agora não conseguiu nada não.
Fa: Ta, mas ela também tá fazendo. Faz tempo que ela ta lá?
Fo: Faz, ela entrou no CECOIA mesma época que eu, ela..., não lembro a idade que ela tinha.
Fa: Na mesma época, mas ela... bom ela tem quinze, você tem dezenove, quatro anos de diferença, ela entrou bem menor que você...
Fo: Entrou. Ela ta lá até hoje.
Fa: Por que que você acha que pra sua mãe foi..., era importante vocês fazerem o CECOIA? Você falou que foi uma amiga da sua mãe, uma mulher que indicou pra ela.
Fo: Ahan, foi.
Fa: Por que que você acha que era importante... (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

(falando do perigo de ficar só em casa)

Fo: ...Aí acontece alguma coisa.
Fa: Entendi. Ela tinha idéia de que o CECOIA poderia, por exemplo, ser uma ponte entre vocês e um trabalho, que tinha esses projetos lá, você sabe disso, se ela...?
Fo: Bom na época tinha umas pessoas... uns meninos que trabalhavam de catar bolinha, sabe, pelo CECOIA assim.
Fa: Trabalhavam Do que? Eu não entendi, desculpe.
Fo: De catar bolinha, de sacoleiro, de mercado.
Fa: Ah tá, tá.
Fo: Aí ela colocou eu lá, a mulher lá indicou..., falou isso pra ela. Aí ela falou, é, mas, ah eu vou colocar você lá pra você não ficar sozinho aqui, aí a moça lá falou que tem esses trabalhos assim se você quiser fazer, mas nada sendo obrigado, sabe.
Fa: Entendi. Era uma coisa a mais, mas o mais importante era vocês não ficarem sozinhos em casa.
Fo: É

Fa: Tá, ficar com o tempo ocupado.
Fo: Eu nunca trabalhei de sacoleiro assim.
Fa: É, primeira coisa que você fez foi o projeto do Alvo, ir pra Hípica.
Fo: Foi ir pra Hípica
Fa: Foi pra Hípica. Ta. A sua mãe, você sabe se ela estudou, até que série?
Fo: Pelo que eu sei ela estudo só até a segunda série, ela morava numa fazenda, acho que roça, trabalhava na roça.
Fa: Quando você nasceu? Ela morava na fazenda você falou, perto de Joaquim?
Fo: Não, aí já era outra fazenda.
Fa: Era outra.
Fo: Ela morava no Paraná.
Fa: Ah, no Paraná, tá.
Fo: Aí, quando ela morava na outra fazenda ali, não sei se fazia a mesma coisa, mais aí depois já mudou pra cá.
Fa: É, você sabe por que ela veio pra cá, ela conta assim mais ou menos?
Fo: Bom, não sei... Mas eu acho que porque meu pai trabalhava pra cá também
Fa: Ela já veio casada com seu pai?
Fo: Já. Trabalhava na prefeitura ali.
Fa: Aqui de Campinas?
Fo: De Sousas, sub-prefeitura. Aí ele trabalhava lá de guarda lá, aí achou que era mais perto, morava ali no Nova Sousas, mais perto, e, acho que foi por isso.
Fa: Então é, mas você falou, a sua mãe, que a sua mãe veio casada não do Paraná, da fazenda?
Fo: É, daqui.
Fa: Ah tá, isso que eu...
Fo: Tá.
Fa: Ela veio pequena pra cá, do Paraná pra Campinas? Você lembra? Ela te conta não sei se ela...
Fo: Ela saiu... ela veio pequena, ela morava no... em Leme.
Fa: Do Paraná pra Leme?
Fo: Isso.
Fa: E de Leme pra cá.
Fo: De Leme pra cá.
Fa: Deixa eu ver. A sua irmã bom, então não tá trabalhando né, tá só de estudante. Deixa eu ver se tem alguma outra coisa. Voltando no... na coisa do trabalho, que na verdade pra mim é o mais, mais importante, eu vou tentar pensar algumas coisas agora em... das oficinas do Centro de Memória , do... da área fotografia, de história oral tal, que você fez. Quando você entrou na Hípica, por exemplo, quando você está no seu trabalho agora, você..., sei lá, pensa que alguma coisa te ajudou, além da coisa da desinibição? Você acha que esse tipo de iniciativa assim né, e ajuda as pessoas a conseguirem um emprego, você sente isso quando você está no seu emprego ou não?
Fo: Ah, como assim?
Fa: A oficinas específicas do Centro de Memória, quando você ta trabalhando, você sente, você acha que você usou alguma coisa, você pensa assim, olha, ah, puxa me ajudou... pra isso, ou vai me ajudar pra alguma coisa.

Fo: Não, pra ser sincero não lembro de ter usado alguma coisa, por enquanto, mas poder ser até que ajude mais pra frente. Mas por enquanto acho que...

Fa: Mas você acha importante essas iniciativas assim, essas... as pessoas... sei lá, montarem esse tipo de oficinas, você acha que é interessante, ou não?

Fo: Acho que é sim, porque, às vezes tem coisa assim que as pessoas gostam, tipo, fotografia, muita gente gostou, é ... ficava torcendo lá, querendo tirar foto, sabe?

Fa: Tá. E gostou como assim, o que que você acha que era o mais gostoso assim na oficina de fotografia?

Fo: O que que era o mais gostoso?

Fa: É.

Fo: Tirar foto.

Fa: Era mexer com a máquina mesmo?

Fo: É.

Fa: E você acha que você acabou, sei lá, conhecendo mais a cidade, por exemplo, ou não, você já conhecia, porque vocês tinham que sair né?

Fo: Uhum.

Fa: Pra conhecer as pessoas isso ...

Fo: Não, o fato de já conhecer, assim, é mais daquele lá de fazer entrevista. Mas fotografia, acho que não conheci muita coisa não, só tirar foto mesmo.

Fa: Se você fosse, sei lá, alguém pedisse pra você, olha, você enquanto jovem, com seu conhecimento hoje, como é que você montaria um conjunto de oficinas por exemplo, no CECOIA? O que que você levaria hoje, o que que você acha que seria importante, oficina do que?

Fo: O que eu levaria?

Fa: É, se você fosse organizar, por exemplo, se alguém pedisse pra você, já que você é jovem né, que você sabe o que você sentiu falta ou o que você sente falta? Por exemplo, pra trabalho ou pra outras coisas?

Fo: Eu acho que eu levaria assim uma oficina de Inglês, de informática, é..., é esses dois eu acho que eu faria

Fa: São os dois que você acha mais importantes?

Fo: Apesar de eu não saber nada muito de inglês assim, eu gosto de inglês.

Fa: Entendi, e você acha que, é uma coisa que você acha que faz falta não saber.

Fo: É, eu acho que tem muita coisa assim que eu mexo assim que tem inglês.

Fa: Principalmente coisa de informática, né?

Fo: É, principalmente isso.

Fa: Então é uma coisa que precisaria. Bom, assim, o CECOIA pelo que você me conta foi importante né, porque foi através dele que você participou do Alvo e aí... então em termos de trabalho você acha que foi?

Fo: Ahan, importante.

Fa: Tá. Pra você, o que que é trabalho hoje? Como é que você definiria trabalho?

Fo: Trabalho? Eu definiria..., deixa eu ver (pausa) , como... me fugiu a palavra... necessário.

Fa: Necessário? Ué pode falar o que te vem na cabeça assim.

Fo: Necessário, responsabilidade, (pausa), dinheiro.

Fa: Tá. Necessário por quê, por conta do dinheiro ou ...
Fo: Necessário..., também por que você precisa trabalho pra ter dinheiro e pra fazer suas coisas.
Fa: Necessário nesse sentido então?
Fo: Ahan.
Fa: Se você não precisasse trabalhar, digamos.
Fo: Se não precisasse?
Fa: É, você trabalharia mesmo assim?
Fo: Acho que não.
Fa: Não? Ou faria alguma outra coisa que você gostasse assim?
Fo: Isso. Fazia outra coisa, mas...
Fa: É? O que você faria se você não precisasse de dinheiro?
Fo: Nossa.
Fa: Com o tempo que você tem, você terminaria os estudos, por exemplo?
Fo: Acho que terminaria sim, os estudos terminaria. Mas se eu não precisasse trabalhar acho que eu ia desperdiçar todo meu tempo aí, meio à toa assim, fazer alguma coisa que eu gosto assim, sei lá.
Fa: Tipo uma Lan house?
Fo: É, capaz.
Fa: Eu acho que..., praticamente a gente já conversou sobre tudo. Eu perguntei o que você faz no trabalho, tudo... É..., eu to com uma lista de alguns amigos, não sei se são alguns amigos ou pessoas que você conhece, então eu tenho algumas indicações. Tem alguém que estuda com você que você acha que poderia estar conversando, que participou das oficinas também do Centro de Memória, estava no CECOIA?
Fo: Que participou?
Fa: É, oh eu já entrevistei a Aline e o Anderson, agora você né? A Rafaela você conhece, que é prima do Anderson?
Fo: Conheço.
Fa: Então ela eu também não consegui falar, acho que ela deve trabalhar o dia inteiro.
Fo: Acabei de passar, na hora que eu tava vindo eu passei.
Fa: É? Por ela?
Fo: Ahan
Fa: Ah ta, então eu vou tentar falar com ela. Tem mais alguém que você me indicaria?
Fo: A Débora, só que eu não sei o numero dela.
Fa: Débora, será que não esta aqui...? Ela fazia também as oficinas?
Fo: Ahan
Fa: A Márcia não me passou. Mas você tem contato com ela?
Fo: Tenho.
Fa: Se eu te ligar depois você consegue pra mim o telefone?
Fo: Consigo.
Fa: É? então durante a semana assim se eu ligar pra você um dia, na quarta feira ou quinta feira?
Fo: Acho que sim, que eu falo direto com ela assim por MSN...
Fa: É? Aí se puder, eu ia te pedir o seguinte assim, com quem você..., as pessoas que você falar, por exemplo ela assim, se você puder explicar um pouquinho, por que às vezes a pessoa tem

uma..., fica meio assim quando eu falo de fazer entrevista, até porque não conhece, não lembra muito de mim, faz tempo que foram as oficinas. Então, por exemplo, tem uma... quem que eu não consegui falar... teve uma das meninas que eu liguei e não me aten... que marcou comigo e não veio... Aline pera aí... porque ela me falou... não sei se foi a Juliana...

Fo: Aline Fernanda? Aline Coimbra?

Fa: Aline Fernanda é a que está trabalhando na Fonte São Paulo, não é?

Fo: Aline Fernanda? Não sei...

Fa: Ou não?

Fo: A Magali

Fa: A Magali, ah eu não entrevistei a Aline, desculpa, eu entrevistei a Magali é. A Aline que não quis, que trabalha na Fonte São Paulo a Magali né?

Fo: A Magali.

Fa: A Aline que não... que marcou comigo, eu vim aqui ela não veio, acho que porque fica meio assim né? Então sei lá, se você puder explicar quando você falar com a Débora, assim que não é nada do outro mundo assim, porque daí já fica mais fácil eu ligo pra ela, já com uma indicação sua.

Fo: Ahan

Fa: Da sua sala tem alguém? Algum dos meninos aqui olha eu tenho Diego, não sei se você conhece? Gleriston?

Fo: Gleriston eu conheço mas não encontro muito com ele.

Fa: Ta, Com a Patrícia você tem contato?

Fo: A Patrícia não.

Fa: Não? Acho que seria mais a Débora então? Então ta, então eu ligo pra você mais durante a semana, e aí se você conseguir o telefone dela. Deixa eu colocar aqui, indicação do Fernando. Fernando tem alguma outra coisa que você... sei lá, quer falar sobre trabalho ou sobre escola ou sobre... Uma outra coisa que eu pensei agora assim já encerrando, é, você gosta de morar aqui?

Fo: Gosto, às vezes minha mãe fala, a vamos mudar, vamos pro... pra outra cidade, assim fala brincado. Eu falo, ah não, não quero ir não, vai você sozinha, leva a Fernanda, minha irmã, que eu não quero ir não, prefiro ficar aqui, eu gosto daqui sempre morei aqui, conheço as pessoas daqui...

Fa: De Sousas mesmo, você gosta?

Fo: De Sousas.

Fa: Ta. É... e é bacana ser jovem aqui, tem bastante coisa pra fazer, é legal? Ou..., sei lá...

Fo: Não, coisa não falta, o que você quiser fazer você faz por aí. Quer ir em balada, tem aqui pertinho, quer ir em shopping, também da pra ir fácil, tem a cachaçaria ali, quem quiser também.

Fa: Entendi.

Fo: Então tem bastante coisa pra fazer.

Fa: E do que você conheceu de Sousas quando você era pequeno pra hoje, você acha que mudou muito?

Fo: Bom, quando eu era pequeno não conhecia muita coisa, não saía do Nova Sousas, ficava lá pra cima, mas..

Fa: O que você vê assim, sei lá, você acha que cresceu bastante?

Fo: É, não tinha os mercadões aqui, os supermercados, o Galaxi não tinha, o Kushi ali não tinha, o Compre Bem também não tinha, era tudo terreno, acho que nem aqui não tinha também.

Fa: O shopping né?

Fo: É, ai fui conhecendo ali na Benicar, era outra coisa que eu não lembro o nome, era de carro também, mas era outro nome.

Fa: Tá, eu lembro que quando eu vinha fazer as oficinas não tinha, não era tão grande isso aqui.

Fo: É, e..., acho que é isso.

Fa: Então tá, Fernando muitíssimo obrigada por ter vindo, desculpa pegar a metade da manhã do seu sábado. Mas valeu, vou desligar então aqui... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

2.4 – Transcrição da entrevista com Júlia. Realizada no dia 26/03/09

Legenda:

F: Fernanda

J: Júlia

F: Eu to fazendo um trabalho, que eu to tentando recuperar as histórias do pessoal que participou daquelas oficinas do Centro de Memória, oferecidas lá no CECOIAA e pensar um pouquinho que importância teve pra você participar do CECOIAA, se te ajudou em termos de trabalho, o que você ta fazendo hoje, coisas da sua vida. É uma pesquisa sobre juventude, na verdade o meu trabalho, só que eu foco a questão da escola, de trabalho, coisas assim...

J: Ahã.

F: Então eu vou começar, são só perguntas mesmo sobre a sua vida. Você nasceu em Campinas?

J: Nasci.

F: E como é que você ficou sabendo do CECOIA? Você morou em Souza, não?

J: Não, meu primos passavam por lá, ficaram lá no CECOIA por um bom tempo. Aí depois minhas tias falaram pra minha mãe me colocar lá e assim que eu saí da creche eu já fui direto pro CECOIAA e pra escola.

F: Com quantos anos?

J: Sete.

F: Nossa, então você ficou muito tempo lá!

J: Fiquei...(risos) Quase uma vida.

F: Quase uma vida. (risos) E você sempre morou aqui?

J: Sempre morei aqui.

F: E ia pra lá?

J: Ahã, porque aqui..., Tem um outro (?) aqui, mas não me aceitaram aqui, porque pega mais pessoas mais carentes sabe e falaram que eu não precisava, então me mandaram pro CECOIA.

F: Ta. É uma outra ONG, uma outra organização, não é do CECOIA?

J: Não.

F: Bom, então seu primos já tinham passado por lá, a sua mãe achou que era interessante, que era bacana...

J: Ahã e colocaram eu lá.

F: E você ia em horário...?

J: Eu ia de manhã pro CECOIA e à tarde pra escola, aí depois mudou, eu tive que ir à tarde pro CECOIA e de manhã pra escola.

F: Ta. E você consegue..., pensando nas atividades que você fazia lá, quando você era pequenininha o que vocês faziam, como é que era pra você ir pra lá, você lembra?

J: Ah, era muita coisa... Assim, a rotina de lá como é que era?

F: É.

J: Era assim ó, a gente chegava de manhã tomava café, aí a gente tinha que fazer lição de casa, que não tinha onde fazer aqui em casa, a gente fazia lá, aí depois elas passavam uma atividade, aí depois ou a gente ia pra brinquedoteca, ou fazia artesanato, alguma coisa assim, sabe?

F: Ta.

J: Aí depois a gente tomava banho, ia almoçar e ia pra escola.

F: E você..., A escola você sempre também estudou aqui no Medajon?

J: Não, eu estudava lá no Thomas Alves, até a oitava série eu estudei lá, aí o primeiro, segundo e terceiro passei pra cá.

F: E daí também era mais perto né?

J: É, mas eu me arrependi.

F: É? Era melhor a escola lá?

J: É, porque lá eu tinha mais amizade, sabe, era bem mais fácil de passar de ano, porque era uma ajudando a outra, aqui não, aqui é cada um por si... (risos)

F: Não conhece né. Daí você ficou..., bom, Você começou com sete anos, tinha essas atividades, e você chegou a participar do projeto, aquele Jovem Aprendiz?

J: Participei.

F: O que você achava do projeto? Como é que era?

J: Ah, era bom, porque ensinava a gente a fazer..., encaminhar prum emprego legal né, ensinava a gente, como é que, como é que não.

F: O que vocês faziam?

J: Ah, era muita coisa, era educação física, era aula de português, matemática, gestão empresarial... Sabe essas coisas que..., a gente trabalhava com empresas, abe?

F: Ahã.

J: Mas era mais na área de clubes.

F: Entendi.

J: Na primeira turma foi só clube, agora a segunda é diferente, mudou. Então eles ensinavam de tudo um pouco, ética no trabalho...

F: Como se portar, o que você tem que falar numa entrevista.

J: Como vestir, como não vestir.

F: E você acha que isso ajudou? Acha que isso foi importante?

J: Ajudou, porque eu falo mais que a boca, então... (risos)

F: Mas é bom.

J: Mas aí depois que eu saí da Hípica, eu, através do CECOIA, eu não sei como, entendeu? Uma pessoa me ligou pra mim ir trabalhar num banco, sabe, mas pra fazer empréstimo, é um banco pouco conhecido, BVA...

F: Ah, eu já ouvi falar.

J: Faz empréstimo. Então eu fiquei lá, não fiquei nem uma semana lá direito, porque eu já tava grávida quando eu entrei lá, então aí eu comecei a passar mal, aí eles desconfiavam, eles já iam me mandar embora, então eu já saí de vez.

F: Então, até vou emendar nisso que você ta me contando. Você participou do projeto..., era o projeto Alvo né?

J: Isso.

F: Que era do Jovem Aprendiz?

J: Ahã.

F: Que era voltado pra clubes. Aí você chegou a fazer estágio?

J: Fiz, na Hípica.

F: E como é que era?

J: Um ano e meio.

F: Um ano e meio?

J: Ahã. Ah lá era... A gente não trabalhava lá na Hípica tudo que a gente aprendeu no CECOIA, porque lá na Hípica a gente fazia de tudo, sabe, a gente ia entregar carta nos departamento, porque lá na Hípica cada departamento fica num canto do clube, não sei se você já foi lá. Aí fica tipo, um na portaria, outro lá no esporte, outro lá na outra portaria, então a gente andava bastante. A gente verificava faixas, porque colocava faixa de eventos, a gente tinha que ver se já tinha passado o evento, se não, se tinha que tirar, se deu o prazo. A gente também tinha um dia que atendia sócio.

F: E vocês... O Fernando tava me falando que passava por vários setores.

J: Isso.

F: Vocês ficavam, por exemplo, dois meses... Era isso?

J: Então, com a gente, nós meninas, era diferente, porque lá na Hípica não tem muito setor pra mulher, entendeu? Eu fiquei na tesouraria, não, lá no S.A.A, no esportes e no..., como é que chama? Eu esqueci o nome de lá, porque é o Cultura é junto com mais um departamento que faz os eventos, sabe?

F: Ahã.

J: Então eu fiquei lá. Ah, eu gostava, o departamento que eu mais gostei foi o último, que eu trabalhei com a Beth, que é esse que eu esqueci o nome.

F: Mas o que você fazia?

J: Era assim, eu ligava pra debutantes, pra fazer o baile...

F: Pra sócios, por exemplo, que tinham... ?

J: Eu sempre que quando tinha reunião pra ver como ia montar as festas eu tava junto, pra ver como funcionava, era muito legal.

F: Ah, que legal.

J: Quando eu comecei a gostar de ficar na Hípica, eu tive que ir embora (risos).

F: Organização de eventos assim?

J: Isso, era legal.

F: Era aí foi o último que você gostou e por que você..., eles tinham um um prazo mesmo, você tinha que sair?

J: Não, era assim, porque no S.A.A, eles demitiram uma mulher e contrataram duas...

F: O que é S.A.A?

J: É serviço de Atendimento ao Associado...

F: Ta.

J: Aí, então a gente trabalhava lá e não tinha mais vaga, nem pra mim, nem pra Carol e se tivesse era só pra uma, então mandaram uma pro Esporte e outra pro..., Ai meu Deus, como é que chama? Ah, vou falar que é o Cultura, porque ficava tudo junto. sabe...

F: Ahã.

J: Aí, eles mandaram eu pro Cultura, então lá eu trabalhei com a Beth, com a Antonieta, sabe era muito bom lá, era melhor no SAA, porque lá na SAA era muito sócio sabe, então as vezes tinha que levar algum desaforo assim pra casa...

F: Sei. Trabalhar com público é difícil né?

J: É e lá não, lá era mais sossegado, mais tranquilo, era mais gostoso.
F: Entendi. E aí você foi encaminhada pelo CECOIA por lá e foi seu primeiro emprego?
J: Foi, meu primeiro emprego.
F: Você não tinha trabalhado em nada antes?
J: Em nada, não tinha noção do que era trabalhar (risos).
F: E aí então, nesse sentido, o curso ajudou?
J: Ajudou bastante. Porque assim, já na Hípica a gente aprende a ter paciência sabe, porque eles são..., era um ponto que eles trabalhavam bastante. Então aí eu comecei a trabalhar..., depois que eu ganhei o Bruno, eu comecei a trabalhar num quiosque no shopping sabe?
F: Ahã.
J: Aí o que aconteceu? O meu filho ficou doente, não tinha ninguém pra cuidar dele, então eu resolvi sair, porque filho se a gente perder não tem outro, agora emprego a gente arranja outro rapidinho.
F: Não, claro, entendi.
J: Mas aí meu patrão me disse que depois que eu saí de lá as vendas baixaram e ele vendeu o quiosque.
F: Olha só. Você se dá bem com essa área de falar com público assim então, deve ser difícil, mas você...
J: (risos) Eu falo bastante, eu gosto, sabe.
F: Então, vamos..., só pra eu ir contando seus empregos, o primeiro então foi da Hípica. E lá na Hípica você era registrada?
J: Era registrada.
F: Ta, era nesse programa Aprendiz né?
J: Ahã.
F: Aí você saiu de lá, então você tava falando, porque na verdade não tinha...
J: Vaga.
F: Não tinha mais vaga.
J: Isso.
F: Eles chegaram..., tinha alguma possibilidade efetivar vocês, por exemplo, se tivesse?
J: Então, eles falaram assim pra mim e pra Carol que lá é difícil efetivar, por causa que..., tipo, se a gente saiu é pra ter vaga pra outras Aprendizizes, entendeu?
F: Entendi, porque eles ficam fazendo essa rotação.
J: Eles disseram que pode ser que mais pra frente chame a gente de novo, mas eu acho que vai ser difícil.
F: Entendi. Aí você saiu de lá, você já tava esperando o Bruno, não?
J: Não, depois de seis meses eu engravidei.
F: Aí você saiu, ficou algum tempo sem trabalhar?
J: Foi, aí minha mãe falou: “fica um pouco em casa, depois você arranja outro serviço”.
F: Ta.
J: Só que aí eu nem saí de casa pra arrancar o serviço, aí igaram aqui pra mim, pra mim fazer uma entrevista no banco.
F: Que é esse BVA?
J: Isso, aí eu fui lá, fiquei trabalhando durante uma semana, aí comecei a passar mal...

F: Aí você já imaginou que você também tivesse grávida?
J: É, porque a gente quando é mulher assim, a gente sente, sabe?
F: Ahã.
J: Aí eu fui fiz o exame, deu positivo, aí saí de lá, sabe, nem dei as minhas caras mais por lá, eles iam me mandar embora de um jeito ou de outro, aí depois que eu engravidei...
F: Mas você chegou a ser registrada lá?
J: Eu ia ser registrada no dia em que passei mal... (risos)
F: É, porque você sabe né, que se eles, por exemplo, você já tivesse sido registrada eles não poderiam te mandar embora.
J: É, eu sei.
F: Mas também é uma situação ruim né? Você não, também...
J: Aí depois assim que eu saí de lá, uma amiga da minha mãe tinha um quiosquinho de rua, sabe?
F: Hum...
J: Que vendia lanche, perto do hospital, aqui em cima. Sabe o Integral, escola?
F: Sei, na avenida ali, que tem o posto de gasolina.
J: Aí lá embaixo tem um hospital chamado CEAMA, ali tem um quiosque, eu trabalhei lá um mês sabe, mas também não dava pra mim trabalhar, eu passava muito mal, sabe.
F: Entendi, no começo da gravidez?
J: Ahã. Aí eu fiquei um pouco em casa, ajudando minha mãe... Aí depois minha amiga Stefani arrumou um serviço pra mim, que foi na Happy Donuts, lá quiosque do shopping.
F: No Dom Pedro ou no Iguatemi?
J: Então, no começo foi no Iguatemi, eu na experiência, que é oito dias, foi no Iguatemi, que me treinaram. Aí o moço chegou em mim e falou que gostou muito de mim, que são filiais, sabe?
F: Ahã.
J: Que gostou muito de mim, mas pra ficar com ele, não tinha vaga pra ele, de manhã, porque eu só podia de manhã. Aí ele falou assim pra mim, “mas eu gostei muito de você, você é muito esforçada, você quer trabalhar e quando a gente quer trabalhar a gente dá o melhor da gente. Então eu trouxe um amigo meu aqui, pra você trabalhar no Campinas Shopping”, a hora que ele falou Campinas Shopping eu não sabia nem onde era Campina Shopping...
F: Putz, é longe né?
J: Eu fiquei meu Deus do céu, aonde eu vou trabalhar? Na hora em que eu cheguei lá eu entrei em pânico, sabe, Ele falou assim: “não, eu vou te levar e na hora de ir embora a gente vê qual ônibus você pega, como você vai fazer pra ir embora”. Aí eu já entrei assim..., eu arregalei os olhos né enorme, porque eu não sabia, naquele shopping tudo é diferente. Mas lá era mais gostoso de trabalhar, porque o público era totalmente diferente...
F: É, isso é, muda né?
J: É mais humilde né, é mais as pessoas assim de classe média, são melhores do que aqui no Iguatemi, porque aqui no Iguatemi só tem rico.
F: Nossa e é difícil trabalhar com esse público, é o mesmo público da Hípica né?
J: É.
F: Mais ou menos é a mesma coisa.
J: Teve até uma situação aqui no Happy Donuts, uma mulher falou: “você não era a menina que trabalhava na Hípica?”. Eu falei era. Ela: “nossa, como você cresceu”!

F: Ah, é porque você já tinha trabalhado lá.
J: É, aí ela me reconheceu, mas também foi a única.
F: Ta, então esse foi o do shopping que você falou.
J: Isso.
F: Você ficou quanto tempo?
J: Dois meses.
F: Aí também você já tava grávida né?
J: Não, eu já tinha ganhado.
F: Ah tá, foi depois.
J: Quer ver, o Bruno tava com seis..., não o Bruno tava com cinco meses quando eu fui trabalhar.
F: Do CEAMA, do quiosquinho do CEAMA aí você parou, teve o Bruno, tudo...
J: Foi. Aí foi um período da minha gravidez que eu fiquei em casa, mais tranqüila, porque era muito enjoado sabe, aí eu fiquei mais em casa.
F: Entendi.
J: Aí depois eu fui pra lá. Até eu fiz um currículo pra entregar com as coisas que eu aprendi no CECOIA. Aí a pessoa que viu falou que meu currículo era muito bom entendeu? Mas eu acabei entregando o currículo, mas foi essa fase que depois veio o Bruno, aí ficou difícil...
F: Também muito no finalzinho da gravidez né e logo no começo você precisava ficar com ele.
J: Aí agora, assim que eu saí de lá, por causa que não tinha ninguém pra ficar com o Bruno, passou duas semanas e ele foi chamado pra creche.
F: E agora você ta procurando?
J: Eu to, qualquer coisa eu aceito. (risos)
F: Mas você tem algum foco assim, ou não, você ta mandando geral assim o currículo assim?
J: Então, pra mim, eu gosto muito de trabalhar com público, eu gosto, mas pra mim se for numa fábrica, tá bom, se for qualquer lugar pra mim ta bom, porque eu to precisando de dinheiro.
F: Ainda mais com criança né?
J: Ahã, dá um gasto.
F: Eu imagino. E agora tá tranqüilo porque ele fica o dia todo na creche?
J: Então, porque foi assim, ele foi uma semana, que era até as onze, mas aí depois da semana das onze, aí chegou sexta feira ele ficou doente, ele pegou broncolite, aí ele ficou internado cinco dias, aí ele ficou mais cinco dias em casa, e voltou essa semana, então ele ta fazendo o período das duas gora, aí depois é até as cinco.
F: Ah ta, aí então agora daria pra você, se arrumasse um emprego durante o dia, tranqüilo...
J: Ahã, nossa eu to doidinha pra trabalhar. Porque assim, igual minha mãe falou assim, trabalhar em fábrica dá mais estabilidade pra pessoa, sabe? Uma amiga minha vai trabalhar numa fábrica de pão de queijo, eu quero ver se ela consegue pra mim, sabe, não é o que eu gosto de fazer , mas...
F: Pelo menos é um emprego...
J: No momento assim, o que eu to preferindo é empresa assim, porque lá a gente sabe que se a gente entrar lá e ficar, vai ser muito difícil sair e é isso que eu quero, um emprego que dê estabilidade sabe...
F: Que você continue né.
J: E empresa também né, porque com criança é difícil né.

F: É. Mas normalmente empresa grande acaba entendendo melhor né do que quando é lojinha pequena, alguma coisa assim.

J: Isso também é.

F: Vamos ver, tomara que...

J: Porque assim, também fábrica trabalha de segunda a sexta.

F: É, shopping também tem sábado e domingo né.

J: É de segunda a segunda shopping.

F: E aí a creche também não fica.

J: Final de semana não. Porque lá eu não ganhava mal lá no quiosque, eu conseguia tirar tudo assim, no total 808, então tava bom, porque pagava tudo em dinheiro, o vale refeição, o vale transporte...

F: Dava tudo em dinheiro?

J: É.

F: No quiosque do shopping né?

J: Isso.

F: Lá você chegou a ser registrada, ou não ?

J: Então lá não, porque ele falou assim que não queria registrar por enquanto, porque ele não sabia se ele ficar com o quiosque ou não, porque lá não vende muito lá.

F: E você ganhava um salário fixo ou era por comissão de venda?

J: Não, fixo, não tinha comissão, porque se fosse comissão eu ia falir ele, coitado. (risos)

F: É, você vendia muito?

J: Eu vendia bastante.

F: O que era? Era quiosque de quê?

J: Sabe Donuts?

F: Ah ta, aqueles de doce?

J: Isso.

F: Sei.

J: Vendia Donuts. Então aí passava uma pessoa e começava a conversar, você já comeu Donuts? Ela, “não”. Ah você quer um pra experimentar? Aí eu dava o mini. Aí ela, “nossa que gostoso”. Ah, leva um, aí acaba levando uma caixinha, sabe, com cinco.

F: Você se dá bem com essa coisa Júlia de vender (risos), aí vendia bastante?

J: Vendia bastante.

F: E na Hípica, no estágio, você ganhava uma bolsa?

J: Não, na Hípica era assim, eu ganhava um salário mínimo, na época era 350, se não me engano, mas já tinha desconto de INSS, essas coisas...

F: Porque como era registro né.

J: Aí eu pegava uns 210, por aí, mas também tinha cesta básica, tinha vale refeição, comia todo dia lá...

F: Você almoçava lá?

J: Ahã e tinha passe também.

F: Ta e passava o dia todo, você trabalhava o dia todo, ou eram seis horas?

J: Não, meio período (risos).

F: Ah, então era bom?

J: Era muito bom (risos).

F: Era bacana.

J: Serviço igual aquele eu não arranjo mais não.

F: E era uma coisa que você gostava né? No final você gostou do último...

J: Tanto é que a Beth tentou fazer de tudo pra mim ficar lá, mas não deu certo.

F: Mas quem sabe chamam, às vezes abre alguma vaga. E o curso que vocês faziam lá no CECOIA, o Alvo, era voltado pra essa coisa de clube, não, era voltado pra... ?

J: Era, na época era, agora eles expandiram, ta em todas as áreas.

F: Mas aí vocês aprendiam coisas específicas de clubes?

J: Também, a gente via o TRHA, essas coisas assim.

F: Além da parte administrativa?

J: Isso, tinha por fora as outras coisas, por isso que tinha aula de esportes também, pra saber como é que é.

F: E você fez algum outro curso no CECOIA, voltado pra essa coisa do emprego, não?

J: Fiz, um curso de secretária, sabe, tudo, através do Senac se eu não me engano.

F: Também é legal. Antes desse?

J: Foi no mesmo período os dois.

F: E você acha que esses cursos são importantes Julia? Você achou que... ?

J: Eu acho que é importante porque conta né, qualquer curso no currículo conta alguma coisa.

F: Na hora de você conseguir o emprego, você mostrando lá que você tinha esses cursos...

J: E os módulos que a gente trabalhou, então, vai ser mais fácil de conseguir serviço.

F: Até mesmo em clube né, por exemplo, se você chegar num outro clube lá, mostrar que você passou por vários...

J: Sabe o que falaram pra mim? A pessoa que conseguir ficar um ano na Hípica, consegue emprego rapidinho. Mas o meu medo de começar a trabalhar agora é por causa do Bruno mesmo sabe...

F: Entendi.

J: Porque agora que ele entrou na creche, qualquer coisinha ele fica doente e eu quero esperar estabilizar a saúde dele, na hora que ele ficar bom mesmo, aí...

F: Aí... Porque na verdade ele entra em contato com outras crianças, aí vai pegando doencinha...

J: E ele é filho único, então ele não tinha criança pra brincar, era só eu, minha mãe e ele, quando eu ficava gripada eu não pegava, quando minha mãe ficava gripada ela não pegava ele...

F: E aí agora com um monte de criança...

J: Agora não tem como evitar né, ficar doente.

F: Mas eu acho que agora como você tem essas coisas no currículo, talvez..., porque você tem experiência né, passou por vários setores... E voltando a coisa do CECOIA né, você falou que fez esse curso de secretária, esse projeto Alvo... Você acha que a sua vivência lá, você passou por lá desde os sete anos...

J: Se eu pudesse voltar lá eu voltava.

F: É? Você gostava?

J: Gostava,. É assim, como diz minha mãe, quando a gente ta lá, a gente não quer ficar lá...

F: Você não queria quando você tava?

J: Ah, eu tinha mó preguiça de ir pro CECOIA.

F: É? Depois, quando você falou das primeiras atividades, quando você era pequena, depois na época do Alvo assim, o que mais vocês faziam? O que vocês tinham lá?

J: Ó, tinha fanfarra, a gente fazia fanfarra no Notre Dame... Porque na época do Alvo foi mais só o Alvo, a gente ia só de segunda cedo, entendeu? Mas aí depois, antes do Alvo a gente teve fanfarra, a gente teve mais artesã..., sabe aula de artesanato?

F: Ahã.

J: Essas coisas assim.

F: E assim, vocês acabavam fazendo um monte de amigos também né?

J: É, computação, essas coisas.

F: Tinha sala de informática.

J: Ahã.

F: E você gostava? Bom, você falou que tinha preguiça um pouco, mas...

J: É, era..., tipo assim, porque na verdade lá, quando a gente começa a ficar mais adolescente, fica imaginando o CECOIA como uma creche né, porque tinha muita criança lá, aí tinha dificuldade de como separar os grupos, aí foi na hora que eles fizeram o Alvo.

F: E era bacana a relação que você tinha com as monitoras, por exemplo? Eu lembro da Lú né...

J: Ai, a Lú era um amor de pessoa... (risos)

F: É, eu lembro dela.

J: Ah, faz tempo que eu não vejo ela, queria tanto ir lá.

F: Ela ta lá ainda?

J: Não.

F: Já saiu?

J: Ela mudou de cidade.

F: E tinha a Márcia que era a coordenadora...

J: Tinha a Márcia, tinha a Rosângela, que acho que ela saiu de lá que eu fiquei sabendo, aí tinha a Magali, tinha bastante gente.

F: E você acha que..., com relação a escola, ajudava, por exemplo, as aulas de reforço?

J: Ajudava pra quem tinha força de vontade, pra quem queria.

F: Senão também não resolve nada.

J: Ah, nada.

F: Deixa eu ver mais alguma... Das oficinas do Centro de Memória, aquelas que foram oferecidas, você lembra?

J: Ah eu adorei, tinha curso de fotografia, a gente entrevistava pessoas...

F: Você gostou?

F: Gostei.

F: Eu lembro que a gente acabou indo entrevistar o pessoal do Beco ali né?

J: Foi, que veio um senhor bem velhinho, de idade...

F: Seu Benedito, seu Antônio..., ah não lembro o nome dele.

J: Nem eu, mas era bem senhorzinho.

F: E você achou que foi importante?

J: Ah, foi legal né, a gente descobriu assim coisas que a gente não sabia, bem legal.

F: Coisas sobre o bairro, sobre...

J: Sobre Souzas.

F: Sobre Sousas né.
J: Foi bem interessante.
F: E essas oficinas, você acha que te ajudou?
J: Eu acho que sim, na época eu até pensei em fazer, em ser fotógrafa, mas acho que foi só a época... (risos) Porque eu não levo nenhum jeito.
F: (risos) Não leva jeito pra fotografia?
J: Não.
F: Mas era a que você mais gostava, de fotografia?
J: Era, foi mais gostoso, porque a gente saía, o que a gente achava bonito a gente tirava foto...
F: É, fizeram passeios pelo bairro né?
J: Foi.
F: E o que você acha que trouxe pra você ter participado? Assim, além de você ter pensado até um dia em ser fotógrafa tal, mas você acha que acrescentou assim o que pra você?
J: Ah, foi mais conhecimento né, a gente também aprendeu a mexer no Corel né?
F: Isso, pra poder fazer o jornal né.
J: Também a gente pesquisou filme, fez comentário crítico sobre o filme, foi muito engraçado, eu gostei.
F: Você fez todos? Você passou por todas?
J: Por todo jornalzinho?
F: Não, por todas as oficinas?
J: Ah, foi, todas.
F: História oral, fotografia, jornalismo... Você chegou a fazer aquela de orientação profissional, com o Jaime?
J: A gente fez, todo mundo fez, se eu não me engano. Porque era o..., na verdade, você conhece, era um projeto né de jornalismo, a gente tinha que fazer o jornalzinho do CECOIA...
F: Ahn.
J: A gente sentava assim nas aulas, a gente ia em todas, mas na hora de fazer o jornalzinho cada um pegava uma parte, sabe?
F: Sei.
J: Uma ia entrevistar, a gente entrevistava todo mundo junto, mas uma ia buscar a..., como chama? Aquele negócio que a gente ia colocar lá, anúncio sabe?
F: Ahã. Ah ta, pra poder conseguir dinheiro né.
J: Outro ia fazendo um comentário do filme, outro ia fazendo entrevista com outras pessoas, se não me engano eu até fiz uma entrevista com a minha prima sobre gravidez na adolescência...
F: Na época? Sua prima tava grávida?
J: Ahã, tava, ela tinha dois filhos e tava grávida do terceiro.
F: Ta. E essa outra oficina do Jaime, de orientação profissional, que ela via a profissão que vocês queriam seguir, eu não lembro se...
J: É.
F: Era essa?
J: Era.
F: E você achou interessante essa?
J: Achei, mas eu também até hoje não sei o que eu quero fazer... (risos)

F: É? Você ainda não...?

J: Porque foi assim, até antes do meu filho ser internado eu achava muito interessante radiologia, estética sabe, coisa que dá dinheiro hoje em dia, mas aí meu filho ficou internado, eu vi as terapeuta em cima numa criança sem andar, que a criança não respira direito, fazendo massagem pra ela começar a respirar, eu achei tão lindo, sabe, eu até pensei em fazer, mas eu não sei se vou conseguir fazer.

F: Mas é uma área que você gosta?

J: É, eu achei tipo muito legal, que não mexe com sangue, não mexe com cirurgia, é só ver mesmo a pessoa aprendendo a se desenvolver, eu achei muito interessante.

F: E você tá em que série do...?

J: No segundo ainda... (risos)

F: No segundo?

J: Por isso que eu falo que eu não sei se eu vou conseguir fazer, porque eu não tenho paciência de ir pra escola, eu não gosto de ir pra escola, eu não gosto dessa escola. Eu queria fazer um..., eliminação de matérias sabe, pra terminar logo?

F: O EJA?

J: Isso, não na verdade não é o EJA, é mais uma eliminação de matérias...

F: É prova mesmo?

J: A gente termina todos os anos num ano só, mas tem que fazer prova, eu queria fazer isso, mas minha mãe não deixou.

F: Entendi. Ela quer que você vá pra escola?

J: Isso.

F: E você falou que estudou até a oitava série no Thomas Alves, você gostava de lá?

J: Gostava.

F: A escola era boa?

J: ... É...

F: Esse “é” médio... (risos) Por que médio?

J: Ah, porque em termos assim de estudo, assim de qualidade aqui é melhor.

F: É?

J: Aqui é bem melhor, porque aqui os professores não passam prova assim deles, eles pegam prova de vestibular, de cursinho, essas coisas e passa pra gente, quer dizer, até o ano passado era assim né, depois veio o governo enfiou aquele caderninho, cheio de erro...

F: É, eu sei, eu dou aula no estado também...

J: Cheio de erro... (risos) Aí mudou um pouco, mas é bom. Eles passam filme, é trabalho através do filme, no Thomas era só aula, só aula sabe, era muito diferente daqui.

F: Entendi. Então a qualidade do ensino aqui é bom?

J: Aqui é melhor, porque..., ah, os professores aqui são muito diferentes, bem melhores.

F: São melhores que lá?

J: São.

F: Você não gosta mesmo por não conhecer muita gente?

J: É, por causa disso, também pelo fato de ser muito difícil... (risos)

F: Você acha difícil?

J: Sim. E também a gente tem uma aula aqui, têm duas aulas de Inglês, então a gente tem só de terça e de terça feira eu não vou pra escola, não tem como eu ir pra escola, porque minha mãe chega oito horas do serviço, então não tem como deixar meu filho com qualquer pessoa e ir pra escola, aí fico aqui cuidando dele, ou seja, eu vou repetir e ano por causa de três matérias, a partir de três a gente repete.

F: Porque aí você acaba não indo nenhuma terça feira?

J: Nenhuma terça feira.

F: E você já reprovou, não?

J: Foi assim, eu reprovei por falta, que quando eu engravidei eu tava no segundo, aí eu parei meio que de ir, sabe, aí depois eu ganhei o Bruno, aí eu fui no começo toda empolgada, mas aí eu parei.

F: Depois parou de novo.

J: E esse ano também vai ser a mesma coisa. Porque, aí, é diferente, sabe, são turma mais novas do que eu, só bagunça.

F: Dá desânimo né?

J: Dá.

F: Você acaba indo, querendo fazer uma coisa mais séria...

J: E todo mundo fica brincando.

F: Entendi.

J: E fora que, tipo, como eu perdi muito tempo assim na escola, então se eu tivesse ido tipo segundo e terceiro e terminado já, eu ia pegar o ritmo, sabe, desde o primeiro que eu tava aqui, ia ser uma sequência sabe, que sempre foi os mesmo professores. Mas agora é outro professor que dava aula no primeiro do anos passado, a gente trabalha coisa que eles trabalharam no outro ano também, dando continuidade, então eu fico perdida.

F: Você não passou né, por todas... ?

J: Não.

F: E assim, você acha importante terminar a escola? Você acha que ela... ?

J: Eu acho importante, mas... (risos)

F: Por que que você acha importante, pra que você acha que...?

J: Porque se a gente não tem até o terceiro, a gente não arranja um serviço decente né.

F: Entendi, é uma das coisas que eles pedem né?

J: Se até gente com faculdade ta difícil arrumar um serviço, imagina a gente que não tem nem o terceiro.

F: E além da questão do trabalho, você acha que... É que você não gosta muito dessa escola né, mas você acha que a escola tem alguma outra..., você acha importante por algum outro motivo assim, ou não?

J: Então porque essa escola ela é bem mais organizada, ela é melhor em tudo entendeu, do que o Thomas Alves, ela é mais organizada, ela é mais qualificada, sabe.

F: Engraçado, eu achei que lá fosse..., não sei, eu tinha impressão que lá era super organizado.

J: Não, uma bagunça, principalmente à noite. Aqui a gente não entra sem uniforme, sem uniforme volta embora pra casa, esqueceu aquele caderninho, lá na aula, tipo se for a primeira aula deixa até voltar pra casa pra pegar o livro, mas se for na segunda, terceira, vai embora pra casa.

F: Sem o caderninho vai embora?

J: Vai. Então tipo assim eles forçam a gente a estudar, obriga praticamente, entendeu?
F: Ahã. E você acha bom?
J: É, é bom...
F: Porque daí também você acaba fazendo.
J: E não passa pelo conselho, não passa.
F: É? Repete muita gente? Bem diferente da minha escola, minha escola não é tão rígida assim, eu acho.
J: Aqui não passa pelo conselho, se passa são aqueles alunos assim que são bons, mas teve muita falta, mas fez as provas, só assim que passa pelo conselhos, mas de outro jeito...
F: Não passa, Entendi. E o que você, pensando um pouco assim na questão do lazer, o que você costuma fazer assim de final de semana...? Agora com o Bruno é mais difícil né?
J: É... Ai...
F: Você sai bastante não, não sai muito?
J: Não, eu fico mais em casa... Ai assim, quando eu tava grávida, eu ia bastante pro bosque, às vezes eu ia, eu ia pro shopping, eu ia até pras baladas de noite, entendeu? Mas depois que eu ganhei ele, não tem onde ir sabe, fico mais dentro de casa, porque com ele assim, ta sol, não pode sair porque o sol ta muito quente, começou a ventar, não pode sair, porque... Então tem que ter esse cuidado todo, só em festinha de aniversário.
F: Aí é de criança normalmente?
J: É. (risos)
F: Mas antes você ia? Antes de tê-lo, antes de estar grávida você ia pra shopping, balada, barzinho?
J: Minha balada começava de quinta e terminava só na segunda cinco horas da manhã. (risos)
F: É? Todo dia? É? Você voltava de madrugada, saía?
J: Oh! Saía muito, era tão bom.
F: Que lugar você ia, pra que bairros assim, boate?
J: Ah, eu ia mais, sabe assim, pra balada assim que tem..., como eu vou dizer pra você? A gente ia assim em balada mais em periferia, eu não ia muito assim em balada em casa noturna, porque era muito caro, a única balada que eu ia em casa noturna era a Usina Royal...
F: Ah ta, no Taquaral. Era bom?
J: Eu ia bastante lá, não perdia um, teve até uma vez que eu não podia entrar, que eu tinha quatorze anos, aí eu, mãe vamos comigo mãe... (risos)
F: E sua mãe foi? (risos)
J: Foi.
F: Que bom. (risos)
J: Tinha um monte de mãe lá, mas eu fiquei brava com ela...
F: Ah é?
J: Um monte de moleque querendo beijar minha mãe, vê se pode... (risos)
F: Sua mãe fez sucesso lá na Usina.
J: Foi, mas ela não ficou com ninguém não, eu não deixei.
F: E você falou que além da Usina Royal, você falou que ia mais em outros bairros assim? Que não era muito caro?
J: É, que não paga assim, só paga o que consome assim.

F: Mas era bar fechado?

J: Era tipo bar sabe, mas um bar assim fechado, que tem estrutura pra fazer uma balada assim.

F: Com shows, banda assim?

J: Só uma balada com DJ, tocava, mais música popular, funk, Black, música dançante.

F: E de quinta segunda você tava... ?

J: Segunda eu tava só o caco (risos) Até grávida eu ia e minha mãe mandou parar de ir, sabe, aí depois mandou parar, parei de tudo, não ia pra balada, não saía mais de casa.

F: É que daí muda a vida né?

J: É.

F: Como é que você acha... Assim, você tem suas amigas, você tem contato com elas?

J: Ó, minhas amigas até tenho, mas depois que o Bruno nasceu, sumiu...

F: É? O que você acha que mudou na sua vida assim?

J: Ah, mudou tudo.

F: É?

J: Que aí ficou tudo muito sério sabe, ficou tudo muito..., como eu vou explicar? Com muita responsabilidade, foi difícil, porque antes eu trabalhava pra mim, o dinheiro que eu ganhava era pra mim...

F: Não tinha que ajudar nada né?

J: Não tinha que ajudar nada. Agora não, se eu trabalho é tudo na mão da minha mãe.

F: Antes quando você trabalhava você ficava com todo o dinheiro?

J: Ahã.

F: Podia gastar e tal?

J: Gastava, ih... Porque era assim, foi igual..., porque eu tenho um namorado, sabe, eu falava pra ele, quando..., antes assim que me conhecia nas baladas, ele falava que eu não ligava pra ele, mas eu nem lembro dele na verdade assim... (interrupção da gravação)

FIM DO LADO A

J: ...é difícil, depois que aparece um filho na nossa vida a gente perde tudo, eu posso dizer assim, a gente ganha de um lado, mas perde muito dos outros.

F: Você ta com quantos anos?

J: Fiz dezoito ontem.

F: Ontem?

J: Foi.

F: Parabéns!

J: Brigada.

F: Eu falei com você..., não foi antes de ontem né.

J: Foi antes de ontem. Então, aí o que a acontece? Eu tive muito nova sabe, foi muito difícil.

F: Com dezessete né?

J: Foi com dezessete.

F: Muda muito a vida né?

J: Muito. Eu vejo minhas primas saindo pra balada, saindo pra barzinho, pra chácara e eu aqui dentro de casa.

F: Sua rotina. É que também tipo é difícil que sua mãe também trabalha pra ficar com ele.

J: Minha mãe não fica com ele, só pra mim ir pra escola, não deixa eu sair de balada, nem pra nada...

F: Entendi.

J: Ela é ruim... (risos)

F: Rígida. (risos)

J: Geralmente mãe fica né, quando o filho é muito novo, “ah, daí deixa que eu fico” e acaba criando o neto como um filho, mas ela não, é neto mesmo.

F: É neto mesmo.

J: Ela ruim?

F: E o que mais que mudou na sua vida assim depois? É que você amadureceu também né? Você falou que você não tem mais paciência, por exemplo, pras bagunças...

J: Não tenho. Ó pra você ter noção, minha mãe cedeu um dia pra mim, pra mim ir pro carnaval. Eu fui praquele carnaval, vendo aquele bando de gente pulando igual macaco atrás do trio elétrico, sabe, e eu fui com um bando de amiga, elas pulando, me arrastando e eu meu Deus que que é isso? (risos)

F: Lá na Avenida...?

J: No centro.

F: No centro?

J: Eu fiquei assim sabe, vendo todo mundo pular, chegava um beijava, chegava outro beijava...

F: Você já não se via mais desse jeito?

J: Não.

F: Sendo que antes você ia direto?

J: Eu fazia isso direto, mas agora... Eu sinto falta, mas agora eu não faço, mas eu sei porquê

F: Mesmo quando a sua mãe deixou, você acabou não...

J: Até saí brigada com o namorado, fui escondida dele e ele acabou me encontrando lá.

F: Os dois se encontraram?

J: Aí ele ficava de um lado me caçando e eu de outro lado caçando ele, aí...

F: Faz tempo que você namora?

J: Faz, ele ficou comigo desde os meus quatro meses de gravidez.

F: Ele não é o pai do Bruno?

J: Não, o pai do Bruno sumiu.

F: Você não tem contato?

J: Ai, nem quero.

F: E ele ta com você desde os quatro meses?

J: Desde os quatro. A gente, tipo, teve uma quedinha assim no namoro, terminou, agora ta voltando de novo, mas a gente... Eu falo que ele é meu namorado porque já é mania, sabe, de falar meu, mas a gente ta voltando de pouquinho a pouquinho agora sabe, porque ele e minha mãe não se dá bem...

F: Ah ta.

J: Minha mãe não se dá bem com ninguém.

F: (risos) E aí... Mas aí com ele você..., bom, você falou que ta voltando né, mas ele vem pra cá?

J: Então, é assim, quando eu tava grávida a eu tinha todo o tempo do mundo pra ele, a gente ficava abraçadinho, juntinho, sabe, agora que o Bruno tai...

F: O seu foco acaba sendo outro né.

J: É, o Bruno. Aí gente acaba desgastando, porque minha mãe não deixa a gente sair junto, então como é que a gente vai ter um tempo um pro outro? A gente não tem tempo um pro outro.

F: É, porque também se ele não se dá bem com a sua mãe ele não vem muito aqui.

J: Não, ele vem geralmente quando o Bruno ta na creche sabe, ele vem fica aqui comigo, aí eu tenho tempo pra ele, mas agora to cuidando de um menino, sabe, então é pouco tempo, das onze até a uma hora, aí a gente acaba meio que se distanciando.

F: Entendi. Você ta cuidando desse menino, tipo, daí também te ajuda um pouquinho?

J: É, bem pouquinho, mas ajuda.

F: Te dá um dinheirinho?

J: Ahã.

F: É poucas horas, das onze a uma?

J: É, aí ele vem, toma banho, já vem almoçado, daí desce pra ir pra escola.

F: E é pequenininho?

J: Ele tem oito anos.

F: Ah, grandinho já.

J: Ele meu primo.

F: Ah ta, seu primo, aí você...

J: Ele tem muito ciúme do meu filho...

F: Ele tem?

J: Tem, tipo ele gosta do meu filho, mas ele morre de ciúme, ele fica brincando de assustar o menino, fica fazendo careta.

F: É porque você dá atenção, tira a atenção dele e dá pro seu filho né.

J: É, aí ontem o Bruno tava chorando, e ele “pára Brunão”, sabe gritando, e eu, Gustavo não faz mais isso, eu falei séria sabe, ele ficou muito chateado, coitado.

F: Pequeninho né, fica... Então assim, na verdade, você tava falando, mudou por um lado a sua vida, mas também você já não é mais a mesma pessoa que você era.

J: Não, não sou, sou bem diferente.

F: O que hoje você..., se você tivesse possibilidade assim de..., que você gostaria assim de fazer assim de lazer, o que é uma coisa que você curte?

J: Ah, eu sei lá, eu nem sei mais... (risos) Ah, eu não sei, eu tenho Eu tenho vontade de sair assim prum clube sabe, me divertir um pouco, ir pra praia...

F: Viajar, uma coisa assim?

J: Porque pra balada mesmo eu não tenho mais disposição, tipo assim, posso até ter, mas eu tenho vergonha de chegar lá no meio e ficar dançando feito uma doida sabe.

F: Mas por você ser mãe?

J: É, eu acho que é isso, depois que o Bruno nasceu eu fiquei assim, com receio de me expor, porque eu vejo aqui na Brandina muitas mães que têm filhos, da minha idade, e fica dançando no meio da rua, eu acho que elas se expõe ao ridículo, não sei porque, porque fica estranho sabe, fica meio bizarro. Daí eu fico com medo de ficar parecendo igual elas, então eu prefiro ficar na minha pra não passar mico.

F: Entendi. Você acha que depois que ele nasceu assim muda um pouco a sua postura, como você se comporta?

J: É, eu tenho que pensar nisso, porque imagina meu filho indo pra escola com sete e eu dançando no meio da rua numa balada, daí constrangedor pra ele, tanto é que se minha mãe for comigo numa balada, eu nem ligo se ela dança ou não, pode ser que ele seja igual a mim mas...

F: E sua mãe é nova, ela sai bastante com você?

J: Minha mãe tem quarenta e cinco anos, então ela gosta mais de forró. Na época ela saía assim, ela num canto e eu pra outro, não parava muito em casa.

F: O que a sua mãe faz?

J: Minha mãe é diarista, ela trabalha cada dia numa casa.

F: Ta. E mora só vocês duas, você é filha única?

J: Sou filha única, é tão ruim... É outra coisa que eu perdi, o meu lugar, depois que o Bruno nasceu... (risos)

F: Todas as atenções também eram pra você? E agora...

J: Era tudo pra mim.

F: E agora você tem que dá...

J: Minha mãe quando ia na cidade, era uma blusa pra mim, uma sandália pra mim, era um batom, uma maquiagem pra mim, agora...

F: Aí você trabalhava também, você falou, o dinheiro era pra você...

J: Só meu. Então agora ela chega, é uma sandália pro Bruno, é uma blusinha pro Bruno, é uma chupeta pro Bruno.

F: Ah, então ela curte bastante ele.

J: Gosta, ela que sustenta ele né, mas ela é assim quer ver, como eu posso explicar? Quando ta com as amigas dela, ela fala: “ah, é meu filhinho pra cá, meu nenezinho pra lá”, mas quando meus amigos chegam aqui em casa, “seu filho ta chorando, seu filho ta cagado!” Aí é meu filho.

F: Aí você tem que se virar com ele?

J: Ahã. Ela tem muito ciúme de mim.

F: É?

J: É.

F: E até de prender um pouco assim, não deixar muito sair?

J: Acho que sim. Que nem igual, esse final de semana agora eu quero sair, não sei se ela vai ceder pra mim esse final de semana sabe...

F: Ta.

J: Sei lá, comer um lanche sabe, só pra mim sair um pouco de casa, porque eu não saio.

F: Entendi, você quer sair com seu namorado, por exemplo...

J: É, na verdade é com ele que eu quero sair, vamos ver se a minha mãe deixa, mas não sei se ela vai deixar.

F: Ta. Como é que você descreve a sua rotina assim pra mim, dia de semana? Tipo, você acorda...

J: Acordo, dou banho no Bruno, levo ele pra creche de a pé, aí eu pego e volto pra casa, aí de vez em quando eu to com muito sono eu dou uma dormidinha, porque eu não durmo a noite...

F: Ele chora a noite ainda?

J: Ah, ele é muito manhoso, ele acorda pra mamar, igual hoje, ele acordou cinco vezes, foi cinco mamadeiras, só de noite. Então aí eu pego, levo ele pra creche, chego em casa, quando dá durmo um pouquinho, aí eu pego, limpo a casa, aí ta na hora de buscar ele, eu pego, trago ele, aí termino de limpar a casa, aí eu fico cuidando dele, até a hora de eu ir pra escola...

F: E á noite você vai pra escola... Sai as onze?
J: Saio as onze.
F: E final de semana, quando você tipo não sai...
J: Quando eu não saio eu faço assim, segunda feira..., de sábado tem um lugar aqui que dá leite sabe, mas pra gente pegar o leite a gente tem que tomar um negócio chamado passe, sabe?
F: Ahã.
J: Esse negócio de espírita. Aí eu pego, acordo de manhã, tem que tá às sete horas né, mais tardar oito, aí eu pego acordo, tomo um banho, dou banho nele, aí a gente se arruma e a gente sobe lá, aí acabo dando uma volta com ele, porque de manhã é a hora mais boa de sair com ele.
F: Por causa do sol né?
J: Ahã. Aí eu pego, volto, já com o leite, dou a frutinha dele, aí fico cuidando dele o dia inteiro sabe, até a hora que ele dorme pra mim descansar um pouco, porque é..., ficar em casa, cuidando de filho dentro de casa cansa muito.
F: E não sair um pouquinho, dar uma arejada.
J: Não saio, eu to quer ver..., há dez meses nisso.
F: Depois que você teve ele, você só saiu pro carnaval?
J: Ó, no começo, minha mãe cedia um cinema, ela dava esse luxo pra mim. (risos) Mas, depois que ela começou a ficar indiferente com o meu namorado, ela não cede mais nada.
F: Mas mais por causa do namorado, você acha?
J: Eu acho que sim, mas é assim, quer ver, ela me deixava ir pro cinema, mas ficava ligando no cinema de meia em meia hora..
F: Ficava ligando?
J: Ahã. “Já acabou o filme? Seu filho ta chorando. Já acabou o filme?”
F: Entendi, aí você acaba não curtindo também?
J: Não.
F: Você gosta de cinema?
J: Gosto, era o lugar que eu mais saía assim quando o Bruno nasceu, eu ia muito pro cinema, toda semana a gente ia pro cinema, aí minha mãe cortou isso.
F: Aí não dá mais?
J: Não dá mais, agora é só..., no máximo no portão de casa.
F: E esse final de semana você ta querendo ir pra onde? Tem alguma...?
J: Não sei, quero ir comer um lanche, nem é por fome, é só por ficar num lugar diferente.
F: Ahã, sair um pouquinho.
J: A gente vai numa praça, sabe, é muito vazia a praça, mas é muito bonitinha, a gente fica lá nos brinquedos, na balança conversando sabe, depois que eu comecei a namorar com ele só tem ele na minha vida, você pode até ficar sem amigas, mas..., tipo a assim, eu vivo sem minhas amigas, mas sem ele..., se ele não vim aqui três vezes na semana eu endoido.
F: É? Que também você fica muito sozinha né, durante o dia, você não sai, você acaba ficando... E ele vem durante o dia, quando o Bruno ta na creche?
J: É, tipo assim, ontem veio um amigo meu sabe, aí assim, antes de eu ficar grávida veio um ex-namoradinho meu, aí o que aconteceu? Esse ex-namoradinho me deu um coraçãozinho sabe, escrito te adoro. Aí foi depois que eu ganhei o Bruno ele já pediu pra voltar comigo e tudo mais, mas foi o que eu falei, pra mim não vejo mais ninguém, é só ele, igual diz minha mãe, é Deus no

céu e ele na Terra. Aí depois ele chegou, eu tava me divertindo com meus amigos, conversando, mas ele chegou, eu deixei meus amigos com a minha mãe fiquei lá fora com ele, mas aí minha mãe embaça demais.

F: Ela não gosta dele?

J: Não, ela fala que gosta, mas é um gostar meio estranho o dela.

F: Não é muito... Entendi. E você falou que você pretende..., você tá querendo terminar o ensino médio agora né e você pretende..., você sabe alguma área que você goste?

J: Então depois que eu vi a terá..., fazendo terapia, eu penso em fazer isso sabe...

F: Alguma coisa ligada.

J: Ela falou pra mim que a faculdade...

F: Terapeuta ocupacional... Terapia ocupacional, será que é isso?

J: Não sei, é faculdade de terapia, se não me engano, fisioterapia.

F: Fisioterapia, ah tá.

J: Mas aí ela falou quatro anos a faculdade, pra começar a mexer com essas coisas, a atender paciente.

F: Ahã. Entendi, às vezes tem curso técnico né.

J: Eu não sabia que tinha curso técnico de terapeuta.

F: Então, eu não sei se tem de fisioterapia, eu sei que tem de bastante coisa ligada a área da saúde assim, de...

J: Porque tem radiologia, mas radiologia mexe com sangue né, estética eu não sei se mexe com sangue, mas...

F: É, teria que ver, não sei se no Bentão...

J: Acho que no SESC...

F: No SESI.

J: Não, SESI.

F: SESI, alguma coisa voltada..., você gosta dessa área de biologia?

J: Ah, então,..

F: Saúde assim.

J: Eu gosto de tudo que tem gente sabe, eu não sei porquê, se eu trabalhar de balconista num mercadinho pra mim ta bom, sabe.

F: Você é comunicativa né?

J: É, eu gosto muito de conversar.

F: Você acha que você já era assim desde pequena ou você acha que você ter participado pelo CECOIA ajudou, por exemplo, a se soltar?

J: Não, desde pequena, até a Rosângela brigava demais comigo no curso, porque tipo se ela falava alguma coisa, se eu não aceitava, eu falava não, mas por que isso?

F: Ahã.

J: Aí teve um dia que ela se injuriou comigo e falou assim : “quando a pessoa é crítica demais, ela tem que dar algum palpite pra criticar alguma coisa”, ela ficou brava comigo, porque o que eu não aceito, eu falo não é não, sabe, mas por que, tudo eu tenho que questionar.

F: Ah, não, mas isso eu acho que é positivo, é bom.

J: Mas pra ela de vez em quando irritava, sabe, eu perguntar demais

F: Tá. E você acha que isso é uma coisa sua, que não foi..., por exemplo, lá ajudou?

J: Ajudou a controlar a mais um pouco sabe.
F: A controlar?
J: É, porque eu era muito assim espontânea, eu não pensava assim pra falar, o que eu não gostava, não mas por que, por que ta sendo assim ? Não, eu não quero, eu batia o pé, o que eu queria eu não queria, aí um dia a Rosângela falou assim: “então me dá uma solução”! Então aí pior que ela me pegou... (risos)
F: (risos) Você não quer, então apresenta alguma coisa.
J: Pior que ela me pegou, depois disso eu achei melhor ficar quietinha, começar a pensar antes de eu falar.
F: Controlou um pouco (risos), ser médio crítica, não ser muito.
J: É.
F: Então agora você pretende terminar a escola...
J: A escola.
F: E aí pensar algum curso né, nessa área que você goste.
J: Ahã.
F: E trabalho você ta mandando...?
J: Então, eu não mando currículo, porque eu acho que por indicação é melhor do que por currículo entendeu? Porque como lá no meu serviço, as meninas mandavam currículo, eu colocava numa pastinha, lá ficava, meu patrão nunca via o currículo.
F: Ahã, pelo menos alguém que indique é melhor né?
J: Bem melhor. Eu queria conseguir algum serviço lá no CECOIA, mas eu não tenho..., eu tenho vergonha de ligar e pedir serviço pra eles.
F: Trabalhar lá?
J: É.
F: Porque poderia né, por exemplo, de monitora né.
J: É, ou monitora, qualquer coisa assim, secretária, sabe.
F: Puxa e eles te conhecem há tanto tempo Julia.
J: É, eu pensei em ligar pra eles e conversar, mas...
F: Ou até ir lá um dia e conversar com a Márcia, porque as vezes tem alguma..., porque eu tava vendo no site deles, uma das coisas que eles falam, é que eles acham bacana, por exemplo, empregar os próprios alunos que passaram por lá.
J: Alunos... Nossa to doidinha pra, sabe, ir atrás de um serviço lá, porque lá eles já me conhecem, apesar que eu mudei bastante, porque eu era muito..., eu era terrível quando eu estudava lá né...
F: É? Por quê?
J: Ah, eu não parava, era muito briguenta, vixi...
F: Briguenta?
J: Eu era. (risos) Aí teve uma vez que a Márcia, não sei o que Márcia pensou, eu encasquetei de dar aula de axé pra todo mundo e a Márcia falou: “não, você me apresenta o projeto, que eu deixo você dar aula de axé”, na hora que ela pediu pra apresentar um projeto, eu saí correndo... (risos)
F: Você não fez mais aula de axé? (risos)
J: Não, eu queria muito, mas sabe, fico com medo de ir lá procurar serviço sabe.
F: Fica meio com receio?

J: É, eu fico com receio. Porque a Carol, uma menina que trabalhou comigo, conseguiu serviço lá, na área de informática, mas ela é muito boa.

F: Ta. A Carol, ela participou das oficinas também?

J: Participou.

F: Então, depois eu vou pegar o...

J: Então, eu acho que você só vai conseguir falar com ela no CECOIA.

F: Ela ta trabalhando lá?

J: Ahã.

F: Ah, então, posso até tentar.

J: Eu queria muito arranjar um serviço lá, nossa senhora!

F: E ela não consegue perguntar lá pra você, pra dar uma...

J: Não sei, porque até o número do CECOIA eu esqueci né, da unidade dois.

F: Ah, tem unidade um e unidade dois.

J: Eu queria muito, muito mesmo trabalhar lá, fazer coisas assim.

F: E também tem uma vantagem né, lá você podia levar seu filho, depois que ele crescer um pouquinho.

J: Ahã.

F: Por que é a partir de quantos anos?

J: De sete.

F: Ah ta, não é tão já.

J: É, mas até lá vai ficar na creche né.

F: É, de qualquer maneira tá ficar na creche né.

J: E lá também vão entender se algum dia meu filho ficar doente, se acontecer qualquer coisa, eles vão entender.

F: Entendi, já te conhecem.

J: Porque pra mim meu primeiro foco é meu filho entendeu? Pra mim o resto não to nem aí, apesar que as vezes eu quero pensar em mim, mas não dá.

F: Mas ao mesmo tempo também até pra ajudar o seu filho, você vai precisar daqui a pouco arrumar um emprego mesmo, então pelo menos lá...

J: Eu queria muito sabe se eu arranjasse serviço no CECOIA, mas eu não sei como chegar lá e falar.

F: E qualquer coisa? Você pensa em alguma coisa específica que você gostaria de fazer ou...

J: Ó, eu vou falar pra você, eu sou uma negação em arrumar as coisas, sabe assim, faxina assim e cozinha, mas fora isso, lá no CECOIA qualquer coisa pra mim seria bom.

F: Ou monitora, ou secretária. Ah, mas você...

J: Ou abrir o portão, qualquer coisa. Foi igual o Fabiano me falou, um salário igual eu ganhava na Happy Donuts eu não vou encontrar, mas qualquer dinheirinho pra mim vai ser melhor

F: Já ajuda né, e lá é um lugar bacana né.

J: Lá é bem gostoso.

F: Então, mas você devia ligar lá, ou pelo menos, não sei nem se ligar, talvez aparecer lá, porque eles te conhecem, conversar lá com a Márcia, ir um dia lá.

J: Eu quero muito.

F: Você falou do telefone, eu acho que eu não tenho ele aqui, senão eu te passava, porque esses dias eu entrei no site e eu ainda pensei nisso, porque uma das coisas que tava escrito lá era essa de que eles davam...

J: Prioridade.

F: Prioridade pra quem tinha passado por lá, pra arrumar emprego.

J: Eu queria muito. Porque lá também eles tão colocando Aprendiz sabe, como secretária...

F: Que participaram dos cursos deles?

J: Que ta no curso.

F: Que ta no curso?

J: É. Então acho que lá vai ser meio difícil sabe.

F: Mas tem duas unidades né, tem ali do beco e agora uma outra, às vezes...

J: Em qualquer uma das duas pra mim tava bom.

F: Ah, e essa Carol, sua amiga, ela ta trabalhando na parte de informática lá?

J: É.

F: Ah, mas você devia ir lá, acho que você devia pensar mais um pouco.

J: Porque é assim, eu também gosto muito de crianças, eu não tenho muita paciência com meu filho, porque nosso filho é nosso filho, a gente faz o que a gente quiser né, mas filho dos outros a gente tem todo cuidado né. E eu até pensei numa creche, até na creche onde meu filho ta, mas lá eu fiquei com meio que receio, porque eu tava trabalhando na época que me deram a vaga e agora não to mais.

F: Ah ta, aí você chegar lá e falar que você não ta trabalhando...

J: Aí agora serviço pra mim fica meio complicado né.

F: Entendi, você vai ter que dizer que você não ta trabalhando né e ele ta lá.

J: Ah, mas eu queria muito arranjar um serviço logo, tá muito difícil. Porque assim, já que minha mãe me ajuda, se ela continuasse me ajudando, ia sobrar pelo menos uns cem reais pra mim, entendeu, pra mim, pra mim arrumar meu cabelo, comprar alguma coisa, porque eu não tenho nada, eu pego só R\$ 70,00 do Renda Mínima. Igual, hoje eu ia tirar esse dinheiro, minha comprou R\$ 55,00 em fralda, ela comprou cento e setenta e sete

F: Vai muita fralda né?

J: Vai, então aí fica difícil.

F: Você vai ter que tirar esse dinheiro e dar pra ela.

J: Vou dar o dinheiro pra ela, eu fiquei até fiquei brava, falei, ai mãe, pô, é meu aniversário, custa você deixar esse dinheiro pra mim ?

F: E esse R\$ 70,00 que você pega é do quê?

J: É do Renda Mínima, trinta e cinco pra mim e trinta e cinco pra ele.

F: Entendi. É por você ta estudando?

J: Não, é por eu...

F: Porque você não ta trabalhando.

J: É por eu ter tido filho, não ta trabalhando.

F: Ahã. Todo mês?

J: Ahã.

F: Hoje em dia é a única renda que você tem, sua?

J: É, minha.

F: E a sua mãe que te ajuda.

J: É. Às vezes assim, quer ver meu pai mesmo, ele perguntou quanto que foi todas as fraldas, (), minha mãe, “deixa quieto”, porque se fosse mais barato até ele ele dava o dinheiro pra pagar as fraldas.

F: Você tem contato com ele?

J: Tenho.

F: Seus pais são separados?

J: São, mas ele vem aqui direto, ele mora aqui mesmo na Vila Brandina

F: Ah é?

J: Eu até pra conseguir dinheiro..., eu computador pifou, vendi todas as peças do meu computador, eu ainda tenho o mouse, o teclado e as caixas de som, porque se alguém quiser comprar por R\$ 30,00 eu vendo tudo.

F: Você vendeu porque tava pifado?

J: Foi e também por causa de dinheiro, meu namorado falou: “deixa aí, quando você tiver com computador e pifar alguma coisa, pelo menos você tem as peças né”.

F: É.

J: Ah, mas eu não quis nem pensar nisso.

F: Vendeu?

J: Vou vender meu computador, porque eu to precisando de dinheiro.

F: Entendi.É, mas aí quem sabe agora que você conseguiu a creche, fica mais fácil também de você conseguir.... Deixa eu te perguntar, ta acabando viu Júlia, a sua mãe você falou que ela é diarista...

J: É diarista.

F: E ela é de Campinas?

J: Ela é de Campinas.

F: Nasceu aqui mesmo?

J: Nasceu aqui mesmo.

F: Vocês sempre moraram aqui na Vila Brandina?

J: Foi, pelo menos comigo foi.

F: Ta. E você sabe até que série que ela estudou?

J: Até a quarta.

F: Até a quarta. Ela não trabalha registrado, ela trabalha...

J: Ela trabalha registrado de segunda e sexta.

F: É registrado?

J: É.

F: E o restante dos dias é...

J: Segunda e sexta.

F: Só em casas, mesmo registrada é em casa?

J: Não, ela trabalha num escritório.

F: Num escritório. E seu pai também nasceu em Campinas?

J: Não, meu pai nasceu no Paraná.

F: Paraná? Mas veio pra cá...

J: Veio com a família toda.

F: E o que ele faz?

J: Pintor.

F: Pintor. Também é autônomo?

J: É.

F: Entendi.

J: É bem mais fácil né nessa área, porque se for trabalhar tipo por empresa ganha bem menos.

F: Ganha bem menos, consegue bem mais... Ai Julia, eu acho que é isso, você já falou o que você pretende fazer, das oficinas lá, eu acho que é isso... Olha te agradeço muito, viu, por ter dado a entrevista... (Interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

2.5 – Entrevista com Ana Carolina. Realizada dia 08/04/2009 no CECOIA

Legenda:

C: Carol

F: Fernanda

F: É, eu vou começar Carol, então eu já te expliquei mais ou menos né, qual que é a idéia do trabalho.

C: Sim

F: Aí eu queria começar te perguntando, você nasceu aqui em Campinas mesmo?

C: Nasci.

F: Aqui em Sousas não? Em Campinas?

C: Sousas

F: Sousas. E sempre morou aqui?

C: Sempre morei aqui.

F: É... agora que você falou que você mudou né?

C: É eu mudei no final do ano passado, pro centro de Campinas mas...

F: Ta

C: To sempre por aqui.

F: Ta, você ta morando lá no Centro.

C: Isso.

F: Então você nasceu e desde pequeninha ficou aqui em Sousas.

C: Aqui em Sousas.

F: E como é que você chegou a conhecer o CECOIA, como é que você veio pra cá? Você lembra?

C: As crianças do CECOIA é normal entrar com se... sete oito anos, ficar até os dezessete, o que aconteceu com as minhas irmãs, eu entrei no CECOIA um pouco velha, eu tinha uns quinze anos, foi na época do projeto...

F: Tá.

C: Conheci porque as minhas irmãs já estavam aqui, minha mãe trabalha aqui.

F: Tá. As suas irmãs vieram desde pequenas?

C: Desde pequenas, eu entrei depois delas e eu sou a mais velha ainda.

F: Ah ta. Mas elas..., você ficou conhecendo através delas, elas vieram...

C: Isso.

F: E você não lembra porque você não veio antes assim? Por exemplo, com sete anos..., ? Porque é bem antiga a instituição, né?

C: É bem antiga. Eu não lembro, eu lembro que a minha mãe já trabalhava aqui, aí começou a ter mais..., os projetos pra jovens, mais da minha idade, por isso que eu entrei, acho que antes não tinha, era só sócio educativo, atividades pras crianças.

F: Ta. Aí foi quando a sua mãe já estava trabalhando..., e a sua mãe faz tempo quem trabalha aqui?

C: Faz, faz tempo.

F: Eu também não, não lembrava dela. E aí você veio então com quinze anos na época do projeto?

C: Isso.

F: É, do Centro de Memória e do Alvo?

C: Do Centro de Memória e do Alvo.

F: Tá, você frequentou os dois?

C: Os dois.

F: E como é que foi, como é que era o Alvo assim, como é que era esse projeto, o que vocês faziam?

C: O projeto Alvo... (pausa), como é que eu posso falar, era um curso de formação profissional. No meu caso, no caso do CECOIA era direcionado pra clubes ou associações essas coisas. No projeto Alvo eu consegui o meu primeiro emprego, foi na Hípica, dentro do projeto mesmo. Aí foi abrindo portas, da Hípica, acabou meu contrato eu entrei no CECOIA, trabalhei aqui no CECOIA como professora de informática e do CECOIA eu to trabalhando no Notre Dame, que também tem uma parceria.

F: Tá. Então deixa, vamos..., como eu to fazendo por temas, então vamos pegar, você começou a falar de trabalho né, que foi seu primeiro emprego.

C: Sim.

F: Você foi fazer estágio na Hípica?

C: Sim

F: E o que que você fazia lá, qual que era ...

C: Era Aprendiz do projeto na parte de secretaria, trabalhei com atendimento, parte de secretaria mesmo.

F: Vocês mudavam de setor, não é?

C: Mudava.

F: Ficava um tempinho em cada setor, era isso?

C: Isso.

F: Tá. E antes de trabalhar na Hípica, você tinha trabalhado em algum lugar Carol, não?

C: Não.

F: Foi o primeiro emprego?

C: Foi o primeiro emprego.

F: Nem assim, tipo, ajudando sua mãe com alguma coisa assim, só em casa assim?

C: Só em casa.

F: Foi o primeiro mesmo?

C: Foi o primeiro.

F: E aí você conseguiu através do CECOIA e começou a trabalhar. E quanto tempo você ficou?

C: Um ano e meio.

F: Um ano e meio. E você era registrada lá?

C: Era.

F: E você recebia uma..., como se fosse uma bolsa assim, era um...

C: Era, era um salário mesmo.

F: Um salário mínimo?

C: Isso.

F: Tá. Aí você..., e por que você saiu, como é que foi que você saiu de lá?

C: É que eu, lá..., como o curso, o curso tem duração de dois anos, o contrato de Aprendiz também tem um tempo. Como eu entrei seis meses depois que começou o curso, meu contrato era de um ano e meio, acabou o prazo do contrato, tinha que dar oportunidades pros jovens que estavam entrando no curso.

F: Entendi. A idéia era mesmo um estágio né assim...passar por...

C: Um estágio

F: á. E aí depois de lá é do, da hípica você veio trabalhar aqui?

C: Vim trabalhar aqui no CECOIA.

F: É, e o que que você fazia?

C: Eu era professora de informática.

F: Ta, a Júlia que me falou de você e aí ela que me falou... ela achou que você estava trabalhando aqui ainda,ela falou, ah a Carol trabalha lá ainda..., você era monitora?

C: Professora.

F: Professora de informática?

C: Professora.

F: E como é que foi isso? Foi uma vaga que surgiu, como é que foi que..., você ficou um tempo sem trabalhar ?

C: Fiquei.

F: É? Quanto tempo?

C: Seis meses.

F: Da Hípica até vir pra cá?

C: Da Hípica até vir pra cá.

F: E aí surgiu a vaga...

C: Surgiu a vaga, eu fui indicada, a Márcia já conheci, então...

F: Já conhecia seu trabalho. E você já tinha feito curso de informática?

C: Já.

F: Então você já sabia bem assim?

C: Sabia.

F: Curso fora daqui?

C: Curso fora daqui.

F: Ah tá. E quanto tempo você ficou aqui, como...

C: Seis meses.

F: Seis meses também. E aí você trabalhava com as crianças e os adolescentes daqui?

C: Com as crianças e os adolescentes daqui. Tem... aqui no CECOIA tem também..., é aberto pra comunidade, aí eu trabalhava com a comunidade também.

F: Você também dava aula pra comunidade?

C: Também

F: E aí você ficou seis meses, e por que também que você...

C: É que assim, trabalhar aqui no CECOIA foi mais uma oportunidade que a Márcia me deu, porque informática, eu gosto de informática, faço vários cursos nessa área, só que como eu terminei o colegial eu quero fazer faculdade de administração de empresas e essa vaga que me ofereceram no Notre Dame é mais próximo a essa área.

F: Ah, entendi. E aí a vaga te ofereceram enquanto você estava aqui?
C: Enquanto eu estava aqui.
F: Surgiu... é? E o que que você faz lá?
C: Sou secretária, da secretaria extra-curricular.
F: Ta. E aí, daí daqui você saiu e aí você não ficou..., você foi direto, daqui você já foi direto pra lá?
C: Fui direto.
F: Então esse é o terceiro emprego, no Notre Dame?
C: Terceiro.
F: E você gosta de lá?
C: Gosto.
F: É? Tem haver com o que você quer fazer.
C: Tem haver com o que eu quero fazer, não muito ainda, mas está bem próximo da área de administração.
F: Entendi, e você, aqui você era registrada ou não?
C: Era.
F: Também era registrada, e lá também?
C: Lá também.
F: E você terminou o ensino médio já?
C: Terminei. Em 2007.
F: Ah já faz , já tem um tempinho, achei que você estava fazendo ainda.
C: Terminei.
F: Tá. E você pretende fazer faculdade de administração?
C: Isso
F: Você está fazendo algum cursinho, alguma coisa?
C: Não. No momento não, pretendo começar pra prestar o vestibular pro ano que vem.
F: Tá. E tem idéia da onde fazer?
C: Na Pucc
F: Na Pucc? Ai que legal. E você falou que fez vários..., você continua fazendo curso de informática?
C: Continuo. Até... é que o curso que estou fazendo agora é Web designer, aí começou, posso dizer que começou lá na oficina esse curso, o interesse por esse curso.
F: Na oficina que você fazia aqui, do Centro de Memória?
C: Da oficina que eu fazia aqui.
F: Tá. Ai, que legal.
C: Porque junto com a oficina, a gente trabalhava com fotos, a gente acabava indo pro..., o que a gente aprendia no curso a gente colocava no nosso jornal, o Antena Jovem do CECOIA, pra isso a gente tinha aula de Corel Draw, com a Daniela, que era voluntária tudo. Aí só que a aula que ela dava aqui era meio, bem básica mesmo, eu quis me aprofundar em corel draw, aí hoje eu comecei esse curso, gosto, já fiz photoshop, corel draw, esses programas então...
F: Legal. E você acha que começou a sua vontade nas oficinas?
C: Nas oficinas.

F: Então já que você ta falando delas, é, qual a que você..., você participou de todas? Jornalismo, que é do... Antena Jovem...

C: Jornalismo.

F: História Oral

C: História Oral

F: É, teve uma não sei se você participou que era de orientação vocacional?

C: Participei.

F: Com o Jaime?

C: Com o Jaime

F: Ta, deixa eu ver que mais... Acho que você participou de praticamente todas.

C: Participei de todas, da de fotografia...

F: A de fotografia, que vocês saíram fotografando o Distrito, né, de Sousas. E como é que era, o que você achava das oficinas, como é que foi ter participado?

C: Eu achava super legal, porque naquela época, cabeça de adolescente, a Luciana anunciou, vai ter uma oficina tudo. A gente já imaginava, nossa oficina, ficar sentada, ouvindo alguém falar, aí quando a gente viu que era tão dinâmico assim, tão legal, aí foi muito bom.

F: Você associava a oficina a uma aula?

C: A uma aula.

F: Entendi. E aí acabou surpreendendo pela dinâmica que tinha.

C: Isso

F: Pensando na oficina do Jaime, não sei se você lembra?

C: Lembro.

F: Como é que era, o que vocês faziam assim, como é que era o processo assim, você lembra mais ou menos?

C: Não lembro, eu lembro de um teste vocacional que ele fez com a gente, eu lembro que a gente fazia pesquisas.

F: Esse teste vocacional pra saber qual área mais ou menos vocês...

C: Qual área.

F: É? E qual que saiu a sua?

C: Saiu na época área artística.

F: De artes. Bom, aí tinham essas de orientação, de jornalismo... E pensando, assim, você falou pra mim que surpreendeu, que foi algo dinâmico. Pensando, o que que você acha que essas oficinas trouxeram pra você de bom assim, que que você tira de positivo delas, de ter participado?

C: Muito conhecimento, (pausa), experiência nessa área.

F: Conhecimento é..., por exemplo nas questões de informática..., esse conhecimento assim, conhecimento de conhecer o bairro, por exemplo...?

C: É, os dois, no caso, eu conheci mais Sousas com as aulas de História oral, aprendi mexer numa câmera fotográfica, aprendi tirar fotos, aquela questão de luz e sombra. Sobre o jornalismo também aprendi a fazer entrevistas, essas coisas.

F: Tá. Na questão do trabalho você acha que te ajudou?

C: Ajudou

F: É? Como que você pensa assim, por exemplo, você usa o diploma que você... vocês ganharam um diplominha né?

C: Ganhamos.

F: Você usa o diploma, ou você acha que o conhecimento que você adquiriu, o que que você acha que te ajudou mais pra você... pra conseguir um trabalho?

C: Eu uso o diploma, tá no meu currículo.

F: Você acha que ajuda isso?

C: Ajuda, as oficinas tá lá no meu currículo. Aqui no CECOIA quando eu trabalhei aqui eu usava muito é..., conhecimento com fotografia, jornalismo, lá no Notre Dame também eu uso bastante os programas Corel Draw, Photoshop.

F: Tá. Na verdade foi algo específico, pra você ajudou bastante.

C: Ajudou bastante

F: Tá. E o Alvo que você participou, como é que..., vocês tinham também..., eram aulas bem específicas né?

C: Eram.

F: Todas as aulas eram voltadas pra questões de clube, ou não, eram coisas mais gerais assim?

C: Eram coisas gerais que direcionava pra clube.

F: Você falou que aqui no CECOIA foi voltado pra clube, dependia das ONGs? Eram...

C: É, tem ONGs que trabalham com cursos voltados pra empresas. Que nem, agora tem um curso novo no Alvo, um... tem dois, de segunda-feira tem o pessoal que faz pra clubes e de quinta-feira tem o pessoal que faz pra atendimento e recepção.

F: Ta, no mesmo projeto Alvo?

C: No mesmo projeto Alvo.

F: Continua aqui?

C: Não, é tão... eles estão na unidade dois.

F: A ta, mais no CECOIA?

C: No CECOIA.

F: Ta, entendi. E você acha que as oficinas do Centro de Memória, você falou como ajudaram né? E ter participado também do Alvo, também você acha que te ajudou?

C: Ajudou, abriu as portas.

F: Praticamente todas as entrevistas que você conseguiu mais ou menos saindo disso, né?

C: Saindo disso.

F: Quando você vinha, quando você começou a vir no CECOIA, você gostava daqui? Como é que foi o começo?

C: Ah no começo, um pouco por ser novo assim pra mim eu gostava, mas chegava uma hora que começava a encher, porque adolescente não tinha como segurar.

F: Aquela coisa que você falou um pouco de falta de dinâmica assim?

C: Isso.

F: Das aulas.

C: Aí quando tinha oficinas, que nem essas que teve, era bom, animava um pouco.

F: E normalmente era o que? Assim a rotina, o que que mais ou menos vocês faziam sempre assim, antes do Alvo por exemplo, antes do Centro de Memória?

C: Trabalhos do sócio educativo mesmo, mais, por exemplo, ficar dentro da sala de aula, escrevendo, sala de aula não, dentro da sala.

F: Coisas voltadas às disciplina da escola?

C: Não.

F: Não. Você lembra de alguma, assim, pra dar um exemplo? Por exemplo vamos pensar, tentar lembrar um pouquinho a sua rotina, você chegava aqui, você estudava de manhã?

C: Estudava à tarde.

F: À tarde. Então você vinha de manhã pra cá.

C: Vinha.

F: Aí vocês chegavam, primeira coisa que vocês faziam, assim?

C: Ir para o refeitório e tomar café.

F: Tá. Tomava café da manhã

C: Voltava do refeitório, quem tinha lição da escola, trabalho da escola pra fazer, tinha um tempo pra fazer. É...,aí...

F: Vocês ficavam soltos assim, tipo cada um numa sala,não tinha... fazendo as lições assim, ou tinha uma monitora que...?

C: Não, cada..., cada turma ficava na sua sala com a monitora.

F: Aí fazendo as lições.

C: Aí era dividido por dia da semana. Cada dia ou horário uma turma usava a sala de vídeo, ou a brinquedoteca, que pra nós adolescentes não tinha muito...

F: Não era muito bacana.

C: A biblioteca... A gente uma vez na semana tinha atividade fora, que era ir no clubinho, ou passear em Sousas. Fora isso era..., ouvir música, fazer trabalhos..., ah eu não sei o nome...

F: Tipo, como..., que traba... assim como que era o trabalho? Não precisa falar o nome certo assim da oficina, só pra eu ter... Porque assim, quando eu pergunto mais ou menos todo mundo fala isso pra mim assim, ah..., a gente... Aí a idéia que eu tinha era que vocês ficavam, por exemplo, sei la, fazendo reforço escolar, não era isso.

C: Não, só quem precisasse.

F: Só quem tinha é... sei lá, tinha..., por que quando tinha oficinas diferentes ai mudava um pouco o tema.

C: Isso.

F: Mas no dia a dia a hora passava mais ou menos assim, então um dia vocês iam pra assistir um vídeo. E aí vocês tinham alguma discussão sobre o vídeo depois, não? Eram vídeos específicos?

C: Às vezes, às vezes sim.

F: Com a monitora?

C: Às vezes eram vídeos específicos do trabalho da monitora, às vezes era um vídeo livre, que a gente escolhia, alguém trazia de casa.

F: Entendi. O clube é um clube daqui do bairro?

C: Do bairro não, é em Sousas, fica na entrada de Sousas.

F: Tá. Um clube mesmo assim, tipo com piscina, quadras assim?

C: Ah, você fala o que a gente ia?

F: É.

C: O clubinho de Sousas.

F: É. E vocês iam mesmo pra ficar tranqüilo, assim pra...

C: Pra ficar lá, os meninos jogavam bola, as meninas ficavam num canto conversando.

F: Tá.

C: Era mais ou menos o que acontecia aqui, os meninos iam pra quadra jogar bola, as meninas ficavam num grupinho ouvindo música, outro grupinho conversando, quando não tinha atividade, que eram essas...

F: Tá. Essas de assistir filme.

C: Assistir filme.

F: Vocês faziam algum trabalho fora, social, assim sei lá, por exemplo, não sei, ajudar alguma coisa, na comunidade, tinha alguma coisa assim, não?

C: Não.

F: Isso não.

C: O que tinha eram cursos, o CECOIA consegui..., conseguia parceria com outros lugares, que nem o Educandário Eurípedes, eu cheguei a fazer um curso de auxiliar administrativo lá.

F: Tá. Então isso também era uma outra atividade que vocês faziam dentro desse horário.

C: Dentro desse horário.

F: Então, na verdade era mais quando surgia alguma coisa, o normal mesmo era vocês ficarem tranqüilos aqui?

C: Isso, tranqüilos aqui.

F: Conversando, ouvindo música, assistindo vídeo.

C: Isso, fazendo trabalho de reflexão.

F: Ah então é, tá. E como que era isso assim? O que que vocês...

C: Podia ter de um filme que a gente assistia, de uma música que a gente ouvia, algum texto, algum tema que a monitora trabalhava com a gente, a gente refletia, discutia, fazia trabalhos com colagem, escrita.

F: Entendi. Todo dia tinha alguma coisa assim que ela trazia pra vocês? Ela trazia um tema, ou, por exemplo, uma noticia que tinha acontecido...alguma coisa assim?

C: Isso, coisa assim. É, praticamente todos os dias.

F: Entendi. E aí o que saía um pouco dessa rotina assim diária era quando aparecia alguma atividade nova.

C: É, quando aparecia.

F: Tá. Você fez esse curso que você falou de auxiliar administrativo.

C: Sim.

F: Você lembra de mais algum, dessas parcerias?

C: É, o primeiro curso de informática que eu fiz foi lá também no Educandário, é pelo CECOIA.

F: Você ia lá fazer?

C: Ia pra lá fazer, o CECOIA dava passagem tudo.

F: Huhum. E aí depois..., você também não ficou muito tempo né?

C: Não

F: Porque você entrou com quinze anos, aí você ficou..., logo que você entrou já tinha começado o Alvo, você falou que você entrou fazia seis meses que já tinha começado.

C: Isso, não.

F: Não?

C: Eu entrei no Alvo bem no começo, eu comecei a trabalhar com seis meses de curso.
F: Ah tá, entendi. Mas logo que você entrou já começaram esses cursos, porque com quantos anos você entrou pra trabalhar na Hípica?
C: Quando eu ia fazer dezesseis.
F: Tá. Então é, então ficou na verdade, antes do curso do Alvo, pouco tempo fora das oficinas.
C: Pouco tempo.
F: E o Alvo era um dia por semana?
C: Um dia por semana.
F: E aí nos outros dias vocês tinham as oficinas do Centro de Memória?
C: Isso.
F: Então acabou dando uma mexida né?
C: Mexeu.
F: Perto da rotina que vocês estavam tendo até então.
C: É, tipo motivava mais vir no CECOIA.
F: Você gostava mais?
C: Eu gostava mais.
F: Ta. E você estudava aqui no Thomas Alves?
C: No Thomas Alves.
F: Você estudou sempre?
C: Até a oitava série, o ensino médio eu fiz em Sousas mesmo, só que no Bairro Joaquim Egídio.
F: Ta, Tem colégio... tem escola de ensino médio lá, em Joaquim?
C: Tem.
F: Eu não sabia, achei que só tivesse EMEI lá.
C: EMEI tem, é tem a creche, que é do lado da escola.
F: Ah eu não conheço a escola lá. E, como é que era aqui, estudar aqui? Mudando um pouquinho, eu vou fazendo... são vários temas tá? Das minhas perguntas, assim, a escola, trabalho, o CECOIA, lazer então eu vou aproveitando os ganchinhos que você vai me dando e... Como é que era aqui, você gostava da escola?
C: Do Thomas Alves?
F: Do Thomas Alves.
C: (pausa) Assim, da estrutura assim da escola..., ah eu gostava de estudar tudo, mas ah..., podia ser melhor.
F: Tá. Não, eu to... eu vi você parou... Porque todos que eu entrevistei que eram os mais ou menos da sua época, o Fernando, o Anderson a Magali, todos eu pergunto da escola assim, eles falam, eu gostava de estudar, mas a escola em si não era..., era muita bagunça...
C: Muita bagunça.
F: É isso né?
C: Tanto que eu, nossa foi um impacto a diferença do Thomas Alves pra Francisco Barreto Leme.
F: Que é esse que você foi no ensino médio?
C: É. Em Joaquim.
F: Que que mudou? Como é que é, assim, os professores eram bons, ou não, como é que era a dinâmica?

C: Então, tinha professor que conseguia..., como é que eu posso dizer, que conseguia o respeito dos alunos.

F: Tá.

C: Conseguia dar aula, conseguia ensinar, mas tinha professores, que era a maioria, que pra eles tanto faz como tanto fez, se o aluno fez a lição ou não.

F: Se não tava interessado também.

C: É.

F: E aí é assim, então você não acha que foi uma boa escola que você estudou?

C: Não.

F: Da primeira até a oitava?

C: Não, eu acho que não. Até a quarta série foi, o ensino primário, uma escola muito boa assim, eu gostei, mas quando eu fui pro ensino fundamental dois, não.

F: Já não... E você acha que isso te prejudicou?

C: Eu acho que sim, prejudicou.

F: Por quê?

C: Por que eu entrei na escola em Joaquim onde... Lá ainda tem esse problema com os professores, só que a maioria..., aí já é com a minoria, lá em Joaquim já foi com a minoria dos professores, a maioria conseguia dar a sua aula. Porque toda escola tem lá o aluno bagunceiro essas coisas mais, lá não era tão...

F: E além da bagunça, você acha que as aulas eram mais motivantes? Você gostava?

C: Eram mais motivantes, tanto que eu entrei no colegial com matérias..., os professores escreviam matérias de oitava série, que os alunos que já eram de lá, tudo bem, mas pra mim era coisa... era novo, faltou isso pra mim no Thomas Alves.

F: Entendi. Dava até dificuldade porque você não teve a base que eles tinham tido lá, por exemplo.

C: Isso. E também, quando eu terminei o ensino médio, eu prestei alguns vestibulares, aí eu senti a falta que fez.

F: Tá. Você prestou, é... pra colégio técnico, ou pra faculdade mesmo?

C: Pra faculdade mesmo.

F: É? O que que você prestou quando você terminou?

C: Administração de Empresas.

F: Na PUCC?

C: Na PUCC eu não tinha prestado ainda, prestei na Metrocamp e na Unip.

F: Tá. E você sentiu que faltava...

C: Senti.

F: Mesmo sendo melhor a escola?

C: Mesmo a escola sendo melhor.

F: E você acha que de alguma maneira, essa escola que você estudou depois no ensino médio, te ajudou, te preparou, por exemplo, pra... pro trabalho?

C: Ah preparou.

F: Você acha que sim?

C: Sim

F: Comparando com o CECOIA, com o trabalho que você fazia aqui, com as coisas que você participou aqui. O que que você acha que te ajudou mais a conseguir o emprego?

C: O CECOIA.

F: O CECOIA né? Mas assim, você acha que ter mudado da escola, ela ter sido melhor, te ajudou, re ajuda até hoje um pouco no trabalho essas coisas que você...?

C: Eu mudei pra Joaquim por causa do CECOIA, do projeto Alvo mesmo. Porque pra estar matriculada no projeto Alvo tem estar cursando o ensino médio no período noturno. E o Thomas Alves à noite não tinha condições.

F: Entendi. Já era ruim de manhã.

C: É, à noite então... Por isso que eu fui pra lá estudar a noite, mais perto de casa, tudo.

F: Você morava mais indo pra Joaquim.

C: Mais pra Joaquim.

F: Entendi. Bom, é... deixa eu ver aqui... que que... Sobre a escola... E aí, bom, você mudou, seus amigos mudaram juntos ou não, porque a maioria estudava aqui né?

C: Eu não lembro..., alguns mudaram, alguns continuaram no Thomas Alves.

F: Tá. E aí você acabou tendo que também fazer novos amigos...

C: É.

F: E Carol, me fala uma coisa, como é que..., o que que você..., quando você morava aqui em Sousas e agora o que que você faz aos finais de semana, seu lazer, quando você não está trabalhando, não está fazendo curso?

C: É vir pra Sousas reencontrar os amigos.

F: Tá. O que que vocês fazem aqui quando você vem?

C: A gente faz caminhada fim de semana, lá pra Joaquim Egídio, nas linhas tudo.

F: Durante o dia assim.

C: Durante o dia, a gente..., tem lanchonetes em Sousas, a gente vai também.

F: Então você sai de Campinas e vem pra cá final de semana?

C: É, porque minha avó mora aqui ainda então...

F: Você fica na casa dela?

C: Fico na casa dela.

F: E você encontra todas as suas amigas aqui, todo o pessoal?

C: Encontro.

F: É o pessoal que fez as oficinas com você, não?

C: Não, pessoal da escola, que eu conheci na escola.

F: Tá. Então vocês vão pra lanchonete, as caminhadas, você gosta daqui?

C: Gosto.

F: Você gosta de Sousas?

C: Gosto.

F: Você sentiu ter que ter mudado pra Campinas?

C: Senti

F: Você gostava mais daqui.

C: Gostava mais daqui, a casa lá é melhor, mas o bairro assim, amigos, daqui era melhor.

F: É você gostava mais. Você sente falta daqui?

C: Sinto.

F: Que mais assim, você costuma a sair pra boate essas coisas não, mais barzinho?
C: Às vezes, eu não sou muito chegada, mas às vezes eu vou com o pessoal, conversar.
F: Cinema?
C: Cinema também, passear, só passear e tomar um sorvete no shopping.
F: Também já é bacana.
C: Também já é bacana.
F: Tá. Deixa eu te perguntar um pouquinho assim, a sua rotina, hoje. Você acorda, como é que é assim, você vai para o trabalho que horas? Aí como é que...
C: Eu acordo, entro oito horas no trabalho, eu saio às seis horas, seis horas eu saio, participo de é um curso, hum..., como eu posso falar? É um curso assim oferecido pela igreja, durante a semana.
F: De segunda a sexta não?
C: De segunda à sexta, mas não é todo dia que eu vou.
F: Mas é um curso de religião assim, ou voltado pra alguma coisa...?
C: É, de religião que volta pro mundo assim.
F: Tá. Reflexões.
C: Reflexões.
F: Todo dia você faz?
C: Quase todo dia.
F: É, que igreja você é?
C: Igreja de Jesus Cristo do Santo dos últimos dias, é mais conhecida como Igreja dos Mórmons.
F: A tá, eu conheço também melhor assim. Aí você faz isso, e aí lá em Campinas ou é por aqui?
C: Por aqui em Sousas.
F: Por aqui em Sousas.
C: Aqui em Sousas.
F: Depois você volta pra casa.
C: Volto.
F: Aí você chega que horas em casa, chega tarde?
C: Ah, nove horas, por aí.
F: Da tempo só de jantar também, e já dormir pra trabalhar.
C: É.
F: E final de semana, todo final de semana você vem pra cá?
C: Quase todos.
F: Entendi. E com relação... é..., queria te fazer algumas perguntas bem específicas, mas aí você me fala como você quiser assim, né? O que que é o trabalho pra você? Se fosse me dizer assim com poucas palavras, qual o significado que ele tem pra você assim? O que que você..., antes de trabalhar o que que você pensava, o que que você pensa hoje?
C: Responsabilidade.
F: Você gosta?
C: Gosto.
F: Além de responsabilidade, você gosta do que você faz assim?
C: Gosto, traz mais liberdade.
F: Em termos financeiros, por exemplo.
C: Em termos financeiros.

F: Entendi, não precisa pedir dinheiro, pode fazer suas coisas.
C: É.
F: Tem uma grande diferença, né?
C: Tem.
F: EIsso você acha uma das coisas mais importantes que mudou desde quando você começou a trabalhar até hoje? Porque praticamente você parou pouquinho tempo né?
C: É, pouco tempo. Ah, é diferente.
F: Você se vê não trabalhando?
C: Não (risos)
F: Não consegue se imaginar o dia todo assim sem ter uma...
C: É, o dia..., Não, eu não consigo.
F: Tá. E o que que é o CECOIA, o que que foi o CECOIA pra você, pra sua vida assim, o que que ele...?
C: Ah, foi o começo assim do que eu tenho agora. Foi por onde eu consegui meu primeiro emprego, comecei a fazer os cursos, me interessei mais pelo estudo.
F: E também te trouxe isso, se interessar mais pelo estudo?
C: Também.
F: Mas, e quando você estudava antes de vir, você estava meio desanimada, com é que era?
C: Não, é que a escola pra mim é assim, pra passar eu preciso tirar seis, então se eu conseguir seis tá ótimo.
F: Entendi. Isso ante de você vir pra cá?
C: É.
F: Depois mudou um pouco isso?
C: Depois mudou.
F: Então talvez também de ter saído da escola e ter ido pra uma outra que você gostava mais.
C: É também, ahan.
F: Te trouxe mais é... von... mais gosto pelo estudo mais...
C: Mais gosto.
F: Gostar das matérias?
C: Isso.
F: E como é que surgiu essa coisa Administração, você sempre gostou? Porque você vai prestar administração né?
C: Ahan.
F: Você sempre gostou de fazer, de trabalhar com... como é que...?
C: É eu sempre gostei assim desde.... Eu percebi isso quando eu comecei a trabalhar, eu gostava mais de trabalhar na área administrativa, de secretaria, essas coisas, aí eu fui, eu pesquisei, fiz testes vocacionais.
F: E a informática aí, tipo você não pensa em fazer alguma coisa ligada a isso?
C: Informática... então...
F: É uma coisa que você gosta bastante, né?
C: Eu gosto bastante. Hum..., informática eu tenho mais assim como..., como eu posso dizer? Como um hobby?
F: Ou algo que você..., uma ferramenta que você vai usar no seu trabalho?

C: É, também.

F: Mas não específico.

C: Não específico. Mas eu posso até trabalhar se precisar assim na área de informática, como eu já fui chamada também.

F: Entendi. E você pretende então agora continuar no Notre Dame e... (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

C: ...É que o ano passado eu tentei, mas não teve no meio do ano.

F: No meio do ano, tá, só no final. Ah mais vai dar, vai dar tudo certo você vai ver. Ó, a gente já esta acabando eu sei que você tem horário. É..., só um pouquinho da sua família, você falou que você tem duas irmãs?

C: Sim

F: Mais novas que você, você é a mais velha?

C: Mais novas, eu sou a mais velha.

F: São só vocês três?

C: Só nós três.

F: E aí mora você..., moram vocês três, sua mãe...

C: E meu pai.

F: E seu pai, é. E sua mãe trabalha aqui, na unidade dois ou na...

C: Nas duas.

F: Nas duas.

C: Hoje ela tá aqui, amanhã acho que ela,... não amanhã o CECOIA não abre, mas ela divide os dias.

F: Tá, e ela... o que que ela faz aqui?

C: Ela é captadora de recursos, ela trabalha no bazar e trabalha..., vai atrás de doações, recursos pro CECOIA.

F: Entendi, que legal. E ela faz tempo que ela está aqui? Você falou que você não lembrava muito...

C: Faz.

F: Você era pequena?

C: Não, um pouco antes de eu entrar no CECOIA.

F: Um pouco antes. Então, suas irmãs vieram e ela não trabalhava aqui ainda?

C: Não.

F: Ah, você lembra como que elas ficaram sabendo assim? Porque foi logo depois né que ela veio, sua mãe veio trabalhar aqui, suas irmãs vieram, depois sua mãe veio.

C: Isso. É... a minha irmã que faz dezessete anos hoje, a Luiza, entrou primeiro, acho que... acho que ela ficou sabendo..., minha mãe ficou sabendo na escola que tinha uma ONG... Como ela era..., a pequena ficava na creche o dia todo, ela, pra não ficar assim em casa sem não fazer nada, enquanto não estava estudando, minha mãe pôs ela aqui. Ela participava das atividades, aí a minha mãe também tem esse..., é um projeto de voluntários aqui no CECOIA, ela tava sempre ajudando, até que surgiu uma oportunidade, na época, para ela trabalhar na cozinha. Aí a Elenira, na época assistente social do CECOIA, lembrou da minha mãe, chamou ela, perguntou se ela estava interessada, foi aí que ela começou a trabalhar aqui.

F: E ela trabalhava antes em algum outro lugar?

C: Trabalhava como doméstica.
F: Tá. E fazendo algum trabalho social aqui?
C: Isso.
F: Entendi, e aí ela foi chamada... E a sua irmã, então, que tem dezessete anos entrou, ela tinha, o que uns..., uns quatorze? Porque a época que eu lembrou das oficinas foi 2005.
C: 2005.
F: É, que foi do Centro de Memória, então eu imagino que você tenha entrado...
C: Eu tenho dezenove.
F: É você entrou com quinze, faz uns quatro anos, né?
C: Faz.
F: Ta, elas também não tinham..., eu achei que elas fossem menorzinhas até.
C: Eram.
F: Eram adolescentes, quatorze.... treze, quatorze anos... por aí. E a sua mãe é..., daí ela trabalhou na cozinha, depois já foi trabalhar como captadora de recursos.
C: Isso.
F: E ela também é registrada aqui?
C: Registrada.
F: É, e seu pai, o que que ele faz?
C: Ele é metalúrgico.
F: Ta, trabalha qual...
C: Na Bosch
F: Na Bosch? E até que série seus pais estudaram você sabe?
C: A minha mãe até a sexta série, ela tá fazendo supletivo agora.
F: Ai que legal, tá terminando?
C: Tá terminado, e o meu pai terminou o ensino médio.
F: O ensino médio.
C: Só não tem nenhum curso superior.
F: Tá, mas trabalha na Bosch como metalúrgico. Carol eu acho que é mais ou menos isso, porque eu nem precisei perguntar muita coisa assim, você já ia no caminho assim certinho. Ah... eu acho que é isso, o que eu... ah suas irmãs estão estudando?
C: Estão
F: Estão trabalhando não?
C: Não
F: Ainda não.
C: É que essa minha irmã que tem dezessete anos, ela não quis entrar no projeto Alvo.
F: Tá.
C: Não sei porque, porque se ela tivesse entrado eu acho que já teria trabalhando.
F: Teria pelo menos feito estágio, alguma coisa.
C: É.
F: Ela continua freqüentando o CECOIA, não?
C: Continua, só no conjunto instrumental, que é outro..., é outro projeto que surgiu agora, um pouco depois da oficina surgiu esse projeto.
F: Tá

C: De música.
F: De música, já, já tinha, não tinha, alguma coisa com banda...?
C: Tinha
F: Não sei se fanfarra..., alguma coisa de banda.
C: É, no começo era uma fanfarra, aí depois, agora é chamado de conjunto instrumental.
F: Tá. E ela participa?
C: Participa
F: Você participou, não?
C: Particpei.
F: É, você toca algum instrumento?
C: Ahan, quando eu entrei no CECOIA eu já sabia tocar teclado, aí a Márcia aproveitou e já me colocou, já trabalhei também como voluntária com as crianças, dando aula de música.
F: E você gosta?
C: Gosto.
F: De música?
C: Gosto.
F: Você aprendeu pela sua igreja, ou não?
C: Pela igreja.
F: É, normalmente tem né?
C: Ahan
F: E você faz parte do grupo da igreja de música?
C: Não, participo de corais quando tem, mas muito não
F: E desde pequena você toca?
C: Desde os doze.
F: Há bastante tempo. E a sua irmãzinha, a outra menor?
C: Ela participa do sócio educativo do CECOIA, do projeto de música, ela toca flauta.
F: As três tocam instrumento?
C: As três.
F: Legal. As três tão... são da mesma religião, freqüentam também, não?
C: Não, só eu.
F: Só você, e aí ela... a menor freqüenta o sócio educativo, a música, e ela não tem idade ainda pro Alvo?
C: Não, ela tem doze.
F: A tá. E talvez participe também mais pra frente.
C: É... espero que sim.
F: Ta, Carol olha te agradeço muito a entrevista assim, foi muito bacana. Eu queria só te perguntar o seguinte, eu to com dificuldade em achar algumas pessoas, e eu imaginei que talvez você pudesse me ajudar na lista que eu tenho, isso aqui esta uma bagunça, mas alguns mudaram o telefone, tanto é que eu só consegui o seu por conta da Júlia, que na verdade falou que você trabalhava aqui, aí eu liguei e falei com a sua mãe, então foi mais ou menos nesse... vou até desligar aqui... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

2.6 – Entrevista com Márcia. Realizada dia 04/06/2009 no CECOIA

Legenda:

F: Fernanda

M: Márcia

M: Então assim vamos falar um pouquinho do ALVO, eu vou olhando aqui, depois a gente vai vendo né. O ALVO veio pra suprir a necessidade que a gente tinha após o desenvolvimento do Programa sócio educativo. Nós tínhamos uma evasão enorme de garotos né, porque o Programa sócio-educativo ele atendia até os dezoito anos, mas quando chegava por volta dos quatorze, quinze eles se evadiam porque queriam trabalhar, no informal. E aí começou a discussão da lei do Jovem Aprendiz, foi na mesma época, 2000 e nós nos associamos ao DEGRAU na época e...

F: DEGRAU...?

M: DEGRAU é o Movimento DEGRAU, é um Movimento Nacional que trabalhava com a Lei do Jovem Aprendiz, a implantação do Programa Jovem Aprendiz em nível nacional mesmo. E foi ali que nós buscamos as fontes de informação e de discussão do que vinha a ser esse Programa. Em seguida em Campinas já se estabeleceram as organizações que trabalhavam com o Jovem Aprendiz, muitas delas até pra regulamentar algumas situações de empregabilidade dos jovens, porque eles acabavam nas empresas, já trabalhavam nos clubes, nos espaços, ou informais, porque não poderiam ser registrados, ou via estágio, que também não era regulamentado isso, então a lei veio regulamentar isso. O CECOIA foi uma das primeiras organizações aqui de Campinas a conseguir certificação. Hoje o CECOIA tem representante na Comissão do Jovem Aprendiz, dentro do CMDCA (conselho Municipal de direitos da criança e do adolescente) e nós começamos a atender. Fizemos o curso de atendimento à serviços operacionais em clube, que é esse curso que você vê. Hoje nós temos dois cursos, uma é esse dos clubes e o de recepção e atendimento. Por que? Porque no curso de clubes havia uma absorção de muitos meninos, mas não de meninas, a gente tinha uma dificuldade muito grande de colocar as meninas. E havia uma demanda pra recepção e atendimento. Então nós criamos há dois anos o curso de recepção e atendimento e hoje tá funcionando com nível de colocação bastante alto e eficiente. O objetivo era esse mesmo. Parceria, Fernanda, hoje nós temos com o Instituto HSBC e o Instituto EPTV, como apoiadores financeiros e técnicos do Programa, dentro do CECOIA. E parcerias continuamos com os clubes, hoje temos também parceria com a RODOVISA, que absorve grande parte das meninas da recepção e atendimento e outros empreendimentos menores, como apoiadores e parceiros na recepção desse jovem no mercado de trabalho. O acompanhamento continua sendo feito durante dois anos, enquanto eles estão aqui. O nosso Programa tem um particular que ele prevê que o jovem faça a aprendizagem aqui do curso propriamente dito junto com a empregabilidade. Então algumas organizações elas fazem uma formação e depois é que elas encaminham.

F: Tá.

M: O nosso é concomitante. A gente faz apenas uma preparação mínima aqui e depois já coloca o menino na prática. Temos assim alguns resultados interessantes dessa colocação no sentido da

efetivação, são muitos os que acabam sendo absorvidos pelo empregador depois de terminado o curso de Aprendiz, porque eles só podem ficar dois anos né nessa condição de Aprendiz.

F: Tá, dos quatorze aos dezesseis.

M: Não, não importa, porque se ele tiver dentro do Programa, que comporta do quatorze até dezoito anos, em qualquer momento ele pode ser Aprendiz, mas no máximo por dois anos. Quando o jovem cumpre esse prazo de registro como Aprendiz o contrato tem que encerrar necessariamente, ou ele é desligado dessa função, e aí sim o CECOIA tenta fazer um encaminhamento, mas aí já é CLT, já é normal né, porque necessariamente ele já vai estar com mais de dezesseis anos.

F: Mais de dezesseis.

M: Porque na melhor das hipóteses, que é muito baixa essa possibilidade, ele entra exatamente com quatorze e sai aos dezesseis, não existe uma fase anterior pra isso. Então no máximo esse prazo, Fernanda, ele termina. E aí então ele é..., ele vai atrás do mercado formal né, já com aquele primeiro objetivo já feito, que era o primeiro emprego.

F: Já com uma experiência, com um currículo...

M: Exatamente. Porque aí ele já tem uma experiência no mercado. Aí Fernanda o que que acontece? O que isso é de bom, por exemplo, quando o empregador, ele absorve esse adolescente dentro da própria empresa, e a gente fica por um lado muito feliz né, agora isso implica numa situação, quando o empregador..., ele tem uma cota né pra colocar esses meninos, quando por lei ele tem que ter lá um número X lá de aprendizes, tudo bem, então ele absorve um Aprendiz e fica a vaga. Agora há empresas que absorvem o Aprendiz porque estão a fim desse tipo de trabalho, de parceria, mas eles às vezes não tem obrigatoriedade da lei. Então, sei lá, pelo meu número de funcionários eu não tenho obrigatoriedade de ter Aprendiz.

F: Entendi.

M: Então ele tem lá o Aprendiz, porque ele quer participar do Programa, colaborar, trabalho social, enfim, as razões dele. Quando ele absorve como CLTista esse Aprendiz, o que que acontece? Ele pode ou não continuar com a vaga. Então muitas vezes esse Aprendiz que é, vamos dizer assim, que já entra nessa fase ele tira o espaço de um Aprendiz dentro da empresa, porque o empregador não tem condição de criar mais uma vaga de emprego. Então é uma faca de dois gumes, é muito interessante do ponto de vista do jovem, que está lá e passa a ser efetivo na empresa, por um outro lado nos tira a possibilidade de colocar um outro Aprendiz. Que é hoje o grande entrave do Programa, é a vaga, tá. Então nós temos hoje cinquenta jovens aqui, nós estamos com cerca de uns..., sei lá, uns trinta colocados, esses vinte é uma luta todos os dias pra encontrar essa vaga pra ele. Porque o Ministério do Trabalho ele ainda não tem ma condição de fiscalizar as empresas que necessitariam ter esse Aprendiz lá dentro. Outros tem aquela mentalidade né, então eu prefiro reduzir meu quadro funcional pra não ter que por. Então é o caso, nós tivemos empresas que tinham Aprendizes por obrigatoriedade de cota e ele reduz o quadro funcional e sai da obrigatoriedade, então você perde essa vaga também, você não tem onde encaminhar esse garoto. Agora tem empresas, por exemplo, a Rodovisa, que é um parceiro novo, eles nos surpreenderam, porque eles tem lá uma cota, mas assim, de repente ligaram, puseram um processo seletivo, eles absorveram sete de uma vez.

F: Isso começando como Aprendiz.

M: Como Aprendiz. Eles absorveram sete no começo desse ano.

F: E como que é a parceria Márcia, assim, parceria, eles se responsabilizam pela..., porque na verdade é uma bolsa né. É chamado de bolsa?

M: Não, não é bolsa não, é um salário mínimo, tudo.

F: E a própria empresa que faz isso, não tem nada a ver com o Ministério do Trabalho, com...

M: Tem vários trâmites Fernanda, eles nos procuram normalmente, é lógico que a gente divulga, mas eles nos procuram com essa finalidade. O primeiro passo é a empresa conhecer o que é o Programa, então você explica o que é o Programa, existem alguns particulares nessa contratação, a condição do Aprendiz, o que que ele vai fazer há uma série de restrições, restrições de carga horária, por exemplo, ele tem que trabalhar seis horas por dia, tem que garantir um horário assim, insalubridade, é toda uma condição especial pra esse jovem estar colocado né. E é feito um termo de parceria com a empresa, então nós, existem duas formas de fazer isso pela lei, uma é você, a empresa paga o CECOIA e o CECOIA registra e esse menino trabalha na empresa. Outra é o contrato direto com o Aprendiz, que é o que nós optamos, a gente achou que essa era a forma mais educativa de estar iniciando esse processo de trabalho pro jovem. Então não há nenhum tipo de repasse, o CECOIA não entra nessa intermediação. Existe um termo de parceria empresa CECOIA e deste contrato deriva os contratos com os Aprendizes, que são assinados pelas famílias na verdade.

F: Tá.

M: O Aprendiz assina, mas quem está junto à empresa é a família também. Então a gente trabalha nesse tripé, empresa, entidade e família. Logicamente a escola também é uma condição pra esse jovem estar no mercado. Então é assim, existe um termo realmente de parceria. E lá no contrato do Aprendiz consta o nome do CECOIA, porque ele só pode estar trabalhando se ele estiver em formação. Então existem umas rotinas do tipo assim, hoje, posso até te levar pra ver, eles estão em formação, o pessoal da recepção e atendimento está em formação. Então eles fazem a semana na empresa, um dia da empresa é aqui, é horário..., isso consta na carga de trabalho dele e é hora remunerada. Então se ele falta aqui é falta de trabalho, então ele é descontado lá, porque a gente tem que criar esse vínculo de ele entender que aqui é trabalho. E é um desafio também, porque enquanto eles estão aqui fazendo formação e não estão no mercado, a gente percebe um tipo de dedicação e de interesse. Quando ele está colocado parece que rompe isso. E é batalha todos os dias, porque isso também é importante, mas eles meio que se deslumbram com esse mundo do trabalho e acabam relegando a formação pra segundo plano.

F: Como se não fosse parte...

M: Importante. É, não é o mais importante, porque eles vem com o objetivo pra cá de serem colocados, é isso que eles buscam. Na hora que você faz a entrevista, que você conversa com a família, a expectativa é essa, tá. Ele não vem aqui pra fazer uma formação, pra fazer um curso, ele vem pra ser colocado, então isso acaba ficando em segundo plano na vida dele. E é aí é uma luta, porque tem aplicação, ele tem que cumprir uma carga horária mínima aqui, não tem outra forma de fazer, do modo como o nosso curso foi formatado, ele está em fase de registro inclusive no Ministério do Trabalho agora, porque a gente os registros no Conselho de Assistência, não sei o que, não sei o que e o próximo passo é no Ministério do Trabalho.

F: Vocês começam com, com..., a nível...

M: Municipal.

F: Municipal, depois estadual e agora federal.

M: Não, o Estadual ele ainda não corre nessa instância, mas é Ministério, aí é federal. Porque está toda uma discussão, tem resoluções mil assim, toda semana sai uma resolução nova. De que há até um vislumbre do município de locar esse Programa no Ministério do Trabalho e não na Assistência Social e isso está..., está acontecendo toda uma discussão. Que a gente assim, hoje nós não somos partidários disso, a gente acha que ele tem muito mais a ver com assistência do que com trabalho, porque trabalho a gente entende que isso vai ficar muito no âmbito do trabalho só.

F: Talvez perca a questão da formação.

M: Na formação acho que nem tanto, mas perca esse caráter de acompanhamento do jovem com a família, perca esse foco, por exemplo, que a gente tem, de que é o jovem que tem menos acesso a formação. Porque o menino que hoje a gente vê, uma questão de status social, um garoto de dezesseis anos de uma outra condição social, ele não está nesse ponto, ele vai fazer seu cursinho, ele vai fazer seu ensino médio, ele vai vislumbrar uma universidade com outras condições. E o nosso garoto, o público que a gente atende aqui, ele não tem esse acesso, dificilmente, ele vai cair necessariamente no mercado informal, ele não vai buscar outra coisa, porque ele não tem condição de fazer isso mesmo, é muito mais difícil. A gente em tende que não é que ele não vai fazer, mas ele vai ter menos condições de correr atrás desse momento da vida dele.

F: Ou talvez demore mais né pra conseguir chegar, pra conseguir passar.

M: E aí é fatal Fernanda, de que Le vai cair no mercado informal, ou ele vai arrumar um sub-emprego, às vezes até formal, como é o caso do Fernando, esse menino que você entrevistou. Até onde eu conversei com ele, ele estava registrado, tudo, mas é um trabalho que a gente olha e fala, muito aquém da possibilidade desse garoto, a gente conhece ele, o desenvolvimento dele e de repente ele tava lá, não desmerecendo nenhuma profissão, mas ele tava lá lustrando móveis. Quer dizer, um garoto que tinha um potencial todo e resultado, tinha uma outra possibilidade na vida e acaba ficando, por conta de uma necessidade social propriamente dita. E aí tudo vem em cascata né Fernanda, é a questão de não ir pra Universidade, de não aprofundar na questão do estudo, enfim, tem toda essa complexidade.

F: Deixa eu te perguntar uma coisa, como é que vocês pensaram..., porque o ALVO na verdade ele era voltado pra essa questão dos clubes né...

M: Isso.

F: E aí agora você ta dizendo de recepção.

M: Isso.

F: E assim, foi pensando, teve um estudo, por exemplo, pra saber se é uma pra que absorve mais jovens? É nesse sentido que vocês fizeram?

M: É, nós fomos buscar..., fizemos um..., não vou dizer uma pesquisa, mas começamos a perceber uma demanda que vinha dos empregadores, principalmente os empregadores da região né e a própria colocação nos clubes. As meninas que nós conseguimos colocar em clubes, elas iam fazer isso dentro do clube e nós não tínhamos disciplinas que contemplassem isso dentro do curso de clubes. Então a gente não tinha uma recepção e atendimento, a gente não tinha um atendimento ao cliente né, na carga curricular do curso. E elas iam lá desempenhar essa função, porque o clube tinha que cumprir a cota e pegava uma menina, ele não podia mandar pra manutenção, não podia mandar a menina pra quadra, não podia mandar a menina pra não sei

aonde, quer dizer, o que que a gente ia fazer? E no curso de clubes, colocar essas disciplinas específicas ficaria com uma carga enorme, que não daria conta de fazer e não tampouco também atenderia a questão dos rapazes, que queriam até ir pra essa área esportiva. Então foi por aí que nós vimos. E o contingente de meninas que ficavam a margem, porque elas não tinham realmente colocação no mercado, naquele segmento que a gente tava oferecendo o Aprendiz, então foi por isso que a gente optou por esse atendimento. A Recepção e Atendimento ele tem um..., vamos dizer um marco, muito maior de possibilidades, porque essas meninas elas podem não só ir pra empresa, mas assim ir pra um consultório pra fazer uma recepção, marcar uma consulta, tudo. A única coisa é que, o que acontece? Quando existem..., no consultório que vai absorver uma menina dessa, porque a condição de Aprendiz ela tem um..., o Aprendiz tem que ter uma condição. Que é o que? Estar alguém ensinando a função, então dentro de um consultório normalmente é uma secretária. Então não tem ensine.

F: Não vai absorver essa menina.

M: É, digamos assim, que tem um profissional autônomo, dentista, um médico, que pudesse absorver, “não, eu quero a menina lá”, mas ele não tem, muitas vezes, condições de ter dois funcionários, uma ensinando a outra, embora ele não tenha cota, mas ele tinha que ter. E largar uma menina nessa situação sozinha...

F: Ela não estar aprendendo, quer dizer, não vai ser Aprendiz.

M: Ela não aprende, ela também não tem referência pra poder aprender o serviço dela. O CECOIA está fazendo uma experiência dessas, por exemplo, nós assumimos duas Aprendiz, é que hoje elas não estão trabalhando porque estão na formação, mas o CECOIA contratou uma nessa unidade e uma na outra unidade. Elas são recepcionistas do CECOIA, então elas atendem o telefone... E elas também não tem esse paralelo. Mas elas tem o que? Tem a mim e tem a Magali. Que nós somos, vamos dizer assim, as chefes delas e que orientamos esse processo. Então assim é reunião sema..., a Magali faz encontros semanais com elas, pra ver assim, ensinar agenda, ensinar a montar a sala, como é que é a mesa, o atendimento telefônico como é que faz, tem uma educadora no ALVO hoje que faz esse acompanhamento junto a elas também. Então embora elas não tenham uma secretária ao lado delas ensinando, a gente tem esse acompanhamento bem perto. E eu vou dizer pra você, ainda assim é difícil, quer dizer, o ideal mesmo seria essa situação.

F: Alguém ao lado mesmo né.

M: Ao lado, acompanhando, como os meninos tem no clube. Então se ele tá lá na jardinagem, tem o chefe da jardinagem que tá junto com ele, ensinando, é isso que ele precisa. Mas o CECOIA entendeu que isso seria uma coisa boa. E assim, a gente ainda está num âmbito doméstico, então a gente ainda garante isso, elas tem realmente acompanhamento, mas elas ficam muitas vezes na recepção sozinhas, então atende o telefone, encaminha, então aprende a mexer com o fax, aprende a usar uma intranet, se comunicar com todo mundo, conhecer a estrutura de pessoal. Então eu recebo a ligação com este assunto, pra quem que eu mando? Então N vezes acaba caindo aqui ligações que na verdade não é o meu setor que atende, é outro, então tem que encaminhar, mas tudo bem, isso aí é aprendizagem pra gente também.

F: Claro.

M: Então a gente tenta fazer esse tipo de coisa. Aqui no CECOIA única coisa, em particular, que a gente colocou como critério pra absorver essas meninas aqui, era que elas não fosse do

CECOIA. Porque como você sabe a gente tem uma história com essa comunidade muito longa, então são às vezes meninas que estão aqui desde pequenininha com a gente e a gente entendeu que essa menina ela não iria se beneficiar muito dessa situação, de estar agora trabalhando no CECOIA, elas tem que ir prum outro lugar. Mas é uma experiência nova né. E sem contar que elas estão muito familiarizadas com a rotina e de certa forma conhecem as pessoas do nosso público externo que a gente atende, então eu acho que a gente iria colocá-las numa situação de vulnerabilidade muito delicada pela problemática social que a gente atende. Então uma menina que tem aqui, daqui da comunidade, que de repente tenha que segurar um atendimento lá na porta, é complicado né.

F: Claro, são pessoas que ela conhece...

M: Que ela conhece e que elas poderiam ficar muito a mercê dessa situação. Então numa medida de proteção nós não temos. Então essas meninas que estão conosco hoje, elas são da Brandina. Que é uma característica do nosso curso hoje, tá Fernanda, nós atendemos muitos bairros fora de Sosas.

F: Isso que eu ia te perguntar, o atendimento não é voltado só pra comunidade.

M: Não, não, não é. Então hoje nós temos o Oziel, Bandeiras, Vila União, Sumaré, Hortolândia, aliás o grande contingente hoje é desse público.

F: Isso pra esse programa de jovens?

M: Pra esse programa de jovens, pro outro não, pro outro a gente tem uma demanda...

F: Aí é a comunidade.

M: É a comunidade, basicamente, porque eles tem que vir todo dia, então o custo pra vir de lá é muito grande. Mas nesse curso é de fora. Eu avalio que são dois fatores que interferem nisso, um que é não há oferta desse tipo de curso nesses lugares, tá, então não existe o Jovem Aprendiz em muitas regiões de Campinas, então lá da Noroeste vem muita gente de lá. Então não tem a demanda, eles mandam pra cá. E uma segunda, que me deixa bastante satisfeita é que a gente tem feito um trabalho, até o sócio-educativo e hoje tem o Protagonismo, que também depois eu vou fazer um parênteses com você, que a gente assim tenta mostrar pra esses meninos que eles precisam asas pra ir fazer a vidinha deles. E eles chegam nessa idade e a gente percebe que eles querem coisas diferentes e novas, então eles estão fazendo o mesmo movimento que eles fazem lá, então eles vão pra outros espaços né. E isso me deixa assim muito satisfeita, a gente fica às vezes assim, mas aqui tá tão pertinho. Não! Faça um trabalho de auto-conhecimento, de opção, etc, que eleva eles a verem outras coisas. Então eles perderam um pouco aquela condição que existia há três, quatro anos, atrás, as turmas estão vindo muito diferentes, de que nossa, vou para Campinas, nossa, ir para Campinas era uma coisa assim extraordinária né. E aí o que que eu atribuo um pouco isso Fernanda? Nós tínhamos então o Programa Sócio-educativo, aí tinha a demanda, ah lá, então monta o programa de aprendizagem profissional. Depois desse trajeto, questão de dois anos que a gente fez esse percurso, nós observamos que ainda ficou um fosso, porque o Jovem Aprendiz ele tem um critério de admissão lá, ele tem que ter a idade, como eu falei, de quatorze a dezoito, ele tem que ter uma escolaridade mínima de oitava série e ele tem que estudar no curso noturno, porque ele vai trabalhar. Então esses três critérios de admissão no curso, que não somos nem nós que colocamos, é a própria lei do Aprendiz que pede algumas condições dessas, inviabilizava pra vários jovens, que escolaridade...

F: Não tinha atingido.

M: Não tinha atingido. Ou o que muitas vezes atingia e até ensino médio, e a família não permitia que ele fosse estudar a noite, por conta da condição que a gente tem aqui em Sousas né. E aí esse menino fazia o que com isso? Ele ficava no sócio educativo, cansado né, porque aí não tinha mais atrativo aquele programa pra ele. E chegava muito essa demanda de meninos na sétima série, na sexta série. E como é que vai fazer? Ele não tinha condições. E aí nesse intervalo de tempo, nesses dois anos, nós montamos o curso de Protagonismo, que chama-se de Flecha, então é a Flecha que atinge o ALVO, tá?

F: Tá, entendi .

M: Então é uma fase intermediária que esse jovem pode ficar nesse programa assim sem um tempo determinado, vamos dizer. Então hoje no Protagonismo eu atendo de quatorze a dezessete e com isso depende muito da característica do adolescente estar no Protagonismo, porque eu tenho, por exemplo, uma menina de dezessete anos excelente lá, ela tem totalmente condição de ser colocada. Mas por uma opção dela e da família ainda não tá na hora, eu quero outra coisa, eu quero..., vou fazer um curso técnico, então eu to tentando COTUCA, to vendo um ETECAP. E é um curso também que tem uma programação bem diferenciada, eu vou até te mostrar a grade dele, porque ele prepara o menino com outras frentes de trabalho, ele tem aqui a parte de informática, onde a gente continua a informática básica, a internet, mas nós já entramos com cursos mais avançados e são opcionais e nem sempre esses cursos são feitos dentro do CECOIA, nós criamos parcerias e esse jovem sai daqui pra fazer, então também já é visando esse contato, essa ampliação de relacionamento, de repertórios e tudo. O Projeto Escolhendo meu Caminho, onde ele tem todas essas atividades né. E eles já fazem outras formações externas, a gente faz parceria com a Casa de Santana, outros espaços educativos ele também sai. Muitos cursos à distância que ele faz aqui via internet, do CIEE e outros aí que a gente acha que eles possam fazer né. Algumas são opcionais, o Voluntário Jovem é opcional, o curso de música, agora o Mundo do Trabalho não, ele tem que fazer, as oficinas culturais são opcionais também. No espaço garantido a gente faz um trabalho de educação sócio ambiental, esse trabalho do Vínculos, que é um projeto também, em que a gente desenvolve todas essas temáticas ao longo do ano culminando com o Projeto de Vida. Logicamente não é aquele projeto de vida nos moldes tão ampliado, mas é dentro desse leque que a gente oferece a gente termina o ano com o projeto de vida. E aí faz parte, Fernanda, ao longo desse trabalho dos Vínculos, eles saírem com a educadora aqui e conhecer o que tem de Jovem Aprendiz na cidade, então a gente vai com eles, nós vamos no Educandário Eurípedes, nós vamos no Kennedy, nós vamos CIEE, a gente leva eles nas visitas.

F: Em outras instituições que...

M: Que tem o Programa. Então ele passa a não ter, vamos dizer, só o que o CECOIA oferece, porque aqui no CECOIA ou ele vai pra clube ou ele vai pra recepção, não tem outra opção. Gastronomia, hotelaria, gráfica, enfim, outras opções de vida que eles construíram com o Projeto de Vida e ficaria incoerente a gente fazer um trabalho com projetos e chegar lá no fim e falar, não tem outra opção.

F: Agora você vai pra esse que é o que tem.

M: É, não adianta, você gosta de..., você vai querer ser cabeleireiro, mas não tem, então você vai fazer recepção. Então a gente tenta mostrar todas essas condições pra ele, pra ele fazer a opção né. O Brincar... e aqui uma frente muito grande, a gente tá trabalhando muito com isso, que é Lendo e Escrevendo o Mundo, que é um programa de leitura e escrita bem intenso, porque a

defasagem aqui você já..., não preciso nem te falar o que que acontece, a compreensão, a produção, é tudo muito complicado. Então o Protagonismo, Fernanda, eu colocaria como um resultado do ALVO, porque ele é um dos resultados, a criação dessa frente nova de trabalho no CECOIA, porque realmente a gente ficou com o mesmo problema que a gente tinha antes, pra onde mando, então o que que eu faço? Então hoje a gente tem conseguido suprir, pelo menos aqui pra nossa região, o que havia de necessidade em termos de encaminhamento pós Programa de Apoio Sócio-Educativo, então o menino sai com quatorze, necessariamente do Apoio Sócio-Educativo ele sai. Eu tenho um Programa hoje Sócio Educativo na Unidade I e na Unidade II diferente, tá, o que também foi uma conquista da entidade, porque até o ano passado nós atendíamos de seis a quatorze nas duas unidades e era uma..., pra mim assim era uma coisa muito conflitante enquanto pedagoga, porque o que que eu tinha ? Uma condição de trabalho que me dizia o seguinte, lá embaixo você tem quatro grupos e aqui você tem dois, um de manhã e um à tarde, pra atender essa faixa etária. E aí eu tinha uma diversidade de faixas etárias, nos períodos, muito grande. Então o ano passado eu trabalhei com um grupo que ele tinha assim, crianças de seis, tinha um menino com Síndrome de Dawn nesse grupo com seis anos e eu tinha um jovem de quatorze anos, no mesmo grupo. Então era uma condição de trabalho pro educador terrível, sem contar o conteúdo que ficava muito comprometido. E a gente foi conversando com diretoria, amadurecendo, amadurecendo, isso era uma coisa mais antiga minha né. E até que..., sem contar, que você depois vi conhecer esse prédio, esse prédio não é adequado pra atender criança, ele tem, esse prédio tem uma vocação de atender comunidade e jovens. Então ele não tinha espaço físico, não tinha condições de brinquedo, não tinha nada, a criança de seis anos nessa unidade ela ficava com um problema muito a desejar de atendimento. Então aí esse ano nós conseguimos, é o primeiro ano que tá funcionando, lá em baixo de seis a dez e aqui de dez a quatorze no sócio-educativo. E aí assim, eu tenho Protagonismo só à tarde, por que ? De sexta série, sétima série, que é o grande nível de escolaridade desse grupo, eu tenho ensino médio também no grupo de Protagonismo, mas é de sexta, sétima e oitava pra cima, só tem no período da manhã nas escolas aqui da região, então eu tenho público só pra tarde mesmo, então eu não tenho Protagonismo de manhã, só no período da tarde. E aí eu tenho lá em baixo quatro grupos hoje que desenvolvem esse programa aqui, que na verdade os projetos são os mesmos, eles só mudam de foco, então aqui eu tenho Ler e Escrever é Legal, Ler e Escrever é Legal, aqui é Ler e Escrever o Mundo, tá, aqui é Espaço De Convivência, aqui é Espaço Garantido, aqui Escolhendo Caminho, aqui é Escolhendo o Meu Caminho, enfim tem algumas diferenças. E as atividades é que mudam. E assim, logicamente é um pouco precoce pra gente avaliar agora, mas eu já vejo que tá mais fácil pelo menos pra trabalhar, então aqui eu to com seis a quatorze nesta unidade e os pequenininhos todos lá em baixo, sabe, otimizou, por exemplo, recurso dentro da entidade, porque eu tenho uma brinquedoteca só hoje, hoje a gente não tem brinquedoteca aqui, a gente tem a sala de convivência, recurso didático mesmo, filme, livro, acervo, biblioteca, tudo né, a gente dividiu, foi um trampo, foi uma mudança terrível, mas deu uma condição melhor de trabalho, quer dizer, vem dando né, pras educadoras. E eu pude ver o perfil também, quem é que tem um perfil melhor pra atender criança, quem tem perfil melhor pra atender o adolescente e tudo mais. E isso eu acho assim, que a gente olhando pra aprendizagem profissional, ele deu essas condições pra gente pensar essas outras práticas internas, práticas pedagógicas mesmo né, porque era tudo muito novo pra nós.

F: Quando a gente trabalhou com as oficinas lá, tinha o Sócio-Educativo, mas era também..., porque tinham adolescentes lá até os dezessete anos né

M: Tinham.

F: E já tinha até os quatorze, como é que..., é isso que eu...

M: Tinha, sempre teve Fernanda, sempre teve. Quando...

F: Mas eles ficavam no sócio-educativo, mesmo depois dos quatorze?

M: Ficavam.

F: Ainda não tinha...

M: Não tinha opção, não tinha nem o ALVO e nem tinha o Protagonismo.

F: E por isso que vocês foram percebendo uma evasão desses meninos e aí por isso que pensar então...

M: No ALVO né. Mas nós ainda ficamos atendendo no sócio-educativo lá em baixo os que não quiseram ir pra aprendizagem profissional. Tinha assim, a gente tinha até, Fernanda, hoje a gente olha isso com um pouco mais de criticidade até e inexperiência mesmo da entidade, quando eles chegavam naquela idade não tinha mesmo... (interrupção da gravação)

FIM DO LADO A

M: ... o Rosenildo, que eram garotos que eles já tinham idade, mas eles foram pra aprendizagem, ele não ficaram, sei lá, quatro meses. Não davam conta daquilo, era muito pra cabeça dele. E aí com problemas de comportamento seríssimo que ele tinha, e a gente acabou reabsorvendo eles no sócio-educativo, porque não tinha condição de ficar lá, exigia uma outra postura né. Na época, embora eu tenha participado de toda a discussão, a gente acabou tendo uma linha de..., profissional mesmo adotada, que era muito rígida e que não tinha como aquilo funcionar. Depois de uma experiência de um tempo a gente viu que não era aquilo e aí tivemos que repensar toda aquela prática, falou, não, não é assim, o curso tava fadado ao insucesso, a acabar, naquela condição que tava funcionando. E aí essa prática foi nos mostrando que existiam alternativas, num fazer diferente e aí é que a coisa deslanchou. Depois daquela turma que vocês acom..., tiveram oportunidade de ter uma certa convivência, nós já estamos na terceira turma, então a gente vê sim outra coisa, tem menino que tá caminhando muito mais na linha da autonomia e do protagonismo, muito mais livre né, com uma opção um pouco mais consciente. É claro, problema de conduta, de comportamento, de adesão, tudo, isso é normal, faz parte do trabalho com adolescente, mas não naquela proporção que a gente tinha. Porque a gente acho que não tava estruturado né, mas nós precisávamos, eles foram as cobaias coitados, mas...

F: Mas é assim, as coisas surgem..., não tem outra alternativa.

M: Alguém ia ser cobaia naquele momento né, mas nos ajudaram muito a construir essa caminhada. Eu acho assim, que a gente não pode ser tão pessimista a ponto de que esses jovens que hoje, infelizmente, não optaram vamos dizer por uma outra situação de vida né, não acho que tenha sido responsabilidade do CECOIA e nem do Programa, não é nada disso, que a gente tenha de alguma forma contribuído pra isso, não tenho esse pensamento não. Mas por um outro lado fica sempre aquela questão, a gente poderia ter feito alguma coisa diferente, teria dado mais resultado? Com certeza, eu acho que com certeza, eu acho que a gente sempre tem que pensar que a gente tem uma responsabilidade grande sobre eles né, e que tudo que a gente faz tem impacto, eu acredito piamente nisso, sabe. Mas foi um momento da história da entidade, que levou a esses resultados.

F: E aí então, pensando nisso que você tá me dizendo, foi essa a idéia então do FLECHA, de contemplar então, como se fosse esse buraco negro que tava aqui...

M: Isso, exatamente.

F: Pra que eles fossem já pra esse Programa com um outro desenvolvimento, com uma outra perspectiva.

M: Exato, melhores condições, ele não fica desassistido nesse momento. Porque o Protagonismo né, o FLECHA, ele já atende..., é muito interessante porque ele tem assim..., ele funciona todos os dias, de segunda a sexta no período da tarde, então a partir do meio dia até as dezessete horas eles vem pra cá. E é muito assim significativo você observar aquele adolescente que vem todos os dias, nesse horário, ele cumpre horário, ele vem aqui, ele quer tomar banho, ele quer fazer o lanche aqui, quer dizer, ele ainda está nessa fase do amadurecimento, ele não tá pronto pra se soltar. Outros vêm aqui uma vez por semana, a rotina semanal dele é preenchida em outros espaços educativos. Então ele sai da escola todos os dias, ele vem pra cá, almoça com a gente, tem contato com a edu..., tem uma educadora especialíssima nessa área, muito acessível nesse ponto, mas cada um tem uma rotina individual praticamente, ela desenvolve os programas todos, os conteúdos... Só que eu tenho uma garota, que ela tá assim Fernanda, ela vem pra cá num dia da semana, ela tem dois dias de Jovem.com. Você conhece esse Programa? É da Prefeitura.

F: Conheço.

M: Então ela tem dois dias no Jovem.com, lá ela recebe uma bolsa, lá ela recebe R\$ 60,00 dessa bolsa. Aí nos outros dois dias ela preencheu com uma oficina de música que ela faz no colégio Notre Dame, dentro do nosso grupo instrumental e no outro dia ela faz um trabalho de voluntariado, ela continua vinculada a nós, só que ela só vem uma vez por semana aqui, assim pra ficar a tarde toda, nos outros dias ela vem almoça e sai.

F: Com essas possibilidades que vocês oferecem.

M: Com essas possibilidades que a gente oferece.

F: De abrir um leque maior com outras entidades, com...

M: Então ela tá vivenciando esse processos em outros espaços. Não é, por exemplo, no caso particular que eu to cirando, não é uma garota que pra mercado de trabalho funcione ainda, porque ela ainda tem essa necessidade, ela ainda precisa vir pra cá, ela ainda senta com a educadora dela, conta os segredinhos dela, ela ainda precisa desse monitoramento, porque vira e mexe ela resolve que ela tem uma dor de barriga e ela não vai pro Jovem.com e lá é trabalho né e aí ah..., porque ela tá carente naquele dia, quer dizer, não é uma menina que a gente possa colocar ela no mercado, ela não tá pronta, não adianta. Então nesse momento ela tá acumulando experiências, talvez no final do ano. E tem idade, tem idade e tem escolaridade, essa menina, por exemplo, ela tá no ensino médio e tem quinze anos, quer dizer, já daria.

F: Por idade já.

M: As condições ela já tem, estuda a noite inclusive, mas ela vem pra cá, e outros não, outros não tão nesse pique, não adianta, que se você colocar ele vai estar fadado ao insucesso, e aí sim eu acho que há conseqüências sérias, sabe, aí ele se sente frustrado, aí é que ele cai, se ele não tem uma estrutura familiar que segure, a volta... quando ele vai para o mercado de trabalho e é uma experiência negativa e por algum acaso ele é desligado do emprego porque ele não deu conta, volta pro programa, porque ele não fica desligado se ele ficar desempregado, o retorno é muito difícil, o retorno com o grupo, ele que, a auto estima já está no chinelo, então é muito mais

desastroso você colocar o jovem quando você, lógico que a gente não corre o risco de cem por cento das escolhas serem assertivas, mas, você tem dúvida é melhor não mandar, você segura porque o estrago é muito grande depois disso, ele tem ser uma experiência positiva pra ele acertar no momento do trabalho, entendeu?

F: Pra não ficar frustrado né?

M: Pra não ficar frustrada ? também, depois passa por uma cobrança imensa né, porque nesse grupo né, a Magali fez um trabalho extraordinário com família também, mas é a família entender isso, que ele está em aprendizagem, a única coisa é que ele tem salário, mas ele ta aprendendo também, né?

F: A família também acha assim, bom agora entrou, ta trabalhando...

M: Ta bom, então aí ela joga toda responsabilidade encima do garoto, né, desde cuidar da roupa dele, fazer, fazer, fazer... (entrada da coordenadora Magali). Então a família coloca essa carga na cabeça desse menino que é uma judiação, então a gente constantemente precisa chamar, olha não é assim, é seu filho ainda, ele ainda precisa... às vezes ele ta com quinze anos.

F: Nossa é muito novo.

M: É muito cedo né, e aí vai, vai acompanhando tudo isso.

F: E Márcia, essa coisa do... por exemplo vocês abre esse grupo, e aí tem um número certo de jovens...

M: De vagas

F: De vagas pra, e quando vocês abrem vocês já tem uma parceria e eles já estão colocados?

M: Não, não, não necessariamente Fernanda, as parcerias de vaga, vamos dizer, de colocação no mercado elas são renovadas ta, então a gente tem clubes que estão com a gente a cinco anos.

F: E aí vai renovando... saindo, entrando

M: Isso, vai renovando o quatro né, de aprendizes dentro da unidade empregadora, é então quando eles vem pra, eles são muito bem assim, informados, trabalhados, inclusive família, quando vem fazer a matricula tudo, é que ele vai fazer uma formação, é esse o tonos que a gente da, a colocação no mercado é uma conseqüência disso, ta, isso não elimina o fato da expectativa ser aquela que eu te falei, isso daí continua.

F: Eles vem pra isso...

M: Eles vem pra isso, eles procuram pra isso, eles ligam aqui ai o primeiro emprego, continua com esse mito, mas a colocação é uma conseqüência da formação, acontece Fernanda, muitas vezes assim, por exemplo, tinha um... alguns casos que nesse grupo aconteceu de clubes... foram meninos que saíram do nosso sócio educativo a muitos anos, aconteceu nesse meio tempo a escola Thomás Alves ela entrou em período integral, então nós ficamos sem sessenta por cento do nosso atendimento, porque eles ficavam o dia inteiro na escola, então esse menino ficou la na escola todos esses anos, quando ele entra no ensino médio ele passa a fazer escolaridade meio período, então ele volta pra ca, então esse ano vieram pra ca, uns quatro ou cinco nessa condição, que já foram nosso, a muitos anos atrás e vieram de novo, porque agora eu posso de novo né? E já tinha idade, escolaridade, não, o que que você quer ó. Tenho isso e isso pra te oferecer, protagonismo e Jovem aprendiz. O que que você quer? Não, eu vou pro jovem aprendiz, ta? Muitas vezes Fernanda acontece de eu abrir, é uma coisa que, segundo a prefeitura eu não poderia fazer, mas eu faço, ta? Daí você apaga depois, que é assim, é o menino estar no protagonismo e no jovem aprendiz, então o que que acontece? Ele ta matriculado aqui no

protagonismo, ele tem a vaga dele todo o dia, e aí eu dispensei ele do protagonismo no dia da formação dele, então ele pode vir aqui todos os dias, aí na quinta-feira ele vai pra lá e assiste as aulas do jovem aprendiz, tá? Na verdade ele tá fazendo crédito de um jovem aprendiz, a gente estuda todo o sistema de crédito pra ele tal, se ele um dia resolver passar pro jovem aprendiz, migrar, então ele já fez aqueles créditos, aí ele faz só as disciplinas que ele não cumpriu ainda, tá? Porque na verdade esse jovem fica em dois programas, em tese eu não poderia fazer isso, mas eu também tenho aquela condição de que ele tá no jovem aprendiz, mas ele fica ocioso a semana inteira, porque ele ainda não foi colocado, então ele vem pro protagonismo, quando ele for colocado, sai do protagonismo, vai trabalhar.

F: Claro.

M: Entendeu? Então às vezes eu faço esse jogo aqui internamente, que é uma coisa assim que eu e a Magali, a coordenadora, nós nos entendemos muito bem nesse ponto, sabe? Que era uma condição que a coordenadora anterior não me permitia. Ela não entendia dessa forma, ela entendia que o jovem tinha que ficar lá e esperar, era ?... Mas fulano eu fico a semana inteira ocioso...

F: E pra eles isso é um problema sério.

M: Problema sério, e ele acabava indo fazer o que? Durante o resto da semana? Ia ser empacotador no super-mercado, etc... e aí

F: Entrava no mercado informal do mesmo jeito.

M: Do mesmo jeito, ela não tinha... a gente não tem controle sobre isso Fernanda.

F: Claro.

M: Ainda hoje não temos, tá? Por que ele está no jovem aprendiz, digamos que eles estejam nesta condição de esperar emprego, e ele vai fazer os bicos dele, eu tenho... aqui em Sosas é terrível a situação de bares e restaurantes.

F: Que contratam.

M: Que absorvem esses garotos, então a gente chama a família, chama a família, chama a família, porque eles ficam em bar, eles ficam literalmente em bar servindo bebida, altamente proibido.

F: E a noite.

M: A noite, se você menina jovem que frequenta esses lugares, você deve estar cansada de ver isso, e aí a gente alerta a família, alerta o empregador, porque ele tá lá no lugar só de final de semana, trabalha madrugada a dentro, então a gente alerta, que não pode né? E quando assim a gente percebe que a coisa é gritante, acaba em denúncia, né? Daí não tem jeito, a gente acaba em denúncia. Então, as meninas vão muito pra Buffet, daí até, sabe, Buffet infantil se dá uma fechada de olhos pra algumas coisas, né, mais, nessa condição de restaurante é muito complicado. Mas enfim, esse, que estava te contando né? Da questão da vaga. Aconteceu esse ano, uma situação especialíssima, a Magali, recebeu no começo do ano, um grupo né, montou esse grupo que tem vinte jovens hoje e deve assim, uma... uma possibilidade de vaga num clube, mais de um clube entrou nas parcerias e (?) e eles tinham acabado de entrar no curso.

F: Tá.

M: Então dentro desse universo, vamos mandar, fazer o que né? Eles vão começar a formação agora, e aí, na verdade a escolha pro preenchimento da vaga não é feita por nós.

F: aí também era uma outra coisa que eu também ia te perguntar.

M: Não é, se tem cinco vagas, nós mandamos dez candidatas.

F: E aí o clube...

M: O empregador faz, ele faz... a gente faz, vamos dizer assim, é lógico que a gente passa por uma peneira aqui, quem é que tem melhor condição, qual é a vaga, a vaga é a, b, c e d pra executar x, y, z, então ta, vamos olhar aqui vinte meninos que desses...

F: Mais ou menos se encaixa nessas vagas

M: Mais ou menos se encaixa, ta, então ta bom, Olha é esse universo aqui, vão os dez, sempre assim, no mínimo dois pra preenchimento de uma vaga, quando a gente tem condição manda três.

F: Ta.

M: Pro preenchimento, por que aí também é uma experiência interessante passar pelo processo seletivo. Essa empresa Rodovisa, que contratou sete de uma vez, eles vieram fazer o processo seletivo aqui no Cecoia.

F: Rodovisa é empresa do que?

M: Transportadora.

F: Transportadora?

M: Lá em Viracopos.

F: É então, esse nome não me é estranho.

M: É, ele era uma empresa grande transportadora aqui em Viracopos, né? E é bem naquela... na Santos Dummond, ta?

F: ta.

M: E nós temos, como eu te falei, contingente grande de meninos de lá, então nós mandamos a meninas daquela região trabalhar lá.

F: Entendi.

M: Elas fizeram o processo seletivo e entraram lá, e aí esse empregador escolhe, tem todo... a gente faz uma carta de encaminhamento de cada jovem, eles vão lá, eles são preparados para entrevista, horário, aquela coisara toda, né? Há empresas que fazem dinâmica de grupo, outras conversam individualmente, em fim, cada uma escolhe a sua maneira, a Rodovisa, por exemplo, o que que ela fez, ela mandou uma pessoa de RH, pra Ca, numa das disciplinas elas terminaram uma das disciplinas do curso, fazendo uma dramatização do atendimento ao cliente, né? Tinha todo um cenário e tal né? E era isso... e aquilo foi o processo seletivo, a pessoa do RH veio assistir essa experiência e fez a seleção ali.

F: Ta.

M: Ta, elas sabiam que estavam passando por um processo seletivo, e esse parceiro por exemplo, é um parceiro muito especial, por que ele entende toda a condição do jovem, é, ele colocou como condição que todos participassem, então nós não fizemos seleção, tinham vinte candidatas...

F: Todos participaram.

M: Vinte participaram pra ele tirar sete.

F: Entendi.

M: Ta, então ele fez... a gente até sabia que ali tinha garotas que não tinham a menor condição, mas todas participaram.

F: Mas aí também parte deles... quer dizer se a es...

M: É, se na verdade... não aconteceu, mas se ele tivesse escolhido uma jovem que a gente via que ela não tinha realmente condição, aí ia ser feita uma intervenção, a gente ia dizer das condições daquela jovem, né.

F: Até pra não chegar naquele ponto do..., fracasso né?

M: Exato, a menos que o empregador né, mostrasse assim uma disponibilidade monstruosa pra atender aquilo, tem uma das garotas que tem uma condição assim, ela é quase que um arrimo de família, aquela menina, mas ela não tem condição ainda, ela passa por problemas emocionais seriíssimos, então ela não tinha, agora, também ia ser o empregador que ia ver, né.

F: Claro.

M: Mas a gente... se ela tivesse sido escolhida e não foi, teria que ter havido uma intervenção no sentido assim, não de bloquear a vaga, mas de explicar em que ponto que aquela garota está, né, mas foi assim uma situação muito especial, e nessa empresa Fernanda, também aconteceu uma situação muito inusitada pra gente, ele fez esse processo seletivo, acho que foi em Março, absorveu esses sete, a uma, exatamente uma semana atrás ele ligou falou olha eu vou efetivar a fulana de tal, por que ela está excelente.

F: Olha.

M: E a gente achou muito precoce, isso.

F: A tá.

M: No entanto, aí chamamos a família pra conversar, e dissemos olha, ela ser efetivada tinha n vantagens pra ela, que foi uma menina que foi assim, foi pro setor de Rh cuja pessoa que é a, vamos dizer chefe dela, a coordenadora dela está... vai entrar numa licença gestante, e a menina teve um desempenho maravilhoso, ela tem dezesseis anos essa garota, e ela tem um desempenho, muito, muito bom, na verdade ela vai substituir a função, e isso significa pra ela profissionalmente o que? Um aumento de salário legal, benefícios, que hoje o que ela tem? Ela tem sexta básica, isso, isso e aquilo, vai melhorar, né, ela passa a ter por exemplo, a empresa não é obrigada a dar assistência médica, mas ela passa ter, enfim tem muitas coisas positivas, por um outro lado, o que que acontece, hoje ela tinha uma carga de seis horas, ela passa a ter oito, ela passa a ter outras responsabilidades diferentes, e toda uma expectativa da empresa...

F: Uma cobrança diferente.

M: Uma cobrança diferente, com certeza, e isso tudo foi trabalhado com a garota e com a família né? É lógico que nós ficamos um pouco isento, isso era a nossa opinião, isentos nessa questão, porque ela tinha opção, aceitar ou não essa condição, se ela quisesse ficar como aprendiz, ela tinha que sair do setor, porque aí não tinha chefe, ela tinha que ir pra outro setor, pra ter um coordenador e aí continuar na mesma situação, e aí foi apresentado isso pra família, a família ficou um pouco insegura, por era muito pouco tempo, ela não ficou nem quatro meses como aprendiz, enfim, indas e vindas ela resolveu aceitar, e é lógico eu não tinha menor dúvida que ela aceitasse, né? Mas, a empresa não fechou a vaga, por que essa empresa, por exemplo, tem cota, ela tem que ter sete.

F: Então ela passou e aí continua a vaga dela...

M: Continuou a vaga dela, mas não no setor dela, porque ela ainda não tem condição de...

F: Ensinar alguém.

M: Ensinar alguém a função dela, então abriu-se uma vaga num outro setor pra absorver um outro aprendiz, que foi uma menina que naquele processo seletivo antigo tinha sido cotada mas tinha ficado para uma segunda opção, e aí essa outra garota foi absorvida la também como aprendiz, aí nessa situação. Então são coisas muito novas pra gente, a gente nunca esperava que um aprendiz

com dezesseis anos alcançasse essa... essa promoção entre aspas num período tão curto, né? Mas enfim chegou lá, chegou e está indo super bem, a gente está realmente esperando... É o pré...

F: Com as coisas novas que você vai aprendendo também.

M: Aprendendo também, agora a gente já sabe na próxima vez como é que vai ser né? Pelo menos a gente já teve a experiência, né? De ter passado por aqui.

F: Márcia, eu também não quero te atrapalhar, eu sei que você deve estar...

M: É, mas veja aí ainda o que que você precisa.

F: É então na verdade, deixa eu ver aqui, eu tinha feito um roteirinho, com o histórico da instituição, mas isso é uma coisa que posso pegar...

M: No site Fernanda, é bem tranquilo, isso não mudou muito né, o que não deve estar lá atualizado, a única coisa é esse protagonismo aqui, que eu já te falei, é o único curso novo que a gente tem.

F: É, eu não sei, isso assim... eu posso ter acesso?

M: Claro, se você quiser eu despacho pra você por email.

F: Até pra... por que é assim, na verdade, como eu estava te falando, esse segundo capítulo que eu tô fazendo é pra mostrar um pouco assim, a idéia é mostrar, como surgem as organizações no Brasil e aí especificamente o Cecoia que é com os jovens que eu estou trabalhando, vou contar um pouquinho da história, e aí pegar as atividades, o Alvo, então também é assim, eu entrei na internet tem um historicozinho bem pequenininho até eu vi que era... depois eu vi que era... lembrei que você falou do HSBC, acho que saiu no jornal alguma coisa, então eu pequei um histórico bem pequenininho, e vou falar um pouquinho, e aí, acho que seria até interessante pra mostrar, quais são os trabalhos, quais são as oficinas.

M: As oficinas que a gente desenvolve... nisso aqui, nesse quadro aqui Fernanda você vai ter uma coisa bem interessante pras falar porque, talvez aqui eu precisasse te esclarecer né, é por exemplo, a prática esportiva eu não tenho dentro da entidade, agora falando do sócio educativo, né?

F: Ta.

M: E não tenho prática esportiva, eu não tenho espaço pra fazer, então a gente faz uma parceria, na unidade um, com o “brincando na praça” que é a praça de esporte da secretaria de... municipal de esportes e turismo, e na unidade dois, com o “abraça Campinas” que é uma ONG também que só da esporte, então a gente começa a fazer algumas parcerias o “correio escola” é parceria com a ANAC...

F: Com a EPTV...

M: Não, não, com a EPTV não, com a RAC.

F: A ta, com a rede anhanguera de comunicação?

M: De comunicação né? Do correio, no clube cidadania é o CDI, que a gente continua parceiro, ta, “conjunto instrumental” é o Cecoia..., é o Notre Dame, né, que faz com a gente, então essas parcerias a gente acaba ainda juntando, né? Eu tive até o ano passado é apoio financeiro, técnico financeiro, do Condeca, ta, nós fomos premiados pro projeto de música, em seguida recebemos o apoio da EPTV também, no de música, continuamos com o fundo, “juntos pela educação” né, que é aqui da APA, que a gente tá atuando ele... com ele já a cinco anos né.

F: Esse eu acho que eu lembro da... esse... não sei...

M: Tinha, tem muito tempo esse programa, né? Nós trabalhamos no programa de educação complementar, na época era o percorrendo histórico no Thomás Alves, depois no ano seguinte nós fomos contemplados com o projeto “parcerias”, é foram projetos de dois anos, quase dois anos, né? Projeto “parcerias” em que nós atuamos com rede a aqui de Sosas eram oito parceiros, depois do “parcerias”, o ”alianças” com dez parceiros na rede inter setorial e aí é assim, aí já é uma coisa muito ampliada, centro de saúde, já tem outros parceiros maiores, ta? E agora fomos finalistas no premio da UNICEF né, com o projeto “parcerias” é e agora nós estamos entrando na última edição do programa, tele educação em tempo integral com o projeto “pacto”, com o “pacto” né que é uma continuidade do Alianças, é uma outra situação Fernanda também que tem é aí no nosso histórico e que nós sempre tivemos a parceria da congregação de Santa Cruz que é onde o Cecoia começou, né. Então no histórico você sabe, e vínhamos em discussão já ha alguns anos pela incorporação... no o Cecoia começou na sociedade, desvinculou, seguiu seu caminho, a sociedade dele, e hoje nós estamos num processo de fusão, a partir de Janeiro deste ano, nós estamos num processo de fusão com a Congregação de Santa cruz, ta, eles passam a ser nossos mantenedores, então o Cecoia vai deixar de ter essa personalidade jurídica e passa a ser uma filial da sociedade da Congregação de Santa Cruz, certo? Então nós... e é assim, um processo lentíssimo em termos burocráticos, então nós estamos na fase final na de registro no cartório, isso desde o dia primeiro de janeiro. Então hoje o Cecoia ele já não é mais, por exemplo, componente de algumas associações na rede inter setorial por conta disso, ta, por que a gente achou melhor legalizar toda essa parte jurídica, pra depois voltarmos ao cenário, não tinha inscrito projeto no prêmio da Unicef, nada disso por conta dessa situação, aí recebi um telefone ? da semana, não, inscreva o projeto mesmo assim, até sair o resultado já ta tudo resolvido, então hoje o Cecoia, ele também esta passando por essa fase, o que é que isso mudou em termos de práticas educativas? Nada, ta. Porque há interesse inclusive de... em que... ta própria sociedade que a gente continue a desenvolver esse trabalho, da maneira como desenvolvemos, pra nós existe uma situação bastante favorável que é você ter, vamos dizer, possibilidades de apoios diferenciados né, por que são organizações ? com recursos internacionais, quer dizer, talvez, isso já implicou num momento de é... quadro funcional, por exemplo, que a gente não tinha condições de banca até agora né? Então eu tinha uma assistente social de Janeiro pra Ca eu tenho três, entendeu, então a gente conseguiu manter uma na unidade um, uma assistente social pra unidade dois e uma terceira assistente social pras atender um novo programa que nós fomos contemplados, que é de atendimento a família em situações circunstanciais e emergenciais. Então era aquele trabalho Fernanda que a gente fazia é, vamos dizer assim, porque estava na nossa mão e a gente acabava fazendo. Então era aquela pessoa que morava la no beco, que não tinha filho no Cecoia, mas era enchente, era um problema que tinha, era uma briga de família, era uma situação de sexta básica era um encaminhamento pra programas oficiais e que a gente fazia, na verdade nós não tínhamos que atender essa comunidade, desta forma, a gente tinha que atender sim, as nossas crianças e as famílias delas, mas não a comunidade por que o nosso estatuto nem previa isso né? E aí fomos contemplados com esse programa, mas precisou de mais gente pra trabalhar, aí mais uma funcionária, eu aumentei grupo de atendimento, né, pude fazer alguns... implantar algumas coisas que qualificaram melhor o nosso trabalho, principalmente recursos humanos que era o nosso grande problema, continua sendo mas hoje, esse ano de Janeiro pra ca, isso já mudou muito, eu

brinco que ainda falta pedagoga né, eu ainda continua como única pedagoga da entidade, embora assim, hoje nosso programa sócio educativo atende duzentas crianças diariamente.

F: Você é a única pedagoga da...

M: da entidade, eu faço a coordenação pedagógica do “sócio educativo” um e dois, “protagonismo” e ainda presto uma no que eu posso, uma ajuda no... na aprendizagem profissional.

F: É que vai crescendo né Márcia, e aí você vai...

M: Atuando, o que hoje... é... o que hoje me facilita bastante o trabalho, é que é assim, diferente de quatro anos atrás, eu consegui montar uma equipe na área pedagógica boa de educadores, e a gente investiu muito em formação, em capacitação dessas meninas, sabe, um vínculo com entidade, e hoje eu tenho, por exemplo, uma educadora que ela está coordenando toda a área de informática, mas assim, desde o programa, do contato, parcerias, enfim, hoje eu olho pra informática de longe já com muita tranquilidade, porque essa educadora da conta, então também um ganho nesta questão da... dentro dessa fusão, é que eu também não achava justo ter uma educadora desempenhando função de educadora, e ter que desempenhar uma outra função junto, hoje essa educadora ela tem uma carga de quarenta horas, diferente das outras, as outras tem trinta horas sendo que destas trinta, cinco são hora atividade, ela não tem criança né, então na verdade ela trabalha vinte e cinco, cinco horas de atividade, e essa educadora coordenadora de programa, ela trabalha vinte e cinco com turno e o resto, a diferença pra quarenta horas, ela faz trabalho de coordenação de área. Então hoje eu tenho uma coordenadora que faz isso de informática, uma educadora que faz isso na área de educação ambiental e uma outra educadora que isso na área de leitura, então eu fico com elas assim, elas são um apoio muito grande pro meu trabalho porque no ler e escrever é legal, na informática e na questão da... pensando longe né que é o... educação ambiental, elas praticamente dão conta sozinhas, né, umas com pouco mais de dificuldades ainda, outras menos, mas estão, e no conjunto instrumental, por exemplo, tem uma outra educadora que faz uma carga diferenciada também pra acompanhar, por que é um trabalho muito grande né, nós temos apresentação a semana que vem, precisa experimentar roupa, precisa cuidar, transporte, quem que vai levar quem que vai trazer, então elas me dão um suporte assim muito grande e eu fico mais hoje fazendo uma coordenação geral desses... de tudo né, eu ainda não tenho, por exemplo, quem supra todos os projetos, né, não tenho nem recurso financeiro, e nem tão pouco gente qualificada pra fazer, pronta né, vamos dizer, mas estamos caminhando pra isso, a minha... o meu projeto, que eu hoje imagino como uma situação assim bem... bem assim estável e de muita qualidade, seria as oito educadoras fazendo quarenta horas, cada uma assumindo uma frente de trabalho, ta, então por exemplo, quando... a Alessandra, quando ela faz o “pensando longe” que é educação sócio ambiental, ela ta fazendo pós graduação em Limeira, né, ela pensa as ações da educação ambiental pra todo mundo.

F: Claro.

M: E a gente socializa isso no... na reunião pedagógica, ta, eu tenho grupo cidadania a Adriana socializa com todo mundo o que que ta acontecendo, isso por exemplo no CLIC, tem revertido porque ela tem tempo de fazer? Por exemplo esse projeto aqui que essa menina ta entrando com o lego, nós fizemos uma parceria com a Lego System e eles nos forneceram vinte mil peças de lego, e o projeto é o seguinte, é bloco a bloco a cidade que queremos, então eles estão montando encima de uma prancha, depois você vai ver, encima de uma prancha tem uma foto aérea

da...daqui da região de Sousas, tá, então tem uma foto aérea enorme, né, que é um trabalho de educação sócio ambiental, tem o rio, a problemática do rio, aquela coisa toda, eles estão construindo a cidade que eles queriam naquele espaço.

F: Que legal.

M: Tão construindo né? E aí isso cruza com a informática como? Eles estão construindo protótipos em robótica, que vão ser manuseados pelo computador, os carrinhos que vão percorrer essa cidade do sonho deles. Agora, a Adriana ficou dois dias em São Paulo fazendo formação, quer dizer, como que eu iria fazer essa parceria se a condição era ficar em São Paulo dois dias fazendo formação, fora as reuniões que ela tem de capacitação desse programa, primeiro que eu não entendo nada de robótica né, não entendo nada e informática é aquela coisa que a gente sabe do dia a dia, e isso me permitiu esse movimento, né então, hoje quando eu penso os projetos, essas inscrições, esses programas diferenciados, eu já penso assim, bom, quem eu mando? Né, pra eu ter um correio escola ? me entregando 10 exemplares de jornal todos os dias, eu tenho que ter alguém fazendo formação lá, é condição, então eu tenho dois educadores fazendo formação lá, então toda segunda feira, a cada quinze dias segunda feira , eu tenho que deslocar uma educadora, fazer substituição ? na formação, agora como que eu faria isso, se eu não tivesse uma equipe bacana assim pra contar, né? Então isso são resultados assim de bastante luta né Fernanda.

F: Claro, de bastante tempo né?

M: De longo tempo né, eu to nessa coordenação... eu to aqui no Cecoia tem doze anos né? Então a gente vê que vai...? certo?

F: Mas eu acho que na verdade o mais importante, eu acho que era isso, aí uma coisa que eu vou te perguntar...

M: Diga.

F: Se você tem dados sobre Sousas? Porque isso é uma outra coisa impressionante eu não acho nem na prefeitura Márcia, eu fui no departamento específico deles, eles não tem nada, assim de... população, bom, sobre trabalho então nada, nada, nada.

M: Você entrou no site da SEPLAMA?

F: Entrei no site da SEPLAMA, eu fui conversar com uma das pessoas, eu tenho um amigo que trabalha lá...

M: Nossa mas nem lá?

F: Eles não têm... eles não tenham atualizado, eles tinha antigo. (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA